

TERESA CRISTINA BARBO SIQUEIRA

**MUDANÇAS NA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DURANTE A
FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDANTES
DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
GOIÂNIA - 2010

TERESA CRISTINA BARBO SIQUEIRA

**MUDANÇAS NA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE DURANTE A
FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDANTES
DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Curso de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de doutor, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Esperança Fernandes Carneiro.

GOIÂNIA

2010

S618m Siqueira, Teresa Cristina Barbo.
Mudanças na corporeidade/subjetividade durante a
formação universitária : estudantes de Pedagogia e Psicologia
/ Teresa Cristina Barbo Siqueira. – 2010.
159 f.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Departamento de Educação, 2010.

“Orientação: da Prfª Drª Maria Esperança Fernandes
Carneiro”.

1. Corporeidade/subjetividade – formação profissional –
estudante – curso de Pedagogia – curso de Psicologia –
análise. 2. Educação superior. 3. Identidade profissional –
construção. I. Título.

CDU: 378:159.925-057.875(043.2)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Esperança Fernandes Carneiro
- Presidente Orientadora -

Prof. Dr. Juan Bernardino Marques Barrio
- Universidade Federal de Goiás (Suplente) -

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli
- Núcleo de Estudo e Pesquisa em Fenomenologia (Nupefe/FE) -

Profª Dr.ª Lenita Maria Junqueira Schultz
- Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo – Brasília -
- Núcleo de Psicanálise de Goiânia -

Prof. Dr. José Maria Baldino
- Pontifícia Universidade Católica de Goiás -

AGRADECIMENTOS

Esta tese é fruto de reflexões e discussões travadas ao longo de minha vida acadêmica. Neste sentido, acumulei dívidas de gratidão, pois sem as pessoas que contribuíram para esse processo, refletindo e discutindo comigo durante essa trajetória, o trabalho seria inviável.

Primeiramente, agradeço a professora Maria Esperança Fernandes Carneiro – minha orientadora – pela disponibilidade, incentivo, amizade, paciência, modéstia e força com que sabiamente indicou os caminhos para esta aprendiz; ao professor Rodolfo Petrelli pela atenção, apoio, compreensão, afeto, sugestões e críticas; a professora Lenita Maria Junqueira Schultz que aceitou ler o meu trabalho fazendo as devidas sugestões e se prontificando a dialogar comigo;

A todos os meus ex-professores e colegas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Ao Departamento de Educação; a equipe de Pesquisa Políticas Educacionais, Instituições e Gestão Escolar pelo apoio;

Meu agradecimento especial é dirigido à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), à qual muito devo na minha formação acadêmica e profissional.

Aos amigos do Departamento de Educação e da Psicologia da PUC GOIÁS que, direta ou indiretamente, acompanharam este projeto e nele acreditaram.

À Iria Brzezinski, pelo incentivo no período em que busquei o doutorado.

A minha amiga Marli Bueno pelo apoio, companheirismo e disponibilidade em fazer trocas, nos momentos difíceis desta caminhada e também a amiga Ivone Félix de Sousa pelo trabalho, empenho e ensinamentos sobre como se faz pesquisa empírica e aplicação do Programa SPSS.

A amiga Alciane Barbosa Macedo Pereira (ex-estagiária) pelo cuidado e carinho com que me auxiliou nas entrevistas e respectivas transcrições.

Aos professores Celso João Ferretti, José Maria Baldino, Rodolfo Petrelli, Lenita Maria Junqueira Schultz, Juan Bernardino Marques Barrio, que aceitaram participar da banca examinadora, acreditando que suas considerações serão importantes para o meu aprimoramento como pesquisadora.

À instituição que abriu as portas para a realização deste estudo e, especialmente, aos alunos pela confiança e disponibilidade em participar da pesquisa.

A meus filhos Danillo, Bruno, Thiago e a minha mãe pelo apoio, paciência e compreensão nos momentos de ausência.

“Il est certain que la vie n’explique pas l’oeuvre, mais certain aussi qu’elles communiquent. La vérité est que cette oeuvre à faire exigeait cette vie”.

- MERLEAU-PONTY -
- Sens et Non-Sens -

RESUMO

Este estudo teve como objetivo interpretar e analisar o processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade em estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia em uma das Universidades de Goiânia, que buscam na educação superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida. A importância dessa temática - corporeidade/subjetividade - está presente na atualidade por ser o corpo que expressa as necessidades humanas e é para ele que convergem tanto interesses sociais, como políticos e econômicos, assim como é nele que se acumula uma série de práticas e de discursos. Para tal, investigou-se: quem são esses sujeitos sociais alunos (as) do curso de Pedagogia e Psicologia; que conceito ou conceitos de corporeidade seriam considerados nesse estudo; que corporeidade/subjetividade esses (as) estudantes possuem; e as modificações que ocorreram em relação a sua corporeidade/subjetividade no período que cursaram a universidade. A pesquisa de caráter quanti-qualitativa envolve a abordagem fenomenológica para interpretar a percepção do próprio corpo, do corpo do outro, a vivência da corporeidade e o materialismo histórico dialético para analisar o corpo educado/profissionalizado e a suas relações sociais. Para tanto, contou-se com a participação de 10% de alunos do curso de Psicologia e Pedagogia – 142 alunos. Era necessário conhecer como os alunos entravam nos cursos e como terminavam a sua formação inicial. Assim, foram utilizados um questionário com 21 questões objetivas e subjetivas e entrevistas que englobavam aspectos ligados à identificação do sujeito; territorialidade; aspectos socioeconômicos do estudante e família; aspectos da escolha do curso; as questões de gênero; a formação da identidade profissional; mudanças na lógica de raciocínio; formas de comportamento; valorização do corpo; modo de se vestir e a relação desses aspectos com a formação para o trabalho. Os alunos (as) do curso de Pedagogia demonstraram que o curso os tem levado ao desenvolvimento do pensamento mais organizado e entendimento das situações propostas pelo professor, com perspicácia. Entretanto, as difíceis condições de trabalho/sobrevivência propiciam uma formação aligeirada, ainda que mudanças no modo de ser, após a entrada na universidade, fossem apontadas como positivas. No curso de Psicologia, no que se refere ao desenvolvimento do raciocínio, os alunos (as) informaram uma ampliação da visão de mundo em primeiro lugar, depois o pensamento tornou-se mais organizado; e em terceiro lugar houve o desenvolvimento intelectual. Eles (as) constataram que passaram a se perceberem com maior responsabilidade, com necessidade de estudar e liberdade de agir. Com base nos resultados, conclui-se que houve mudanças na corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia. Entretanto, tais mudanças foram insuficientes para que os alunos (as) dos dois cursos compreendessem a educação como processo de formação e de aprendizagem socialmente elaborado e destinado a contribuir na promoção da pessoa humana enquanto sujeito da transformação social, que transforma e é transformado. A leitura crítica do mundo, é como um fazer/ação político-pedagógico que envolve a organização da classe popular para intervir na reinvenção da sociedade, ainda está distante da práxis do cotidiano destes alunos (as).

Palavras - chave: Corporeidade; Subjetividade; Estudantes Universitários; Formação Profissional; Trabalho.

ABSTRACT

This study aimed to understand, interpret and analyze the procedure in the education of corporeity/subjectivity of students of Pedagogy and Psychology at a university in Goiânia, who seek in the higher education learning/knowledge for better insertion in the labor market and better living conditions. The importance of this theme - corporeity/subjectivity - is present nowadays due to the fact that it expresses the human needs, once the social, political and economic interests converge to it. In addition, it builds up a series of practices and discourses. Therefore, some issues were investigated: who these social subjects are - students of Pedagogy and Psychology, which concept or concepts of corporeity would be considered in this study, what corporeity/subjectivity these students have, and the changes that occurred in relation to its corporeity/subjectivity in the period they were at university. This research is quantitative and qualitative in nature, as well as dialectic. It involves the phenomenological approach to interpret the perception of oneself, of the other, the experiences of the corporeity and the dialectical and historical materialism to analyze the educated/professionalized self and their social relations. The research had the participation of 10% of the students from the Pedagogy and Psychology courses (142 students). To do so, it was necessary to know how students started the courses and how their initial formation finished. A questionnaire with 21 questions was used in this research, and also subjective and objective interviews that were taped. The questionnaires and interviews focused on the process experienced by certain and concrete individuals. They encompassed the aspects related to the identification of the subject; territoriality; socioeconomic aspects of the student and his/her family, educational aspects involving the choice of the course, the gender; the formation of professional identity; changes occurred since the university entrance such as logic reasoning; forms of behavior; value of the body; how to dress and, finally, the relationship of these aspects with the formation for the work. The Pedagogy students showed that the course has led them to the development of a more organized thinking and a better understanding of the situations proposed by the teacher. However, the difficult working conditions/survival provides a faster formation, even though changes in the way of being after entry into the university were identified as positive. In the Psychology course, specifically in relation to the development of reasoning, the students surveyed reported that first, there was an expansion of world view, then, the thought became more organized, and thirdly, there was the intellectual development. The Psychology students began to perceive themselves with greater responsibility, greater need to study and also freedom of behavior. Based on the results, there is a conclusion that there were changes in corporeity/subjectivity of the students from Pedagogy and Psychology courses. However, such changes were not enough for the students of both courses to understand the education as a process of formation and socially elaborated learning, which is set to contribute in promoting the human person as a subject of social transformation, who transforms and is transformed. A critical reading of the world such as the political-pedagogic making/action that involves the organization of the working class to intervene in the reinvention of the society is still far from the daily practice of such students.

Key-words: Corporeity, Subjectivity, Undergraduate Students, Professional formation,

RÉSUMÉ

Cette étude a eu pour objectif de comprendre, d'interpréter et d'analyser le processus contradictoire de la formation professionnelle en corporéité/subjectivité des étudiants des cours de pédagogie et de psychologie dans une des universités de Goiânia, qui recherchent éducation/connaissance dans l'enseignement supérieur pour une meilleure insertion dans le marché du travail et de meilleures conditions de vie. L'importance de cette thématique - corporéité/subjectivité - se retrouve présente dans l'actualité, en effet, c'est le corps qui exprime les nécessités humaines vu que c'est vers lui que convergent des intérêts sociaux, politiques économiques et que c'est en lui que s'accumule toute une série de pratiques et de discours. Pour ce faire, nous nous sommes questionnés: qui sont ces sujets sociaux: - élèves des cours de pédagogie et de psychologie; quel concept ou concepts de corporéité seraient considérés dans cette étude, quelle corporéité/subjectivité ces étudiants possèdent-ils; quelles sont les modifications qui sont survenues par rapport à leurs corporéité/subjectivité lors de leur période d'études à l'université. La présente recherche est de caractère quanti-qualitative, elle englobe l'abordage phénoménologique pour interpréter la perception de son propre corps, du corps de l'autre, le vécu de la corporéité et le matérialisme historique dialectique pour analyser le corps éduqué/professionnalisé et ses relations sociales. C'est pourquoi nous avons pu compter sur la participation de 10 % des élèves du cours de psychologie et de pédagogie – 142 élèves. L'intérêt majeur était d'enquêter sur la formation pour la professionnalisation des étudiants en pédagogie et en psychologie. Pour ce faire, il fallait savoir comment les élèves sont entrés dans les cours et comment ils finissent leur formation initiale. Nous avons utilisé, dans cette recherche, un questionnaire de 21 questions objectives et subjectives ainsi que des interviews qui ont été enregistrées. Les questionnaires et les interviews ont mis en lumière le processus vécu par des individus déterminés et concrets. Ils englobaient les aspects liés à l'identification du sujet; territorialité; aspects socio-économiques de l'étudiant et de sa famille; des aspects éducatifs ayant impliqué le choix du cours; la question du genre; la formation de l'identité professionnelle; les changements survenus à partir de l'admission à l'université comme la logique de raisonnement; les formes de comportement; la valorisation du corps, et enfin, le rapport de ces aspects avec la formation au travail. Les élèves du cours de pédagogie ont démontré que le cours les avait menés au développement d'une pensée plus organisée et de meilleure compréhension des situations proposées par les professeurs, avec perspicacité. Cependant les conditions difficiles de travail/survie favorisent une formation allégée, encore que les changements de manière d'être après l'admission à l'université soient pointés comme positifs. Dans le cours de psychologie, en ce qui concerne spécifiquement le développement du raisonnement, les élèves interviewés ont informé qu'il y eût d'abord un élargissement de la vision du monde; ensuite une meilleure organisation de la pensée; en troisième lieu il y eut le développement intellectuel. Les élèves du cours de psychologie en sont venus à se percevoir avec une plus grande responsabilité, un plus grand besoin d'étudier, outre la liberté de comportement. Sur base de ces résultats nous en avons conclu qu'il y avait eu des changements dans la corporéité/subjectivité des étudiants des cours de pédagogie de psychologie. Cependant, de tels changements n'ont pas été suffisants pour que les élèves des deux cours comprennent l'éducation en tant que processus de formation et d'apprentissage socialement élaboré et destiné à contribuer à la promotion de la personne humaine en tant que sujet à la transformation sociale qui transforme et qui est transformée. La lecture critique du monde comme le faire/action politico-pédagogique qui implique l'organisation de la classe populaire pour intervenir dans la réinvention de la société est encore loin de la praxis du quotidien de ces élèves.

Mots-clé: Corporéité; Subjectivité; Étudiants universitaires; Formation professionnelle; Travail.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Renda Familiar dos Estudantes de Pedagogia	81
Gráfico 2 - Renda Familiar dos Estudantes de Psicologia	82
Gráfico 3 - Idade dos Alunos de Pedagogia e Psicologia	83
Gráfico 4 - Sexo dos Alunos de Pedagogia e Psicologia	84
Gráfico 5 - Estudantes Trabalhadores	85
Gráfico 6 - Gráfico comparativo das mudanças de raciocínio dos alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia após entrada na universidade	133
Gráfico 7 - Gráfico comparativo das mudanças no modo de se comportar após a entrada na universidade dos alunos de Pedagogia e Psicologia	137
Gráfico 8 - Gráfico comparativo das mudanças ocorridas no modo de vestir após a entrada na universidade dos alunos do curso de Pedagogia e Psicologia	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro Comparativo da Situação dos Psicólogos Brasileiros de 1988 e 2001 em Relação à Área de Atuação	66
Tabela 2 - Quadro de Atuação do Psicólogo inscrito no Conselho Regional de Psicologia do Estado de Goiás e Tocantins no ano de 2008	67
Tabela 3 - Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa: curso, frequência, porcentagens da amostra em relação às variáveis sócio-demográficas	79
Tabela 4 - Estudantes de Pedagogia que Trabalham/Estudam ou Somente Estudam	92
Tabela 5 - Renda Mensal dos Alunos dos Cursos de Pedagogia e Psicologia	107

LISTAS DE SIGLAS

ABNT	- Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANDE	- Associação Nacional de Educadores
ANFOPE	- Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
ANPEd	- Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
BT	- Biblioteca
CAE	- Coordenação de Assuntos Estudantis
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBE	- Conferência Brasileira de Educação
CCJC	- Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania
CEDES	- Centro de Estudos sobre Educação e Sociedade
CEFET	- Centro Federal de Educação Tecnológica
CEMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
CFE	- Conselho Federal de Educação ou CNE - Conselho Nacional de Educação
CLT	- Consolidação das Leis do Trabalho.
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONARCFE	- Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador
CFP	- Conselho Federal de Psicologia
CRP	- Conselho Regional de Psicologia
CRP 09	- Conselho Regional de Psicologia do Estado de Goiás e Tocantins
CSSF	- Comissão de Seguridade Social e Família
CTASP	- Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público
DEPEM	- Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior
Dr.	- Doutor
Dr ^a	- Doutora
DTDIE	- Diretoria de Tecnologia e Disseminação de Informações Educacionais
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
FORUMDIR	- Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Centros/Departamentos de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras
FSBA	- Faculdade Social da Bahia
http	- <i>Hiper Text Transfer Protocol</i>
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	- Lei Diretrizes e Bases
LER/DORT	- Lesões por Esforços Repetitivos e Distúrbios Osteo-musculares Relacionados ao Trabalho
MEC	- Ministério da Educação
NBR	- Norma Brasileira Registrada
ONG	- Organização não Governamental
OSCIP	- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PET	- Programa de Educação Tutorial
PL	- Projeto de Lei
Pro-Cerrado	- Fundação Pro- Cerrado (menor aprendiz)
Pro-Jovem	- Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PUC Goiás	- Pontifícia Universidade Católica de Goiás
RH	- Recursos Humanos
SESU/MEC	- Secretaria de Educação Superior – Ministério de Educação e Cultura
SPSS	- <i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
URL	- Unified Resource Locator (unidade de localização de recursos)
WWW	- <i>World Wide Web</i>

LISTA DE ABREVIATURAS

dez.	- dezembro
Ed.	- Editor
<i>et al.</i> (et alii)	- e outros
Ex	- Exemplo
f.	- folhas
GO	- Goiás
In	- Em
jan./jun.	- janeiro a junho
n.	- Número
Org.	- Organizador
p.	- Página
Pcpt	- Pré- consciente
RJ	- Rio de Janeiro
s./d.	- sem data
SP	- São Paulo
v.	- volume

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
RÉSUMÉ	08
LISTA DE GRÁFICOS	09
LISTA DE TABELAS	10
LISTAS DE SIGLAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	
ENTRE AS POSSIBILIDADES E A REALIDADE: APORTES TEÓRICO- CONCEITUAIS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA	24
1.1 Unindo Representação Social e Ideologia.....	25
1.2 O Poder de Escolher	29
1.3 A Mercadoria: os cursos de Pedagogia e Psicologia.....	34
1.4 Alienação versus Individuação	36
1.5 A Escolha Vocacional	40
CAPÍTULO 2	
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL UNIVERSITÁRIA DO PEDAGOGO E DO PSICÓLOGO: DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CURRICULAR À CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE	44
2.1 Perspectiva Histórico-Curricular da Formação do Pedagogo.....	44
2.2 Perspectiva Histórico-Curricular da Formação do Psicólogo	61
CAPÍTULO 3	
O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E OS EFEITOS NA CORPOREIDADE/ SUBJETIVIDADE	78
3.1 Dados da Realidade: o mundo do trabalho e as necessidades dos alunos de Pedagogia e de Psicologia	79
3.2 Trabalho e Renda.....	85
3.2.1 Inserção precoce e precária no mundo do trabalho	86
3.3 Ser Pedagogo: eis a questão	92
3.4 Ser Psicólogo: eis a questão	99
3.5 As Questões de Gênero.....	109
CAPÍTULO IV	
AS MUDANÇAS DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE: SILENCIAMENTOS E FRACIONAMENTOS CORPO/MENTE	115
4.1 A Construção da Identidade Profissional	120
4.2 Formação do Profissional: projeto político-pedagógico.....	122
4.3 Lógica de Raciocínio versus Modo de se Comportar.....	132
CONSIDERAÇÕES	142
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICES	160

INTRODUÇÃO

O corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele.

- MERLEAU-PONTY -

Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e é sua atualidade. Assim, “o corpo transforma as idéias em coisas, a mímica do sono em sono efetivo”, continua Merleau-Ponty (1996, p. 227). As lutas políticas, as aspirações individuais e sociais, neste momento, colocam o corpo no centro dos debates culturais, transformando a sua existência em objeto de pensamento, de poder, de controle. Ele carrega as marcas do tempo, do espaço, da classe, do gênero e estas marcas são difíceis de serem percebidas, conscientizadas e consequentemente transformadas.

Pela corporeidade o homem expressa o seu mundo, transformando suas tramas individuais, econômicas, sociais e culturais, em ações. A expressão da corporeidade é socialmente construída, assim, o homem vive em um determinado contexto sócio-histórico, onde interage com os demais, pois ao mesmo tempo em que atua na realidade, modificando-a esta atua sobre ele, influenciando suas formas de pensar, sentir e agir. Essa visão de um homem inteiro indissociável, totalidade, corporeidade/subjetividade¹ ainda não é consenso, pois se percebe que na tradição filosófica denominada cartesianismo², tudo contribuía para atribuir ao corpo um papel secundário; segundo Courtine (2008), e ainda hoje prevalecem resquícios em algumas teorias e práticas, de uma visão dicotômica, fragmentada e cindida de homem e mundo.

A filosofia cartesiana influenciou de tal forma a educação e os sistemas escolares que os alunos continuam a serem tratados como se fossem descorporificados³, ou seja, ignora-se que o corpo é o lugar necessário para vivência de todas as experiências.

¹ Esta pesquisa se refere especificamente a corporeidade, como este termo ainda não foi assimilado, no sentido que abordamos, optamos por denominá-lo corporeidade/subjetividade com o intuito de lembrarmos ao leitor que estes termos fazem parte de uma totalidade, assim todas as vezes que estivermos dizendo corporeidade estamos também nos referindo à subjetividade, não há como dividir ou separar corporeidade de subjetividade (Nota da pesquisadora).

² René Descartes ou *Cartesius* (em latim) foi um matemático afeito a exatidão geométrica, que pretendeu reconstruir a filosofia mediante a aplicação do método dedutivo. Com este propósito começa a duvidar de tudo. Mas se deteve diante a existência do pensamento (se duvido penso, se penso logo existo), apesar de sua genialidade separou o corpo do espírito, mutilando a unidade do ser humano (SANTOS, 1961).

³ “Descorporificados” significa que o corpo, ao longo do processo de civilização, identidade, interação, hierarquia social e funcionamento do sistema social foi tornando-se independente da sua habilidade e da sua aparência, como se não houvesse nenhuma relação do corpo com os fenômenos sócio-culturais por ele vivenciado (GONÇALVES, M. A. S., 2009).

A compreensão que Merleau-Ponty (1996) possui do ser humano pretende pela dialética, superar e corrigir a unilateralidade do dualismo ontológico (compreensão que distingue radialmente corpo e alma), assim afirma a concreticidade e a totalidade corporeidade/subjetividade. O homem corpo-alma é indissolúvel unidade, seu corpo é “o seu modo de ser no mundo”. O sujeito é sempre “um sujeito encarnado”, de acordo com Merleau-Ponty (1996), isto é, ele está no mundo material, concreto é indivisível.

Constata-se que apesar das diferenças entre os fenomenólogos e os materialistas eles acordam sobre a visão de corporeidade/subjetividade como concreticidade, unidade e totalidade. Na realização da análise sobre os aspectos relacionados à percepção do próprio corpo, do corpo do outro, do corpo educado nos valem das dimensões da fenomenologia. Mas, à medida que fomos verticalizando a análise percebemos que, para interpretarmos as contradições do movimento da constituição da realidade da formação profissional do corpo/subjetividade dos estudantes da Pedagogia e Psicologia nas relações sociais, tivemos que recorrer à perspectiva da dialética materialista.

O homem para os materialistas do século XIX passa a ser visto como consciência histórica corporeidade/subjetividade, que constitui e é constituído na teia das relações sociais estabelecidas em seu modo de produzir a vida. Nessa linha de pensamento Muraro (1983, p. 22) afirma que “é na materialidade do corpo que todos os poderes, todos os saberes, todos os prazeres e desprazeres se cruzam. O corpo é a sede tanto da sexualidade, como do trabalho e de qualquer outra atividade humana.”

Nunes (1987), também, critica e denuncia à transformação do corpo em mercadoria nas relações capitalistas atuais. O corpo utilitário, dominado, material de fácil substituição pela revolução industrial, nos moldes atuais do modo de produção capitalista torna-se valiosa mercadoria de consumo. Para Medina (1990, p. 92) há uma avalanche de discursos sobre o corpo: “o corpo virou fetiche⁴, e no modelo de sociedade em que vivemos, o fetiche vira sempre mercadoria, e é por aí que ele entra no mercado para ser consumido.” Ainda Medina (1990) nos chama a atenção para a necessidade de penetrar no corpóreo e recuperar, a todo instante, as condições e relações em que seus fenômenos se realizam.

As concepções que o homem desenvolve a respeito da sua corporeidade, suas formas de se comportar, agir, pensar e educar são influenciadas aos aspectos socioculturais do seu

⁴ Crença no poder sobrenatural ou mágico de certos objetos materiais (it. *Feticci*; v.port. feitiço = artificial). Mas, geralmente, atitude de quem considera animados os objetos materiais, e os tipos de religião ou de filosofia baseados nesta crença. (ABBAGNANO, 1988, p. 439). Segundo Marx e Engels (2002, p. XXXII), “a denominação fetichismo ganhou o conteúdo materialista das relações concretas entre os homens.” É importante, assinalarmos que, neste sentido, trata-se da adoração de um objeto feito pelo homem, ou pela natureza.

tempo e espaço. Os corpos traduzem tanto individualmente como socialmente formas de inserção em uma determinada sociedade e uma destas formas é a educação que deve ser desvelada evidenciando modos e possibilidades de estar no mundo, mundo este capitalista. Como lugar visível e registro da cultura, os corpos e suas várias formas de expressão são objetos de intervenção do poder e do saber e neste sentido, não poder-se-ia deixar de lado a influência do processo educativo na universidade sobre a corporeidade/subjetividade do estudante. A corporeidade/subjetividade nas sociedades contemporâneas capitalistas desde cerca de 1970, na economia mundial, passa por processos de mudança na formação, dado a complexificação dos processos de trabalho e o aprofundamento da divisão social do trabalho, em relação a qual, um dos *locis* privilegiado é a instituição de ensino. Significa dizer que as gerações atuais são obrigadas a se formarem e se profissionalizarem em instituições educacionais. Destaca-se que na produção flexível⁵ prevalece a formação intelectual/cognitiva componente imprescindível para a produção de mais valor. É nesta realidade que concretiza-se, materializa-se, forma-se e profissionaliza-se a corporeidade/ subjetividade.

Reafirmando, na atualidade formar/profissionalizar para o trabalho se objetiva no processo educativo e este tem por finalidade preparar o sujeito para a utilização de conhecimentos, tecnologias e técnicas que correspondam às necessidades das relações sociais de produção de cada tempo histórico. Na atualidade isto se faz na produção flexível de reprodução do capital, na nova organização econômica e divisão internacional do trabalho, em que poder e domínio são determinados pela capacidade de geração de ciência, conhecimentos aplicados à produção e utilização das novas tecnologia. O sujeito social, ou seja, corporeidade/subjetividade é formado para vender a sua força de trabalho de forma flexível.

A forma com que o homem lida com sua corporeidade, os regulamentos e o controle do comportamento corporal não são universais, muito menos constantes, mas uma construção social, resultante de um processo histórico e de condicionamentos socioculturais. A cultura imprime suas marcas no indivíduo e no grupo, ditando normas, fixando ideais nas dimensões intelectual, afetiva, moral, física, social, ideais esses que indicam à educação o que deve ser alcançado no processo de socialização, de acordo com Almeida (1995). Com este

⁵ “Produção flexível” é a introdução, no processo produtivo, quer de mudanças organizacionais quer de inovações no sistema coordenado de máquinas do fordismo para o controle automatizado da produção integrada, num processo em que as máquinas controlam as suas próprias operações. Nesse processo, afirma-se que, por um lado, a máquina tornou-se um estoque de possibilidades, em função das contribuições da ciência, especialmente no campo da microeletrônica e da microinformática. Por outro lado, afirma-se também que a valorização do “trabalho inteligente”, ou seja, aquele que requer habilidades cognitivas e de abstração, em tese, liberaria o trabalhador do trabalho repetitivo e parcelado. No entanto, há que se ressaltar que as novas tecnologia são fundamentalmente poupadoras de força de trabalho, ou seja, trazem no seu bojo o desemprego estrutural (CARNEIRO, 1998, p. 14).

entendimento e inquietação assumo o objetivo desse trabalho como sendo o de compreender e analisar as mudanças da corporeidade do estudante de Pedagogia e Psicologia após a sua entrada na universidade. Pesquisando sobre teses desenvolvidas com este tema, encontrou-se o tema corporeidade que foi trabalhado nas seguintes teses: *Uma análise do perfil dos alunos da Faculdade Social da Bahia no contexto do debate sobre ensino superior*, (FREITAS, A.2003); *Corpo no espelho: a percepção da corporeidade em professoras*, (MELO, Sonia, M. M., 2004); *A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos* (ESTEVÃO, Adriana, 2005); *As relações entre corpo e trabalho: contribuição crítica à educação*, (HEROLD JUNIOR, Carlos. 2006); *Educação do corpo: produção e reprodução*, (BAPTISTA, Tadeu J. R., 2007) e *Representações sociais do corpo, mídia e atitudes*, (FURTADO, E. R. G, 2009). Entretanto, ao realizarmos a leitura das teses anteriormente citadas percebemos que apenas três delas tratavam de educação quanto a: saúde corporal, cognição, processo de aprendizagem, vivência da sexualidade, perfil real dos alunos da Pedagogia para desmistificar a idealização do aluno e traçar políticas e estratégias de assistência estudantil. Contudo, nenhum dos trabalhos estabelecia qualquer relação entre inserção/permanência/conclusão na universidade e mudanças na corporeidade/subjetividade no processo de formação profissional.

A escassez de bibliografia específica referente ao tema corporeidade justificou a utilização de bibliografia de várias áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, educação, psicologia, política e economia.

O objetivo da presente pesquisa foi compreender, interpretar e analisar as mudanças ocorridas na corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia durante a sua formação profissional. Estudantes que buscam no ensino superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida. O problema: quem são esses sujeitos sociais, os alunos da Pedagogia e Psicologia? Que corporeidade/subjetividade é essa desses estudantes?

A importância dessa temática - corporeidade/subjetividade - está presente na atualidade por ser o corpo que expressa as necessidades humanas, uma vez que é para ele que convergem tanto interesses sociais, como políticos e econômicos, assim como é nele que se acumula toda uma série de práticas e de discursos.

Há uma relação complexa e particular entre a divulgação científica na esfera mais ampla da sociedade e na esfera mais restrita do meio escolar. Esta relação diz respeito à formação de conceitos cotidianos e de conceitos científicos. O estudo dessa relação pressupõe a análise do processo entre o funcionamento do mundo social e do mundo individual. A nossa

preocupação é até que ponto a inserção destes alunos na universidade - a formação profissional em nível superior - contribuiu para mudanças na corporeidade/subjetividade.

Evidentemente essa formação profissional vem se dando na realidade das políticas neoliberais⁶ e na organização produtiva quer no taylorismo/fordismo⁷, quer na produção flexível em uma universidade da cidade de Goiânia (GO).

Nesta pesquisa elegeu-se a pesquisa quanti-qualitativa da qual participaram 142 alunos, sendo 37 do curso de Pedagogia e 104 do curso de Psicologia, de um universo de 209 alunos de Pedagogia e 1040 de Psicologia. Foi realizado um total de 15 entrevistas, sendo oito com os alunos de Psicologia e sete com os alunos de Pedagogia. Participaram da entrevista somente os sujeitos que se prontificaram a fazê-lo. Ao serem convidados a participar da pesquisa, todos os sujeitos participantes em potencial foram informados da natureza do estudo, de seus objetivos, seu formato, avaliação e finalidade. Os sujeitos foram esclarecidos sobre suas dúvidas e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual continha as informações sobre os objetivos da pesquisa, garantia de não identificação dos participantes, liberdade total para desistência a qualquer tempo ao longo da pesquisa e entrevista. Uma via deste termo ficou com o entrevistado e a outra com a pesquisadora. Os nomes dos entrevistados foram modificados para resguardar o sigilo e o anonimato. Também,

⁶ Segundo Anderson (2000), em *Balanço do Neoliberalismo*, este é um fenômeno distinto do liberalismo clássico do século passado. Nasceu logo depois da Segunda Guerra Mundial, na Europa e na América do Norte, veementemente contra “o Estado intervencionista e do bem-estar social”. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayeck, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciados como ameaça letal à liberdade não somente econômica, mas também política. Sua pregação tem por fundamento a desigualdade como valor positivo e imprescindível às sociedades ocidentais. O remédio recomendado foi manter um Estado forte em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle dos recursos públicos, realizando gastos sociais cada vez menores e transferindo recursos para a sociabilidade do capital. A meta suprema de todo governo deveria ser: disciplina orçamentária, contenção dos gastos com bem-estar social, restauração da taxa natural de desemprego, ou seja, criação de um exército de reserva de trabalhadores para quebrar o poder dos sindicatos. O objetivo primeiro era restaurar uma nova e saudável desigualdade social (exclusão da maioria dos benefícios sociais de forma planejada). O neoliberalismo tem no mercado o seu princípio fundador, unificador e auto-regulador da sociedade.

⁷ O *taylorismo* é uma forma de gerenciamento do processo produtivo desenvolvido, teoricamente, em finais do século XIX e posto em prática no decorrer do século XX. Taylor, ao analisar os processos produtivos de sua época, concluiu que os baixos índices de produtividade ocorriam em virtude de deficiências administrativas do processo produtivo. Na sua avaliação, para elevar a produtividade a um patamar ótimo, era necessário transferir a parcela de controle que o trabalhador ainda tinha sobre o processo produtivo para as mãos da gerência que, doravante, haveria de administrar cientificamente as organizações (BRAVERMAN, 1987). O fordismo é considerado como uma técnica de organização do processo produtivo tanto em nível de reorganização do sistema de máquinas e equipamentos como em nível de organização e gestão da força de trabalho. Sua característica fundamental é a introdução da “esteira” no processo de produção como forma de transportar, mecanicamente, os componentes do produto complexo a ser montado em série na linha de montagem. Com o uso da esteira reduz-se a porosidade da linha de montagem, ou seja, obtém-se maior economia de tempo eliminando os movimentos supérfluos das operações de montagem. Neste processo, cada trabalhador, fixo em seu posto de trabalho, estaria incumbido de efetuar apenas uma operação na montagem do produto que se movimentaria na esteira (RUAS, 1985).

foram entrevistados a Professora Dr.^a Lenita Schultz e o Professor Dr. Rodolfo Petrelli, uma vez que estes fazem uma reflexão bem fundamentada e particular sobre a corporeidade e subjetividade em uma perspectiva Psicanalítica e Fenomenológica respectivamente.

Foi utilizado, nesta pesquisa, um questionário com 21 questões, divididas em subáreas, num total de 122 perguntas, sendo 104 objetivas e 18 subjetivas. Os temas abordados se referiam às questões socioculturais, educação, trabalho, faixa etária, sexualidade, afetividade, ingresso na universidade e as mudanças da corporeidade/subjetividade ocorridas após a entrada à universidade. Dado a quantidade e qualidade das informações coletadas teve-se que escolher e optar pelas seguintes questões: sociais, culturais, econômicas, ingresso na universidade e mudanças da corporeidade/subjetividade. A necessidade de delimitação do tema em função da abrangência da pesquisa e do tempo ocasionou o não aproveitamento de todos os dados nesta pesquisa, mas eles serviram de certa forma para compor a visão de totalidade e subsidiarão posteriormente outras reflexões e artigos científicos, que pretendemos escrever.

Posteriormente estes dados foram submetidos a um programa de pesquisa (*software* aplicativo) das ciências sociais SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*⁸. Pacote este de apoio a tomada de decisão que inclui: aplicação analítica, *data mining*⁹, *text mining*¹⁰ e estatística que transformam os dados em informações importantes para as pesquisas científicas, de mercados com economia de tempo.

Os questionários e as entrevistas enfocaram o processo vivido por indivíduos determinados e concretos ao se inserirem em um determinado curso com o objetivo de realizarem sua formação para o trabalho. Eles englobavam os aspectos ligados à identificação do sujeito; territorialidade; aspectos socioeconômicos do estudante e de sua família; aspectos educacionais envolvendo a escolha do curso; a questão do gênero; a formação da identidade profissional; mudanças a partir da entrada na universidade como a lógica de raciocínio; formas de comportamento; valorização do corpo; modo de se vestir e, finalmente, a relação desses aspectos com a formação para o trabalho, tendo como referência o ingresso e finalização nos dois cursos de graduação.

⁸ “*Statistical Package for the Social Sciences*” Programa de Pesquisa Estatístico das Ciências Sociais. (Tradução da pesquisadora).

⁹ “*Data Mining*” ou Mineração de Dados consiste em um processo analítico projetado para explorar grandes quantidades de dados (tipicamente relacionados a pesquisas científicas), na busca de padrões consistentes e/ou relacionamentos sistemáticos entre variáveis e, então, validá-los aplicando os padrões detectados a novos subconjuntos de dados. (Tradução da pesquisadora).

¹⁰ “*Text mining*” um processo que utiliza métodos para organizar, achar e descobrir informação em bases textuais escritas em linguagem natural. (Tradução da pesquisadora).

Com objetivo de compreender e analisar as mudanças da corporeidade do estudante de Pedagogia e Psicologia após a sua entrada na universidade fez-se as entrevistas com estes alunos, estas foram gravadas e transcritas. Cada uma delas foi lida e relida várias vezes, na busca de apreensão do sentido do todo, antes de qualquer análise. Posteriormente foi feita uma releitura, com a divisão do texto em unidades mínimas de significado, com o enfoque no fenômeno pesquisado, com o objetivo de captar o significado, compreendê-lo a partir de suas características definidoras e pelo seu corpus de significação. Em outra etapa ocorreu à descrição interpretativa do fenômeno a partir do olhar do pesquisador, para investigar o conteúdo das mensagens dos sujeitos; é importante esclarecer que foram mantidos as idéias originais dos entrevistados. Respeitadas as ideias do entrevistado, as unidades de significados foram levadas em consideração na síntese, integradas e sintetizadas em uma descrição, análise e interpretação da estrutura do acontecimento. Executou-se um movimento de volta às dimensões, no intuito de reencontrar as partes constitutivas das essências. Por meio do re-emergir das dimensões, as essências se desvelaram ainda mais. Buscou-se refletir sobre as dimensões, percebendo-as como delicados fios em movimento, fios estes entrelaçados e inseparáveis, que tecem o tecido encarnado, corporificado, das essências (MELO, 2004).

Por meio desse procedimento, tornou-se possível captar um movimento individual e biográfico inscrito num contexto de movimento econômico e social mais amplo. Desta forma seria possível compreender como os movimentos estruturais e conjunturais mais amplos são mediados pelas vivências concretas de sujeitos que, como participantes do modo de produção capitalistas, são também os desencadeadores desses movimentos. Neste sentido pretendeu-se desvelar o processo educativo, a formação profissional para o trabalho, que acontece no movimento de construção da corporeidade/subjetividade deste aluno (a).

Buscou-se encontrar cúmplices teóricos que permitissem ampliar o nosso universo de conhecimento, retomando como eixo norteador o fato de que, apesar de estarmos em época de avanços científicos, tecnológicos e pedagógicos, a educação continua a ser vivenciada como se fosse descorporificada. Pesou nessa decisão a constatação de que, embora os discursos acadêmicos defendam o entendimento e respeito ao aluno e aluna como pessoa, inteira que são parece ainda existir uma falsa e perversa dicotomia corpo/mente. A bibliografia utilizada abarcou várias áreas de conhecimento, mas trabalhamos mais especificamente com os seguintes autores: Merleau-Ponty (1984_a, 1984_b, 1991, 1996); Ferreti, (1988, 2002); Marx (1988, 1996, 2002, 2004); Chauí (1997, 1995, 2001, 2006_a, 2006_b); Duarte (1993, 2004); Heller (2000); Kuenzer (1985, 2005); Brzezinski (1996, 2006); Bock (1995,1999_a, 1999_b, 2001, 2003) e Breton (2006).

A presente pesquisa estruturou-se em quatro capítulos, no primeiro capítulo fez-se uma discussão teórica acerca dos vários conceitos que fundamentaram a pesquisa empírica, bem como as categorias que ofereceram subsídios teóricos para o processamento da investigação: representação social e ideologia; poder de escolher; mercadoria curso de Pedagogia e Psicologia; alienação versus individuação e escolha vocacional.

No segundo capítulo, discutiu-se, em linhas gerais, a trajetória histórica da construção da formação inicial para o trabalho dos estudantes do curso de Pedagogia e de Psicologia. Tratou-se da trajetória histórica dos dois cursos, na Pedagogia o ponto de partida foi a reestruturação do curso, com a instituição de uma Base Comum Nacional de conhecimentos essenciais para a formação de qualidade do profissional de educação, pois havia a compreensão da impossibilidade de definir intenções educativas à margem da prática pedagógica, uma vez que, mais importante do que o currículo reformulado, é o seu processo de estruturação, que permite a reeducação do educador, engajando-o num movimento de ideias e práticas que o habilitem como sujeito a participar da construção coletiva do conhecimento e da formação de uma consciência crítica.

No curso de Psicologia tratou-se das três áreas de conhecimentos consagradas – Clínica, Escolar e Industrial/Organizacional. Mostrou-se que a possibilidade de abrangência do curso transcende as áreas de conhecimento acima apontadas. Tratou-se também das áreas de conhecimento possíveis de serem trabalhadas na área clínica, quais sejam a psicologia clínica social, a clínica política e a clínica comunitária, como acredita-se que seja necessário.

No terceiro capítulo, buscou-se analisar a inserção deste estudante na universidade e as mudanças ocorridas na corporeidade/subjetividade como fenômeno social, cultural e político.

No quarto e último capítulo discutiu-se a construção da identidade profissional, a profissionalização e as mudanças na corporeidade/subjetividade deste estudante na universidade.

A educação é uma das mediações que, ao formar/profissionalizar para o trabalho, se faz presente, valendo-se da utilização dos conhecimentos científicos, das tecnologias e das técnicas que correspondem às necessidades das relações sociais de produção de cada tempo histórico. Nesse processo educativo são construídos conhecimentos, universos simbólicos da corporeidade/subjetividade, as quais foram discutidas neste capítulo. Os interesses e as práticas sócio-políticas inseridas em um dado tempo e espaço têm condições de moldar o sujeito, fazendo com que ele se adapte ou transforme as suas concepções, desejos pessoais particulares, pois estes são fatores que envolvem e expressam determinantes de concepções de sujeitos.

Pretende-se contribuir para compreender, analisar e interpretar as mudanças na corporeidade/subjetividade, na formação dos alunos de Pedagogia e Psicologia. Entende-se que as reflexões deste trabalho não são definitivas, são decorrentes de um processo histórico, no qual a nossa vida é vivida no dia a dia, construindo e reconstruindo nossa identidade no encontro e desencontro com os outros, em um mundo em acelerada transformação. Esta tarefa nunca estará plenamente concluída, pois a riqueza da realidade sempre ultrapassa a nossa compreensão.

CAPITULO 1

ENTRE AS POSSIBILIDADES E A REALIDADE: APORTES TEÓRICO-CONCEITUAIS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA

Pretende-se investigar as mudanças ocorridas no processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia que buscam no ensino superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida em uma universidade da cidade de Goiânia, *locus* de formação/profissionalização inicial para o trabalho. No que se refere ao processo de investigação desta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que este objeto sobre o qual nos debruçamos, embora vivido por sujeitos isolados, estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia, é fundamentalmente um processo social. Considerou-se, portanto, que se deveria abordá-lo primeiramente no seu caráter histórico e contraditório dado a impossibilidade de fazê-lo do ponto de vista de uma perspectiva de “neutralidade”, tal como proposto pelas ciências positivas.

Procurou-se abordar o objeto de investigação numa perspectiva de totalidade (FERRETTI, 1988). Este fato se justifica a partir da constatação de que o tema formação/profissionalização é parte das realidades mais amplas e complexas nos planos econômico e social e do pressuposto de que “toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso do conhecimento das verdades parciais” (GOLDMANN, 1979, p. 6). Dessa forma, há uma oscilação entre as partes e o todo para que se possa esclarecer esta significação, uma vez que não são realidades estáticas e naturais, mas realidades históricas a serem conhecidas por meio das interpretações das representações sociais¹¹.

Neste sentido vale explicitar as principais categorias eleitas, pois estas oferecem subsídios teóricos para o processamento da investigação, como as que se seguem:

¹¹ Para explicar “as representações sociais” Chauí (1999, p. 417) parte do conceito de ideologia como se vê a seguir: ideologia é um fenômeno histórico-social que deriva do modo de produção econômico onde a ação humana é uma forma determinada da divisão social do trabalho, em que o sujeito social não se vê como é, mas como o que produz. O indivíduo passa a naturalizar a sua atividade: essa “naturalização surge como a forma de ideias, que afirmam que as coisas são como são porque é natural que assim sejam. As relações sociais passam, portanto, a serem vistas como naturais existentes em si e por si, e não como resultados da ação humana”. “As representações sociais” vão sendo construídas e, assim, ditam como os indivíduos devem pensar, agir e sentir a partir da ideologia, isto é, “o grupo pensante (intelectuais) pensa com as ideias dos dominantes; julga, porém, que tais ideias são verdadeiras em si mesmas e transformam ideias de uma classe social determinada em ideias universais e necessárias, validas para a sociedade inteira”.

representação social e ideologia; poder de escolher; mercadoria curso de Pedagogia e Psicologia; alienação versus individuação e escolha vocacional.

1.1 Unindo Representação Social e Ideologia

A preocupação aqui é interpretar como a formação/profissionalização recebida em nível superior pelos alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia construiu, no cotidiano das relações sociais, um universo simbólico em relação às representações da corporeidade fundamentados quer na ideologia dominante, quer no senso crítico, levando em consideração as especificidades de cada curso/formação para o trabalho. Para tanto, partiu-se de conceitos que procuram trabalhar com a realidade social.

O conceito representações sociais já, à primeira vista, segundo Brzezinski (et al, 2006), mostra-se um conceito que não dá conta da totalidade das realidades sociais, pois elas fazem parte da ideologia em geral. Para enfrentar a “complexidade” do conceito de representações sociais, considerar-se-á esta categoria do ponto de vista intrínseco do conceito marxista, apropriando-se do conceito de ideologia. Tal conceito deixa claro que representações sociais são o *corpus* de normas que apresentam como o indivíduo deve pensar, sentir e agir, evidentemente tendo como pressuposto os referenciais universais da ideologia. Especificamente os cursos de Pedagogia e Psicologia também se inserem neste contexto, apresentando o seu *corpus* de representações, teorias, normas e regras de como pensar, sentir comportar e vestir profissionalmente, com conteúdos diferenciados, ainda que complementares. Neste sentido Chauí (2001, p. 108-109) chama a atenção, conceituando com maior precisão o que é ideologia, ou seja,

um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, o Estado, a Família e o Nacionalismo.

Faz parte do conjunto lógico e sistemático das representações no capitalismo a crença de que o binômio liberdade/individualidade é uma conquista da sociedade contemporânea neoliberal, o que leva os indivíduos a ignorarem as contradições deste binômio que, uma vez introjetado, passa a ser valorizado como conquista de privacidade inquestionável, o que evidencia, portanto, a existência da representação de que o homem é livre neste sistema.

Estes pressupostos são predeterminados por anterioridade, padronizados e automatizados. Segundo Sawaia (1995), é necessário unir/relacionar representação social com ideologia não apenas como a junção de um conceito micro com um conceito macro ou a busca da manifestação do particular da consciência individual na social, “nem tão pouco é analisar as determinações sócio-econômicas”, mas, sobretudo, superar a dicotomia “homem e sociedade, ciência natural e ciência social” (SAWAIA, 1995, p. 75). Ideologia e representação fazem parte de todas as ciências sociais; evidentemente, fazem parte da Pedagogia e da Psicologia e até mesmo do senso comum, pois se referem a tudo que é da ordem do simbólico¹².

É nesse sentido da ordem do simbólico e das representações sociais/ideológicas que a subjetividade e o ato de escolher deverão ser analisados. O ato de escolher ser um profissional pedagogo ou ser um psicólogo atribui, segundo Husserl (1986), papel central à subjetividade e expressa a necessidade de unificação entre sujeito e objeto, ou seja, em qualquer formação/profissionalização para o trabalho não há consciência desvinculada de um mundo para ser percebido e nem há um mundo sem uma consciência para percebê-lo. Na verdade, Husserl não separa subjetividade de intersubjetividade, pois,

o mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de uma sobre as outras, sendo pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, cuja unidade advém da retomada de minhas experiências passadas pelas presentes e da experiência do outro pela minha (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 240).

Em sua discussão sobre a possibilidade de se conhecer a experiência do outro e o conhecimento de que cada curso prepara o sujeito para lidar com o mundo objetivo em geral

¹² A palavra “simbólico”, na sua forma substantiva é encontrada em Freud na obra *A Interpretação de Sonhos* (1996), entendendo por ela “o conjunto de símbolos de significação constante que podem ser encontrados em diversas produções do inconsciente.” Já a ideia de uma ordem simbólica que estrutura a realidade inter-humana foi salientada nas ciências sociais particularmente por Claude Lévi-Strauss, que diz que “o significante tomado isoladamente não possui qualquer ligação interna com o significado.” (...) “toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, na primeira fila dos quais se situam a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião” (LAPLANCHE, 1999, p. 408-9).

Husserl afirma a necessidade de reconhecer que o outro é uma outra consciência, ou um outro ego, e existem independentes da consciência. Assim como o mundo físico, objetivo, está aí antes de mim e da minha consciência e independente dela, também um outro sujeito, seja o pedagogo, seja o psicólogo, vai se defrontar com uma outra subjetividade, que é reconhecida como possuindo uma existência independente.

Estudiosos do pensamento de Husserl, entre os quais Merleau-Ponty, compreendem o sentido da subjetividade envolvendo a noção de liberdade, uma vez que o mundo existe independente de nossas formulações individuais sobre os fatos, os acontecimentos, as situações. Segundo outro ponto de vista, o mundo não está inteiramente constituído, depende das ações individuais, coletivas e profissionais. Para Merleau-Ponty (1996), a liberdade é sempre o encontro do ser interior com o exterior e as escolhas que são feitas, têm sempre lugar sobre as situações dadas e possibilidades abertas. Portanto, pedagogos e psicólogos vão conviver ao mesmo tempo com estruturas psicológicas, históricas e sociais em um entrelaçamento do tempo natural, do tempo afetivo e do tempo histórico.

O universo simbólico-racional, afetivo, corporal e histórico será o campo de atuação destes profissionais, onde os gostos pessoais, as preferências, as rejeições e os desejos vão sendo configurados por meio da estrutura subjetiva na qual se correlacionam o tempo, o espaço, o mundo, as coisas, o corpo/subjetividade/sexualidade e outros.

O campo da subjetividade encontra-se recortado pela historicidade, pelos objetos da cultura, pelas relações sociais, contradições, paradoxos, afetos e tensões entre a liberdade e as condições - históricas, econômicas, sociais, culturais, psíquicas - que determinam o ser humano. O sentido das escolhas contribui para o desenvolvimento ou não da subjetividade e vice-versa. O homem é dotado de “vontade livre e responsabilidade”.

Para Merleau-Ponty (1996, p. 122), “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.” É a realidade do corpo que permite sentir e, portanto, perceber o mundo, os objetos, as pessoas, além de permitir imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher, relacionar.

Continuando, Merleau-Ponty (1996, p. 207-8) afirma: “Mas não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo”. Não somos uma consciência reflexiva pura, mas uma consciência encarnada num corpo, um ser-no-mundo.

O universo simbólico racional, afetivo e psíquico se realiza sempre em um corpo. Para Merleau-Ponty (1996), o corpo não é apenas um objeto, uma mera coisa. Ele está unido “imbricado” com o homem mesmo. Neste sentido, corpo/subjetividade produz sentidos

continuamente e, assim, insere o homem de forma ativa no espaço social e cultural. Ele é muito além daquilo que é ou que aparenta ser. Para que eu possa conhecer o corpo, o meu ou o de outrem, é preciso que eu viva todo o drama que me atravessa e que eu me confunda com ele. Mas essa “vivência do corpo”, essa experiência, não se mistura com o “pensamento do corpo” ou a sua ideia, isto é, aquilo que se deduz por contemplação através da diferença entre sujeito e objeto, pois somos concretos.

Quando faz referência à existência concreta, Maciel (1997, p. 99) afirma que “Merleau-Ponty inaugura um novo paradigma, vinculado ainda à fenomenologia, mas, sem dúvida, já algo novo: não puramente fenomenologia transcendental [ao modo de Husserl], mas uma fenomenologia do mundo, do modo de situar-se no mundo.”

O corpo, em essência, é um ser visível, tátil e sonoro, conformado economicamente socialmente e culturalmente, no qual a educação formal tem seu tempo assegurado. Mas não é só isso: é algo visível que vê a si próprio; é algo tátil que toca, é tocado e toca em si próprio e é também um sonoro que pode ouvir, ser ouvido e se ouvir. Também não é um receptáculo para a alma ou para a consciência, é modo fundamental de ser e de estar no mundo, de relacionar-se com ele e de o mundo relacionar-se com ele. É uma interioridade exteriorizada e uma exterioridade interiorizada. O corpo se apresenta como o lugar onde se faz a apropriação da “função primordial”, pela qual passa a existir um mundo para nós (MERLEAU-PONTY, 1984_b).

Mas o corpo-próprio, tal como uma obra de arte, é uma realidade viva, em que a expressão e o exprimido fazem um único “gesto”. Mas, se o corpo é gesto, não se pode concebê-lo senão ligado a um mundo. “Ser corpo é estar unido a um certo mundo”. É estar em uma certa “situação”. É reconhecer a existência atuante de toda uma estrutura sócio-econômica. Fragata (1985, p. 167) afirma: “Não posso conceber o meu eu concreto sem a corporeidade, nem esta sem o próprio eu.”

O próprio Freud no seu clássico texto: *O ego e o id e outros trabalhos*, (v. XIX, p. 40-41) afirma que “o Eu é primeiro um Eu corporal”, insistindo na ideia de que o Eu é derivado das sensações corpóreas, isto é, sensações que emanam da superfície do corpo. Coelho Jr (2010, p. 59) explica que “não há como expulsar a dimensão pulsional da corporeidade, tampouco o Eu e o inconsciente. Mas também não há como negar a dimensão relacional.” Neste sentido, continuando Coelho Jr, afirma que é com o corpo que se aprende os afetos, que se introjeta e realiza as projeções e este processo vai muito além, de um ato ou mecanismo mental. Entende que “somos de ponta a ponta corporeidades” incluindo nesta a dimensão psíquica da corporeidade. “A corporeidade é, ao mesmo tempo interna e externa. A

presença irrecusável das pulsões e abertura permanente para o mundo, para os outros.” (p. 54).

Segundo Louro (2003, p. 39), “a produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e o individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar, nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam”. Reagimos a elas, aceitamos, opomos, transgredimos, negociamos, pois tanto a cultura quanto o corpo é um campo político, econômico e social e é nisto que reside a importância da formação/profissionalização para o trabalho.

Dessa forma, pode-se pensar no corpo como algo que se produz historicamente. Um corpo que, dada a importância no que concerne à construção da subjetividade, está exigindo de nós não apenas a busca constante de prazeres cada vez mais reinventados quanto também disciplina, responsabilidade e dedicação. Como esclarece Louro (2003, p. 40), “um corpo que, ao mesmo tempo em que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura”.

1.2 O Poder de Escolher

O homem tem a capacidade de transcender sua realidade por meio da escolha, da busca de realização. Neste caso, a liberdade¹³ seria a condição que usufruímos quando nada oprime ou impõe resistência aos nossos projetos humanos.

Ainda que para Sartre (1999, p. 596-597), o homem esteja condenado a ser livre, porque não se criou a si mesmo, no entanto, é livre, e uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz. O homem não pode ser ora livre, ora escravo. Ele é totalmente e sempre livre ou não. “De fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade”. Liberdade é essencialmente capacidade de escolha. Onde não existe escolha, não há liberdade. O homem convive permanentemente preso a sua escolha; ele não é livre para deixar de sê-lo. Sartre levou essa concepção ao ponto limite.

¹³ Este termo tem três significados correspondentes a três concepções: (1) liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a liberdade é ausência de condições e limites; (2) liberdade como necessidade, que se baseia no mesmo conceito precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a a totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); (3) liberdade como possibilidade e escolha, segundo a qual a liberdade é limitada e condicionada, isto é finita (ABBAGNANO, 1998, p. 605-606).

A liberdade é a escolha incondicional que o homem faz de seu ser e de seu mundo, de acordo com Sartre (1999). Assim, conformar-se ou resignar-se é uma decisão tão livre quanto não se resignar nem se conformar com as situações dadas. Ou seja, coloca-se em relação à facticidade¹⁴. As condições impostas pela facticidade conjugadas ao significado dado pela liberdade é que se combinam para criar a situação.

O ato livre é, necessariamente, um ato pelo qual o homem deve responder e se responsabilizar. Porque sou livre tenho de assumir as consequências de minhas ações e omissões. Coelho (1999, p. 86) esclarece:

Mesmo nas situações mais difíceis e aparentemente sem saída, a liberdade não desaparece, continuando sempre possível a transcendência, a emancipação. Liberdade radical, 'responsabilidade total', pois cada ato vai definindo nosso ser, nossa essência, além de envolver e compreender os outros homens.

Outra concepção de liberdade, diferentemente da de Sartre, não a coloca no ato da escolha realizado pela vontade individual, mas na atividade do todo do qual os indivíduos fazem parte. O todo ou a totalidade pode ser a natureza, como para Espinosa, ou a cultura, como para Hegel, ou uma formação histórico-social, como para Marx, como explica Chauí (1997): liberdade não é alguma coisa dada, mas resulta de um projeto de ação. Concorde-se com Chauí, Duarte e Marx que liberdade é uma árdua tarefa cujos desafios nem sempre são suportados pelo homem, daí resultando os riscos de perda de liberdade quando o homem se acomoda não lutando para obtê-la. Para Duarte (2004), no marxismo a liberdade do gênero humano só será alcançada pela superação da divisão espontânea do trabalho, da organização espontânea da liberdade.

Marx tinha clareza de que enquanto continuassem a existir as relações sociais de exploração, enquanto a maior parte da humanidade vivesse sob o jugo espoliador de uma classe dominante, tanto os conhecimentos quanto as escolhas estariam associados a este tipo de dominação. Enquanto a sociedade continuar a ser presidida pelas relações sociais alienadas e opressoras, e em consequência a vida cotidiana da grande maioria das pessoas continuar essencialmente fetichista, não ocorrerá um processo de escolha genuíno e consciente.

¹⁴ A facticidade, segundo Heidegger, é o que caracteriza a existência como lançada no mundo, ou seja, à mercê dos fatos, ou no nível dos fatos e entregue ao determinismo dos fatos. (...) De modo análogo Sartre deu o nome de facticidade ao fato da liberdade, ou seja, ao fato de que a liberdade não pode não ser livre e não pode não existir: nesse caso liberdade identifica-se com necessidade do fracasso. (ABBAGNANO, 1998, p. 424). O corpo é facticidade no sentido de estar lá com as coisas. Mas nunca é facticidade pura, pois é acesso s coisas e a ele mesmo.

Estamos diante de posições divergentes, na primeira destaca-se a autonomia do indivíduo e sua capacidade de determinar os rumos do processo educativo; na segunda, evidenciam-se as determinações sociais da educação, considerando-as individuais, inteiramente condicionados por essas determinações. Deve-se esclarecer que aqui se propõe uma análise dialética dessa realidade, da relação recíproca entre ambos os aspectos considerados, tal qual proposto por Saviani (2004), que tanto leva em consideração as determinações sociais da educação quanto a possibilidade da autonomia do indivíduo até certo ponto e sua capacidade de determinar os rumos de seu processo educativo.

Na terceira posição, a liberdade é um ato de decisão e de escolha entre várias possibilidades. Todavia, não se trata da liberdade de querer, mas de fazer. As escolhas são condicionadas pelas circunstâncias econômicas, históricas, culturais e psíquicas em que o ser humano está situado. Nesta concepção, há a possibilidade objetiva, o possível, aquilo que é criado pela nossa própria ação. “A liberdade é a consciência simultânea das circunstâncias existentes e das ações que, suscitadas por tais circunstâncias, nos permitem ultrapassá-las”, ou não segundo Chauí (1997, p. 362-363). Os alunos de pedagogia e de psicologia também tiveram o seu ato de escolha do curso circunscrito às condições concretas materiais acima mencionadas.

No caso aqui considerado, em vez de decidir entre duas proposições excludentes, a saber: “ou os homens determinam as circunstâncias ou os homens determinam as circunstâncias ao mesmo tempo em que são determinados por elas. Em vez do pensar formal, esta é a forma dialética de pensar. É este o método de Marx” (SAVIANI, 2004, p. 26).

A realidade material de hoje tem por base o capitalismo, em que Marx interpreta os fenômenos como fenômenos sociais totais, nos quais se sobressaem o econômico e o político como manifestações mais importantes e inter-relacionadas das relações entre pessoas, grupos e classes sociais (IANNI, 1979).

Neste sentido, para apreender o indivíduo, do ponto de vista do marxismo, tem-se de analisá-lo em termos concretos, considerá-lo nas suas múltiplas determinações, na síntese de relações sociais, tese assim enunciada por Marx e Engels (2002, p. XXIV): “o homem é o conjunto das relações sociais”. A definição de homem como conjunto das relações sociais indica que o indivíduo se põe, na concepção marxista, como um sujeito histórico e social, ou seja, só pode constituir-se como homem e, dessa forma, como sujeito de seus próprios atos, nas relações cotidianas com outros homens. Assim a questão da subjetividade se manifesta como indissociável da intersubjetividade.

Ao pensar a individualidade na tradição marxista é impossível concebê-la deslocada das relações sociais de produção da existência. Marx e Engels, no livro *Ideologia Alemã*, fazem referência a três pré-requisitos para compreender a relação indivíduo/coletividade: os indivíduos reais, sua atividade e suas condições materiais de vida (MARX & ENGELS, 2002) e estes três pré-requisitos condicionam a individualidade humana. Nesta perspectiva, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1996, p. 21).

Para isto deve-se refletir sobre o indivíduo concreto, o que significa considerá-lo um “ser-no-mundo”, síntese de múltiplas determinações, de relações sociais que são relações históricas. A história se processa por meio das ações dos indivíduos reais. Cada época e cada classe social forma os homens de uma determinada maneira, mas estes homens não são iguais em suas capacidades e possibilidades. Assim, para compreender esta relação entre objetividade e subjetividade, entre indivíduo e sociedade, é necessário compreender os tempos, os ritmos, as simbologias dos indivíduos que se articulam, as formas como as sociedades produzem e sua existência material.

De acordo com Cheptulin (1982), os homens são todos diferentes uns dos outros, mas ele distingue a “diferença real” da “diferença essencial”. A diferença real diz respeito às personalidades, aos gostos, que não se originam apenas de fatores orgânicos, da consciência do indivíduo isolado e das relações concretas vividas pelo sujeito. Já a diferença essencial se refere a estágios de alienação¹⁵, de estranhamento entre os sujeitos, estando articuladas às diferenças de classe e também ao lugar que o indivíduo ocupa na produção coletiva. Entre as diferentes escolhas que os sujeitos realizam ao longo de suas vidas, uma delas é a sua própria

¹⁵ As cláusulas do “contrato social”, na concepção de Rousseau (1712-1778), reduzem-se a uma só: “a alienação total de cada associado com todos os seus direitos a toda comunidade” (*Do Contrato Social*, I, VI). A partir de Marx (1818- 1883), vários enfoques têm tido o tema da alienação, quer sob o prisma da economia, quer sob o da antropologia. Às interpretações do marxismo-leninismo dos primeiros tempos, sucederam-se as dos revisionistas do marxismo na Polônia, na Hungria, na Tcheco Eslováquia, na Iugoslávia. Com a problemática dessa mesma questão preocuparam-se o belga Henri de Man (1885-1953), o italiano Gramsci (1891-1937) e os franceses Sartre (1905-1980) e Merleau-Ponty (1908-1961), entre tantos outros. O que Marx escreveu sobre alienação acha-se esparsos em sua obra, tendo os trabalhos da primeira fase, só publicados muitos anos depois da sua morte, contribuindo para maior esclarecimento dessa teoria. A seu ver, o homem, nas condições em que tem vivido, não pode dispor livremente de sua pessoa, da natureza, da cultura, da arte, dos prazeres, em virtude da própria estrutura social que o torna, assim, um alienado de si mesmo. Da alienação econômica resultante da transferência do fruto do trabalho do operário para o patrão derivam as demais alienações: a religiosa (com a expectativa da felicidade eterna como lenitivo para as injustiças terrenas, de onde vem a expressão “a religião é o ópio do povo”), a política (o poder é um mero instrumento de domínio das classes inferiores) e a classe social (as classes são marginalizadas por efeito do domínio dos mais fortes) (SOUSA; GARCIA; CARVALHO, 1998, p. 14).

forma de educação, ou seja, o curso superior, entretanto só podem fazer esta opção cerca de 10% dos jovens brasileiros. Os demais são aliados economicamente desta possibilidade.

Aqueles jovens que podem cursar o ensino superior ainda têm de escolher entre os cursos de licenciatura (Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Física, Química, Filosofia) com em média três a três anos e meio de duração, que são ainda os mais em conta financeiramente, e o bacharelado (Psicologia, Sociologia, Economia, Medicina, Serviço Social, Enfermagem, Administração, Direito) com em média cinco anos ou mais de duração, sendo cursos mais caros e que exigem tempo integral ou quase integral de dedicação.

Como se pode constatar, a escolha do curso está circunscrita à classe social à qual o sujeito pertence. Neste sentido, os alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia também escolhem segundo sua classe social e poder aquisitivo, por isso a questão da classe é essencial, uma vez que não se trata de uma identidade construída pelo sujeito. Ainda assim os indivíduos reais são classificados, julgados, rotulados por uma série de fatores: gênero, geração, cor da pele, opção sexual, diferenças reais, mas que não são essenciais na lógica do capital para a organização da vida, pois no nível da produção/reprodução do capital e do consumo (distribuição da riqueza material e imaterial) não é, por exemplo, o fato de ser branco ou negro que determina o acesso aos bens de consumo, mas a própria possibilidade de produzir e consumir.

Nas sociedades capitalistas, as contradições que interferem na construção das diferenças essenciais são várias, podendo-se citar a contradição capital/trabalho; produção coletiva/apropriação individual, entre outras.

Para Ianni (1979, p. 8), no capitalismo, “os antagonismos fundados nas relações econômicas adquirem preeminência sobre todos os outros, enquanto determinação estrutural”. Assim, em cada época as determinações econômicas interferem, de modo diferente, na vida de cada um, nas suas relações com as pessoas e com as coisas. Continuando, Ianni (1979, p. 8) afirma que, “em essência, o capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia. É ele que mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas ao mesmo tempo, pois mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor”. Dessa forma, mercantiliza a força de trabalho das pessoas, transformando-as em mercadoria.

O valor de troca da força de trabalho do professor (cursou licenciatura), e principalmente do pedagogo, que tem sido preparado para trabalhar na educação infantil e no ensino fundamental, corresponde a um salário cuja variação encontra-se entre R\$ 900,00 e R\$ 1500,00, por quarenta horas de trabalho, semanais. Já com relação aos psicólogos, apesar do grande leque de especialização, a clínica tem sido a primeira escolha, pois, além de status,

possibilita ser profissional liberal e cobrar de R\$ 30,00 a R\$ 200,00 pela hora de trabalho. Se se levar em consideração as condições concretas do professor, ele é um trabalhador, mas, muitas vezes, acredita que poderá ser um profissional liberal. Levando em conta o piso salarial de R\$ 900,00, ele receberá cerca de R\$ 22,50 bruto, por hora, fora os descontos e os impostos.

Na mercantilização da força de trabalho, essas relações surgem como sistemas de relações antagônicas/contraditórias. Nisto se funda o caráter essencial do regime capitalista: seus componentes mais característicos – a mercadoria força de trabalho que produz mais-valia e o operário e o capitalista produzem-se, desde o princípio e se reproduzem antagonicamente, de acordo com Ianni (1979).

1.3 A Mercadoria: os cursos de Pedagogia e Psicologia

As mercadorias “curso de Pedagogia” e “curso de Psicologia” são produzidas por seu valor de uso e escondem seu valor de troca, ambas escamoteiam o valor do trabalho e a mercadoria seria trabalho social cristalizado e alienado. É neste sentido que se dá o processo de troca no qual ocorre a mercantilização universal, ao mesmo tempo em que ocorre o processo por meio do qual as pessoas, os grupos e as classes sociais realizam-se e pensam-se como categorias sociais, referidas e antagônicas/contraditórias.

A análise dialética, segundo o marxismo, “opera como uma técnica de desmascaramento, pois que exige a crítica das ideias, dos conceitos e das representações sob os quais as pessoas, as classes sociais e as coisas aparecem na consciência e na ciência” (IANNI, 1979, p. 11). Assim, não seria possível explicar a mercadoria como sistema de relações sem desvendar seu “misticismo”, mais especificamente o fetichismo.

Tendo estudado criticamente os economistas clássicos, de Adam Smith a David Ricardo, Marx elaborou sua teoria de valor afirmando que o que atribui valor a algo é o trabalho humano. A riqueza é o trabalho humano objetivado, ou seja, atividade de trabalho materializada. As mercadorias podem ser trocadas, isto é, comparadas quantitativamente, porque possuem em comum o trabalho humano abstratamente concebido. O valor de troca é uma relação entre os seres humanos; assim, é uma relação social. Não é uma propriedade natural da mercadoria.

A formação/profissionalização é relação social. O ensino é, portanto, uma mercadoria produzida, no caso do pedagogo, por uma licenciatura de três a três anos e meio e,

no caso do psicólogo, por no mínimo cinco anos em período integral, o que significa dizer que se faz 2/3 de investimentos sociais a mais na formação/profissionalização do psicólogo em comparação com a do pedagogo. Como alerta Bruno (1996), esta mercadoria formação/profissionalização do psicólogo, pelo tempo de trabalho gasto para produzi-la, vai chegar ao mercado com um valor de troca maior do que a do pedagogo, pois os investimentos sociais foram muito menores neste último caso, diminuindo, assim, seu valor de troca no mercado. A escola na sua especificidade, pertence ao âmbito do trabalho não material, pois tem a ver com ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Entretanto, o processo educativo não deve ser formação/profissionalização exclusivamente para o mercado de trabalho, mas também processo de humanização e instrumento de luta política para o trabalhador. Saviani (2005, p. 13) assim explicita que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” Processa-se no seu sentido mais amplo, desde o nascimento e continua a vida afora.

No mercado, o processo de compra e venda de bens apresenta-se aos olhos dos homens como sendo uma relação entre coisas, isto é, as relações estabelecidas no mercado seriam relações entre objetos, enquanto, na verdade, são relações sociais. É a atividade humana de trabalho que é trocada no mercado, uma vez que as mercadorias não têm em si mesmas a capacidade de se trocarem umas pelas outras, a não ser pelas relações sociais e assim surge o fetiche da mercadoria.

Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, no qual se apresenta, não têm que ver absolutamente com sua natureza física e com as relações materiais que daí se origina. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas... [onde] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Isso eu chamo o fetichismo que adere os produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (MARX, 1988, p. 81).

Assim, os seres humanos, em sua vida cotidiana, agem como se os produtos tivessem vida própria e o valor de troca fosse uma propriedade natural das mercadorias. No fetichismo, há uma naturalização de algo que é social. Dessa forma, “um produto das ações humanas é visto pelos próprios seres humanos como se fossem comandados por forças da natureza, como se tivessem vida própria” (DUARTE, 2004, p. 11).

Entre os vários fetiches produzidos pela sociedade capitalista há o da individualidade. No caso desse fetichismo,

o que ocorre é que em vez de a individualidade ser considerada como fruto de uma ação educativa e auto-educativa, intencional, ela é considerada algo que comanda a vida das pessoas e, em consequência, comanda as relações entre as pessoas e a sociedade (DUARTE, 2004, p. 11).

Assim esta pedagogia que se afirma liberal na verdade é fruto de uma ideologia liberal e o seu resultado é a negação da liberdade, mesmo que não se tenha consciência desse fato. Na verdade, as pessoas são exploradas no capitalismo e tal fato, fetichizado, é visto como “a espontaneidade de processos sociais e naturais” (DUARTE, 2004). Todo problema reside na alienação e na dificuldade de se conscientizar de que no sistema capitalista tudo é transformado em mercadoria, sobretudo a capacidade de trabalho do homem, ou seja, a força de trabalho que tudo produz.

1.4 Alienação versus Individuação

O processo de alienação é extremamente complexo. Para Marx (2004), o homem nas condições que tem vivido, em virtude da estrutura social, não pode dispor de sua pessoa, da natureza, da arte e dos prazeres, tornando-se assim um alienado.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (MARX, 2004, p. 112).

Da alienação econômica, resultante da transferência do fruto do trabalho do operário para o patrão, derivam as demais alienações: a religiosa (expectativa de justiça na vida eterna), a política (onde o poder é instrumento de domínio das classes superiores sobre as inferiores) e a social (as classes são marginalizadas por efeito do domínio das mais fortes).

Na alienação os homens não se percebem como produtores da sociedade, nem como modificadores da natureza, nem inventores da religião, mas julgam que há um outro (Deus, natureza) que definiu e decidiu suas vidas. Duarte (1993, p. 157), partindo das análises de Marx, afirma que:

O homem não é, em sua origem, um ser que carregue em sua singularidade as capacidades produtivas que lhe permitam produzir as condições de sua

existência de forma isolada, um ser independente que depois entra em contato com outros homens. Ao contrário, o homem é desde o início, um ser social, no sentido de uma imediata e total dependência em relação ao conjunto a que pertence e no sentido de quase total indiferenciação entre os integrantes desse conjunto. Quanto menos desenvolvidas as relações entre os homens, menos possibilidade de individuação tem cada ser humano.

Na concepção marxiana, é no desenvolvimento das relações sociais que o homem é capaz de desenvolver uma realidade objetivada e plena de socialização e, assim, tornar-se mais individual ao desenvolver sua atividade de forma autônoma. Nesta concepção, o homem não é apenas um ser social [um ser que vive de forma gregária], mas, de acordo com Duarte (1993, p. 161), “um ser que só pode individualizar-se em sociedade.”

A concepção marxiana de desenvolvimento histórico da socialidade¹⁶ é a que o homem evolui de uma socialidade em-si a uma socialidade para-si. Na socialidade em-si os homens se relacionam com as condições sociais da existência humana da mesma forma que se relacionam com as condições naturais, ou seja, como pressupostos de sua atividade e não como objetivações humanas. Os homens vivem a socialidade, mas não mantêm uma relação consciente com ela. Em outras palavras, há uma identificação espontânea entre o indivíduo e as condições objetivas de sua existência (os meios de produção da existência e a comunidade). Não há possibilidade, nas sociedades naturais, de existência da individualidade em outras condições objetivas que não aquelas existentes como pressupostos, assim como não existe indivíduo sem um corpo. Daí a metáfora “corpo inorgânico” (DUARTE, 1993, p. 165).

Assim, a individualidade nas sociedades naturais só existe sob a forma de unidade mediada pelas condições naturais da existência; a vinculação do homem a suas condições de produção da existência são inseparáveis de sua individualidade. De acordo com Duarte (1993, p. 171), “o capitalismo inaugura a era das sociedades cuja reprodução é dinâmica”, pois gera novas necessidades, que acarretam modificações do ser social.

No capitalismo isso ocorre porque a produção não se dirige para a satisfação das necessidades particulares e locais, mas sim para a produção de riqueza (...). É preciso que tudo tenha seu valor de troca, que todas as objetivações sejam mercadorias, que a sociedade seja determinada pelo mercado (DUARTE, 1993, p. 171).

O fundamental na produção não são as qualidades particulares dos objetos produzidos, mas a quantidade de valor contida no que é produzido e a quantidade de valor da

¹⁶ “Socialidade” o mesmo que sociedade no primeiro sentido. Mead entendeu socialidade em sentido mais vasto, atribuindo-a ao universo inteiro. [...] É a capacidade de ser várias coisas a um só tempo. (ABBAGNANO, 1988, p. 912). Já Duarte (1993) explica que a socialidade humana é uma das cinco categorias que caracterizam a concepção marxiana de essência humana e que esta se desenvolve historicamente.

força de trabalho. É neste sentido que mais educação/formação/profissionalização entra como mais valor e leva à produção da mais-valia relativa, o que significa dizer que todos os homens são capazes de produzir/trabalhar e, portanto, produzem mais-valia absoluta. Entretanto aqueles que recebem mais investimentos sociais como habitação, educação, saúde, profissionalização, especialização são capazes de produzir mais valor em menor tempo, ou é a mais-valia relativa – relativa aos investimentos recebidos. Assim, o indivíduo no sistema capitalista aliena parte de seu trabalho para o patrão, tornando-se ele próprio alienado, pois não se percebe como produtor e sujeito histórico e social. É neste sentido que Duarte afirma que, para vencer a alienação, faz-se necessário o desenvolvimento da “individualidade para-si”.

Newton Duarte (1993), na introdução de seu livro *Individualidade para-si*, assinala a importância desta categoria – individualidade para-si – enquanto superação do caráter espontâneo e natural, ou seja, “da alienação” no âmbito da formação do indivíduo. Esta individualidade é a síntese da relação consciente do indivíduo para com as condições particulares de sua existência, mediada pela relação consciente com objetivações do gênero humano.

Para se compreender essa categoria, faz-se necessário o entendimento das diferenças entre os termos “em-si”¹⁷ e “para-si”¹⁸. Pode-se entender um “em-si” como qualquer objeto existente no mundo que possui uma essência definida. Uma caneta, por exemplo, é um objeto criado para suprir uma necessidade, a de escrever. Duarte (1993, p. 183) explica que “o indivíduo ‘em-si’, alienado, também não mantém uma relação consciente com sua própria particularidade.”

Confirmando este ponto de vista, Heller (2000, p.80) explicita que “o homem torna-se indivíduo na medida em que produz uma síntese em seu Eu, em que transforma

¹⁷ Sobre o qualificativo de ‘em-si’, tem-se que “Hegel utilizou para designar o que está em potência, que ainda não se desenvolveu e que só por isso pode ser considerado independentemente das relações com as outras coisas. O contrário de ‘em-si’, neste sentido, é o ‘para-si’, que é a atualidade ou a efetividade de uma coisa, o enriquecer-se da coisa em seu desenvolvimento graças a suas relações com as outras. (...) a partir de Descartes essa expressão passou a ter com mais frequência o significado de ‘independente da relação com o sujeito cognoscente’, sobretudo na expressão coisa em si. (...) De modo análogo, Sartre entendeu por ‘em-si’ o ser objetivo, externo e independente da consciência de ser ‘para si’ (ABBAGNANO, 1998, p. 330).

¹⁸ “O significado fundamental deste termo ‘para-si’ é atribuído a Hegel: ser atual ou real (em contraposição a em si, ser possível), portanto ser que se desenvolveu através da reflexão e da consciência” (ABBAGNANO, 1998, p. 743). “O indivíduo para-si é o ser humano cuja individualidade está em permanente busca de se relacionar conscientemente com sua própria vida, com sua individualidade, mediado pela também constante busca de relação consciente com o gênero humano. A dinâmica desse processo é a relação entre objetivação e apropriação, ou seja, o indivíduo se apropria das objetivações genéricas em-si e faz delas mediadoras entre sua consciência individual e as formas pelas quais ele objetiva sua individualidade ao longo da vida. (...) O indivíduo para-si não elimina do seu ser individual, de sua vida individual, das suas objetivações e apropriações, a individualidade em-si, pelo fato de que ele não elimina a genericidade em-si” (DUARTE, 1993, p. 180-185).

conscientemente os objetivos e as aspirações sociais em objetivos e aspirações particulares de si mesmo e, desse modo, ‘socializa’ sua particularidade.”

O indivíduo “para-si” é o ser humano que está permanentemente em busca de se relacionar conscientemente com sua vida, mediado pela constante busca de uma relação consciente com o gênero humano. Entretanto, isto

não se realizará se os homens não se apropriarem das possibilidades já existentes de ascensão à individualidade para-si. A criação de uma realidade social na qual singularidade seja sinônimo de individualidade livre e universal, não se realizará a não ser enquanto obra coletiva de indivíduos que se unam para criar conscientemente formas de vida não alienada e lutar por uma sociedade na qual essas formas de vida possam desenvolver livremente (DUARTE, 1993, p. 175).

Dessa forma, a superação do capitalismo, segundo Duarte (1993), deverá ser uma obra coletiva de indivíduos autônomos e não um movimento de massas conduzido em uma heteronímia¹⁹. Em síntese para Duarte sinônimo de individualidade livre e universal enquanto obra coletiva de sujeitos conscientes que se opõe a vida alienada e que são individualidade para-si só se faz na indivíduo-ação, ou seja na individuação. Portanto indivíduo no liberalismo é totalmente diferente de indivíduo para-si, ou seja, individuação sintetiza as relações sociais, mas também pode se constituir como ser consciente no processo histórico para os marxistas. Para Saviani (2004, p. 46),

se cada indivíduo humano sintetiza relações sociais, isto significa que ele só se constitui como homem por meio das relações que estabelece com os outros homens, isto é, só pode tornar-se homem se incorporar em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convivem. Isto significa que o indivíduo da espécie humana não nasce homem, ele se torna homem, se forma homem.

De fato, se cada indivíduo sintetiza relações sociais, isto leva a refletir que ele só se constitui como homem nas relações que estabelece com outros homens. Neste sentido, a corporeidade/subjetividade humana evidenciada na perspectiva marxiana traz o educador, o professor, como aquele que se encontra com um educando, com um aluno concreto, ou seja,

¹⁹ Tendo como referência a classificação de Piaget sobre o desenvolvimento do sujeito em “anomía”, “heteronomia” e “autonomia” e entendendo “anomía” como ausência de regras que asseguram a uniformidade dos acontecimentos sociais; “heteronomia” como a vontade que é determinada pelos outros e não por uma lei própria e “autonomia” designando a independência da vontade em relação a seu desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. É o enfraquecimento das normas sociais de um povo ou grupo social; a desorganização que enfraquece a integração dos indivíduos, deixando-os sem saber como agir. Ficando à deriva, inconscientes no processo, perdendo quase que por total sua consciência e identidade. Este termo foi usado por Durkheim em seu livro *O Suicídio*. (nota da pesquisadora).

“o indivíduo que lhe cabe educar; sintetiza em si as relações sociais próprias da sociedade em que vive e em que se dá o processo de sua educação” (SAVIANI, 2004, p. 47).

Tanto o professor como o psicólogo lida com indivíduos concretos, vivos, inteiros, sínteses de inúmeras determinações nas relações sociais. É com sujeitos históricos que eles têm de lidar; sujeitos desta sociedade contemporânea, concreta e atual. Entretanto, percebe-se que pedagogos e psicólogos não recebem em sua formação/profissionalização conteúdos científicos suficientes que desmascarem social e conscientemente a sociabilidade do capital.

É essa individualidade “em-si”, alienada, composta por 85% ou mais de mulheres, que o curso de Pedagogia e Psicologia trabalha, sendo esses cursos basicamente de formação feminina, não têm em seus currículos, uma disciplina voltada para as questões de gênero, faz-se necessário frisar que, se o futuro profissional não interpreta sequer as relações próprias da sociedade em que se insere, como será capaz de lidar com os sujeitos históricos que irão se defrontar no cotidiano de sua profissão.

Duarte (1993) analisa a questão da consciência em relação à atividade de formação/profissionalização humana e esclarece que o discurso educacional frequentemente é descrito como “consciente” e “não alienante”, mas chama a atenção para o fato de que

uma ação pode ser totalmente consciente e ser alienada, isto é, a clareza sobre quais os objetivos que se pretende atingir, quais os meios existentes e qual a sequência mais eficaz de procedimentos, são condições necessárias a uma prática consciente, mas não são suficientes para que ela não seja alienada (DUARTE, 1993, p. 58).

Se o indivíduo vive no interior de relações de dominação (sociedade alienada), por mais que ele se desenvolva no sentido da construção de uma individualidade para-si, não garantirá a eliminação da alienação de sua vida.

A individualidade para-si, como afirma Duarte (1993), é a criação/construção de uma realidade social, obra coletiva de indivíduos que, conscientemente, terão que lutar por formas de vida não alienadas e construir uma outra sociedade, que possa superar a atual e desenvolver-se consciente e livremente.

1.5 A Escolha Vocacional

A escolha vocacional é a escolha de formação/profissionalização que, baseada na ideologia liberal, aparenta ser promotora da liberdade, mas na verdade determina o que as

peessoas devem ou podem escolher para o seu futuro profissional, assinalando que o ato de escolher envolve o modo de ser e de agir, mas também as condições econômicas sociais, políticas e culturais de cada sociedade.

Fica implícito na ideologia liberal que a perspectiva de escolha de um futuro de realização e conquistas faz parte do projeto de vida individual ou o qual deverá satisfazer, para que seja possível viver de forma plena. Entretanto, essa é uma perspectiva ideológica na medida em que as escolhas se circunscrevem no interior de cada sociedade, de cada classe social, do poder aquisitivo, do poder político, o que significa dizer que vários fatores estão implicados no processo de escolha, uma vez que a partir dele o homem estará se situando no mundo, nas relações de trabalho, de produção, assumindo novos lugares e funções que sejam produtivas, mas também “produtores de sentido e realizações pessoais e coletivas” (XIMENES, 2004, p. 42).

Falar da escolha da formação/profissionalização é considerá-la em sua dimensão sócio-histórica, ainda que seja um construto simbólico, próprio do fenômeno psicológico/ subjetivo que se constitui no mundo social e material. É a perspectiva do “vir-a-ser”, materialidade das expressões do desejo consciente ou inconsciente, porém não fixo nem definitivo, face à conjuntura do social de cada tempo histórico. Como afirma Bock (2001, p. 23),

o fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana [pelo trabalho].

É no contexto da realidade sócio-cultural que os fenômenos psicológicos precisam ser pensados, numa relação dialética, num contínuo processo de construção e desconstrução que desencadeia transformações nas pessoas, nos ambientes e nas relações. Não se pode perder de vista que concretizar um projeto profissional implica o reconhecimento de quem somos, o que queremos, enquanto sujeitos da história, num mundo regido por relações sociais, políticas, econômicas, ou seja, relações de produção.

O trabalho tem o importante papel de mediador entre os mundos objetivo e subjetivo, real e concreto. Homens e mulheres são nomeados e identificados pelo trabalho que desenvolvem em suas vidas, enfatiza Coutinho (1993). Assim, quando nos referirmos a alguém que ministra aulas, o chamaremos professor.

“A escolha profissional não acontece em função de um pressuposto amadurecimento bio-psicológico do indivíduo, mas é determinada pela cultura educacional/profissional de uma classe social e/ou de uma sociedade”, como afirma Bock (2002, p. 179). Para as camadas médias e altas da população, o momento da escolha de uma profissão se dá, geralmente, ao término do ensino fundamental ou quando ocorre a conclusão do ensino médio. Mas, para as camadas baixas, este momento não se dá de forma clara, pois há uma urgência por sobrevivência física e esta se sobrepõe a qualquer reflexão.

Como Marx (2002) afirmava, os homens fazem sua história, mas não segundo seus próprios desejos e sim de acordo com as condições que herdaram do passado. Há uma determinação objetiva, na qual as possibilidades e os limites estão postos pela realidade de cada época. Muitas escolhas que fazemos nem sempre se apresentam como tais, seja porque as ações envolvidas já fazem parte do cotidiano, seja porque não envolvem, ou até mesmo porque envolvem, conflitos pessoais, seja porque não contrariam as expectativas sociais em relação à pessoa que escolhe ou ao objeto escolhido. Outras, ao contrário, podem representar um investimento muito grande e mobilizar crenças, costumes, concepções de mundo, recursos materiais e financeiros em alto grau (FERRETTI, 1988).

Há uma crença, cristalizada no senso comum, segundo a qual se acredita que as opções do sujeito, quaisquer que sejam, ocorrem num contexto de plena liberdade, porém, como afirma Ferretti (1988), a necessidade de escolha ocorre justamente pela inexistência dessa liberdade plena.

Assim é que, para uma aproximação do objeto de estudo, procura-se aqui interpretá-los em sua especificidade, como produto de determinações históricas concretas e específicas. A escolha dos cursos de Pedagogia e Psicologia, como se verá na interpretação dos dados da pesquisa empírica, confirma que a liberdade de escolha circunscreveu-se às determinações históricas concretas acima discutidas com o objetivo de afastar as concepções da ciência que conduzem ao conhecimento fragmentado e parcial da realidade e que não se confundem com o “mundo da pseudoconcreticidade”²⁰ citado por Kosik (1976) ou, melhor dizendo, o mundo da cotidianidade alienada.

Este tipo de abordagem representa um avanço em relação àquelas que vêm sendo tradicionalmente produzidas, segundo Ferretti (1988), pois este enfoque não só traz a possibilidade de desmitificar as interpretações que, ao utilizarem o “determinismo econômico-

²⁰ O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 1976, p. 11).

social” como principal explicação da realidade, escondem, sob uma pretensa visão social progressiva, uma visão mecanicista do social e do econômico e também pela oportunidade de fazer o mesmo em relação à leitura realizada por educadores e psicólogos a respeito das possibilidades individuais de construção da formação profissional ocorrida nas representações da corporeidade dos sujeitos envolvidos neste processo.

O que norteou a questão das representações da corporeidade na relação da educação/trabalho foi que os conceitos de representação social e de ideologia, na realidade, partem das relações sociais, pois os homens se relacionam entre si para produzir sua subsistência, podendo conservar e/ou transformar essas relações, porque pensam, agem, confirmam, constroem e destroem historicamente. O trabalho humano é o processo através do qual o homem modifica a natureza e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo, e isso só é possível pelo trabalho da força do corpo humano.

Nesse contexto, a educação torna-se elemento importante de integração do corpo na unidade do sujeito. A descoberta de si próprio e do outro supõe o desenvolvimento das próprias habilidades e também da inter-relação com o outro. Ao estabelecer o contato com outra pessoa o homem se revela pelos gestos, atitudes, ações, olhares, enfim, pelas manifestações corporais; com o corpo, engaja-se diante do real, do concreto, de inúmeras maneiras: por meio do trabalho, da educação, da arte, da ação, e assim por diante. O corpo é a expressão dos valores sociais, políticos, econômicos, estéticos, éticos, amorosos ligados às características da sociedade a que pertence, não existindo cisão entre o corpo/subjetividade, como será visto nos capítulos subsequentes.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL UNIVERSITÁRIA DO PEDAGOGO E DO PSICÓLOGO: DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CURRICULAR À CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE

A perspectiva histórica da formação profissional do Pedagogo e do Psicólogo e as mudanças na sua corporeidade/subjetividade são vivenciadas de forma diferenciada, uma vez que cada um destes cursos guarda suas especificidades no desenvolvimento de habilidades, conhecimentos científicos, técnicas e tecnologias e articulam interesses variados na formação profissional para o trabalho.

Como nos alerta Santos (1992, p. 18).

Na sociedade complexa em que vivemos os indivíduos não só têm de ser preparados para a vida social e política, mas também para o trabalho, para o desenvolvimento de suas habilidades e, ainda, para “sistematizar e organizar o conhecimento universal, a produção científica, as conquistas da tecnologia e da cultura mundial”.

É no ensino superior que se faz a formação inicial de profissionalização, e estes são divididos em cursos de licenciaturas que formam professores e bacharelados que formam pesquisadores e profissionais liberais. Esta divisão guarda em si a problemática de hierarquização e valoração dos cursos onde os bacharelados são socialmente mais valorizados e as licenciaturas são socialmente desvalorizadas. Para esclarecer, tanto o curso de Pedagogia como o curso de Psicologia, na atualidade, podem oferecer quer o bacharelado quer a licenciatura, ou ambos.

2.1 Perspectiva Histórico-Curricular da Formação do Pedagogo

A trajetória histórica da construção institucionalizada da formação de pedagogos bacharéis ou professores de acordo com Brzezinski (1996) resultou dos acontecimentos educacionais impulsionados pela reconstrução social adotada pelos Pioneiros da Escola Nova, cujos princípios estão apresentados na *Carta Magna da Educação* de 1932 e, com o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*. “Os pioneiros faziam parte dos movimentos sociais de educadores que empreendiam a luta para a criação da universidade no País.” (Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, 1932, p. 18).

A formação de professores apresenta-se como um dos eixos fundamentais já no *Manifesto dos Pioneiros da Educação* (1932), em que é dedicado um item específico à necessidade de formação profissional, intitulado “A unidade de formação de professores e a unidade de espírito”, no qual se afirma que

a preparação dos professores (...) é tratada, entre nós, de maneira diferente, quando não é inteiramente descuidada, como se a função educacional, de todas as funções públicas a mais importante, fosse a única para cujo exercício não houvesse necessidade de qualquer preparação profissional (LEMME, 1993, p. 314).

Neste sentido, o documento dos pioneiros da educação já propunha a profissionalização do magistério, defendendo a “unidade” como base comum de preparação para todos os graus de ensino. Os signatários do *Manifesto* afirmavam que “a formação universitária dos professores de todos os graus de ensino não era apenas uma necessidade, mas o único meio de abrir seus horizontes” (BRZEZINSKI, 1996, p. 31).

Este ponto de vista é reafirmado por Lemme (1993, p. 314):

a formação universitária dos professores não é somente necessidade da função educativa, mas o único meio de, elevando-lhes em verticalidade a cultura e abrindo-lhes a vida sobre todos os horizontes, se estabelecer, entre todos, para a realização da obra educacional.

A realidade social brasileira tem por fundamento a negação da escolarização para a maioria da população, pois o ensino elitista e propedêutico destina-se apenas a uma minoria, situação que resulta, na atualidade, em uma média de escolaridade de apenas 7,3²¹ anos para a maioria dos trabalhadores brasileiros. “Houve um aumento nesta média de 1,5 anos de estudo em relação a 1997, quando o valor encontrado era de 5,8 anos. Neste particular, os ganhos na escolaridade média da população têm sido indiscutivelmente lentos”²².

À medida que o ensino fundamental tende a firmar-se como o ensino de classe social, ou seja, equivalente à preparação mínima do trabalhador, isto é, quatro anos de escolarização, vai perdendo a importância e caracteriza-se em uma profissionalização precária, com baixos salários, configura-se como uma profissão eminentemente feminina, como afirma Carneiro et. al, (2003).

A participação minoritária de mulheres educadoras no *Manifesto* de 1932 marca a trajetória política de movimentos que se constitui no interior das Faculdades de Filosofia,

²¹ *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. IBGE, 2008.

²² *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. IBGE, 2008.

Ciências e Letras e se mostram progressivamente como redutos femininos, frequentados especialmente por moças de classe média que aspiravam, em geral, muito mais a um bom casamento do que a uma carreira profissional.

As representações ideológicas sociais subsidiaram a construção da subalternidade da mulher na inserção no trabalho docente, apesar de obstáculos de toda ordem, sendo o principal a falta de formação específica, ou seja, as professoras leigas não se curvaram, pelo contrário, lutaram pela sua profissionalização, primeiro no ensino médio, cursando o magistério, buscando desmistificar as relações entre docência e continuidade do trabalho doméstico. Mais do que isto, buscaram a competência profissional, em cursos de graduação e pós-graduação desvinculando a idéia de sacerdócio, dom, fragilidade e docilidade como qualidades femininas, que por si só as autorizavam como professoras, de acordo com Carneiro, et al, (2003).

Se, num primeiro momento, a aparência social apresenta o magistério como um trabalho de extensão doméstica, já na década de 1960, dos movimentos educacionais surgem as associações de professoras primárias. Com a extinção das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no início dos anos 70 e a implantação da Lei nº 5.540/68 (Reforma Universitária), resultaram a criação dos Institutos Básicos, responsáveis pelos cursos de Bacharelado e pela criação das Faculdades de Educação e similares (departamentos, centros...) para a formação pedagógica, neste sentido construíram um *lócus* de formação, dos docentes, por meio dos cursos de Pedagogia e das disciplinas dos cursos de Licenciatura.

Por esta legislação [Lei 5.692/71] buscou-se, conceder ao pedagogo atribuição específica dentro do sistema de ensino ao tornar obrigatória a presença dos especialistas em educação em todas as escolas, principalmente o supervisor e o orientador educacional (ALMEIDA, 1995, p. 04).

Essa fragmentação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura e, por fim, do Curso de Pedagogia em três ou quatro habilitações (Orientação Educacional, Supervisão Pedagógica, Administração Escolar, entre outras) contribuiu para o enfraquecimento dos movimentos de educadores. Isso ocorreu, também, pela pulverização dos interesses profissionais comuns em torno de lutas que contemplassem reivindicações amplas dos profissionais da educação como um todo. Como esclarece Almeida (1995, p. 4),

surgiram as associações profissionais para organização dessas categorias (dos orientadores e dos supervisores). Elas se defrontaram com problemas de várias ordens. Uma das questões mais complexas então enfrentadas era a

questão da divisão social do trabalho cristalizada nas funções do especialista dentro da escola, que dividia os educadores nas suas lutas trabalhistas junto às autoridades/Estado. As condições do trabalho, e, conseqüentemente, salariais, dos especialistas eram, em certo sentido, mais favorável do que as dos professores, além de haver certa “rivalidade” existentes entre essas categorias, pela dicotomia entre os que pensam – os especialistas e a direção da escola, e os que executam – professores e funcionários em relação às atividades na estrutura organizacional das instituições de ensino.

No regime militar ficou expresso o rito ou o estigma relativo à adoção da organização da produção industrial taylorismo/fordismo transplantados e impostos às escolas. Os congressos e encontros nacionais de orientadores e supervisores, em meados da década de 1970, desencadearam um profícuo debate crítico sobre essas questões, como também sobre o abandono e a deterioração da escola pública no Brasil. Esses eventos, ao lado da Associação Nacional de Educadores (ANDE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd), e do Centro de Estudos sobre Educação e Sociedade (CEDES) foram co-promotores da Conferência Brasileira de Educação (CBE), que ressurgiu em 1980 como uma grande mobilização dos educadores. A realização do primeiro Seminário de Educação Brasileira foi um marco histórico para as discussões sobre as questões da formação dos educadores, pretendendo

subverter a tradicional ordem de cima para baixo nas decisões sobre as questões educacionais (...). Os profissionais da educação voltam para seus estados de origem realizando debates, discussões e estudos sobre as reformulações sobre o Curso de Pedagogia. Os estudos chegam até as licenciaturas, uma vez que a formação pedagógica dos licenciandos era feita nas Faculdades de Educação (BRZEZINSKI, 1996, p. 99-101).

Desse movimento surgirá o Comitê Nacional Pró-Formação do Educador, durante a primeira CBE, em abril de 1980 na cidade de São Paulo. Nesta ocasião, decidiu-se, entre outras questões,

- deflagrar um processo de reflexão e debate em todo país, organizando, em cada cidade, universidade e ou estado um Comitê com objetivo de mobilizar as bases entorno da questão;
- constituir um Comitê Nacional. Foi escolhido o grupo de Goiás, por se achar mais próximo de Brasília e já ter uma proposta embrionária sobre o tema (Boletim n. 1, apud BRZEZINSKI, 1996, p. 108).

Os trabalhos do comitê, com sede em Goiânia, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, passaram a ser presididos pelo professor Ildeu Moreira Coelho, que foi seu primeiro presidente. O Comitê Nacional teve por objetivo envolver os

educadores de todo o país em discussões sobre uma formação do educador que possibilitasse a elaboração de uma proposta a ser encaminhada para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e ao Conselho Federal de Educação (CFE). Neste sentido foram organizados Comitês estaduais e regionais, todos assessorados de perto pelo colegiado nacional.

Essa mobilização dos comitês regionais foi de fundamental importância para a ampliação dos debates em torno da formação de educadores, bem como gerou uma considerável produção de documentos - sínteses dos Seminários Regionais. Estes documentos apontaram para a necessidade de realização, pelo MEC, de um encontro nacional para discussão e sistematização de todas as propostas de reformulação dos cursos de formação de educadores, desenvolvido no país, como objetivo compatibilizá-los para subsidiar uma política global de formação de professores, assim conquistando um espaço político de participar e decidir sobre as reformas educacionais reivindicadas pelos educadores brasileiros.

Neste contexto realiza-se o primeiro Encontro Nacional, em 1983, que marcou o início de uma segunda fase do movimento de educadores, quando o comitê é transformado em Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador (CONARCFE).

Já em 1990, os educadores reunidos no V Encontro em Belo Horizonte, entenderam que essa Comissão deveria transformar-se em Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), sendo que no seu estatuto constavam os seguintes objetivos (CONARCFE/ANFOPE, 1990, p. 5):

- a) Congregar pessoas e instituições interessadas na questão da formação do profissional da educação, integrantes do Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação, para uma reflexão crítica de suas práticas;
- b) Defender as reivindicações destas instituições no tocante à formação dos profissionais da educação, em articulação com as demais entidades da área educacional;
- c) Incentivar e fortalecer a criação de Comissões Estaduais destinadas a examinar criticamente a questão da formação do profissional da educação em seus respectivos estados;
- d) Defender a educação enquanto um bem público e uma política educacional que atenda às necessidades populares, na luta pela democracia e pelos interesses da sociedade brasileira;
- e) Gerar conhecimento; socializar experiências, acompanhar e mobilizar as pessoas e instituições formadoras dos profissionais da educação, nos termos dos princípios defendidos historicamente pelo Movimento Pró-formação do Educador, representado até 1990 pela CONARCFE, e expresso nos Documentos Finais dos cinco encontros nacionais realizados entre 1983 e 1990;
- f) Articular-se a outras associações e entidades que têm preocupações semelhantes, no desenvolvimento de ações comuns.
- g) Discutir a Base Comum Nacional na Formação Do Profissional em Educação.

Desse modo, constitui-se como conceito preliminar que a Base Comum Nacional é “um instrumento que permite identificar os componentes essenciais da formação do profissional da educação, com a finalidade de orientar o desenvolvimento curricular das várias instâncias e instituições formadoras de profissional.” (CONARCFE/ANFOPE, 1990, p. 7). E também, essa concepção básica da formação do profissional da educação deve expressar a visão de um sujeito situado historicamente, comprometido com a realidade e também com uma sociedade justa e igualitária, (CONARCFE/ANFOPE, 1990). E conseqüentemente, estas mudanças na corporeidade/subjetividade favorecem esse comprometimento histórico, de justiça e igualdade.

São nestes encontros que a defasagem existente entre a formação do especialista em educação e a necessidade da realidade educacional brasileira é denunciada. O reflexo da situação crítica em que se encontra o atual esquema de formação dos profissionais da educação é desvelado.

Ocorria uma crise em nosso país e o curso de Pedagogia estava passando por um momento de revisão em todos os seus aspectos. Muitos são os motivos que provocaram esta situação. Entre eles podemos citar: o questionamento do papel exercido pela educação na sociedade, a falta de clareza sobre a função do educador, a problemática quanto à reformulação do curso de Pedagogia e das licenciaturas em geral, as políticas governamentais para a educação e a inadequação entre pedagogos formados e os absorvidos no mercado de trabalho.

Tal crise não pode ser dissociada da crise econômica social e política, espelho dos resultados da ditadura e da adoção do neoliberalismo²³ porque passam a sociedade. Essa crise não é algo irreal ou fictício, pois pode ser sentida e percebida.

São fábricas fechadas, desemprego em massa, hospitais superlotados, explosões de violência, ideologia de austeridade, discursos fátuos, novas estratégias políticas, medos, ameaças, economistas estupefatos, políticos astutos, povo sofredor (APPLE, 1990, p. 19).

Nesse sentido o corpo do (a) trabalhador (a) sofre consideravelmente e também, o debate sobre a reformulação do curso estava muito presente e necessitava de atitudes

²³ O período de prosperidade econômica pelo qual passaram os países capitalistas desde 1945 chega ao fim da década de 70 e, a partir de 1974, a economia internacional explicita o avanço da recessão econômica mundial. É no bojo desse processo recessivo que frações da burguesia dominante passam a criticar as políticas sociais do estado do bem-estar social e propõem como solução as políticas neoliberais. Tal solução pretende ressuscitar o liberalismo econômico no qual o jogo de mercado é a solução para todos os problemas. O receituário neoliberal propõe um Estado máximo para o capital e um Estado mínimo para as questões sociais, (CARNEIRO, 1998, p. 43). A proposta do neoliberalismo é “a de um Estado mínimo, em que a lei da livre concorrência constitui a expressão do exercício amplo das liberdades individuais” (SOUSA, 1998, p. 318).

urgentes, os argumentos eram repetidos e a situação não se resolvia. Se isto é verdade, onde está o problema do curso de Pedagogia que era curso fundamental, uma vez que deveria formar educadores, cuja função seria intervir nas questões mais polêmicas na área da educação, a questão da qualidade do ensino.

Era consenso que o curso de Pedagogia, tal como se apresentava historicamente, não satisfazia às exigências do momento da redemocratização do país, e que o compromisso dos educadores - trabalhadores da educação - com os interesses da classe dominada, implicava uma série de determinações, econômicas, políticas e ideológicas. Como Marx e Engels afirmam:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. (...) Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras são as idéias de sua dominação (2002, p. 48).

Não resta dúvida que a escola é um dos “meios de produção espiritual”, como afirma Chauí (1997) constituindo, os meios de comunicação, a arte, a publicidade entre outros. Assim quem dispõe dos meios materiais dispõe, em boa parte, dos espirituais. Neste sentido o grupo pensante (os intelectuais, os professores), a partir das relações materiais constituídas, pensa com as idéias do grupo dominante; julga que estas idéias são verdadeiras em si mesmas e transformam idéias de uma determinada classe social em universais e necessárias, válidas para toda sociedade.

Com a finalidade de discutir a Base Comum Nacional na Formação do Profissional da Educação foi debatido no V Encontro Nacional da CONARCFE/ANFOPE o significado de Base Comum Nacional, em primeiro termo “Base” foi entendido como

núcleo essencial da formação do profissional da educação” que se refere a fundamentação das áreas do conhecimento que subsidiaram a educação como: sociologia, psicologia, filosofia, história, economia, fundamentos epistemológicos/educação. O segundo termo “Comum” foi concebido como ponto de partida, referência e articulação curricular de formação Comum para todos os profissionais da educação e “intra e inter instância de formação (CONARCFE/ANFOPE, 1990, p. 7).

Constitui como conceito preliminar que a Base Comum Nacional

é, portanto, um instrumento que permite identificar os componentes essenciais da formação do profissional da educação, com a finalidade de

orientar o desenvolvimento curricular das várias instâncias e instituições formadoras de profissional (CONARCFE/ANFOPE, 1990, p. 7).

Em 1992, os educadores participantes do VI Encontro Nacional da ANFOPE explicitaram com maior clareza os elementos constitutivos da política de formação dos pedagogos, que foi se construindo ao longo da trajetória do movimento.

A divisão de classes entre proprietários e não proprietários surgiu historicamente com a instituição da propriedade privada, em que alguns homens vivem do trabalho dos outros, de acordo com Saviani (2000). Dá-se o início da exploração do ser humano pelo homem. A escola é construída para atender os interesses da classe dominante.

As escolas particulares foram feitas para a elite da sociedade, preparam seus alunos para pensar e mandar e a escola pública aberta a toda a população, desprovida do pensar, prepara em geral para trabalhar, obedecer, servir ao sistema capitalista. Como afirma Saviani (2000, p. 20), “a escola pública, concebida como instituição popular destinada, portanto, a garantir a todos o acesso ao saber, entra em contradição com a sociedade capitalista.”

Os movimentos de educadores e em particular ANFOPE propõe a organização política para lutar por uma educação fundamental de qualidade como instrumento de contraposição à visão de educação mínima de classe dominante para a população em geral. No documento final do VIII Encontro Nacional da ANFOPE em 1996, fica explicitado que:

Em relação à área da educação, na ausência de uma legislação mais ampla que norteie as políticas educacionais, os espaços são ocupados com as mais disparens iniciativas do Executivo. Tais iniciativas, em geral, são acompanhadas de intenso marketing, como são os casos do programa de TV Escola, a anunciada reforma do ensino médio, o repasse de recursos financeiros diretamente às escolas, os parâmetros curriculares nacionais, a avaliação da educação básica, o teste final para os cursos de graduação e a aludida valorização do magistério do ensino fundamental. (...) Tais medidas têm sido divulgadas distanciadas de políticas educacionais mais abrangentes e sem discussão prévia, sistemática e coletiva, com a sociedade e com entidades e organizações de educadores e estudantes (p. 9-10).

Uma das ações do executivo coordenadas pelo MEC foi aprovar o parecer nº 30/96 no Senado Federal, que privilegiou o substitutivo de Darcy Ribeiro em detrimento ao projeto da LDB elaborado pelos educadores brasileiros representados pelo Fórum em Defesa da Escola Pública e aprovado na Câmara Federal em 13 de maio de 1993.

Os representantes do MEC retiraram questões do projeto original da LDB e aprovaram pelo parlamento o que interessava à classe dominante representada principalmente pelo setor privatista de educação. Descaracterizaram-se os itens que falavam do “Conselho

Nacional da Educação, da concepção da escola básica, do ensino superior, da formação dos profissionais da educação, da carreira docente, da instituição do piso salarial nacionalmente unificado, entre outros” (ANFOPE, VIII Encontro, 1996, p. 8-9).

Como resultado do trabalho da ANFOPE, sob intensa mobilização dos educadores e amplos embates com o MEC e o CFE, segundo Brzezinski (1996, p. 224):

O curso de Pedagogia se firma em todo o país, formando prioritariamente o pedagogo para atuar na escola como professor e não como especialista, embora a formação desse, em habilitações revistas e redimensionadas segundo a concepção de pedagogo defendida pelo Movimento Nacional, seja também uma das tendências encontradas nas experiências de reformulação.

Mas entre os grupos havia um consenso de que a docência é prioritária e base da identidade da formação do pedagogo. Havendo compreensão da impossibilidade de definir intenções educativas à margem da prática pedagógica, uma vez que, mais importante do que o currículo reformulado é o seu processo de construção, que permite a reeducação do educador, engajando-o num movimento de idéias e práticas que lhe possibilite, como sujeito individual, participar da construção coletiva do conhecimento e formar a consciência coletiva.

O IX Encontro Nacional da ANFOPE, realizado em 1998 em Campinas, marca a trajetória de 15 anos do movimento nacional dos professores. Esse movimento consubstancia-se na defesa da Base Comum Nacional, além de propostas alternativas inovadoras para romper o modelo vigente, que leva ao aligeiramento e rebaixamento da formação dos educandos (as) dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Trouxeram como diretrizes para os cursos de formação dos profissionais da educação:

a formação para o humano, forma de manifestação da educação omnilateral²⁴ dos homens; a docência como base da formação profissional de todos aqueles que se dedicam ao estudo do trabalho pedagógico; o trabalho pedagógico como foco formativo; a sólida formação teórica em todas as atividades curriculares, seja nos conteúdos específicos a serem ensinados pela escola básica, como também nos conteúdos especificamente pedagógicos; a ampla formação cultural; a criação de experiências curriculares que permitam o contato dos alunos com a realidade da escola básica, desde o início do curso; a incorporação da pesquisa como princípio de formação; a possibilidade de vivência, pelos alunos, de formas de gestão democrática; desenvolvimento do compromisso social e político da docência; a reflexão sobre a formação do professor e sobre suas condições de trabalho (ANFOPE, 1998, p. 10).

²⁴ A palavra latina “omninô significa na totalidade, inteiramente”, assim omnilateral se refere a todos os lados. (FERREIRA, 1997, p. 803).

A questão principal que tem dividido os profissionais da educação é a formação do profissional especialista versus generalista e professor versus especialista, o que nos leva a refletir com Marx (2004, p. 108):

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; o seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade humana (...).

A divisão social do trabalho, entre trabalho manual e intelectual, deve ser suprimida de todas as relações humanas. Pois o corpo é a instância, o *locus* primordial de onde emana o nosso saber, sentir, pensar, agir, sobre as coisas, sobre a vida. É por ele e nele que executamos o trabalho tanto manual, quanto intelectual. O trabalho deve ser emancipado de sua forma histórica alienada, com a superação da relação de submissão entre trabalho concreto e sua forma abstrata, e o conseqüente domínio do capital sobre o trabalho.

O percurso em direção ao ser omnilateral passa necessariamente pela reflexão da distinção entre o ser prático e o ser pensante e é superada quando as comunidades de homens iguais, com distintas capacidades, passam à gestão consciente de todo o processo de produção, de circulação e de consumo das riquezas sociais. Nesse sentido a formação do professor deve levar em conta uma base comum nacional que possa dar subsídios para que este compreenda, aceite e trabalhe esse ser omnilateral.

Os professores reunidos em 1998 propuseram em Campinas as questões organizativas do movimento que se seguem:

- a) a possibilidade de criação de um Conselho de Professores visando a autonomia profissional, independência em relação ao MEC, participação dos professores na definição das políticas de formação;
- b) aprimoramento da estrutura atual da ANFOPE, revisão das atribuições dos representantes estaduais, regionais e da diretoria, ampliação da participação dos colegas de todas as diretorias e dos demais associados na entidade e nos fóruns de debate, da questão da formação dos profissionais da educação e criação de assessorias por áreas temáticas.

Estas propostas têm o objetivo da reestruturação da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação e o fortalecimento do movimento de docentes para valorização da categoria.

Os vários Encontros Nacionais aprofundaram e ampliaram as discussões sobre a Base Comum Nacional, na tentativa de superar as fragmentações presentes no processo de formação dos educadores (as), que existia na divisão em habilitações do curso de Pedagogia. Buscavam encontrar um princípio norteador que expressasse a prática comum na formação de professores (as) contra a imposição dos currículos mínimos na formação, claro que respeitadas as particularidades do currículo de cada instituição. (ANFOPE, X Encontro, 2000).

A luta da ANFOPE pela Base Comum Nacional ocorre na tentativa de nortear o processo de formação de professores, contra a desvalorização da profissão, em defesa de melhores condições materiais de trabalho, bem como a recuperação da escola pública de qualidade.

A definição dessa política articula a formação inicial, a formação continuada e as condições de trabalho e salários dignos.

A elaboração de uma Política de Formação Continuada deverá estar vinculada às concepções de sociedade e de educação que se tenha e deve ir à direção do fortalecimento da pluralidade e da socialização dos conhecimentos universalmente produzidos, contribuindo diretamente para a profissionalização do professor e para o conhecimento da realidade (XI Encontro da ANFOPE, 2000, p. 23).

A profissionalização e a valorização dos educadores ocorrerão quando houver uma articulação efetiva e permanente entre as etapas de formação e a construção de uma carreira digna de trabalho, que possibilitará condições adequadas de trabalho e política salarial condizente a importância da atividade educacional.

As disposições transitórias, em seu art.87, § 4 da LDB 9394/96 discorrem sobre o caráter da formação inicial do profissional da educação afirmando que: “Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”, como é lembrado no X Encontro (ANFOPE, 2000, p. 20). Neste sentido o Estado mobiliza uma formação em massa, por meio de cursos de licenciatura em regime emergencial, com formação aligeirada, desacompanhada de políticas públicas comprometidas em oferecer reais e dignas condições de trabalho. Não há uma política de valorização social e econômica do professor e, além disso, as condições de trabalho são insatisfatórias.

Não podemos deixar de considerar que existe uma distância entre a lei, as formulações de intenções e o real. “As relações institucionais produzem-se na referência de

suas funções sociais e no âmbito de suas relações sociais e de sua vida própria” (PINO, 2008, p. 19).

É de se esperar que aqueles que detêm a hegemonia econômica também queiram monopolizar a cultura, negando o conflito das lutas de classe, este objetivo é tentado com a ideologia neoliberal.

O neoliberalismo pretende desintegrar a função política da escola conduzindo-a para a esfera do econômico, uma vez que o modelo de homem neoliberal é o cidadão privatizado, consumidor. Dessa forma o professor ideal para a ideologia neoliberal é aquele que recusa a reflexão política. Desde o taylorismo/fordismo²⁵:

o novo tipo de produção racionalizada demandava um novo tipo de homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos da produção (...) seria necessário articular novas competências a novos modos de viver, pensar e sentir, e que fossem adequados aos novos métodos de trabalho caracterizados pela automação, , ou seja, pela ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho das tarefas (KUENZER, 2005, p. 79).

Dessa forma houve primeiramente o ordenamento do mundo da produção, desde o início do século XX até os anos de 1970, depois se expressa por princípios sob os quais se forjou um novo tipo de homem, o trabalhador parcelarizado, a produção em massa com a vida social disciplinada e rigidamente constituída. “Uma concepção de mundo que fornecesse ao trabalhador uma justificativa para a sua crescente alienação...” (KUENZER, 2005, p. 79). Essa hegemonia expressa uma reforma econômica, assumindo feições de uma reforma moral e intelectual, como explicita KUENZER (1985).

A escola constitui-se como uma das formas de materialização da divisão do conhecimento científico e do saber prático, isto é, o saber teórico divorciado da práxis, contribuindo para o aumento da alienação do trabalhador.

A pedagogia dominante no taylorismo/fordismo tinha por finalidade atender as demandas de educação de trabalhadores e dirigentes delimitando as fronteiras entre ações intelectuais e instrumentais. Os trabalhadores eram distribuídos em uma estrutura

²⁵ No contexto de se aumentar a produtividade do trabalho, surge o método de administração científica de F. W. Taylor (taylorismo): para ele o grande problema das técnicas administrativas existentes consistia no desconhecimento, pela gerência, bem como pelos trabalhadores, dos métodos ótimos de trabalho para assim diminuir o tempo ocioso. Uma vez descobertos, os métodos seriam repassados aos trabalhadores que se transformavam em executores de tarefas pré-definidas. Já o fordismo, acelera o conceito de produto único de forma a intensificar as possibilidades de economia de escala no processo de montagem e se obter preços mais baixos. Henry Ford com seu tradicional exemplo do Ford T, ao se valer da moderna tecnologia eletromecânica, desenvolve peças intercambiáveis de alta precisão que eliminam a necessidade de ajustamento. Sem a necessidade de ajuste, a montagem pode ser taylorizada, levando mecânicos semi-qualificados a se especializarem na montagem de pequenas partes (esteira rolante). O modelo de organização do trabalho taylorista/fordista impunha o trabalho prescrito no processo produtivo.

verticalizada e hierarquizada com a finalidade de produzirem bens materiais pouco diversificados em grande quantidade (em massa), atendendo demandas relativamente homogêneas, num processo rigidamente organizado, que não abriam espaço à criatividade e à participação significativa para a maioria dos trabalhadores. (KUENZER, 2005). As tendências pedagógicas taylorista/fordista privilegiavam ora a racionalidade formal, ora a técnica nas versões “conservadoras das escolas tradicional, nova e tecnicista” cindindo o pensamento da ação (KUENZER, 2005, p. 83).

Várias modalidades de fragmentação no trabalho pedagógico, escolar e não escolar decorreram do paradigma taylorista/fordista, segundo Kuenzer (2005), a dualidade estrutural onde se definem escolas de acordo com a classe e o papel social a elas destinadas; a fragmentação curricular divididas em áreas de conhecimento e disciplinas segmentadas entre teoria e prática; a formação de professores, nos moldes tayloristas, que promovem capacitação parcelarizada em disciplinas, agrupando profissionais das mesmas áreas, impedindo a discussão da totalidade da escola; a contratação dos profissionais da educação por tarefas, ou jornadas de trabalho, ou até mesmo por aulas a serem ministradas, dividindo-os em vários espaços, sem que estes possam desenvolver o sentido de pertinência à escola; a fragmentação do trabalho dos pedagogos nas diversas especialidades (esta fragmentação agora foi reeditada pela lei n. 9.394/96, no art. 64²⁶).

Este trabalho pedagógico fragmentado sustenta, ao longo dos anos, as demandas de disciplinamento do mundo do trabalho capitalista nas dimensões técnica, política, socioeconômica e comportamental.

A partir da década de 1990, ainda Kuenzer (2005) afirma que surgiram novas demandas de formação para o trabalhador, tais como a organização toyotista do trabalho, estas por sua vez, traduzidas em globalização econômica, reestruturação produtiva, políticas de Estado neoliberal, maior incorporação de ciência e tecnologia nos processos produtivos.

Sob a inspiração do toyotismo, busca-se flexibilizar e diversificar a organização das escolas e o trabalho pedagógico, assim como as formas de investimento. (...) na educação aperfeiçoam-se os mecanismos de controle, inserindo-a no processo mais geral de gerenciamento das crises no interesse da manutenção da ordem vigente (SAVIANI, 2005, p. 23).

Na pedagogia toyotista (terceira revolução industrial e produção flexível), as exigências sobre o trabalhador passam de habilidades mecânicas para competências

²⁶ Art. 64 – A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRZEZINSKI, 2008, p. 281).

cognitivas complexas. Há uma maior desfragmentação do trabalho, com o objetivo de evitar os desperdícios, não como proposta de recomposição da unidade do trabalho, mas para ampliação e valorização do capital, havendo um processo intencional de administração das crises para a manutenção da ordem.

Segundo Kuenzer (2005, p. 80) amplia-se “o conteúdo do trabalho ao substituir a linha pela célula de produção, onde um trabalhador cuida de várias máquinas” A atividade do trabalhador se esvazia, os requisitos para qualificação são reduzidos, intensificando o uso da força de trabalho ocorrendo, dessa forma, uma maior exploração.

Sobre o trabalho pedagógico, a proposta de superação da fragmentação significa o combate ao desperdício e aplicação de um enfoque empresarial na administração da escola. O princípio que fundamenta a pedagogia toyotista do trabalho é a flexibilidade. Esta é necessária para a organização da produção, segundo a demanda para a formação “do novo”. No caso da linha de montagem, a função dada aos trabalhadores, na pedagogia fordista onde se afirmava “deixa a máquina trabalhar” foi substituída pelas células de produção toyotistas, que são mais flexíveis e exigem um maior conhecimento. Neste caso, a flexibilidade, permite reunificar o trabalho pedagógico fragmentado, como, por exemplo, na elaboração do projeto político pedagógico por escola e comunidade juntas.

O trabalho, inclusive o pedagógico, experimenta hoje uma atividade mais polivalente de acordo com Kuenzer (2005). Porém percebemos que esta ação não supera o caráter de parcialidade e fragmentação destas práticas, nem tampouco, superam os limites da divisão e organização dos princípios da lógica formal.

Tais práticas estão inscritas no trabalho desenvolvido na universidade que é fragmentado, desdobrando-se em grade curricular, disciplinas, que por sua vez se dividem em disciplinas teóricas e a práticas. O estágio é uma disciplina prática e o estudante do curso de Pedagogia o realiza em quatro áreas: Gestão Escolar, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Prática Pedagógica na Sala de Aula. Estas áreas, apesar da quantidade de horas de estágio e disciplinas afins, o estudante de Pedagogia afirma que: não sai da universidade com competência suficiente para atuar em nenhuma delas, ou mesmo em apenas uma delas.

Esta realidade acima descrita inscreve-se nos conhecimentos dicotômicos, e são vivificados na cisão corpo e mente, mas consubstanciado na priorização da mente/intelecto.

Como afirma Melo (2004, p. 39)

Nada mais grave, nem triste, do que relações pedagógicas “descorporificadas”, ou seja, que ignorem o corpo como ancoradouro do ser

no mundo, lugar de necessária vivência de todas as suas esperadas aprendizagens. Ou, ainda, numa perspectiva negativa de corporeidade, valorizando o trabalho dito intelectual em detrimento do que exige maior participação corporal.

A escola é uma instituição que traz consigo formas peculiares de tratar o corpo, modelando-o de acordo com os interesses civilizatórios. Uma das inúmeras faces desse processo formativo, ou deformativo, é o constante esforço de negação do corpo. Negação que se manifesta no controle intenso sobre toda e qualquer ação, seja dos professores, seja dos alunos e funcionários, envolvidos por certa previsibilidade daquilo que ocorre ou pode ocorrer, em termos corporais, na escola. Esse esforço de negação corporal, não está descolado de um contexto mais amplo, uma vez que traz os traços de uma sociedade marcada pela história de dominação (OLIVEIRA, 2006).

Na atualidade estamos próximos a uma combinação de multitarefas com polivalência de funções, autodisciplina e desfragmentação com precarização e desregulamentação do trabalho. Está em curso um projeto educativo para o trabalho docente, que tenta desarticular a antiga pedagogia do trabalho docente e superá-la por uma nova pedagogia, mais flexível e que objetiva contar com uma maior participação dos professores. A conformação do trabalho docente, na atualidade, se expressa na articulação entre força e persuasão²⁷ e na articulação entre profissionalização e precarização. É necessário acrescentar que, embora cada uma das concepções seja típica de um tempo histórico específico, o surgimento de uma não significa a extinção da outra. Todas, de alguma forma, coexistem.

Pode-se perceber que, desde os fins da década de 1990, as políticas de formação inicial, continuada e de emprego para os professores da rede pública no Brasil promovem ações de redução e perda de conquistas no trabalho com investimento na formação docente inicial ou, como afirma Kuenzer (2005, p. 93), com “a tão em moda substituição da escolarização básica por cursos aligeirados de formação profissional, que supostamente melhorarão as condições de empregabilidade (...) ou a formação de professores nos Institutos Superiores de Educação, com licenciaturas quase plenas.”, precarizando a carreira do magistério.

²⁷ Situações que são apontadas por Arendt como ausentes de autoridade. Uma vez que a autoridade apresenta-se como “[...] contraposição à coerção pela força como à persuasão através de argumentos”. (ARENDRT, 1992, p. 129). Considerando que não se pode derivar autoridade da violência, seria possível propor, neste sentido, a persuasão e o uso do discurso como um dos elementos fundados na autoridade. Na verdade, a autoridade é totalmente incompatível com a persuasão. Dentre os pressupostos da persuasão, temos a igualdade, a ausência de dominantes e dominados. Contudo, a autoridade é o contraponto da igualdade. É essencialmente hierárquica e, como tal, funda-se na desigualdade.

Em outras palavras, percebe-se que as recentes reestruturações do trabalho docente levam a um novo projeto pedagógico de disciplinamento do trabalho docente. Esta nova pedagogia estrutura-se em um duplo aspecto, ou seja, de profissionalização no âmbito da formação e precarização das relações de emprego.

A maioria dos cursos de formação na modalidade EaD, no Brasil, contraria todos esses requisitos e se apresenta como uma forma de aligeirar e baratear a formação. A educação à distância, no Brasil, por isso mesmo, tende a ser pensada mais como uma política compensatória que visa a suprir a ausência de oferta de cursos regulares a uma determinada clientela, sendo dirigida a segmentos populacionais historicamente, já afastados da rede pública de educação superior (ANFOPE, 2002, p. 29).

Outra preocupação da ANFOPE (2002, p. 29) ocorre quanto à modalidade de educação a distância (EaD) na formação dos profissionais da educação. A associação entende que tanto a formação inicial quanto os programas de formação continuada não podem ocorrer com a utilização indiscriminada da EaD. Concorde-se com esta posição, pois se justifica que é necessário o encontro com o sujeito para o seu desenvolvimento total e os programas de EaD devem ser antecedidos pela formação inicial presencial.

Analisando mais profundamente estes aspectos percebe-se que a profissionalização da formação é precarizadora quando é oferecida aos professores individualmente. Neste caso, apesar de se conseguir uma maior qualificação, com maior status social, quando se oferece uma formação aligeirada, superficial e marcada pela fragmentação, com ausência de reflexão crítica, e uma formação continuada também fragmentada em áreas cada vez mais especializadas – fora do projeto político pedagógico da escola – conduz-se a uma desintelectualização e à precarização da categoria docente como um todo. Profissionaliza-se individualmente, mas coletivamente precariza-se os profissionais, paulatinamente, levando a retrocessos até mesmo das antigas conquistas. Pois dificulta as comparações entre as realidades, possibilidade de certas formas de protestos, reivindicações entre outros.

Ao mesmo tempo, percebe-se que a precarização das relações de emprego, incluindo as mudanças sobre o estatuto do magistério, os planos de cargos e salários e a carreira docente configuram uma precarização profissional. Quando se lança sobre o professorado a extinção ou a não-criação de postos de trabalho e das funções necessárias, arrochos salariais, estratégias de terceirização e flexibilização nas relações trabalhistas, estão-se buscando um processo de precarização das relações de trabalho.

Esta dimensão atinge o trabalho docente, tanto individualmente quanto coletivamente. Ao mesmo tempo, conduz os trabalhadores docentes a uma nova relação de

emprego e a se submeterem as novas formas de subsunção do trabalho, no modo de produção capitalista. Neste sentido, vivencia-se a contradição da profissionalização/precarização, observada na realidade e enunciada pela pesquisa bibliográfica, que se expressam como aspectos contraditórios de um mesmo movimento para educar os educadores para as mudanças ocorridas na sociedade como um todo. Esta precarização no processo de formação, nas condições de trabalho e salário, acrescida dos altos investimentos por aluno da educação básica no Brasil (R\$ 2.632 anuais) - sendo que o maior investimento está nas séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), com um custo de R\$ 2.946 por estudante ao ano²⁸ - tem levado à diminuição constante da demanda pelos cursos de licenciatura, que por sua vez por serem mais baratos e oferecidos prioritariamente e em quantidade elevada pelas instituições privadas, tem tido por clientela os filhos da classe trabalhadora, na realidade não passam por uma seleção e trazem consigo todo tipo de defasagem podendo ser contratados com baixos salários. Diante dessa falta de condições concretas, a questão da qualidade permanece irreal.

A luta pela constituição do curso de Pedagogia, tal qual conhecemos na atualidade, se fez nos movimentos sociais desde o Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932 até as Conferências Brasileiras de Educação (CBE) e das entidades de formação e valorização dos profissionais de educação nos Fóruns em Defesa da Escola Pública como: Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPEd), Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Centros/departamentos de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR). Entretanto como alerta Baldino e Afonso também o movimento sindical tem-se feito presente na luta pela formação/profissionalização do profissional da educação (2002, p. 96):

No conjunto dos movimentos sociais das duas décadas, o movimento sindical passou a incorporar, em suas agendas de lutas, a preocupação com a formação política e profissional, entendendo-a como permanente. Essa formação vem sendo realizada nos mais diferentes espaços, entre outros, nas convenções coletivas, nos fóruns, nos movimentos político-democráticos, nas centrais sindicais, tendo como a práxis como unidade constitutiva do processo educativo.

A realidade descrita, ao longo deste item, mostra que é necessário aprofundar o diálogo com professores, pedagogos, pesquisadores nos movimentos sociais e no sindicato a

²⁸ Valores anuais referentes a 2008. Fonte Inep/MEC. Tabela elaborada pela DTDIE/Inep.

partir das de suas entidades representativas na luta política em busca de uma pedagogia emancipatória da corporeidade/subjetividade.

2.2 Perspectiva Histórico-Curricular da Formação do Psicólogo

A luta pela constituição do curso de Psicologia, tal qual o conhecemos na atualidade, se fez se em dois diferentes espaços, o primeiro a área da educação e o segundo na área da saúde. Em termos institucionais, dois campos do conhecimento contribuíram para o início da profissionalização da Psicologia no Brasil: a Educação e a Medicina. Primeiramente a Psicologia, se aproximou da Educação, com a Reforma Benjamin Constant (1890), quando foram incorporadas noções de Psicologia nos currículos das Escolas Normais (SOARES, 1979). No século XIX, quando o Brasil deixa de ser colônia e transforma-se em Império, as idéias psicológicas vão sendo introduzidas, principalmente no âmbito da Educação e da Medicina, respondendo ao interesse de higienização da sociedade (BOCK, 2003).

A Psicologia foi convocada a complementar teorias pedagógicas, colaborando com o ensino escolar estruturado na eficiência, rapidez, produção de série, com alunos adaptados aos lugares que lhes são destinados ao modelo taylorista. Dessa forma, a psicologia no Brasil, no início do século XX, desenvolveu-se voltada para os aspectos relacionados à pedagogia positivista e experimentalista. Mais tarde, a Medicina revela-se como fundamental para a psicologia educacional nos âmbitos biológico e científico e na busca de diagnóstico e atendimento aos alunos “inaptos”.

Desde então, a principal atribuição do psicólogo escolar, na visão da sociedade, é atender o “aluno problema”, de forma individualizada e, frequentemente, baseada apenas nas queixas dos professores. Além disso, a falta de delimitação do seu campo de atuação e, principalmente, a falta de entendimento de outros profissionais da área da educação em relação a seu trabalho, contribuíram para a construção de uma imagem dúbia do psicólogo escolar, ora como figura ameaçadora e persecutória, ora como solucionador de problemas imediatos.

Neste período surgiu a abertura de escolas que se tornaram referência no Brasil, como o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, a Escola Normal de Niterói e de São Paulo e o *Pedagogium* no Rio de Janeiro. Em concomitância houve o desenvolvimento das idéias de saneamento e higienização das cidades, entendidas como material e moral, buscando uma

sociedade livre das desordens e dos desvios. A sociedade estava dominada pelas descobertas científicas.

No século XX, a Psicologia adquiria o estatuto de ciência autônoma na Europa e em seguida nos Estados Unidos. Na educação, o pensamento esteve marcado pelo movimento da Escola Nova, que colocou o indivíduo como eixo de sua construção, dando ênfase à preocupação cientificista, transformando as escolas em verdadeiros laboratórios. Nessa perspectiva, os castigos foram abolidos e substituídos pela vigilância disciplinar psicológica. Sabe-se que este tipo de mudança traz muitos prejuízos, uma vez que a vigilância psicológica é muito mais difícil de ser constatada e também de ser modificada. “Na busca de preservar a criança que cada um possuía dentro de si e acompanhar o desenvolvimento sem interferir muito em seu curso natural, a Escola Nova demandou conhecimentos da Psicologia do Desenvolvimento” (BOCK, 2003, p. 18), surgindo, assim, muitas teorias para embasar o trabalho pedagógico.

As ideias psicológicas foram também associadas à administração e à gestão do trabalho, baseadas no pensamento taylorista. A industrialização no Brasil fez novas exigências à Psicologia que, com sua experiência da Psicologia aplicada à educação, pode colaborar significativamente com um conhecimento que possibilitou a diferenciação entre pessoas, para a formação de grupos mais homogêneos nas escolas e a seleção de trabalhadores adequados para a empresa (BOCK, 2003, p. 18).

O desenvolvimento dos testes psicológicos possibilitou essa prática de categorização e diferenciação das pessoas. Em 1962, nesse lugar social, a Psicologia se institucionalizou no Brasil e foi reconhecida como profissão. Desde esta época a Psicologia esteve comprometida com os interesses das elites brasileiras, ora para o controle, ora para higienizar, ora para diferenciar e categorizar.

Esta Psicologia desenvolveu-se e fundamentou-se em concepções universais e naturais da subjetividade, com ideias que pensavam o homem e seu mundo psíquico de forma a entendê-lo como um ser natural, dotado de capacidades e características que, uma vez estimuladas e inseridas em um meio adequado, poderiam se desenvolver. Tem-se aí um homem que é responsável pelo seu próprio desenvolvimento, pelo seu sucesso ou fracasso. Cada um, com seu esforço próprio, garantia o seu desenvolvimento (BOCK, 2003).

A visão liberal pensa o homem a partir da noção de natureza humana, uma natureza que os iguala (veja que esta ideia era fundamental para quebrar a hierarquia do feudalismo) e que os dota de um potencial humano. Para o desenvolvimento deste potencial, ao homem deveriam ser dadas melhores condições de vida e liberdade, esperando que cada um se esforce

e aproveite ao máximo as condições oferecidas pela sociedade, possibilitando o desenvolvimento do potencial humano de cada um (BOCK, 2003).

Segundo esta visão, o homem está dotado de potencialidades que desabrocham conforme ele aproveita as oportunidades concedidas pela sociedade e quanto maior seu esforço maiores serão suas chances de desenvolvimento. Cada um é responsável pelo seu desenvolvimento na medida em que o aproveitamento das condições depende do esforço pessoal e das capacidades individuais.

As ideias liberais encontram-se neste raciocínio e serão responsáveis pelo desenvolvimento da concepção do “fenômeno psicológico” dominante na Psicologia, um fenômeno concebido de forma abstrata, enclausurado no homem, descolando-o da realidade social; algo corporal, do qual não se tem muito controle; visto como algo que, em determinados momentos de crise, domina o homem sem que ele tenha qualquer possibilidade de controlá-lo; algo que inclui “segredos” que nem eu mesmo sei; algo enclausurado, que é ou contém um “verdadeiro eu” (BOCK, 2003)

Cabe ressaltar que, segundo esta concepção, a sociedade aparece como algo que se contrapõe aos movimentos naturais do ser humano. A sociedade é algo oposto aos interesses naturais do homem. O “mundo externo” dificulta o pleno desenvolvimento do “mundo interno”; mundo interno e mundo externo ficam definitivamente separados; ciências diferentes são criadas para dar conta destas realidades tão diversas; a Psicologia, enquanto ciência do mundo interno, abandona qualquer vínculo mais profundo com a realidade social e cultural para pensar o homem isolado; para estudar o fenômeno psicológico como algo já existente no homem, que independe de sua relação com o mundo sócio-cultural para se constituir (BOCK, 2003).

Observa-se uma cisão no indivíduo: “de um lado o indivíduo para si, irredutível; de outro, o indivíduo para o outro, um suporte de papéis sociais pré-definidos” (FIGUEIREDO, 1991, p. 22). A Psicologia passa a conceber, então, seu objeto como algo em si; como algo dotado de forças próprias para se mover.

Bock (1999) compara este fato à história do Barão de Münchhausen que, quando cai em um pântano, deixa o cabelo crescer, joga-o, enlaça-o em um tronco e o usa para se puxar e sair do pântano. Neste sentido, a Psicologia tem concebido os sujeitos como responsáveis e capazes de promover seu próprio desenvolvimento. Assim, o homem se autodetermina, se autodireciona e se autodesenvolve e, quando isso não ocorre, deve ser corrigido. Neste

contexto, a ideologia²⁹ “aumenta sua eficácia na medida em que efetiva a interiorização ou a subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social, das relações de poder” (FRIGOTTO, 2004, p. 197).

Vale esclarecer que a Psicologia associa-se ao modelo da Medicina, ligada à área da saúde e como tal carrega o seu status. A prática profissional em Psicologia surge, então, carregada de uma perspectiva corretiva e terapêutica. Não poderia ser de outra forma, pois se cada indivíduo já é o que ele vai ser, dada a natureza humana da qual é dotado, a Psicologia só poderia se constituir enquanto prática profissional como um conhecimento e um conjunto técnico que faz o diagnóstico, aponta os desvios do desenvolvimento humano e re-encaminha, re-alinha, adapta e cura o indivíduo.

Sobre a relação da Psicologia com a Medicina, uma reflexão se faz necessária. Se por um lado a Medicina, através da Psiquiatria, criou condições para o desenvolvimento da Psicologia brasileira, dando-lhe status de uma ciência médica, por outro buscou apropriar-se do universo psicológico. Dessa forma, sua estratégia foi transformar a Psicologia em especialidade médica; um profissional subordinado ao médico, que exerce um papel complementar ao do médico³⁰.

Neste sentido, a Psicologia Clínica ganha cada vez mais espaço na sociedade, associando-se à ideia de doença/saúde, mas seu objeto de trabalho não é o corpo que adoce e sim o mundo simbólico. Seu objeto é o registro que os sujeitos fazem do mundo que os cerca, de seu cotidiano. Esse mundo estrutura-se, desestrutura-se, sofre, mas não fica doente, no sentido de adquirir uma moléstia ou enfermidade (BOCK, 2003).

²⁹ Ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera produção. Pelo contrário, a função da ideologia é de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, o Estado, a Família e o Nacionalismo (CHAUÍ, 1981, p. 113-114).

³⁰ Pode-se analisar, mesmo nos dias atuais, o Projeto de Lei do Ato Médico (PL nº 7.703/2006), na forma aprovada pela Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (CTASP), pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) e pela Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), que acaba com o direito de a população ter livre acesso aos serviços dos profissionais da saúde. Este projeto de lei estabelece que; somente após o diagnóstico nosológico (da doença) e da prescrição terapêutica feita pelo médico, a população poderá ser atendida por psicólogos e outros profissionais da saúde. Este PL transforma os profissionais da saúde em técnicos dos médicos.

Só uma noção naturalizante do mundo psicológico poderia ter chegado a essas conclusões, pois, segundo esta corrente, o mundo psicológico é natural, é da espécie, é da natureza humana, já está lá e será desenvolvido com o passar do tempo e das experiências.

A consequência mais evidente de tudo isto é que a Psicologia, em geral, torna-se uma ideologia, pois ajuda a acobertar as condições sociais ou a falta de condições que constituem o homem. Todas as qualidades e todos os defeitos humanos são analisados do ponto de vista da natureza. E tudo que foge à regra, ao esperado, ao comum é patologizado (BOCK, 2003).

O homem abre mão da possibilidade de, a partir do sofrimento psicológico, denunciar as condições de desigualdade de vida que geram sofrimento. A Psicologia se instituiu, assim, na sociedade moderna, no conjunto de sua prática, como uma ciência e uma profissão conservadora, ou mesmo resistente, que não constroem nem debatem um projeto de transformação social.

Em termos de mercado de trabalho, a partir das décadas de 1940 e 1950, o psicólogo passou a atuar, cada vez mais, nas áreas da educação e do trabalho (ESCH; JACÓ-VILELA, 2001). Porém, uma psicologia mais aplicada, como área profissional, só surge com a regulamentação da profissão de psicólogo, pela Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962.

Desde os primeiros estudos sobre a profissão³¹ de psicólogo, desenha-se um determinado perfil, com três áreas bem definidas, a Psicologia Clínica, a Escolar e a Industrial/Organizacional, com um grande predomínio da primeira. De fato, de acordo com levantamento de dados realizado pelo Conselho Federal de Psicologia em 1988, 55,3% dos psicólogos tinham na área clínica sua atividade principal, contra 19,2% na área organizacional, 11,3% na área escolar, 6,6% na docência, 2,8% na social/comunitária, 1,3% em pesquisa e 3% em outras áreas. Há marcadamente uma preferência pela atividade clínica, que apresenta um modelo de profissional liberal moldado à luz das profissões médicas, amplamente hegemônico (YAMAMOTO, 2003).

No ano de 2001, o quadro evidencia a manutenção hegemônica da atividade clínica, opção de 54,9% dos profissionais. Como segunda área mais procurada aparece a de saúde/hospitalar, com 12,6%. Muito próxima a esta área encontra-se a organizacional/trabalho (12,4%), seguida da escolar/educacional (9,2%), da de Trânsito (3,9%), da jurídica (2,5%), da docência (2,2%), da social/comunitária (1,7%), da de pesquisa (0,6%) e da de esportes (0,1%), como se pode observar no quadro a seguir.

³¹ Entendendo “profissão” como uma prática institucionalizada, socialmente legitimada e legalmente sancionada (NETTO, 1992).

Tabela 1: Quadro Comparativo da Situação dos Psicólogos Brasileiros de 1988 e 2001 em Relação à Área de Atuação

Área em que atua como psicólogo	1988*	2001
Clínica	55,3	54,9
Escolar/educacional	11,3	9,2
Organizacional/ trabalho	19,2	12,4
Docência	6,6	2,2
Pesquisa	1,3	0,6
Social/comunitária	2,8	1,7
Saúde/hospitalar**	-	12,6
Trânsito **	-	3,9
Jurídica **	-	2,5
Esportes **	-	0,1
Psicomotricidade**	-	-
Psicopedagogia **	-	-
Outros	3,0	-

Fonte: Informações do Conselho Regional de Psicologia (CRP-09) em dezembro de 2009.

* Os dados de 1988 referem-se a “emprego principal.”

**A pesquisa de 1988 não trabalhou com essas áreas, por não aparecerem ou por estarem agrupadas na categoria “outros”.

Os dados relativos a 2001 confirmam o perfil apresentado em 1988, mostrando que a área mais procurada continuava sendo a clínica. As áreas organizacional/trabalho e, escolar/educacional apresentam pequenas variações. Entretanto, há uma ampliação das oportunidades profissionais, com a abertura de novos campos de inserção profissional, observando-se a presença do psicólogo no campo do bem-estar social, de cunho preventivo e compensatório. Estas subdivisões são expressivas e trazem como consequência enfraquecimento dos movimentos reivindicatórios da categoria de psicólogos, bem como a ideia tão presente na atualidade que é individualismo acirrado.

A inserção do psicólogo no campo das políticas sociais vai ocorrendo paulatinamente, dando à Psicologia uma extensão da cobertura da atenção psicológica às várias camadas da população. Em 20 de dezembro de 1971 a Lei n.º 5766/71 cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia, entidades com a missão de normatizar, disciplinar, fiscalizar e orientar o exercício profissional, fator decisivo neste período inaugural, voltado para a criação e a regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Esta lei estabelece, em seu artigo 11, que "os registros serão feitos nas categorias de Psicólogos e Psicólogos Especialistas."

No ano 2000, por meio da Resolução CFP n.º 014/2000, é revogada pela Resolução CFP n.º 013/2007 e o Conselho Federal de Psicologia instituiu o Título de Especialista em Psicologia, que se caracteriza pelo reconhecimento da prática profissional do psicólogo, podendo ser obtido de três meios diferentes: concurso público, conclusão de curso de

especialização credenciado pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP – ou comprovação de experiência profissional.

Assim, o Conselho Federal de Psicologia, desde o ano de 2000, concedeu títulos de Especialista a um total de 17 mil psicólogos, em onze especialidades. Por meio da Resolução (n.º 013/2007), o Conselho Federal de Psicologia regulamentou 11 especialidades em psicologia para fins de registros de psicólogos especialistas no Sistema de Conselhos de Psicologia. São elas: Psicologia Escolar/Educacional, Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia do Trânsito, Psicologia Jurídica, Psicologia do Esporte, Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar, Psicopedagogia, Psicomotricidade, Psicologia Social e Neuropsicologia.

A seguir tem-se um quadro da atuação do Psicólogo do CRP - 09, que engloba os estados de Goiás e Tocantins.

Tabela 2: Quadro de Atuação do Psicólogo inscrito no Conselho Regional de Psicologia do Estado de Goiás e Tocantins no ano de 2008³²

Áreas de atuação	Quantidade	Porcentagem
Clínica	104	34,89
Escolar/Educacional	32	10,73
Organizacional/ trabalho	57	19,12
Docência	-	-
Pesquisa	-	-
Social/comunitária	3	1,0
Saúde/hospitalar	66	22,14
Trânsito	13	4,36
Jurídica	9	3,02
Esportes	1	0,33
Psicomotricidade	2	0,67
Psicopedagogia	0	0,00
Neuropsicologia	11	3,7
Total	298	100,0

Fonte: Informações do Conselho Regional de Psicologia (CRP-09) em dezembro de 2009.

Em relação à pesquisa desenvolvida em 2008, pelo Conselho Federal de Psicologia (CRP-09) nos estados de Goiás e Tocantins, a maioria dos psicólogos encontra-se na área Clínica (34,9%), número que diminuiu substancialmente e aponta o crescimento da área de saúde, que quase dobrou em número (22,14%), Em terceiro lugar aparece área de organização/trabalho (19,12%), seguida da escolar/educacional (10,73%), de trânsito (4,36%), jurídica (4,36%) e a neuropsicologia (3,7%) aparecendo as demais áreas como pouco significativas.

³² Em 2009, encontra-se em curso, pelo CFP, uma pesquisa nacional sobre a quantidade de psicólogos que possuem o título de Especialista em Psicologia no Brasil, nas diversas áreas. Assim tem-se, até o momento, os dados do CRP 09, que englobam somente os estados de Goiás e Tocantins.

Os dados confirmam a manutenção da hegemonia da atividade Clínica com relação às demais áreas de atuação, confirmando o perfil apresentado nas pesquisas nacionais dos anos anteriores.

Considerando-se o expressivo aumento do número de psicólogos formados no Brasil e com condições legais para o exercício profissional (aproximadamente 150 mil), é considerável o número de profissionais dedicados ao setor do bem-estar público. Se se pensar em tendências, o assalariamento do psicólogo é um processo em curso e de reversão historicamente improvável.

Considerando a agenda neoliberal no setor das políticas sociais, a probabilidade de envolvimento profissional do psicólogo no chamado “terceiro setor”³³ são mais promissoras que propriamente o desenvolvimento de trabalhos no âmbito do Estado, embora a tendência aponte para uma ocupação significativamente maior também no setor público, comparativamente às primeiras décadas após a regulamentação da profissão. Neste sentido, ficam ainda mais explícitas as políticas neoliberais.

É importante estabelecer que, nos termos como vem sendo conduzida esta discussão, a abrangência, abordada no contexto do “compromisso social”, vai além da abertura de mercado de trabalho: ela significa atingir determinadas parcelas da população, aquelas a que Campos (1983) se referia como “classes subalternas”.

Todavia, “compromisso social” não se restringe à abrangência da ação profissional do psicólogo, mesmo se tomada nesse sentido. É necessário avançar para uma discussão acerca da “natureza” de como esse compromisso é exercido e em que “direção” esse compromisso está sendo conduzido. Com relação à natureza, é útil lembrar, em primeiro lugar, a afirmação de Campos (1983) no que se refere à insuficiência da Psicologia em dar conta das novas exigências postas pela mudança do foco de atenção em direção às classes trabalhadoras. A ação do psicólogo no setor do bem-estar social, a partir dos relatos da literatura dos últimos anos, não tem se libertado das modalidades convencionais de atuação clínica informada pelas referências teórico-clássicas da Psicologia.

³³ A Lei n. 9.608, de 18.02.98 contém disposições sobre o serviço voluntário, assim entendido a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou à instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade, surge assim a ONG, “organização não governamental” que são instituições privadas, sem fins lucrativos, com características nítidas na idéia do “privado com funções públicas”. A lei 9790/99, mais conhecida como “a nova lei do Terceiro Setor” vem em direção à reforma legal que regula as relações entre Estado e Sociedade Civil do Brasil, esta trás como possibilidade a OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Com essas leis cria-se a possibilidade de desenvolvimento cada vez maior do terceiro setor, retirando as obrigações do Estado.

Atualmente pode-se constatar que a ampliação da ação do psicólogo para o campo da saúde pública (22,14% em Goiás e Tocantins) tem representado um aumento do mercado de trabalho do psicólogo, com a extensão das formas consagradas de ação para as classes sociais mais baixas, o que, na menor das hipóteses, abarca um aumento da “clientela”.

Com relação à direção, o segundo ponto assinalado, atuar com compromisso significa não somente superar o elitismo, mas dirigir a ação para rumos diferentes daqueles que têm consagrado a Psicologia. Explicitamente, BOCK (1999^b, p. 325) defende a tese de que “o trabalho do psicólogo deve apontar para a transformação social, para a mudança das condições de vida da população brasileira” e não estabelecer compromisso com a elite.

Na realidade, os dois aspectos adicionais à abrangência destacada articulam-se muito estreitamente. As questões postas pela tese da transformação social são as possibilidades e os limites da ação profissional. Para tanto, é necessário, ainda que brevemente, discutir o conceito de profissão. Nos estudos conduzidos sobre a profissão, prevalece uma visão endógena, na qual a ênfase recai, na prática, em detrimento do trabalho do psicólogo. Ou seja, são privilegiadas as preferências dos profissionais, as atividades e, os locais de trabalho, entre outros aspectos que são dimensões do trabalho do psicólogo, que é traduzir relações sociais determinadas, estabelecidas sob uma base econômica específica.

A atuação do psicólogo – enquanto trabalho – é uma das especializações inscritas na divisão social e técnica do trabalho, utilizando a definição de Yamamoto, (1998). Como tal, e na medida em que o trabalho assalariado passa a ser a forma específica de atuação profissional do psicólogo, ela se traduz, como no caso de qualquer outro trabalhador sob os preceitos do capital, pela venda de sua força de trabalho.

Sua reprodução na sociedade capitalista se justifica na medida em que, produzindo serviços que atendem a necessidades sociais, contribuem para o processo de produção e reprodução da mais-valia. Aqui, é imprescindível estabelecer um ponto: como profissão, ou seja, como uma “prática institucionalizada, socialmente legitimada e legalmente sancionada”, conforme Netto (1992), as condições materiais (consideradas as conjunturas específicas) impõem limites para a autonomia de qualquer profissão para definir seus rumos, mas não a condicionam unidirecionalmente.

Os riscos de interpretações equivocadas dessa questão são a assunção de duas posições opostas, ambas problemáticas: uma concepção fatalista, na qual as determinações materiais estabelecem os rumos profissionais e, portanto, conduzem a uma postura comodista e outra voluntarista, que defende posições messiânicas, extrapolando os limites profissionais e confrontando-os com os limites da realidade social (YAMAMOTO, 1998).

Portanto, ao analisar o significado e os limites da intervenção do psicólogo no terreno do bem-estar social, é necessário um duplo cuidado: ao mesmo tempo em que a crítica à reiteração das formas convencionais e inadequadas de intervenção clínica nas diversas modalidades de ação deve ser feita, é preciso evitar fazer exigências que vão além das possibilidades da ação profissional, que comporta uma dimensão política.

Nunca é demais lembrar que o psicólogo, “no limite [é] como um executor terminal das políticas sociais” (NETTO, 1992), atua nas refrações da questão social, transformadas em políticas estatais e tratadas de forma fragmentada e parcializada, sendo uma das formas privilegiadas a delegação para o “terceiro setor”. No campo do bem-estar social, atuar, seja nas instâncias estatais, cuja manutenção deve ser uma bandeira para os profissionais e para a sociedade, seja no “terceiro setor”, será sempre, no limite, uma intervenção parcial.

As políticas sociais funcionam mal, representando para as classes desfavorecidas acesso a algumas migalhas e favores, enquanto para os sujeitos das classes altas representa uma ocasião para desviar recursos públicos (DEMO, 2002). Assim, a visão assistencialista da pobreza normaliza esta situação, fazendo-a dependente de favores alheios.

O que pode “curar” a pobreza não são os benefícios, mas a constituição de “um sujeito social capaz de constuir sua própria história, individual e coletiva. (...) a expectativa assistencialista frente à pobreza, (...) leva a uma fé excessiva no Estado [e que cada vez se ausenta mais] e à desobrigação do sistema produtivo, deturpando pela raiz os horizontes da emancipação (DEMO, 2002, p. 16).

O ponto que se gostaria de defender aqui é legítimo e necessário à ação do psicólogo no campo do bem-estar público, mas, por si só, isso não representa um indicador do compromisso social no sentido proposto por Bock (1999). Mais ainda, determinadas formas de intervenção no setor público podem caminhar até mesmo na direção oposta, se considerar que um dos efeitos mais perversos da resposta capitalista à questão social é o atendimento equivocado e desqualificado.

Seja qual for o envolvimento da Psicologia: direcionado à prestação pública de serviços a uma parcela mais ampla da população brasileira, com a permanência nas posturas e práticas tradicionalmente definidas ou direcionadas ao desenvolvimento de novos modelos de intervenção, ambas necessitam ser colocadas em contexto, retomando considerações de duas ordens: a primeira delas diz respeito aos constrangimentos na base material da sociedade, que impõe limites e define características da inserção profissional dos trabalhadores, consideradas as suas especificidades, relacionadas ao seu *locus* na divisão social e técnica do trabalho. Enquanto categoria profissional, os graus de liberdade não são como é de uso corrente

imaginar, tão largos a ponto de permitir uma movimentação e/ou um redirecionamento livres de perturbações.

Em segundo lugar, levar em conta o contexto significa que qualquer perspectiva que se apresente para a Psicologia, enquanto profissão deve passar pela discussão acerca das novas formas de sociabilidade apontadas pelo mundo capitalista, que levam em consideração a reestruturação produtiva no mundo globalizado e sua incidência nas práticas sociais, além do impacto do neoliberalismo sobre a área do bem-estar. Entretanto, não se deve negar o papel dos atores sociais – os sujeitos da história –, na consideração do contexto (YAMAMOTO, 2007).

As determinações materiais não impõem configurações necessárias e imutáveis, dadas *a priori*, mas estabelecem limites – e o reconhecimento dos espaços de autonomia, ainda que relativa, é consequência da consideração do caráter contraditório das sociedades moldadas segundo o parâmetro do modo de produção capitalista. Neste sentido, embora tendo como premissa fundamental a negação de que a ação profissional (de qualquer categoria) possa vir a ser o eixo de transformações estruturais, as possibilidades de ação do profissional de Psicologia rumo a práticas diferenciadas também devem ser colocadas no contexto do papel do intelectual numa sociedade contraditória.

Nessa direção, o desafio posto para a categoria é ampliar os limites da dimensão política de sua ação profissional, tanto pelo alinhamento com os setores progressistas da sociedade civil quanto pelo desenvolvimento, no campo acadêmico, de outras possibilidades teóricas/técnicas, inspiradas em outras vertentes que não as hegemônicas da Psicologia (YAMAMOTO, 2007).

Observa-se a instauração, neste campo, de uma Psicologia que se aponta fundamentalmente como clínica, ora pautada numa prática experimental, envolvendo o comportamento observável (o comportamentalismo), um behaviorismo propositivo, operacional; ora priorizando a interpretação dos fenômenos inconscientes que levam o sujeito a ir em direção ao caminho por ele mesmo desconhecido (a Psicanálise). Estas são as duas grandes vertentes que orientam a formação do psicólogo.

Corroborando esta pesquisa, Petrelli³⁴ (2009), explicita que a prática inscrita no curso de Psicologia está voltada para a clínica. Assim, ele critica esta posição, afirmando que na clínica encontra-se um corpo enclausurado, fechado, um corpo a serviço da mente e não uma mente a serviço do corpo, como um instrumento ativo de uma ação que supera os limites, até

³⁴ Dados da entrevista concedida a pesquisadora, no dia 29 de outubro de 2009.

mesmo de um espaço fechado (clínica). Não é um corpo que Eugène Minkowski no livro *Tratado de Psicopatologia* (1966) diria ético, uma vez que a ação ética é de natureza política.

Então, a clínica criada, mantida por estas instituições acadêmicas ou universitárias, não é uma clínica social, nem uma clínica política, nem uma clínica comunitária. Ele continua:

O psicólogo tem um corpo fátuo³⁵ e a clínica às vezes acaba sendo ‘o sarcófago³⁶’ sem corpo. As clínicas são as sarcófagas da população, os tiram do mundo, do convívio com a população. De fato o corpo na clínica é um corpo fátuo, de aparência estética, mas uma estética inconsistente. Dado por uma só ética que é inconstrutiva (PETRELLI, 2009).

Essa concepção de homem intimizado, preocupado com o autoconhecimento e a auto-realização emerge em meados do século XIX, época cujo fim era segundo Politzer (s./d.), realizar uma investigação conceitual para estabelecer conceitos gerais, como de “consciência”, “memória”, “imaginação” etc., e por outro lado, eram incapazes de apreender e explicar os fatos vividos pelo indivíduo, uma tarefa que deveria caber naturalmente à Psicologia. Esse território é o lugar do refúgio, do íntimo, do privado, em oposição ao espaço público. Tenta-se preservar o eu, uma vez que o exterior parece desintegrar-se. O território do público não é só desqualificado e esvaziado, mas é identificado como o lugar do perigo, das doenças, da barbárie. As ruas devem ser evitadas; os coletivos despertam desconfiança.

Acredita-se que na sociedade capitalista, a formação ocorre segundo as necessidades do processo produtivo e traz no seu bojo o trabalho educativo fragmentado das sociedades industrializadas. Exige-se que o homem seja cada vez mais flexível. O fracasso e o sucesso são considerações individuais e associadas ao bem e ao mal.

Tem-se, assim a psicologização da vida social desse indivíduo, ao lado da meritocracia. O cotidiano é esvaziado politicamente; as relações de opressão, as explorações, as diversas formas de dominação são invisíveis e levadas ao território do psicológico, fazendo parte do psiquismo e da vida interior do sujeito. Além disso, tem-se um homem dividido, cindido, com um corpo enclausurado, já dado, inconsistente, um corpo em serviço.

Com forte apoio de argumentos moralistas – tão ao gosto do higienismo do início do século XX o objeto da Psicologia é transformado em conflitos, sonhos, ilusões, fantasias e mesmo patologias, fazendo abstrações que não apreendem o indivíduo concreto.

³⁵ Vem do termo: “fogo fátuo”, produto da combustão do gás metano gerado pela decomposição de substâncias orgânicas.

³⁶ Sarcófago que significa engolir, comer corpos, sepultura, lugar para enterrar os mortos.

Como afirma Politzer (s./d. p. 69), a psicologia fala do homem “por um lado e dos fatos psicológicos por outro. Com efeito, quando estuda os fatos psicológicos trata-os como se estivessem na terceira pessoa, e em seguida impõe a si mesma a obrigação de ligá-los a um sujeito”.

Politzer compreende a hipótese do inconsciente freudiano como um lugar de forças impessoais que determinam o sujeito e destroem sua autonomia na “terceira pessoa”, uma vez que os pensamentos inconscientes estariam entregues a si mesmos, independente da participação do sujeito, (do eu, “primeira pessoa”. Além disso, a Psicanálise traz um homem interior e "não há homem interior, o homem está todo no mundo", diria Merleau-Ponty na *Fenomenologia da percepção* (1996).

Mas não se pode negar a importância da Psicanálise no desenvolvimento da Psicologia. Freud deixou uma obra extensa, marcada pelo desejo de identificar a origem do sofrimento humano. Podem-se distinguir três níveis na disciplina fundada por Freud, segundo Laplanche (1998, p. 384-5):

- a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. (...).
- b) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. (...).
- c) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que sistematiza os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e tratamento.

Schultz³⁷ confirma a importância do psico-soma, da indivisibilidade corpo-espírito esclarece que Freud em seu estudo para conhecer, compreender, conceituar o Ego e o Id, explicita que a característica principal do Ego é ser consciente (...). Freud no seu livro *O ego e o Id e outros trabalhos* (v. XIX, p. 41), expressa que existe um pré-consciente perceptivo (Pcpt) que se comunica com o Ego e com o Id. O Ego é aquela parte do Id que, na representação gráfica de Freud (p. 38) e do ponto de vista tópico (de localização virtual), fica na superfície, sob a influência do pré-consciente. Para Freud (1996, p. 39),

o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se para substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id que contém as paixões.

³⁷ Dados da entrevista concedida no dia 04/05/2010 a pesquisadora, logo após a qualificação.

A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. (...) Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde quer ir, da mesma maneira o ego [o eu, o corpo] tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria.

O próprio corpo da pessoa constitui um lugar de onde podem originar-se sensações externas ou internas, sensação de dor, de prazer e estas se constituem em formas que nos levam à sensação ou percepção do nosso corpo. “O ego é primeiro e acima de tudo, um ego corporal” Freud (1996, v. XIX, p. 40-41). Assim o ego está encarregado da relação da percepção com a realidade. Isso significa dizer não que o Ego é análogo ao corpo, mas que a emergência da subjetividade se faz segundo a lógica corpórea da projeção. O corpo é, portanto, o corpo próprio, a primeira pessoa. Sentir dor informaria o ego sobre a existência de um corpo constituído de órgãos, tornando-lhe possível a representação interna do próprio corpo. O ego em última análise deriva das sensações corporais, de acordo com Schultz (2010).

Continuando, Schultz interpretando Freud esclarece que as faculdades de autocrítica e consciência, atividades mentais, classificadas como atividades elevadas são inconscientes e produzem inconscientemente efeitos da maior importância, como podemos perceber nos nossos insights. Assim é que temos a tendência a somatizar todas as vezes que as circunstâncias internas ou externas ultrapassam nossos modos psicológicos de resistência habituais.

Também não se pode deixar de assinalar a grande importância do comportamentalismo (o behaviorismo) e do positivismo, para o desenvolvimento da ciência, com seus métodos controlados, determinando o comportamento humano e animal. Foi a partir deste esforço, deste empenho, que houve o grande desenvolvimento científico dos laboratórios e das pesquisas experimentais no Brasil.

Uma parte da Psicologia que teve grande influência nas academias de todo o Brasil foi a fenomenologia, segundo Petrelli (2009):

A Fenomenologia recorre a Heidegger na filosofia, Biswanger na psiquiatria, Minkowski na psiquiatria e psicopatologia. Suas indagações constituíram a realidade presença, o *apriori* da existência (presença categoria *apriori* da existência). Mas esta presença é uma presença antes de tudo, (...) do corpo no mundo. A melhor frase do Evangelho de São João (Prólogo, no versículo: 14) “*Et verbum caro factum est...*”³⁸ Este deve ser uma espécie de

³⁸ “*Et Verbum caro factum est...*” citação em latim que significa: “o Verbo se fez Carne”.

paradigma de uma psicologia autêntica, íntegra, isto é “a palavra, o verbo se fez carne”. A consistência é o corpo, mais do que isto, a carne³⁹. E a psicologia, infelizmente traz uma idéia desencarnada, não apenas o corpo desencarnado. Nesta altura recorremos a Heidegger que afirma que o corpo é ferramenta, inclusive tem um dito português: “de corpo e alma”, isto é o existencialismo, a presença do corpo no evento, no fato, na história, senão vira uma esquizofrenia. (...) A pior esquizofrenia é a separação do corpo da alma. O eu do esquizofrênico castiga o corpo, o sacrifica, o torna inconsistente, fátuo, às vezes o eu do esquizofrênico faz com que o corpo seja desprezado. (...) Um objetivo da terapia psicológica é construir um corpo, para o eu, esteticamente contemplável ... e quando este corpo se constitui na sua eficiência, até a consistência estética muscular aumenta e o acompanha. Por que uma mente sem corpo seria, nada de mais absurdo, diriam os antigos romanos e os filósofos: idéias desencarnadas e estas são delírios.

Petrelli (2009) propõe uma psicologia fenomenológica, afirmando que a fenomenologia “é um *modus vivendi* que transforma qualquer experiência de vida, experiência de mundo, em um conhecimento essencial, não separável da experiência e dá a esta uma abertura transcendente” que, segundo Petrelli (2001, p. 32), não se fecha no seu próprio âmbito epistemológico-metodológico, muito menos fica preso nesse estado de encapsulamento. A fenomenologia é mais que materialista, porque leva a coisas concretas, leva “a coisas mesmas”, segundo Husserl (1996), antes de tudo coisa e corpo, consciência do próprio corpo e, além, um “ser-no-mundo”, e, segundo Heidegger (1999), um ser em relação.

Pode-se afirmar, numa leitura da realidade contemporânea, relacionando o capitalismo à esquizofrenia, que o sujeito na esquizofrenia percebe o mundo de forma dissociada e fragmentada, tal qual ocorre no capitalismo, que fragmenta a subjetividade do sujeito, que não se reconhece no seu fazer, no seu trabalho. “Os produtos do trabalho humano, inclusive as conquistas científicas e tecnológicas, tornam-se independentes de seus produtores, passam a ter vida própria e a ser expressão do capital, proprietário dos meios que as produziram” (MACHADO, 2002, p. 178).

O capitalismo transforma cada trabalhador, submete-o à desconstrução de sua subjetividade. Conduz cada um à voluntária alienação do significado de seu trabalho, de forma a produzir, com essa nova significação, uma voluntária adesão ao sistema que o conduz ao limite físico da resistência ou até mesmo da doença, em nome da eficiência e de uma solidariedade às avessas, em que um trabalhador estimula o colega a um maior sacrifício, para que todos atinjam a meta de produção.

³⁹ Carne, sujeito encarnado: elemento único no qual estão envolvidos corpo e espírito, sinal e significado, como um estilo do ser. Segundo Merleau-Ponty (1984, p. 225), “isso quer dizer que meu corpo é feito da mesma carne que o mundo (é um percebido), é que para mais essa carne de meu corpo é participada pelo mundo, ele a reflete, ambos imbricam mutuamente...”

No segundo semestre de 2006, após amplas discussões, foi implantado no curso de Psicologia desta universidade

o novo Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia que aponta a definição de um eixo epistemológico que garanta a formação baseada numa perspectiva totalizadora, interacionista e construtiva do profissional de Psicologia. Outro aspecto importante a considerar reside no fato de que essa opção orienta a seleção de conteúdos fundantes da Psicologia, de forma a prover o aluno dos instrumentos do pensamento, permitindo a ele desenvolver a sua formação e, desta forma habilitá-lo, também, a se ajustar ativamente no mundo do trabalho em contínua transformação. (*Projeto Político Pedagógico do curso de Psicologia, 2006*).

É interessante explicar que esta nova opção se refere a um enxugamento no curso, “sem a perda dos conhecimentos essenciais”, segundo o próprio Projeto Político Pedagógico (2006), incidindo na redução do número de créditos, que agora variam de 20 a 30 créditos por semestre, com o objetivo de diminuir o custo para o aluno e equalizar os períodos, mas trazendo um diferencial: a prática ocorrerá desde o primeiro semestre do curso, entrelaçada à teoria.

Este novo curso de Psicologia, implantado a partir de 2006/2, passa a dar ênfase a processos psicossociais, abrangendo Psicologia Escolar e Educacional, a Psicologia social e a Psicologia das Organizações e do Trabalho; enfatiza também processos de avaliação clínicos e de saúde, abrangendo a Psicologia Hospitalar e da Saúde e a Psicologia Clínica com as seguintes opções: Comportamental (Behaviorismo), Gestalt, Psicodrama e Psicanálise, com os seus respectivos estágios.

Sabe-se que não adianta haver mudança curricular se não houver uma mudança real, concreta, epistemológica e ética da prática educativa. Percebe-se a necessidade do acompanhamento e da revisão curricular dos cursos de Psicologia rumo à aquisição de instrumentos filosóficos e políticos que lhes permitam pensar a Psicologia a partir de outros ângulos, com o intuito de formar intelectuais e não técnicos para a aplicação mecânica de procedimentos de avaliação e de psicoterapia dos quais desconhecem o fundamento. Só assim poder-se-á superar três situações, segundo Patto (2003, p. 35),

lamentáveis defesas emocionais e corporativas de opiniões, que impedem debates epistemológicos, ética e politicamente fundamentados. b) a formação cada vez mais precária de psicólogos que vêm reduzindo a complexidade da psique a conceitos mergulhados no mais absoluto senso-comum (...). c) a crença que basta exercer a profissão junto aos pobres para estar incluindo a Psicologia num projeto emancipador.

É preciso considerar não só os limites e as possibilidades de uma sociedade mais justa, mas também os limites e as possibilidades da Psicologia, de seu conjunto de teorias e técnicas que não são neutras. Com a reflexão e a superação da ideologia presente na Psicologia, é possível consolidar um novo compromisso de trabalho em nome dos direitos humanos e do fim das desigualdades sociais.

CAPITULO 3

O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E OS EFEITOS NA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE

O processo de escolha do curso de Pedagogia ou de Psicologia com o objetivo de formação para o trabalho não depende apenas do livre jogo de oferta e procura, mas também de outros fatores, tais como os de natureza psicológica, sociológica e física. Também, a informação que os indivíduos possuem a respeito das ocupações, o custo da preparação profissional, isto é, dos investimentos sociais, econômicos e financeiros que, em dada sociedade, cada classe social pode investir para se qualificar. Crites (1974) assinala que entre estes fatores, encontram-se “razões pessoais”, considerações irracionais (não-clarificadas) baseadas em hábitos, prestígio das ocupações e requisitos técnicos detidos pelo indivíduo.

A escolha está sempre circunscrita a determinações sociais, como muito bem explicitaram os alunos do curso de Pedagogia, no qual um dos principais determinantes na escolha foi o baixo preço desta “mercadoria” em relação a outros cursos e o menor tempo para integralizá-lo. Na realidade, o que o futuro profissional faz é escolher um entre os mais variados cursos de licenciatura, com preço equivalente e que poderiam ser cursados em menor tempo.

O fator mais importante na determinação vocacional de um indivíduo é a influência da cultura e da sociedade em que vivem, segundo Crites (1974), em conformidade com as metas e os objetivos que aprendem a valorizar durante o seu processo de desenvolvimento.

Assina-se que outro fator de suma importância é a percepção que o indivíduo tem de sua condição sócio-econômica, expressa sob a forma de posses, bens, regalias, privilégios ou pela ausência destes bens e posses.

As teorias psicológicas e não-psicológicas da escolha profissional tendem a estabelecer polarizações entre sociedade e indivíduo. Tais polarizações e reduções desconsideram as experiências cotidianas do homem, como é o caso de escolhas que congregam em si ação, reflexão, emoção, materialidade, interação social, econômica e política, entre outras. A experiência individual é particular, de acordo com Heller (2000), mas contém em si toda a carga da estrutura genérica da sociedade onde se realiza.

O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Na vida cotidiana, a esmagadora maioria da humanidade jamais deixa de ser [...] unidade vital de particularidade e genericidade. Quanto mais intensa é a motivação do homem [...] pelo humano-genérico, tanto mais facilmente sua

particularidade se elevará [...] à esfera da genericidade (HELLER, 2000, p. 20-23).

Passa, assim, a existir uma relação consciente do indivíduo com o humano-genérico sem que isso signifique uma abolição da particularidade, pois esta se faz segundo os dados da realidade, na qual as necessidades encaminham o indivíduo para o mundo do trabalho. A escolha profissional guarda, em si, uma complexidade de possibilidades e não possibilita divisão entre corporeidade/subjetividade e formação/profissionalização.

3.1 Dados da Realidade: o mundo do trabalho e as necessidades dos alunos de Pedagogia e de Psicologia

Tendo como objetivo investigar as mudanças ocorridas no processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia, que buscam no ensino superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida, em uma universidade na cidade de Goiânia, *locus* de formação/profissionalização inicial para o trabalho, realizou-se a presente pesquisa.

O interesse maior foi pesquisar a formação profissional manifestada por meio da corporeidade/subjetividade dos estudantes de Pedagogia e Psicologia. Para tanto, foi necessário conhecer como os alunos ingressavam nos cursos e como terminavam a sua formação inicial. Assim, pesquisou-se o início, (primeiro e segundo períodos) e o penúltimo ou o último período dos dois cursos.

Os dados da pesquisa foram tabulados e transformados em tabelas e gráficos, apresentados a seguir.

Tabela 3: Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa: curso, frequência, porcentagens da amostra em relação às variáveis sócio-demográficas

Variáveis	Pedagogia		Psicologia	
	Frequência (N)	%	Frequência(N)	%
Período				
1ª ao 2º	15	40,5	37	36
5º ao 7º	21	56,8	1	1
8º ao 10º	1	2,7	66	63
Turno				
Matutino			49	47

Vespertino			4	4
Noturno	36	97,3	46	44
Integral	1	2,7	5	5
Idade				
16-18	3	8,1	15	14,3
19-21	5	13,5	24	22,9
22-25	3	8,1	38	36,2
26-30	13	35,1	17	16,2
31-35	9	24,3	4	3,8
36-39	3	8,1	2	1,9
Acima de 40	1	2,7	5	4,8
Não respondeu				
Sexo				
Feminino	35	94,6	90	86
Masculino	1	2,7	14	14
Não respondeu	1	2,7		
Cor				
Branco	16	43,2	59	56,2
Negro	7	18,9	4	3,8
Pardo	12	32,4	41	39
Índio	1	2,7		
Não respondeu	1	2,7		
Estado civil				
Solteiro	21	56,8	84	80
Casado	14	37,8	13	12,4
Viúvo			1	1
Separado	2	5,4		
Mora junto			3	2,9
Não respondeu			3	2,9
Trabalha				
Sim	31	83,8	50	47,6
Não	5	13,5	54	51,4
Não respondeu	1	2,7		
Renda Familiar				
Menos de 4 salários	8	21,6	15	14,3
4 salários	7	18,9	13	12,4
5 salários	5	13,9	14	13,3
6 a 7 salários	7	18,9	25	23,8
8 a 9 salários	2	5,4	11	10,5
10 salários	3	8,1	10	9,5
Mais de 10 salários	2	5,4	11	10,5
Não respondeu			5	5,7

Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora, 2008/2009.

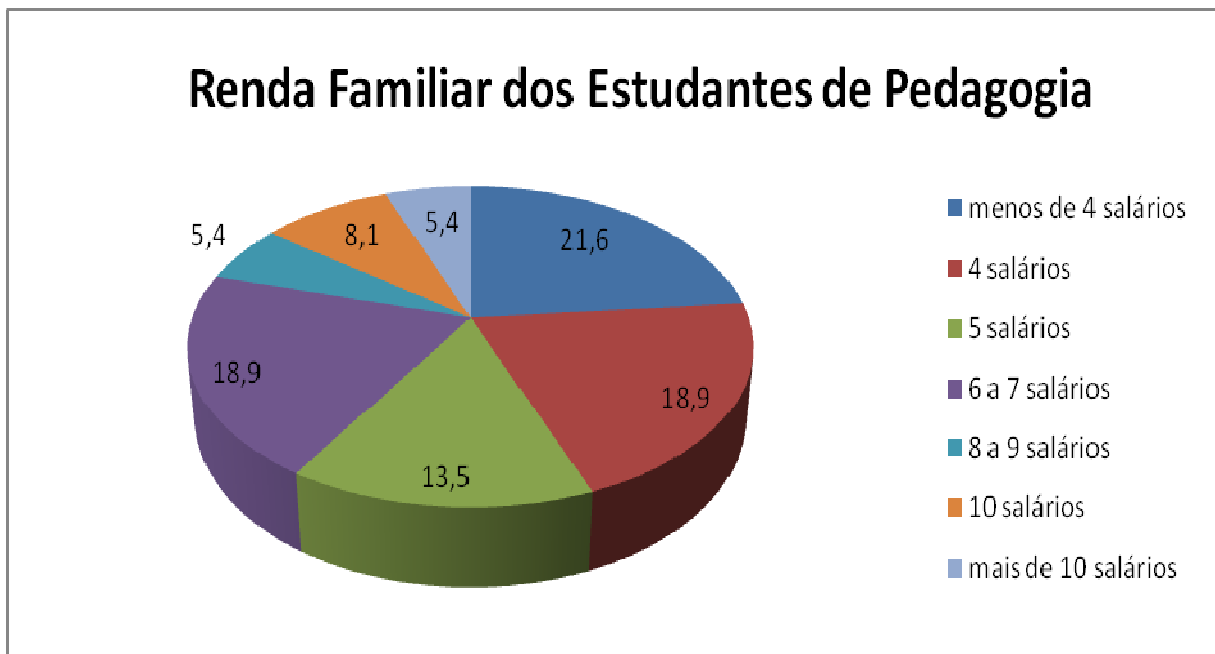
No curso de Pedagogia foram pesquisados 40,5% dos alunos (as) do primeiro e do segundo períodos e 56,8% do quinto ao sétimo períodos, pois este curso tem em média três anos e meio, isto é, sete períodos.

Já no curso de Psicologia foram pesquisados 36% alunos (as) do primeiro e do segundo períodos e 63% do oitavo ao décimo períodos, uma vez que este curso é oferecido em cinco anos, isto é, tem em média dez períodos. (Dados da tabela 3)

Entre os respondentes da pesquisa, 97,3% do curso de Pedagogia frequentavam o período noturno e 2,7% o período integral (currículo antigo); 44% dos alunos do curso de Psicologia frequentavam o turno noturno, 47% o turno matutino, 4% o vespertino e 5% faziam o curso em período integral (currículo antigo). A grande maioria dos estudantes de Pedagogia estudava no período noturno, ocorrência que pode ser explicada pelo fato de 83,8% destes estudantes trabalharem e apenas 13,5% não trabalhar. Em relação aos estudantes de Psicologia, 47,6% trabalhavam e 51,4% não trabalhavam.

A universidade, como se sabe, não é homogênea. As exigências de cada curso são distintas. O curso de Pedagogia, com mensalidade média de um salário mínimo, acontece em sete períodos e a maior parte dos (as) alunos (as) é proveniente da classe trabalhadora e da classe média baixa, com renda familiar que variava de menos 4 a 7 salários mínimos (72,9%)⁴⁰ (ver gráfico 1) e 71% cursaram o ensino médio em escolas públicas.

Gráfico 1: Renda Familiar dos Estudantes de Pedagogia

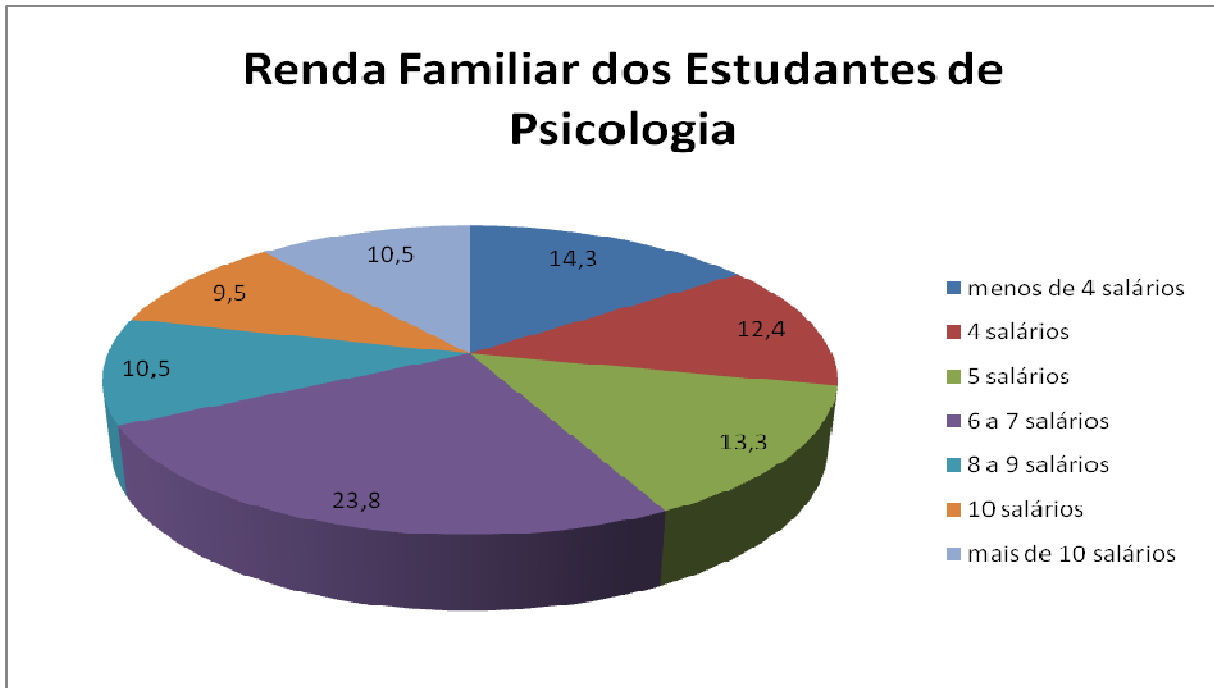


Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009).

⁴⁰ Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009). Estes dados são corroborados pela pesquisa sobre o perfil dos calouros do curso de Pedagogia de 2008/1 e 2008/2, desenvolvida pela Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE) desta universidade, juntamente com a Comissão de Vestibular.

Dos alunos do curso de Psicologia, cerca de 33,7% cursaram o ensino médio em escolas públicas, esta realidade se justifica devido ao diferencial de renda familiar destes estudantes variarem de menos 4 a 9 salários mínimos (74,3%).

Gráfico 2: Renda Familiar dos Estudantes de Psicologia



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009).

Dos alunos do curso de Pedagogia, cerca de 65% cursaram o ensino médio em escola pública, o acesso ao ensino superior têm sido possível com bolsa de estudos, cerca de 37,32% nesta universidade a possuem, em decorrência da baixa renda familiar, enquanto entre os alunos de Psicologia cerca de 20,5% eram bolsistas. Os demais alunos de ambos os cursos pagavam as mensalidades integralmente.

Entretanto, os alunos de Pedagogia, em sua maioria, têm afirmado que a quitação da mensalidade tem-se realizado com grande dificuldade, que vai desde a utilização de variados tipos de financiamento até a prorrogação da dívida o máximo possível, chegando até mesmo a se formarem e continuarem pagando a dívida por vários anos (até cinco anos) a partir das renegociações efetuadas.

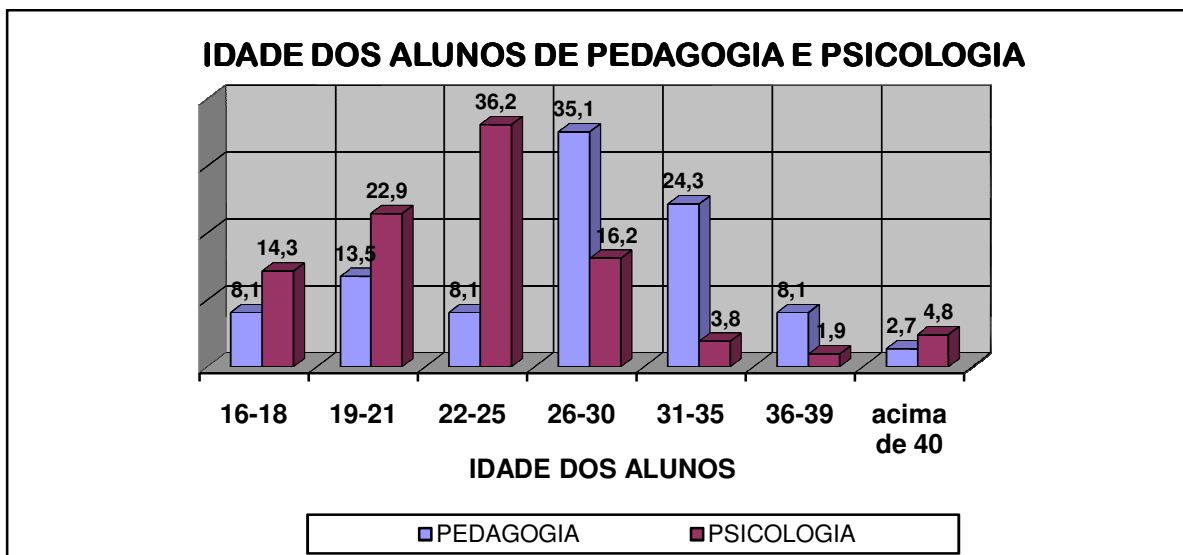
O curso de Psicologia é mais longo – tem dez períodos. Apesar de não ser de horário integral, o curso, na realidade, impõe muitas horas de trabalho a mais do que as horas curriculares explicitadas, pois é exigida disponibilidade de horário em outro turno, o que não é comunicado claramente para o aluno quando do seu ingresso.

Tais exigências compõem as horas-extras de trabalho em laboratório, de estágios não remunerados e de atividades extraclasse. Por exemplo: a disciplina Psicologia da Gravidez, dentre outras, têm aulas na universidade e em campo (maternidade) e o aluno tem de se submeter a um horário extra para a realização da parte prática, que será indicado, neste caso, pelo hospital. Também a avaliação do aprendizado obedece a critérios rígidos. Na Pedagogia os critérios são mais maleáveis, provavelmente porque o professor já aceita que os alunos de Pedagogia são trabalhadores/alunos.

Considerando a heterogeneidade do sistema de ensino superior no que se refere ao valor da mensalidade, o curso de Psicologia é bem mais caro (quase dois salários mínimos por mês) e o curso de pedagogia é mais em conta, chegando a um salário mínimo por mês. É evidente que a combinação do estudo com o trabalho depende das facilidades ou das dificuldades que cada curso impõe e das condições sócio-econômicas concretas de cada estudante.

Quanto a idade dos alunos de ambos os cursos, observa-se que os estudantes do curso de Psicologia, cerca de 59,1% entraram mais cedo na universidade, ou seja, na faixa etária entre 19 e 25 anos (Gráfico 3), em comparação com estudantes de Pedagogia, em que cerca de 59,4% ingressaram no curso entre 26 e 35 anos, como demonstra o Gráfico 3:

Gráfico 3: Idade dos Alunos de Pedagogia e Psicologia



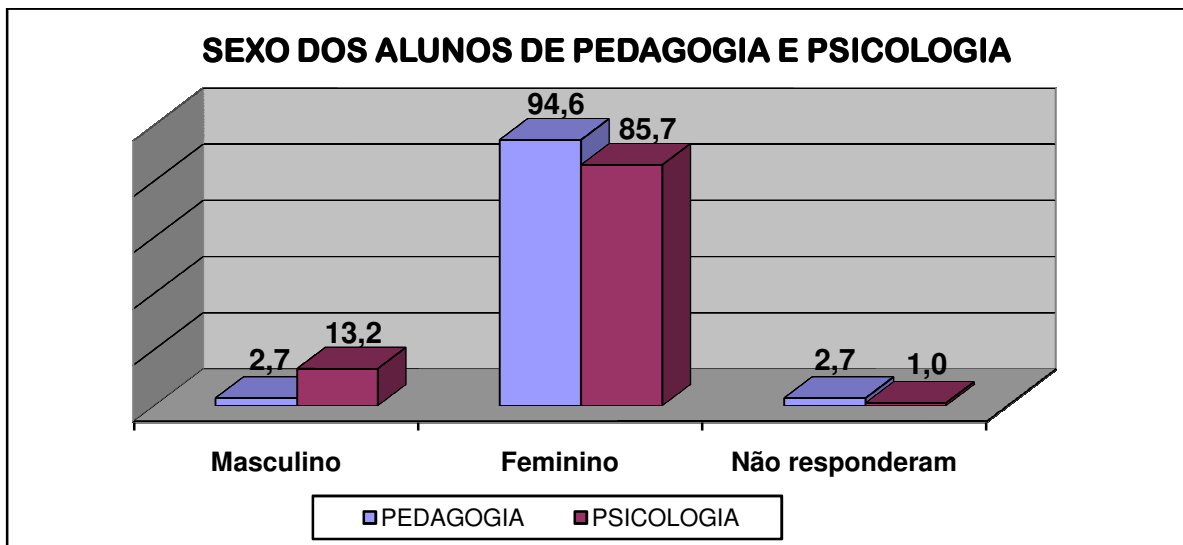
Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009).

Consideraram-se brancos em primeiro lugar 43,2% dos estudantes de Pedagogia e 56,2% dos de Psicologia e pardos em segundo lugar (32,4% pedagogia e 39% em psicologia).

Predominam os solteiros em ambos os cursos, com 56,8% em Pedagogia e uma média mais elevada (80%) no curso de Psicologia (ver tabela 3)

A característica marcante nestes dois cursos é o fato de as mulheres constituírem a maioria dos alunos, sendo 94,6% dos alunos do curso de Pedagogia do sexo feminino e, no curso de Psicologia, 85,5% são do sexo feminino.

Gráfico 4: Sexo dos Alunos de Pedagogia e Psicologia



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009).

Apesar do grande número de alunos (as) do sexo feminino, ambos os cursos, em seus currículos, tratam esta característica como se fosse de pouca importância, ignorando ideologicamente as questões de gênero. Assim oferecem disciplinas, programas e linhas de pesquisa somente em caráter optativo, no que se refere a questão de gênero.

Dada a importância de tal característica, os sujeitos históricos aqui pesquisados, em sua maioria, são mulheres que cursam Pedagogia e Psicologia, formações/profissionalizações “feminilizadas”. Tal formação se faz no universo simbólico da corporeidade e das representações do mundo feminino que, segundo Kergoat (2003), validam a profissão de cuidadora, no espaço público profissional/educacional, como uma extensão das características biológicas e intelectuais do trabalho doméstico. Formações/profissionalizações como essa sustentam-se em pautas de conteúdo científico que são complementadas simbolicamente pela prescrição do papel social da mulher como (mãe), cuidadora.

A característica acima apontada, tem de ser considerada em sua dimensão sócio-histórica de sociabilidade do capital, o que será feito a seguir ao se interpretar as dificuldades

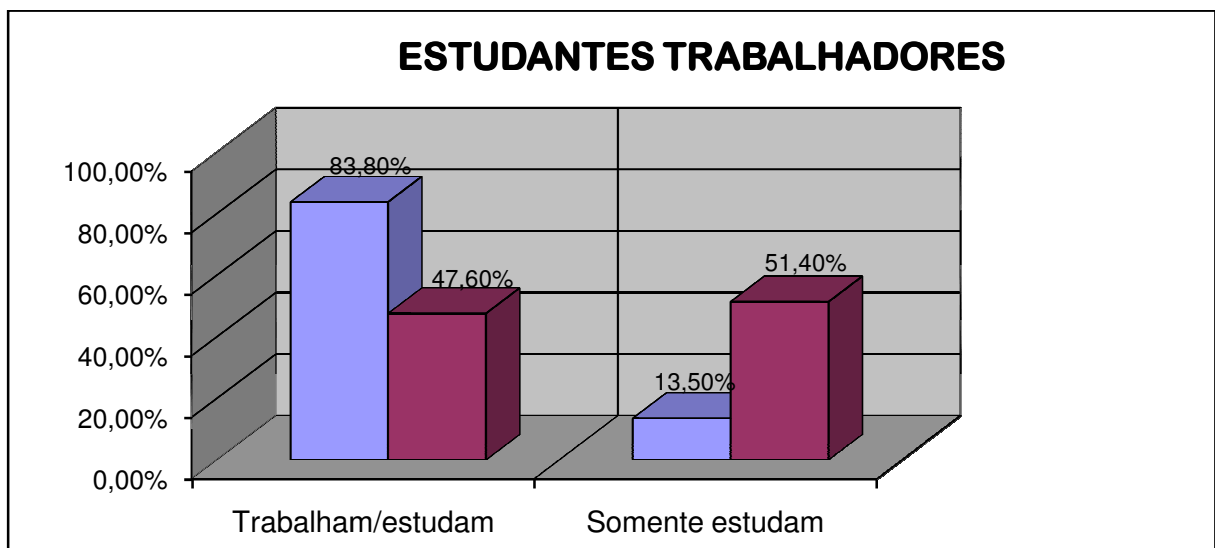
enfrentadas pelos (as) alunos (as) que trabalham e estudam, numa conciliação difícil para o sexo feminino.

3.2 Trabalho e Renda

O individuo se faz humanizado enquanto síntese das relações sociais decorrentes do trabalho, e é nesse sentido que trabalho, renda, formação, corporeidade e subjetividade levam à historicização da inserção dos alunos dos dois cursos no mundo do trabalho.

Os dados da pesquisa empírica apontaram que a grande maioria dos(as) alunos(as) do curso de Pedagogia (83,8%), em virtude de sua origem sócio-econômica, trabalha e estuda; somente 13,5% apenas estudam e não trabalham. Já entre os alunos do curso Psicologia, 51,4% somente estudam e 47,1% trabalham e estudam (gráfico 5).

Gráfico 5: Estudantes do Curso de Pedagogia e Psicologia: trabalham/estudam e somente estudam



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora (2008/2009).

Verificou-se que o motivo de os alunos de ambos os cursos trabalharem ou não e ao mesmo tempo estudarem ocorreu devido ao ingresso precário e antecipado de um percentual significativo deles no mundo do trabalho, pois, entre os estudantes do curso de Pedagogia cerca de 13,5% começaram a trabalhar antes dos 14 anos; 40,5% começaram entre 14 e 18 anos e 37,8%; a partir dos 18 anos. Diferentemente, constatou-se que entre os alunos do curso de Psicologia apenas 5,7% começaram a trabalhar antes dos 14 anos, 33,3% dos 14 aos 18 anos e 34,3% acima dos 18 anos.

As entrevistas a seguir mostram as dificuldades enfrentadas pelos alunos dos dois cursos devido a sua inserção precoce e precária no mercado de trabalho.

3.2.1. Inserção precoce e precária no mundo do trabalho

Os depoimentos a seguir mostram a duríssima realidade dos alunos tanto da Pedagogia quanto da Psicologia que se inseriram precocemente no mercado de trabalho precarizado. A inserção inicial dos estudantes de Pedagogia no mundo do trabalho se deu, no universo pesquisado, de forma precoce: 13,5% começaram a trabalhar antes dos 14 anos, 40,4% começaram a trabalhar dos 14 aos 18 anos e 37,8%, acima dos 18 anos. Num total de 53,9% antes de 18 anos.

Nos depoimentos, dois estudantes do curso de Pedagogia – Marinete, Waldir – assim responderam à questão “com quantos anos você começou a trabalhar?”

Marinete/Pedagogia - Desde os treze anos de idade eu trabalho. Nasci em Conceição do Araguaia. Então, mesmo lá, eu já comecei fazendo pequenos trabalhos. Comecei a trabalhar de babá! Então, desde lá...

Waldir/Pedagogia - Depois que meu pai faleceu, eu tinha onze anos, saí para trabalhar, comecei a olhar carros, vender umas coisas na feira [pensativo], comecei com onze anos mesmo.

Nestes dois casos fica evidente a necessidade de os jovens se inserirem no mercado de trabalho precocemente, uma vez que isto definia a própria subsistência da família, o que os levou a desenvolverem atividades de pouco prestígio e baixa remuneração, sendo que nesta época, estes nem haviam completado o ensino fundamental. É evidente que Waldir e Marinete não fizeram, nesse momento, qualquer escolha ocupacional, considerando como tal a opção por uma ocupação específica. Evidencia-se, nesta situação, a impossibilidade de viverem plenamente esta fase do seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social de forma construtiva, já que necessitavam produzir a própria manutenção e a de suas famílias.

Fica evidente, nestes depoimentos, o atraso escolar, a dificuldade de se prepararem para o mercado de trabalho, a pouca possibilidade de estudar, ler e se informar. No entanto, suas ações iam em direção a uma expectativa maior, isto é, sobreviver, por isso se encaminham para o curso de pedagogia, um dos poucos que puderam, com dificuldade, pagar, uma vez que eram bolsistas. Cabe esclarecer que as bolsas são parciais e cobrem apenas 45% da mensalidade.

Nos depoimentos de Ana e Luciana abaixo ficaram explicitados projetos e planos de desenvolvimento para o futuro.

Ana/Pedagogia - Aos 16 anos comecei a trabalhar, trabalhei numa loja de fotografias no interior, em Porangatu. [...] Vim para Goiânia em busca de melhores condições e, outra coisa, porque a cidade [Porangatu], por ser pequena, não oferecia muita perspectiva. Então, minha irmã veio para Goiânia e eu vim morar com ela.

Luciana/Pedagogia - Bom, eu trabalho desde que comecei o magistério, com 16 anos. Terminando o magistério, eu já substituía professores nas escolas particulares em Minas, e depois eu fui sempre substituindo, trabalhei na Prefeitura em Minas, trabalhei com excepcionais nas escolas, na APAE, que eu achei uma experiência formidável, trabalhei com séries diferenciadas, em cidades diferenciadas, e alternadamente. Eu estive ausente do Brasil por alguns anos, retornei agora. Nesse retorno, eu vim para Goiás [meu marido é daqui].

Do ponto de vista da legislação trabalhista brasileira, o indivíduo estará legalmente apto ao trabalho a partir de 16 anos. Entretanto, a CLT, em seu artigo 402, considera menor o trabalhador entre 14 e 18 anos. Porém, o maior de 16 anos de idade pode ter carteira de trabalho, embora haja previsões específicas para aprendizes na faixa etária de 14 a 24 anos, com base no fato de que 18 anos é a fronteira etária que marca o momento em que a escola e o trabalho têm importância equivalente, a partir da qual o trabalho torna-se a atividade principal (ROCHA, 2008). Na verdade percebem-se contradições no modo de lidar com esta problemática, trabalho precoce.

Nos casos de Clara, Melissa e Patrícia, há dedicação exclusiva à escola até os 18 anos, quando se inseriram no mercado de trabalho, aliando-o ao estudo.

Clara/Pedagogia - Quando era solteira, trabalhei como vendedora, como secretária [ficou pensativa]. É, parece que foi como vendedora e secretária, não teve muito mais.”

Melissa/Pedagogia - Comecei com 18 anos. Eu trabalhei na Riachuelo. Só que era uma parte mais gostosa, era o departamento infantil, que eu acho que eu já me sentia mais a vontade, [pensativa] mas também fui vendedora, na verdade, gosto de criança.”

Já Patrícia não reconhece o seu trabalho como trabalho, pois é esporádico, não tem carteira assinada, nem vínculo empregatício; mesmo quando afirma que é estagiária, não o percebe como trabalho.

Patrícia/Pedagogia - Trabalhei durante três meses num berçário. Comecei com 18 anos [...] hoje não trabalho, eu faço bicos, eu substituo professoras, eu dou aula na escola onde minha irmã trabalha, tudo que precisa lá, na parte

pedagógica, ela me chama, mas trabalho fixo mesmo eu não tenho [...] foi só como estagiária, monitora, aí no caso tinha que fazer atividades para as crianças [...] a minha turminha era de um a dois anos, mesmo assim tinha que fazer atividades com eles, música, ler livros.[...].

Segundo Rocha (2008, p. 537), “vale lembrar que, seguindo normas estatísticas internacionais são consideradas como trabalho as atividades, mesmo não remuneradas, às quais tenham sido dedicadas pelo menos uma hora na semana de referência”. O trabalho engloba situações diversificadas em termos de uso do tempo.

Nos depoimentos dos estudantes do curso de Psicologia, pode-se constatar que as dificuldades não foram menores, nem menos difíceis do que para os alunos da Pedagogia quanto à luta pela sobrevivência. No depoimento de Mercedes, que morava no meio rural, fica clara a condição de trabalho precoce nos moldes da sociedade agrária antiga, desde os cinco anos de idade, demonstrando assim que as condições de trabalho são mais adversas na área rural: a entrada na escola ocorre mais tarde, havendo maior tempo de coexistência entre trabalho e escola em idades baixas. A saída da escola se dá, também, mais precocemente e de forma muito mais acentuada do que com os sujeitos que residem nas áreas urbanas.

Mercedes/Psicologia - Trabalho desde os cinco anos no fogão a lenha, meu pai organizou um espaço para que eu fizesse comida. Aprendi a aplicar injeção com seis anos, aos oito anos fazia injeções nos outros. Brincava de derrubar as árvores [...]. Com oito anos aprendi a dirigir [...]. Às três horas da manhã ia buscar peão, voltava para derrubar e pegar a cana, tratar das vacas leiteiras. Chegava às sete horas da noite em casa e ia trabalhar na roça até uma hora da madrugada. Dormia da uma às três horas e acordava para trabalhar.

Mercedes, neste depoimento, descreve a necessidade fundamental de seu trabalho no campo, junto com a família. O que está implícito na atitude do pai é que ela precisava adquirir desde cedo o conhecimento prático, sobretudo o hábito e a tradição do trabalho árduo a que se destinava. Pochhmann (2007, p. 19) afirma que, nas antigas sociedades agrárias, “a criança de cinco a seis anos de idade já estava envolvida precocemente nas lidas domésticas e agropastoris, permanecendo comprometida com o trabalho voltado à manutenção da sobrevivência até a proximidade da morte”. Fica clara a vivência de Mercedes, o sofrimento do seu corpo para realizar todas as atividades que lhe era esperada. No capitalismo o corpo se submete, torna-se corpo-instrumento voltado para a produção e conseqüentemente para o sustento e a vida de todos.

Nessa visão, o trabalho da sociedade capitalista é natural, desejável e necessário para o desenvolvimento humano. O ingresso no contingente de mão-de-obra rural e urbana tem

consequências, como afirma Ferretti (1988), para a criança da zona rural, pois significa participação solidária com os adultos no aspecto econômico e cultural em que trabalho e vida familiar se unificam, até mesmo pela sobrevivência. De certa forma, crianças, jovens e adultos se equiparam no contato diuturno com a terra. A autoridade dos adultos sobre as crianças e jovens é absoluta. Crianças e jovens são, ao mesmo tempo, “incapazes e responsáveis”. Mercedes, ao se referir ao pai, afirmava que ele lhe dizia:

Mercedes/Psicologia - Vai, minha filha, tem quarenta peões lá para você cuidar [...]. Ele nunca me disse: olha, você tem que fazer isso, isso e isso. Ele não sabia falar nada para mim não. Ele falava: Ó, faz aí, se vira! Olha, hoje tem que tombar tantos pés de terra. Ele não falava a ferramenta que eu tinha que usar, não: se vira, minha filha, eu não tenho tempo pra te ensinar não. Se eu for te ensinar eu perco tempo. Então era assim para fazer comida: tem tantos peões pra almoçar. Ele não falava para mim o que era para ser feito.

Elizabeth participou do Pro-Jovem, que tem como finalidade proporcionar formação integral aos jovens quanto à formação básica, tendo em vista o término do ensino fundamental, a qualificação profissional, a participação cidadã, com a promoção de experiências de atuação social ⁴¹. Na entrevista, ela não descreveu essa experiência como sendo fundamental para seu desenvolvimento. Elizabeth narrou a grande quantidade de empregos que teve, o tempo que ficou sem estudar em decorrência do trabalho precoce, justificando sua entrada tardia na universidade.

Elizabeth/Psicologia – Eu trabalhava era como Pro-Jovem. Não era Pro-Cerrado, na época era Pro-Jovem, aí eu trabalhei na Secretaria de Agricultura do Estado. Era um emprego de seis horas. É no mesmo modelo de hoje. A gente trabalhava um período e ficava o restante disponível para estudar. Aí eu trabalhava, estudava. Depois que eu saí de lá, fui trabalhar em um supermercado, trabalhei como recepcionista, passei pelo caixa também e pelo cadastro de clientes. Aí, depois, fui para a confecção, como costureira. Foi esse o trajeto [...]. E depois para a loja. [...]. Eu sempre estudei e trabalhei. Com exceção de um período que eu deixei de estudar, até por isso eu entrei tarde na faculdade, sabe?! Eu já tinha terminado o segundo grau e fiquei sem estudar.

Esmeralda/Psicologia - Eu trabalhei em escritório aos quinze anos. Primeiro foi no escritório de contabilidade, depois trabalhei como secretária, telefonista, várias funções dentro de um curso de inglês. E também, como professora de língua, assim no começo, no início. [...] Também já trabalhei numa empresa de... numa serialista, em várias funções. Até na tesouraria, em contas a receber. “Já fiz algumas coisas, já trabalhei como promotora de vendas também para a Claro já exerci algumas funções.

⁴¹ Segundo a coordenação nacional do Pró-Jovem Urbano, da Secretaria Nacional da Juventude (<http://www.projovem.pmcg.ms.gov.br>. Acesso no dia 06/setembro/2009).

Tanto Elizabeth quanto Esmeralda possuem uma concepção clara do que é trabalho. Descrevem o percurso da sua inserção no mercado de trabalho que, embora em empregos descontínuos, precários e instáveis, são considerados trabalho pelas depoentes. A mãe de Esmeralda é faxineira e toda a família colabora para pagar seus estudos. Além do mais, é bolsista e financia parte do curso.

A transição da sociedade industrial para a chamada sociedade do conhecimento exige uma maior preparação em termos de educação e formação, diferente do período fordista. Desse modo, a preparação para o mercado de trabalho é maior, tanto a educação quanto a formação precisam ser contínuas ao longo da vida (POCHMANN, 2007).

É importante considerar que o trabalho apresenta diferentes identificações para o ser humano; para Débora, é condição essencial para a própria vida, liberta das necessidades limitadas de sobrevivência e gera oportunidade de participação e inclusão social (POCHMANN, 2007).

Débora/Psicologia - Comecei a trabalhar aos dezessete anos, tem seis anos que trabalho no mesmo lugar. Trabalho no banco, na Caixa (...). Agora mudei, trabalho para uma empresa terceirizada que presta serviço pro banco (para a Caixa Econômica Federal) e que faz a mesma atividade de antes.

Seu trabalho passou a ser terceirizado. A terceirização se tornou terreno fértil para a flexibilização dos custos da mão-de-obra através da redução ou da eliminação dos encargos sociais, trabalhistas e previdenciários. Esta visão errônea da finalidade da terceirização trouxe como consequências a redução dos salários e a precarização das relações trabalhistas. “Infelizmente, no Brasil, a terceirização não foi utilizada para aumentar a competitividade, mas para reduzir custos” (POCHMANN, 2007).

Ao ser questionada sobre por que trabalha, Débora respondeu:

Débora/ Psicologia - Eu acho que o impulso principal foi de independência financeira. Não ter que pedir nada [...]. Lá em casa nunca foi muito liberal. Não que o meu pai não fosse prestativo nesse sentido. Mas coisas supérfluas assim: você pedir um dinheiro pra ir ao mercado comprar um sorvete que você está com vontade de tomar. Daí às vezes eles ficavam: “Ah, não sei o quê. Não tem”. Eu sempre tive essa vontade e pra mim foi ótimo. Se eu soubesse que era tão bom eu tinha começado antes. Na época até meu pai não queria, porque queria que eu estudasse. Eu falei: vou, vou ter experiência. Até hoje eu gosto muito. Nasci pra trabalhar. Eu acho bacana trabalhar. É válido porque gera vários benefícios, várias possibilidades. Talvez se eu tivesse só estudando eu não teria o pensamento que eu tenho hoje.

Fica clara a dificuldade que as crianças e adolescentes se submetem para adaptar as restrições vividas na corporeidade/subjetividade. A realidade descrita faz parte da história de vida dos estudantes, dos dois cursos, antes de entrarem na universidade. O trabalho precoce e precário de crianças e jovens para a sociabilidade do capital é justificado, como mostra Frigotto (1995, p. 14-15), pela construção do “conceito ideológico de trabalho dentro de uma perspectiva moralizante e utilitarista”, como se o trabalho precoce e precário constituísse uma experiência apropriada para todos, quando na verdade é sempre uma experiência para os filhos dos outros, principalmente para os filhos dos trabalhadores.

“Há diferenças significativas quando se observa o modo de vida e de inserção no trabalho do jovem pertencente à família pobre e do jovem pertencente à família rica.” (POCHMANN, 2007, p. 21).

Na atualidade, entre os alunos do curso de Psicologia, 51,4% não trabalham e 47,6% trabalham. Entretanto, dos que trabalham, a maioria não colabora para a renda familiar e utiliza tais recursos com gastos complementares, como lazer, roupas e etc. O corpo se diverte e se cobra o trabalho do adolescente, e assim a sua própria educação permite e valoriza isso.

Os dados descritos apontaram que os alunos da Pedagogia precocemente tornaram-se jovens trabalhadores, com sua inserção no mercado de trabalho, tendo declarado, em entrevistas, que tal fato ocorreu com o exercício de uma ocupação de pouco prestígio e baixa remuneração, sacrificando a sua corporeidade.

Em situação oposta, encontra-se a maioria dos jovens alunos da Psicologia, ou seja, 54,3% com renda familiar variando entre 6 e mais de 10 salários mínimos, que têm conseguido prolongar sua formação escolar – incluindo a profissionalização – postergando, também, sua entrada no mercado de trabalho após o término do curso superior, situação vivenciada por 51,4% dos alunos de Psicologia; enquanto na Pedagogia este privilégio de somente estudar atinge apenas 13,5% dos alunos. Entretanto, deve-se considerar que neste percentual de 13,5%, segundo os depoimentos dos alunos (as), encontravam-se os desempregados e aqueles que estavam a procura de trabalho, o que não foi possível quantificar.

Os alunos da Pedagogia em sua maioria sempre viveram a contradição entre trabalho e estudo em uma conciliação de atividades indesejadas. Foi a necessidade de sobrevivência que os levou a uma dinâmica de esforços, no sentido da integração entre ação/conhecimento, teoria/ prática, informação/formação, pois reconheceram que, numa sociedade complexa como a atual, os indivíduos têm de se preparar para a vida econômica, política e social, ou seja, para o trabalho, apropriando-se dos conhecimentos universais sistematizados e

organizados da produção científica e das conquistas da tecnologia para os quais o *locus* privilegiado é as universidades.

Conforme também observou Schmith (1990) em pesquisa realizada com jovens de classe média alta ou alta, os estudos são uma das melhores heranças recebidas.

Numa linguagem antropológica, é uma espécie de “doação” em estudos. Trata-se, afinal, de uma forma de “herança” mais adaptada às novas formas de vida e que é capital cultural, mas também econômico. As estratégias familiares das classes superiores e médias estabilizadas ou em processo de mobilidade social ascendente, visando a assegurar um futuro de independência dos filhos, passam pelo prolongar da situação de dependência dos jovens, em contrapartida de uma mais sólida formação (SCHMITH, 1990, p. 657).

As famílias da classe média e alta estabilizadas preocupam-se com a formação mais sólida de seus filhos, muitas vezes os orientam para que continuem estudando, explicando-lhes que esta é a maior herança que pode lhes deixar, assim prolongam a sua dependência até mais tarde.

3.3 Ser Pedagogo: eis a questão

Os alunos de Pedagogia, como se pôde constatar, em sua maioria fazem parte da classe trabalhadora e cerca de 83,80% são primeiramente trabalhadores, para depois serem estudantes.

Tabela 4: Estudantes de Pedagogia que Trabalham/Estudam ou Somente Estudam

E S T U D A N T E S D E P E D A G O G I A	
Trabalham/estudam	Somente estudam
83,80%	13,50%

Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia coletados pela autora, 2008/2009.

Estes estudantes relataram suas condições precárias de vida, afirmando pertencerem às populações de baixa renda. Entretanto, não creditaram tais condições unicamente a suas características pessoais, mas sobretudo, e em larga escala, a situações econômicas e sociais determinadas, construídas sócio-economicamente.

O que se percebe no discurso dos entrevistados é que estes sujeitos buscaram o curso de Pedagogia em condições determinadas, pois sem estudo, há ameaça de desemprego, fome

necessidade. Mas buscavam, também, por questões pessoais, muitas vezes acreditando ter vocação ou até mesmo por influência de outros, como se pode observar nos depoimentos dos entrevistados que responderam as seguintes questões:

- Por que você escolheu o curso de Pedagogia?
- O que você espera para seu futuro profissional?

Melissa/Pedagogia - Não vou falar que é vocação, porque [...], sei lá, acho assim eu tenho uma visão... Desde pequena, eu sempre fui “a professora”, nunca fui aluna, se eu não fosse a professora eu não brincava. Então acho que já começou assim, aí foi crescendo [...] minha mãe deu sugestão, e eu vi que era pedagogia mesmo [...]. A gente estuda para trabalhar. Porque até para a sociedade de hoje em dia está incluso isso, se você não tiver um curso superior, se você, às vezes, nem terminar o ensino médio, eles já não te pegam [os empregadores]. Muitas vezes você trabalha na parte de administração, seu patrão quase que força você a fazer administração [...]. Primeiro, eu quero começar a atuar, eu quero mexer mais é com crianças carentes, porque eu fui fazer [ficou pensativa] fiquei um dia num PET – Programa de Educação Tutorial⁴² – e aquilo mexeu demais comigo.

As condições concretas de Melissa foram conformando-a para exercer a profissão de professora, apesar de negar a questão da vocação, acaba por explicar exatamente o que se entende por ela quando afirma que, na brincadeira, só aceitava ser professora, o que significa dizer nasceu com vocação de ser professora. Em sua visão idealista, Melissa planeja ser professora e ajudar os outros. Ela salienta a necessidade do curso superior e a meritocracia que a escola confere. Isto significa dizer que ela acredita que a escola seleciona os mais capazes para o desempenho das funções mais relevantes (ENGUITA, 1989). Melissa se imagina fazendo um bom trabalho com as crianças carentes, uma vez que desde criança foi preparada para isso. Outra entrevistada, Patrícia, respondeu o seguinte:

Patrícia/Pedagogia - Porque minha mãe... é professora também, então sempre a vi sendo professora e pela minha irmã, porque eu a ajudo muito, então, eu sempre a ajudo nas coisas: fazer tarefinha, corrigir, estou envolvida com aquilo, sempre estive (...). Então eu falei: vou escolher este [curso]. É porque nos outros cursos eu não me via (...). Na verdade, eu e minhas amigas conversamos muito, para a gente montar uma escola nova. Porque é muito difícil para a gente trabalhar para os outros, ser empregado, e a gente têm essa vontade. Se Deus quiser vai dar certo.

⁴² Até o ano de 1999, o PET foi coordenado pela CAPES. A partir de 31 de dezembro de 1999, o PET teve sua gestão transferida para a Secretaria de Educação Superior – SESU/MEC, ficando sob a responsabilidade do Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior – DEPEM. Desde então, vem sendo executado levando em conta as diretrizes e os interesses acadêmicos das universidades às quais se vincula e que passaram a ser responsáveis por sua estruturação e coordenação. (<http://www.iq.unesp.br/pet/oquee.htm>. Acesso em: 05 de dez. de 2009.

Patrícia demonstrou ter sido muito influenciada em sua escolha profissional pela mãe e pela irmã, que já são professoras. Em seu depoimento, Patrícia evidencia a desvalorização do profissional de educação, ao mesmo tempo, que expressa a vontade de ser professora e dona de uma escola, ou seja, deseja deixar de ser trabalhadora assalariada para ser patroa.

Assim, Patrícia sonha em ser pedagoga, mas pensa na possibilidade de deixar de ser explorada e passar ser exploradora, montando um negócio próprio; deseja ser uma profissional liberal. Mas abrir um negócio próprio e sustentá-lo não é tão simples, apesar de ser um sonho para a classe trabalhadora ou da pequena burguesia, que costuma ser a “heroína da ideologia capitalista”. São aqueles sujeitos que “vão à luta”, montam seus pequenos negócios, aquele grupo de pessoas conhecido como “gente que faz”. Estes “heróis do capitalismo” batalham para conseguir crédito e depois para pagar os pesados juros. Lutam para conseguir bons funcionários e depois para lhes pagar os direitos trabalhistas – direitos que eles próprios não têm, pois vivem diretamente na dependência do sucesso de sua empreitada.

Percebe-se que, para Melissa e Patrícia, fica bem explícito que os relacionamentos estabelecidos ao longo de suas vidas, o que aprenderam de bom e de ruim, foram introjetados e projetados para suas vivências posteriores, no caso a escolha da profissão. Geralmente o que se é quando adulto tem relação com o que se foi construindo ao longo da infância e com as condições concretas que foram sendo criadas.

Segundo Lima (2007), a formação de uma auto-imagem positiva é de extrema importância para a constituição da identidade pessoal e profissional/ocupacional. Além de tudo, como afirma Heller (2000), não há vida cotidiana sem imitações, na vida cotidiana os indivíduos utilizam a imitação como um modo de aprender a agir, segundo formas socialmente adequadas e aceitas. Tanto Melissa, quanto Patrícia vivem em ambientes familiares e culturais de valorização da profissão de professor(a). Nesta valorização não está contida a realidade da desvalorização de se exercer a profissão, ou seja, baixo salário, precárias condições de trabalho, falta de condições de formação continuada e de acesso a novas tecnologias, inexistência de carreira e de piso salarial nacional etc. Não se leva em conta a corporeidade/subjetividade do professor.

No caso de Luciana, fica claro um desejo que envolve uma representação de determinado papel social, ela acredita ter tido liberdade de escolha, acredita que escolheu o que quer ser perante si mesma e a sociedade, o que implica uma seleção que pressupõe ganhos e perdas e elaboração do luto pelo não escolhido (perdas), pelo que foi perdido. Tem-se de levar em consideração que a renda familiar desta estudante e seu trabalho de meio período lhe

permitem, no último semestre de Pedagogia, ser aluna ouvinte do curso de pós-graduação em educação na Universidade Federal de Goiás.

Luciana/Pedagogia - Eu já tenho magistério, eu sou mineira e eu sempre gostei dessa área de educação, comecei a ver sociologia na faculdade e me encantei muito com algumas propostas ideológicas, sociais. E a educação ela tem uma abertura grande para você poder trabalhar e ter alguma chance de transformação. Não é só a educação que vai transformar muita coisa importante e necessária, antes da educação precisa ser transformada, modificada para que outras coisas possam ocorrer. Mas a educação junto com outras áreas tem um poder muito forte de transformação da sociedade. (...) Eu estou na área que gosto. Olha, tenho muitas propostas, muitos sonhos. Eu espero conseguir atuar de forma, assim bem eficiente. Eu me considero uma estudante... Acredito que já sou uma profissional e não quero me contentar somente com essa vida cotidiana de professor, eu quero algo mais. Então eu tenho proposta de transformação, idéias sobre propostas escolares diferenciadas. Eu quero continuar estudando, não vou parar na graduação, eu pretendo fazer curso de Pós-Graduação, Mestrado, Doutorado.

Quando o indivíduo escolhe uma profissão, está também, de alguma maneira, escolhendo o tipo de vida que levará e que tipo de relação estabelecerá com a sociedade por meio de seu trabalho. Luciana copia ou imita professores, ao mesmo tempo em que cria e deseja imprimir sua marca pessoal e individual, a marca de seu corpo, às atividades que pretende desenvolver e que, de acordo com Lima (2007), não deixa de ser uma escolha coletiva.

O pensamento cotidiano orienta-se para a realização das atividades cotidianas, o que significa afirmar que existe uma unidade imediata do pensamento e da ação na cotidianidade. Essa unidade imediata faz com que o “útil” seja tomado como sinônimo de “verdadeiro”, o que torna a atividade cotidiana essencialmente pragmática (PATTO, 1993, p. 126).

Luciana acredita que pode melhorar a qualidade de vida da sociedade, que fará um “trabalho útil” e que por essa razão sua opção é verdadeira e correta do ponto de vista da escolha e assim planeja fazer uma carreira no magistério, e não é qualquer carreira: ela almeja o topo da carreira, ou seja, o doutorado.

Na fala de Melissa, Patrícia e Luciana existe a crença de certa liberdade de escolha, a precedência da formação profissional sobre o exercício de uma profissão; nelas, se supõe uma preparação e investimentos sociais, culturais e econômicos que nem sempre poderão ser executados em decorrência de dificuldades concretas.

Já Marinete cursou Pedagogia em razão do trabalho que já realizava, ou seja, investiu em sua carreira profissional acreditando que este investimento trará frutos positivos.

Marinete/Pedagogia - Quando eu fiz [o curso de] Pedagogia, fiz por uma necessidade também, né?! Eu senti que eu tinha que estar fazendo algo, porque hoje a gente não pode ficar atuando mais na área [pedagógica] por necessidade mesmo de trabalho. E também por vir ao encontro da questão de busca de conhecimento mesmo.

Respondendo à segunda questão: “o que você espera para o seu futuro profissional”, ela respondeu:

Marinete/Pedagogia - Vixi! Eu tenho planos. Nossa! Muitos planos assim... Ah! São muitas coisas. A questão do próprio estudo, não é?! E... Eu acho que é uma coisa assim, investindo, já pensando no futuro também.

Marinete vê possibilidades de crescimento profissional que garantirão sua sobrevivência e, quem sabe, de conseguir ultrapassar as condições determinadas pela classe social da qual faz parte. Ela não tem clareza do que quer, ou não consegue, ou não pode, não dá conta, ou nem se digna a fazer planos explícitos. Marinete é também a primeira de uma grande família, em que a maioria não teve sequer a oportunidade de terminar o ensino fundamental, e cursar o ensino superior.

Para Waldir, Clara e Ana, o curso de Pedagogia foi a segunda opção. Eles mostraram ter consciência de que realizaram uma opção dentro de condições socialmente determinadas. Entretanto, foi a opção que tiveram para cursar o ensino superior e descobriram vantagens em tê-lo feito, como se verá nos depoimentos a seguir.

Waldir/Pedagogia - Na verdade, sempre tive vontade de fazer engenharia elétrica, mas, pelo valor e pelo tempo também, nunca foi possível. Aí optei por um curso de licenciatura, pois trabalho muito com educação, principalmente pedagogia. Estava olhando a grade do curso de Pedagogia e me identifiquei muito pela questão de planos, projetos e também por trabalhar muito a criança. Na minha área – eu trabalho com segurança do trabalho – trabalho muito com conscientização, palestras [...]. O curso de Pedagogia me ajudou muito nestas questões e, não abri mão da possibilidade de atuar como professor, eu gosto muito de lecionar. Hoje, se eu fosse focar só a Pedagogia, eu teria que deixar toda minha estrutura, o que não é possível.

Quando perguntado sobre o que espera para o futuro, Waldir explicou sobre os ganhos que obteve ao fazer o curso de Pedagogia e a necessidade de colar grau para apresentar o diploma e requerer aumento de salário:

Waldir/Pedagogia - O curso de Pedagogia me ajudou, mas não melhorou minha remuneração, eu espero fazer uma especialização, pois tenho auxílio de uma bolsa, [...] então, eu não posso colar grau, estou aguardando sair um

curso para fazer e concluir a especialização⁴³, mas a graduação eu pretendo atuar também, não sei quando.

Waldir vai construindo significações positivas para o curso que terminou. A adequação da escolha profissional de Waldir foi considerada levando em conta seu desempenho profissional futuro em benefício próprio, da família e da sociedade.

Clara e Ana gostariam de fazer o curso de Psicologia, mas por dificuldades financeiras optaram pela Pedagogia (curso mais barato e que demanda menos tempo de formação).

Clara/Pedagogia - Primeiramente por que está na minha área e por que é mais em conta, mas o curso do meu sonho mesmo é ser psicóloga. Não sei, mas desde dezessete anos que tenho [este sonho], não sei se é uma ideologia da minha cabeça, só vou saber mesmo no dia que estiver dentro da sala de aula pra eu ter [certeza] realmente, como é que fala? A palavra certa assim, fundamento, não é? De eu querer ser psicóloga. (...) se é uma fantasia da minha cabeça de adolescente, por que desde adolescente que eu penso em ser psicóloga.

Quanto à questão, o que espera para seu futuro profissional, Clara respondeu:

Clara/Pedagogia – [...] Ah! Eu pretendo formar, não é? Se eu alcançar esse objetivo e isso depende também de Deus, o que vai me proporcionar até lá, como eu demorei muito não é? Se conseguir a meta, como eu vou fazer trinta e sete anos é algo fundamental que eu vejo. Em princípio é fundamental [...] não tem como, assim, viver e não passar por essa experiência. Eu acho muito importante e ao mesmo tempo difícil, por que hoje eu acho, assim [como estou] não dá muita oportunidade de trabalhar, pois tenho que ser mãe, esposa. Este é meu ponto de vista.

Para esses (as) depoentes, “compreender o mundo e as relações sociais de que fazem parte” e, além disso, “superar sua condição de classe” (FERRETTI, 1988, p. 175) exigiria deles (as) uma clareza dos determinantes dessa condição, o que não se pôde perceber nos demais depoimentos analisados.

A partir de uma realidade concreta, todos optaram por um curso que, no seu entender, se encaixa em suas condições materiais, acreditando que se aproxima do seu desejo de escolha. As condições de vida dos indivíduos que pertencem a uma determinada classe social geram expectativas que os orientam na sua escolha, que tendem a confirmar suas probabilidades objetivas. Dessa forma, os indivíduos oriundos da classe trabalhadora

⁴³ Waldir acredita que se não colar grau poderá usar a bolsa de estudo no curso de especialização e assim aproveitar mais esta possibilidade da universidade.

desenvolvem expectativas que condizem com as restrições de sua classe social, como explicitam Bourdieu e Passeron (1975).

Esse processo, ao mesmo tempo, pode levar ao desenvolvimento da consciência e à apropriação da realidade. Portanto, é um processo de apropriação e interpretação da realidade construído em uma determinada sociedade, constituída por um conjunto de ideias dominantes que explicam e mantêm as ideias compartilhadas pelos indivíduos, (FRIEDMAN, 2006).

Ana também manifesta seu interesse em fazer o curso de Psicologia, mas entende que não terá condições de mantê-lo devido a suas condições econômicas. Assim, utiliza um mecanismo de defesa conhecido como racionalização, demonstrando a vantagem da sua escolha, pelo fato de o curso de Pedagogia trabalhar com o sujeito no seu contexto geral, um sujeito social. Aqui está o depoimento de Ana:

Ana/Pedagogia - Então, eu gostaria de ter feito o curso de Psicologia, entender um pouco essa questão do comportamento do ser humano, mas, devido à falta de condição para me manter no curso, eu optei pela Pedagogia. Na Pedagogia preciso entender o sujeito no contexto geral, não é? Então eu penso que, [a Pedagogia] é mais complexa do que a Psicologia, eu me identifiquei muito com a área da Educação (...). Eu, como agora, ingressei no Mestrado em Educação como aluna especial, pretendo passar na seleção. Se eu conseguir passar, vou dar continuidade ao meu mestrado e quero atuar na área de docência universitária, um concurso, ou na Federal ou na Católica, e dar continuidade ao meu doutorado e trabalhar.

Neste sentido, a explicitação das razões que a levaram a cursar o curso de Pedagogia, suas condições reais e concretas presentes, pode favorecer o reconhecimento das determinações com as quais teve de lidar. “Nesse movimento, vemos a possibilidade da resignificação (que é sempre um processo cognitivo e afetivo) e da produção de novos sentidos subjetivos” (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001, p. 172).

A escolha do curso/profissão feita pelos sujeitos aqui considerados sofreu, como se pôde constatar, uma série de injunções que escapam a seu controle, ou sobre as quais os indivíduos tinham controle precário, resultando daí desdobramentos que ocorreram em situações diversas, o que não constituiu surpresa se se levar em conta as condições de classe dos entrevistados (as), a ideologia dominante, a mercadoria educação que puderam comprar e as limitadas possibilidades de escolha profissional.

Na verdade, ao se determinar as classes das quais eles são expressão, de acordo com Ferretti (1988), observa-se o baixo poder aquisitivo, a limitada escolaridade de seus pais e as dificuldades de acesso a mais educação. Ademais, a precária ou inexistente qualificação para

o exercício da maior parte dos empregos urbanos vem dificultando a ascensão à outra classe social.

3.4 Ser Psicólogo: eis a questão

Os estudantes de Psicologia entrevistados relataram que sua principal preocupação era a indefinição da possibilidade de ter retorno com carreira profissional no curso escolhido. Tal indefinição não resulta da incapacidade de essas pessoas construírem um projeto profissional pessoal, mesmo que não o explicitem. Ela é fruto, mais propriamente, da condição de classe desses indivíduos, da valorização social da profissão, das representações sociais, da falta de políticas públicas que envolvam a profissão de psicólogo no Brasil.

A escolha do curso/profissão é uma das fontes de angústia para o ser humano, por ser uma decisão fundamental em sua vida, que transcende o próprio sujeito, refletindo na família e na sociedade, pois o homem é reconhecido na sociedade pelo trabalho que exerce. Se satisfeito com o que faz, bem recompensado financeira e socialmente, provavelmente trabalhará bem, será um bom profissional e isto se reverterá em benefício para si próprio e para aqueles que usufruirão de seus serviços, conforme Lima, (2007).

Ainda que fatores de ordem pessoal interfiram na desorientação destes indivíduos, estes fatores não podem ser apontados como os culpados por estas dificuldades. As pessoas vivem em sociedade e o trabalho ou a preparação para trabalho é uma atividade social, ao mesmo tempo, que uma realização individual. De acordo com Ferretti (1997, p. 11),

esse caráter social do trabalho, se bem entendido, ajudará a perceber que a “desorientação” e a “falta de rumo” [da maioria] das pessoas, quando vão escolher profissões, estão muito relacionadas à complexidade da organização da sociedade com o objetivo de produzir bens, ou seja, quaisquer coisas elaboradas ou fabricadas pelo homem tendo em vista sua sobrevivência – alimentos, roupas, livros etc.

Este fato nos faz entender que, embora as escolhas sejam individuais, estão inter-relacionadas ao fato de o indivíduo fazer parte de uma sociedade complexa. As dificuldades são criadas pela complexidade do processo produtivo, pela divisão social e técnica do trabalho e pela capacidade da força de trabalho de cada um, que assume características de uma mercadoria como qualquer outra, ainda segundo Ferretti (1997).

Os estudantes de Psicologia que afirmaram ter preferência pelo curso desde crianças/adolescentes possuem, em seu perfil, o desejo de ajudar o outro, de escutar, de acolher, de cuidar, de levá-lo ao crescimento intrapessoal e interpessoal e descrevem um sentimento altruísta em direção ao outro, como explica Petrelli (1999), entre os sete *logos* que dão significado ao estar – no – mundo está a dimensão lúdica, onde “a alegria acompanha qualquer atividade (sem visar ao poder ou ao lucro) na qual toda a atenção está centrada sobre a própria ação, intencionando uma competência por si mesma, fora de qualquer concorrência.” (p. 52). Estes estudantes, quando questionados sobre o porquê da escolha do curso, responderam:

Mercedes/Psicologia - Eu nasci psicóloga. Porque (...) desde pequenininha meus avós, meus bisavós, meus tataravós me amavam porque eu ouvia. Eu sabia sentar perto deles e escutar todas as historietas que eles contavam. Então eu acredito que “eu nasci psicóloga” e eu sempre tive o desejo de ser psicóloga. Eu não sabia o que era isso, mas eu sempre queria ser. Eu só vim, a saber, o que era ‘ser psicóloga’ aos doze anos, quando eu vi uma revista que tinha uma coluna sobre psicologia e aí eu falei assim: ‘ah! É isso que eu quero mesmo. É desse jeito, eu quero ouvir as pessoas.

Mercedes cresceu numa região muito pobre do norte do Paraná e trabalhou desde os seis anos de idade (ver depoimento p. 88). Veio para Goiânia quando se casou e atualmente trabalha como técnica de enfermagem, mas já desenvolveu várias atividades ao longo da vida profissional. Seu desejo de ser psicóloga vem desde pequena, como ela mesma afirma. Assim a formação dos indivíduos no âmbito da vida cotidiana determina a estruturação daquilo que poderíamos denominar de *psiquismo cotidiano*, estruturam-se determinadas formas de pensamento, de sentimento e de ação típicas dessa esfera da vida social e necessárias para a própria reprodução da existência do indivíduo. O indivíduo se torna mais individual e pode desenvolver uma atividade autônoma, quando exerce as suas relações sociais, como explica Duarte (1993).

Outra questão respondida por Mercedes foi: “o que você espera do curso de Psicologia, que está terminando?”

Mercedes/Psicologia - O que eu espero é o equilíbrio financeiro, porque indiretamente eu trabalho nessa área (...). Hoje eu tenho o alicerce do conhecimento para aquilo que eu já fazia. Eu já fiz muitos atendimentos psicológicos sem saber a técnica (...) pessoas que estavam em alto nível de depressão, que estavam fazendo terapia e não conseguiam sair da depressão. E a pessoa ia com horário marcado à minha casa. Graças a Deus consegui muita coisa utilizando a técnica de relaxamento “via neuromuscular” que aprendi nos cursos, através da técnica de relaxamento.

Mercedes acredita que o curso de Psicologia vai possibilitar sua autonomia, o respeito que deseja tanto no trabalho quanto na vida, uma vez que a profissão que exerce atualmente (auxiliar de enfermagem) não lhe dá *status* nem o respeito social esperado, justamente por ser subalterna ao médico. Explica que já usa a “psicologia” em diversas situações, mas que ainda não tem o credenciamento para executar esta atividade. Segundo Bock (2003), algumas vertentes teóricas identificam entre os traços distintos de uma profissão “autônoma” a existência de duas condições: a *expertise* e o credencialismo. *Expertise* refere-se ao domínio, pelos profissionais, de um conjunto específico de conhecimentos e habilidades que estariam fora do alcance das outras pessoas. Credencialismo significa a institucionalização da *expertise*, que supõe uma organização da profissão no sentido da certificação da competência do profissional. Assim, Mercedes espera a certificação da sua competência profissional, isto é, um número no Conselho Regional de Psicologia (CRP), para poder atuar na profissão.

Segundo Pochmann (2007), o trabalho apresenta diferentes identificações para o ser humano, podendo representar desde a situação de esforço até a condição essencial da própria vida, que liberta das necessidades limitadas da sobrevivência e gera oportunidade de participação da pessoa (corpo/mente) e inclusão social no sistema capitalista.

Esmeralda também afirma que desde pequena escolheu o curso de Psicologia, tendo como referência a vontade de ajudar o outro.

Esmeralda/Psicologia - Eu acho que desde pequena eu escolhi. Eu nem me entendia muito por gente e já falava isso, que queria fazer Psicologia. Eu sabia assim do cuidado, sabe?! E, com isso, eu acredito muito nisso, que através desse trabalho a gente consegue ajudar o outro a melhorar o que não está bem. Ajudá-lo a conseguir se perceber mesmo e eu acredito muito nisso. Eu acho que eu posso fazer isso. E eu gosto muito disso. Muito mesmo. E é por isso.

Quando questionada sobre o que espera para o seu futuro profissional, Esmeralda respondeu:

Esmeralda/Psicologia - Espero estar trabalhando, conhecer e saber mais [sobre Psicologia]. Ainda nada certo. Um pouco confuso: por onde começar, não é?! Porque eu acho que ainda estou concluindo o curso. Então fico com muitas ideias, com muitas coisas que eu gostaria de fazer, imaginando (...). Querer mesmo é estar trabalhando, esta aprendendo, fazendo não só o que eu estou me formando agora [clínica], mas outras coisas também, para estar aprendendo. É bem isso. O que está nos meus planos agora é isso.

Esmeralda espera pelo menos conseguir trabalho na área de Psicologia para poder realizar o seu desejo de ajudar os outros. Admite até não trabalhar na clínica (seu grande sonho), justificando que a possibilidade de trabalhar em outras áreas seria uma forma de aprender outras coisas relacionadas ao seu curso. É interessante relembrar que o modelo de psicólogo construído nesta universidade é o de clínico. Assim, este modelo faz parte do imaginário dos estudantes, que o consideram um lugar de destaque, ao lado da clínica médica.

Elizabeth acredita que mesmo se não estudasse seria capaz de ganhar dinheiro, pois, na verdade, é isto que ela faz desde os dezesseis anos. Trabalhou em diversas atividades, desde o “Pro-jovem” até a confecção de bijuterias. Ela planeja terminar o curso e fazer um bom trabalho; não tem clareza do que poderá desenvolver depois de formada. Afirma que pensa em Psicologia desde muito cedo, como se pode constatar com o depoimento a seguir.

Elizabeth/Psicologia - Psicologia é uma coisa que eu venho pensando desde muito cedo. Que eu me lembre, desde os meus treze, quatorze anos eu já pensava em estudar Psicologia. Antes disso, eu não me lembro de falar numa outra coisa, sabe?! Não me lembro de querer ser enfermeira ou médica, sei lá o quê. Eu sempre pensei em fazer Psicologia mesmo. Quanto à questão de estudar, não acho que a gente tem que estudar para ganhar dinheiro e sim estudar porque gosta, porque quer estudar.

Continuando, ela fala do que espera para o futuro profissional:

Elizabeth/Psicologia - O que eu espero do meu futuro profissional? Eu espero que ele seja bom. Eu espero trabalhar, fazer um bom trabalho com crianças e adolescentes. Eu espero [...] Coordenar alguma coisa nesse sentido, algum trabalho...

Elizabeth tem uma visão utópica da educação, ainda não percebeu que a preparação para o trabalho ocorre com o ingresso do sujeito na escola. Como afirma Enguita (1989), a escola é a primeira das grandes instituições, depois da família, em que os hábitos de obediência, docilidade, sujeição ao tempo e ao espaço são construídos nas salas de aula, o que não difere das fábricas e oficinas, organizações onde o homem gasta grande parte de sua vida de adulto. Portanto, pode-se dizer que a escola é uma preparação para a vida [do trabalhador]. Há uma similaridade entre a organização do trabalho e da escola no que se refere à produção. Assim, a instituição escolar legitima a ordem social existente, socializa a força de trabalho de acordo com o lugar que o indivíduo vai ocupar na sociedade, isto é, submete o corpo, estratifica, fragmenta os trabalhadores e reconcilia as pessoas com seu destino social.

Outro depoente é Hélio, um rapaz de 22 anos que mora com o pai, a mãe e a irmã, afirma gostar muito do curso, é estudioso, principalmente da área hospitalar e pretende fazer

uma formação continuada. Fez estágios em várias áreas, admira os professores que se dedicam à profissão e, de certa forma, se identifica com eles.

Como explica Heller (2000), a imitação é um elemento da vida cotidiana que os indivíduos utilizam como um modo de aprender a agir segundo formas socialmente adequadas. De acordo com Laplanche (1999), não há nenhuma novidade no fato de a imitação consistir num elemento essencial dos processos de aprendizagem. É o que a Psicologia denomina de “processos de identificação”, em que o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, em maior ou menor grau, segundo o modelo desse outro. Assim há um processo de identificação de Hélio com os seus professores.

Quando indagado sobre a escolha do curso, Hélio respondeu:

Hélio/Psicologia - Eu não lembro quando foi, mas eu era ainda bem menino ainda. Eu sempre gostei. Eu sempre tive essa atenção voltada para o outro. Assim... não sei. Às vezes até mais para o outro do que pra mim. Com o curso, e a terapia eu aprendi a cuidar mais de mim, não é?

Hélio afirma que pensava mais no outro do que em si mesmo e que, com o curso de Psicologia e a psicoterapia, conseguiu se conhecer melhor e passou a se preocupar e a cuidar mais de si mesmo. É na relação intersubjetiva que vai se construindo o próprio sujeito. “Quando percebo o outro dotado de intencionalidade, como “ser-no-mundo”, consigo captá-lo como sujeito diferente de mim mesmo, percebo-o como sujeito encarnado” (SIQUEIRA, 2002, p. 123).

À medida que Hélio foi percebendo as diferenças entre ele e os demais, diferenças de ideias, de atitudes e de desejos, foi se aceitando, resolvendo seus conflitos internos e passou a se respeitar mais, algo que o ajudou em vários aspectos, inclusive na formação para o trabalho. O psiquismo é um produto da experiência sócio-histórica humana, sintetiza a história e as experiências humanas acumuladas e é determinado pelas condições sociais nas quais vivem os indivíduos concretos, encarnados. Hélio afirma que quer dar continuidade a sua formação inicial.

Priscila veio de uma cidade pequena do estado do Pará (Tucuruí) para estudar em Goiânia, mas não sabia bem qual curso queria fazer.

Priscila/Psicologia - Eu vim para cá aos 13 anos para fazer o segundo grau. [...] E aí eu comecei estudar Psicologia. Uma tia de uma amiga veio aplicar um teste na gente, depois eu vim a descobrir que era um teste de personalidade. E eu me interessei basicamente pelo teste em si. [...] Mas, antes da Psicologia eu quis Fisioterapia. Fiz dois, três vestibulares em faculdades diferentes, durante dois anos. Não passei. Aí, como eu não

passava para Fisioterapia, não sabia se eu queria Biomedicina, pois, nunca tinha ouvido falar em Psicologia no interior. Vim ouvir falar em Psicologia aqui em Goiânia porque a mãe de uma colega era psicóloga.

Indagada sobre seu projeto profissional, Priscila responde:

Priscila/Psicologia - Estudar bastante, porque o trem é difícil. Estudar muito mais. [...] Então! Não sei, porque a minha ilusão era que eu ia acabar a faculdade ganhando dinheiro. Quando eu vi que não era bem assim, eu comecei a ver que eu tinha que procurar outras coisas além do dinheiro. Agora estou no estágio de neuropsicologia, no momento está sendo satisfatório. Eu estou ansiosa [com o futuro].

Priscila tentou o vestibular várias vezes, mas não conseguia passar, primeiro para Fisioterapia, depois para Biomedicina, mas não obteve sucesso, até que prestou vestibular para Psicologia e passou. Este é o curso que está cursando.

Como explica Ferretti (1997), as informações sobre as profissões não estão disponíveis e não são acessíveis à maioria dos candidatos ao curso superior. Mesmo que disponíveis, nem toda informação é necessariamente relevante no que diz respeito à caracterização do objeto a que se refere. Assim, há necessidade de o estudante dispor de um referencial de análise capaz de transformá-lo de sujeito informado em sujeito criticamente informado. Como afirma Duarte (1993, p. 157) “o homem se torna mais individual e pode desenvolver uma atividade totalmente autônoma, necessariamente através de um grande desenvolvimento das relações sociais, da realidade humana objetivada e com plena socialização do indivíduo.”

Este fato é representado por dados mais amplos referentes ao contexto sócio-econômico-político-cultural, os quais muitos deles não possuem. Pois o acesso as estas informações, bem como a capacidade de utilizá-las estão relacionados à formação escolar regular prolongada e de bom nível, principalmente no seio da família de alto nível socioeconômico e cultural. Tal situação como nos mostraram os dados desta pesquisa, a maioria destes estudantes, principalmente os do curso de Pedagogia, pertencem à classe trabalhadora, com baixa renda e, quando muito, seus pais fizeram o ensino fundamental, o que significa dizer que não puderem contar com orientações familiares, nas questões ligadas a escolha profissional.

Carla tem 18 anos, faz o segundo período de Psicologia. Ela não explicitou claramente, mas deseja um curso que esteja ligado à área da saúde infantil, provavelmente pelo *status* social que esta área impõe.

Carla/Psicologia - Eu antes pensava em fazer pediatria. Só que eu tenho medo de sangue (...) aí eu vi que não dá realmente certo [risos]. Eu me interessei muito quando eu fiquei sabendo que tinha uma área para cuidar mais de criança, de crianças especiais também. E eu me interessei nessa área. Eu li algumas coisas sobre Psicologia, não é?! E aí eu gostei da área e resolvi fazer.

O indivíduo que está em dúvida e se questiona, que reflete sobre as possíveis escolhas, é aquele que melhor consegue avaliar a importância dessa escolha para sua vida. Quando Carla percebe que teria de lidar com o corpo humano, com sangue e outras secreções corporais, desiste e escolhe algo que permitirá que lide com crianças, com o comportamento, isto é, com a construção da corporeidade/subjetividade destas e da sua própria corporeidade/subjetividade. Assim ela vislumbra o curso de Psicologia.

Os jovens oriundos da classe média, geralmente, em seus projetos de vida, incorporam o exercício de determinadas profissões consideradas de prestígio ou mais suscetíveis de oferecer rentabilidade e/ou acesso ao poder, como explica Ferretti (1988).

Carla, ao ser questionada sobre o que espera para o seu futuro profissional, responde:

Carla/Psicologia - A minha prioridade mesmo é buscar estágio. Bom, agora eu não estou trabalhando porque eu ainda não achei um emprego que seja de meio período. Eu estava realmente procurando um que fosse meio período, pois estou esperando achar algum estágio.

Carla gostaria de trabalhar, mas esta não é sua maior necessidade, apesar de sua renda familiar estar entre seis e sete salários mínimos para uma família constituída de cinco pessoas. Ela coloca o seu desenvolvimento profissional em primeiro plano.

Diana já fez Arquitetura, estudou na Escola Técnica Federal, mas, por motivos de saúde, resolveu cursar Psicologia, segundo ela para não ficar parada, como se observa em seu depoimento:

Diana/Psicologia - Não escolhi fazer Psicologia. Eu fiz Arquitetura. Na verdade, eu fiz Edificações na antiga Escola Técnica Federal, hoje é o CEFET [...]. Tive um problema de câncer, fiz quimioterapia (...). Aí eu fiz psicoterapia e me apaixonei. Achei muito interessante, me interessei em estudar sobre isso. Também sou espírita e dentro do espiritismo tem a busca pelo “autoconhecimento”, que tem um pouco a ver com a Psicologia. Então eu fui tomando contato ao mesmo tempo com o espiritismo e com a terapia por bastante tempo e acho muito interessante. Eu gosto de ajudar as pessoas, de conversar. A Psicologia é uma ajuda mais especializada. Para o futuro espero ter sucesso, muito sucesso. Eu acho que vai [chegar um momento] quando eu formar, não necessariamente no início, mas vai ter um momento em que eu vou ter que romper e aí eu vou ter que me dedicar à Psicologia.

Diana confunde a ajuda que recebeu através de um processo terapêutico em um dado momento decisivo de sua vida, o seu autoconhecimento, com o seu desejo de trabalhar na área de Psicologia e, além de tudo, confunde suas crenças religiosas com o saber científico da Psicologia, dando - lhe uma representação esotérica, ocultista, mágica, fatalista.

Somente de posse de maiores oportunidades de reflexão sobre si mesmo e de informações sobre o mundo ocupacional é que o indivíduo poderá encontrar respostas para suas dúvidas em relação à escolha do curso/profissão.

Débora sonha com a psicologia clínica, com seu *status* de clínica médica e, na verdade, não fez uma reflexão sobre o curso e suas possibilidades.

Débora/Psicologia - Ah, não sei te explicar porque que foi. Eu não sei em que momento eu escolhi. Eu lembro de uma vez quando participava de uma... Estava próximo do vestibular, estava passando na rua e vi no *outdoor* assim: “Psicopedagogia”. Pensei: tem tudo a ver. Aí, a partir daquele momento, eu comecei a pensar na Psicologia. Comecei a imaginar como seria. Sempre pensando na clínica [...]. Depois surgiu o interesse para essa área jurídica também. Mas a área que eu quero trabalhar é a clínica com certeza.

Continuando, responde:

Débora/Psicologia - A expectativa que tenho é o que todo mundo espera, não é?! É realização profissional. É eu fazer o que eu gosto e conseguir alcançar os meus objetivos. Montar a minha clínica. Atender meus pacientes. Conseguir bons resultados com eles. Ter satisfação pessoal de estar podendo ajudar alguém e a satisfação financeira, é claro, também. .

Débora trabalha num banco, mas é contratada por uma prestadora de serviço terceirizada, possui sonhos, mas já percebe a dificuldade de torná-los realidade. Sua mãe é dona de casa e seu pai um funcionário de uma empresa.

Pode-se dizer que a autonomia da escolha dos estudantes fica comprometida, quando se refere à escolha profissional, uma vez que as progressivas restrições não são reconhecidas, pois existe a crença de que o liberalismo propicia liberdade de escolha para todos.

Estas restrições são ocultas, pois resultam da incorporação de valores da ideologia dominante, que desencadeiam o cultivo de aspirações profissionais condizentes com tais valores. O desenvolvimento de aspirações profissionais, na maioria das vezes, condiz com as carreiras antevistas como canais de ascensão social. A concretização, das aspirações profissionais destes sujeitos encarnados tem poucas chances de ser transformada em realidade, em função do caráter sócio-econômico destes alunos. Outros jovens, aceitando suas

limitações objetivas, desejam menos e tentam encontrar caminhos profissionais menos ambiciosos, restringindo desde o início suas possibilidades (FERRETTI, 1997)

A concepção burguesa de trabalho foi sendo construída paulatina e historicamente, sendo um processo que o reduz a um objeto (coisa), surgindo aí o trabalho abstrato como mercadoria a força de trabalho (FRIGOTTO, 1995, p. 13-14). A coisificação da força de trabalho do estudante é velada, uma vez que seu trabalho é tratado sempre como uma opção apesar de constituir necessidade, em muitos casos. Ou seja, a inserção precoce do jovem no mercado de trabalho, antes da conclusão de sua formação superior, vincula-se a condicionantes de ordem econômico-social. Volta-se, assim, a remeter o trabalho do jovem a sua origem familiar, em termos das classes sociais, pois é a renda familiar que circunscreverá suas possibilidades de escolha profissional.

A análise a seguir, sobre os estudantes que trabalham e estudam, orienta-se no sentido de incorporar elementos explicativos à compreensão das diferenças e entre esses dois cursos. Estes elementos, de um modo genérico, remetem à própria diversidade das formas de organização e funcionamento dos cursos e carreiras, bem como para a capacidade de os estudantes se sustentarem, ajudarem no sustento familiar.

A tabela 5 demonstra a renda dos alunos de Pedagogia e de Psicologia.

Tabela 5: Renda Mensal dos Alunos dos Cursos de Pedagogia e Psicologia

Variáveis	Pedagogia %	Psicologia %
Não possui renda	5,4	7,6
De R\$200 a 1 salário mínimo	13,5	19,0
De 1,5 salários mínimos	29,7	13,3
De 2 a 2,5 salários mínimos	2,9	5,8
3 a 4 salários mínimos	10,8	4,8
Mais de 4 salários mínimos	5,4	2,9
Não responderam	5,0	46

Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora, 2008/2009.

Os estudantes do curso de Pedagogia recebem, de um modo geral, maiores salários do que os de Psicologia, pois a grande maioria (83,8%) trabalha para o seu próprio sustento e o sustento familiar e somente 13,5% apenas estudam. Por serem mais velhos e experientes os estudantes de pedagogia, já conquistaram alguns direitos, juntamente com a aceitação social de que o trabalhador na área de educação, não precisa de uma formação superior, para desempenhar tal função. Outra razão de tal fato pode ser explicada por 43,2% dos estudantes de Psicologia serem sustentados pela família e, dos 54,1% que trabalham, em sua maioria,

pouco contribuírem no orçamento familiar. Mas mesmo assim, este fato mereceria uma pesquisa mais profunda.

Assim, entre os estudantes do curso de Pedagogia, 5,4% não têm renda, 13,5% recebem de 200 reais a um salário mínimo, 29,7% um salário e meio por mês; 29,7% de dois a dois salários e meio; 10,8% de três a quatro salários e 5,4% recebem mais de quatro salários mínimos.

Já entre os estudantes do curso de Psicologia, 7,6% não têm renda própria, 19% recebem de 200 reais a um salário mínimo; 13,3% um salário mínimo e meio, 5,8% de dois a dois salários e meio, 4,8 % de salários a 4 quatro salários mínimos e 2,9% recebem mais de quatro salários mínimos.

Há um porcentual grande de alunos do curso de Psicologia que não respondeu a questão sobre a renda mensal, o que pode indicar que não trabalham. Quando comparados, são observadas diferenças entre os estudantes destes dois cursos: 73,6% dos estudantes de Psicologia são sustentados pela família e apenas 20% são sustentados pela própria renda, enquanto na Pedagogia 54,1% utilizam o que ganham para o próprio sustento e ajudam no orçamento familiar e 43,2% são sustentados pela família, apesar de apenas 13,5% não trabalharem.

Em relação à participação econômica na família, 67,6% dos alunos de Pedagogia contribuem para a renda familiar, enquanto 27% não ajudam no sustento da família, contra 67,6% na Psicologia que não contribuem para a renda familiar e 29,5% que contribuem para a renda familiar. Há uma inversão entre os dois cursos, como se pode observar no quesito participação econômica na família.

O ingresso precário e antecipado dos jovens no mundo do trabalho pode ser desfavorável a seu desempenho e sua trajetória profissional. Isso ocorre porque prevalecem no país desigualdades econômicas e sociais. Parece normal para alguns ingressarem no mercado de trabalho antes até de 16 anos, antes mesmos do término do ensino médio, como afirma Pochmann (2007). Isso ocorre principalmente com a população mais pobre da sociedade. Também parece comum a combinação trabalho/estudo, o que significa uma jornada diária de 16 horas, que engloba o trabalho, a escola e o deslocamento (casa/trabalho/escola/retorno para casa), como é o caso dos alunos do curso de Pedagogia, que são “trabalhadores que estudam”; diferentemente dos alunos de Psicologia, que são “estudantes que trabalham”. É evidente que a qualidade da aprendizagem ficará comprometida, neste primeiro caso.

3.5. As Questões de Gênero

O curso de Pedagogia conta com 94,6% de mulheres e o de Psicologia com 85,5% ficando claro que estas são profissões feminilizadas, que evidenciam a necessidade de uma abordagem específica das questões de gênero, o que será feito a seguir. Muitas vezes, durante o curso, há a constituição de uma família, com o nascimento de filhos, como é caso das depoentes Ana e Clara. Entretanto, veremos que também as mulheres solteiras incumbem-se dos trabalhos domésticos além de suas atividades profissionais.

As mulheres que investem na carreira desde o início, são poucas, seja com o preparo profissional, seja com o cultivo de relações sociais que viabilizem o exercício profissional; na verdade, falta-lhes consciência de gênero. Veja os depoimentos a seguir em resposta à questão: “como é que você concilia o trabalho e o estudo?”

Ana/ Pedagogia - É difícil. (...) É muito complicado, então eu tento o máximo, no momento em que estou trabalhando, não me preocupar com minhas outras atividades, até para não atrapalhar no meu trabalho, saindo de lá eu tenho a minha obrigação em casa, que é digamos que até umas 22 horas eu tento organizar uma coisa ou outra, e aí quando eu estou muito cansada eu durmo tantas horas, aí acordo e vou estudar, é na madrugada que eu estudo, que eu desenvolvo os meus trabalhos escolares.

Ana sacrifica seu corpo: o sono, por exemplo, para dar conta de todas as suas funções, enquanto mãe, dona de casa, estudante universitária e trabalhadora. Sobra muito pouco tempo para dedicar-se ao estudo, como vimos no depoimento. Clara afirma que:

Clara/Pedagogia - Assim, então, não tenho muito tempo para dedicar aos meus filhos agora estudando, tem muito... Como é que fala? Assim, muitas aulas, fora (na escola campo), não é? Essas aulas integradoras, projetos; então, se eu for realmente aprofundar mesmo e estudar vou ter que realmente abrir mão da minha família. Até para participar do projeto eu tive que parar mesmo por causa de tempo, e também o meu marido achava que eu estava traindo ele. Não tinha como, tinha que ser fim de semana, tinha que ser sábado, às vezes até domingo, tinha que estar reunindo com as colegas, não é? Então estava prejudicando o outro lado, o lado emocional, não é?

Clara tem dificuldade de se dedicar aos filhos, aos afazeres domésticos e não consegue se envolver nas atividades do curso sente-se pressionada tanto pela família, quanto pelo curso que frequenta. Há neste fato um conflito entre a realidade interna e a realidade externa. Clara deixa as atividades relacionadas à vida matrimonial e maternal suspensas, prejudicando suas relações afetivas, suas emoções, trazendo-lhes cobranças internas e externas.

Nestes dois casos, percebe-se que a sociedade constrói representações sociais de como homens e mulheres devem pensar, agir, sentir. Na construção destas representações do universo feminino, aparecem conteúdos que sustentam as crenças e as suposições fundamentadas em conceitos científicos ligados à procriação. Esta é complementada, simbolicamente, pela prescrição do papel de ser mãe, pela devoção feminina pelos filhos e pelo marido. Neste sentido está expresso o amor e a entrega total, o instinto e sacrifício materno e o cuidado com o casamento. A mulher deve incorporar (*in-corporar* isto é, deve submeter o seu corpo aos requisitos ditados pela sociedade) as qualidades associadas à feminilidade, como ternura, paciência, acolhimento, maternagem, perfeição, dedicação integral (BRZEZINSKI et al, 2006).

As entrevistadas Marinete e Patrícia explicitam a dificuldade vivenciada pela mulher na conciliação trabalho/estudo/trabalho doméstico, o conflito entre a incorporação do saber e/ou as tarefas domésticas. Percebe-se um consenso de que o trabalho desenvolvido em casa, além de não ser considerado trabalho, é responsabilidade apenas da mulher.

Marinete/ Pedagogia - Eu procuro ajudar [no serviço doméstico]. Sempre que eu estou em casa eu procuro ajudar. Eu ajudo no serviço de casa, na limpeza, aquela coisa toda. Eu sempre procuro ajudar. E reconheço que se a casa fica por conta da minha mãe, também, eu a valorizo.

Quando questionada sobre as obrigações domésticas, Marinete responde:

Marinete/ Pedagogia - Minha mãe, sobretudo assim, ela não cobra, porque ela percebe também o esforço da gente de ajudar em casa financeiramente. E aí o tempo que eu tenho eu procuro ajudar também, [no serviço doméstico]. [...] Meu pai não, [ele acha que devo trabalhar em casa também].

Marinete acredita e explica que o trabalho doméstico é uma atividade feminina e que, apesar de trabalhar fora, ajuda a mãe neste trabalho. Ela valoriza o trabalho da mãe, principalmente porque sabe que ele não é fácil e é pouco valorizado. Ainda fica evidente a prescrição do pai, que não assume qualquer trabalho doméstico, pois são afazeres que a mulher e a filha devem executar.

A construção social dos significados (do trabalho) é situada em circunstâncias sócio-históricas particulares e é mediada pelas práticas discursivas específicas em que os participantes estão posicionados em relação ao poder, de acordo com Foucault (1998).

Patrícia afirma que possui um irmão de quatro anos e que cuida dele, obrigação que pensa ser dela, por ser mulher, como se vê em seu depoimento:

Patrícia/Pedagogia - Eu cuido do meu irmão, porque minha mãe é separada do meu pai, mas a gente vive com meu pai (...). Minha mãe mora em

Goiânia, mas ela tem os problemas dela lá, ela é alcoólatra, e então não deu muito certo o casamento e depois dele [nascimento do irmão], ela voltou a beber, aí a gente preferiu afastar. Meu pai disse: ‘porque a gente já cresceu nisso e a gente não queria isso para ele [irmão]’, aí separou, e ele vive com a gente muito bem, graças a Deus, e até eu, eu criei ele [o irmão] até o meio do ano passado. [...] Aí eu falei para o meu pai – para assustá-lo – que ele ia ter que dar um jeito, pois com o tempo, eu quero arrumar um serviço. Foi quando eu comecei a trabalhar, e ele [irmão] fica no Centro Municipal de Educação Infantil CEMEI.

Patrícia afirma ter convivido com a mãe alcoólatra, mas o irmão não poderia conviver, pois isso constitui um perigo, ou seja, o irmão homem é preservado deste tipo de convivência “prejudicial”, mas ela – mulher – foi exposta a esta convivência. No mínimo esta avaliação foi preconceituosa e machista.

Devido à pressão do pai, Patrícia, com o intuito de conseguir um espaço público para si e dessa forma poder trabalhar fora, em uma atividade com retorno financeiro e mais confiabilidade, afirma ainda que “para dar um susto no pai” começou a trabalhar.

As relações de gênero constituem uma totalidade dialética e as contradições interagem de distintas formas. Essas relações de gênero, dizem respeito ao sexo, ao corpo anatômico organicamente constituído, e nele se inscrevem relações sociais, tanto no plano macro como no micro, entre as pessoas, e por isso é necessário analisá-las para entender esta dinâmica social. “Concepções de gênero, organicamente construídas, inter-relacionam-se dialeticamente, dando, assim, ensejo à superação das contradições nelas contidas através da prática política”, de acordo com Saffioti (1992, p. 193). Isto constitui a razão nuclear para não se distanciar do conceito de poder, pois o pai de Patrícia exige que ela exerça a maternagem sem que seja de fato mãe, apenas porque é mulher. Esta situação é um exemplo de uma das formas concretas de como vão sendo construídas as relações de gênero e, portanto da corporeidade/subjetividade, que dominam nossa vida privada, pública e nossas instituições.

Assim é que, como afirma Almeida Filho (2006, p. 6),

O modo como as mulheres [e homens] vivem o seu corpo, sua sexualidade ou maternidade, maneira como se comportam e pensam o trabalho, a escola, a família, o lazer, os papéis e funções sociais que desejam e se preparam para exercer são concretizados através de modelos e de normas sociais que visam a manutenção da ordem social vigente, na qual os homens não só exercem o poder econômico, político e ideológico, mas o fazem em nome de valores e regras sociais que preservam as diferenças e a dominação masculina e para as quais se monta um enorme aparato institucional com vistas ao controle da sua produção e reprodução.

O trabalho/estudo da mulher, principalmente da mulher casada, aqui o das estudantes do curso de Pedagogia, nas entrevistadas, em sua maioria, apareceu como secundário em

relação ao trabalho masculino. Tal desvalorização do trabalho profissional dessas mulheres, mesmo quando o salário é maior do que o do homem, quer seja pai, quer seja marido, faz parte da representação de que apenas complementam a renda masculina. Essas mulheres são em primeiro lugar mães, e é enquanto tal que exercem uma ocupação, quando necessário. Isto é fundamental para validar sua representação na condição de trabalhadoras secundárias (FERRETTI, 1988). As mulheres, ao conceberem o trabalho fora de casa como ajuda e exceção, deixam de se perceberem como trabalhadoras de fato.

A perspectiva das trabalhadoras/alunas de encararem o “ser trabalhadora” como exceção torna opaca e confusa sua identidade de trabalhadora; é como se fossem apenas “parcialmente trabalhadoras”, um semi-profissional, um ser corpóreo que está sendo, mas não se considera profissional. E assim, a formação profissional é secundarizada e a carreira fica fragilizada.

Encontramos em Marx e Engels (2002, p. XXVIII) já “a primeira divisão do trabalho, aquela [...] existente entre homem e mulher para a procriação”. Segundo Engels, a primeira oposição de classe que se encontra na história coincide com o caráter contraditório atribuído às relações de gênero, ocorrendo entre homens e mulheres no casamento, quando a primeira opressão se instaura, a opressão do sexo masculino sobre o feminino.

Assim assinalamos que as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se no terreno do poder, onde tem lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos explorados, duas faces do mesmo fenômeno, segundo Saffioti (1992). A mulher, graças ao sistema de representações e de atribuições, ao nascer torna-se um ser submisso à supremacia masculina. É importante sublinhar que se pode atribuir um mesmo estatuto teórico ao conceito de classe social e ao de opressão do sexo feminino pelo sexo masculino, ou seja, há relações sociais de sexo e de gênero.

Sobre a perspectiva do trabalho feminino, é útil analisar os depoimentos de Esmeralda, Marinete e Elizabeth. Esmeralda explica que não gosta do serviço doméstico, mas o divide com sua mãe, apesar de a mãe trabalhar fora:

Esmeralda/Psicologia - Minha mãe é a única que trabalha lá em casa. Trabalho mesmo, de salário e carteira assinada, só minha mãe (...).

Quanto às funções domésticas, Esmeralda explica:

Esmeralda/Psicologia - A gente divide não é?! A gente divide funções. Algumas coisas ela faz. Não que eu não saiba, mas ela tem mais destreza e faz melhor. Então a gente divide. Eu faço muitas coisas em casa, como faço fora também. Então, é dividido, mas ela [a mãe] faz mais.

Marinete vive com o pai e a mãe, trabalha fora, mas tem responsabilidade frente às tarefas de casa. Afirma que:

Marinete/Pedagogia - Eu procuro ajudar. [...] E reconheço o esforço que ela [a mãe] faz para limpar a casa. Minha mãe [...] percebe, também, o meu esforço de ajudar financeiramente, em casa.

Marinete retribui com gratidão e reconhecimento as tarefas feitas pela sua mãe em casa, pois, segundo ela, a mãe percebe a sua contribuição financeira para a família. Este fato parece não ser valorizado pelo pai.

Já o pai de Elizabeth afirma que ela deve investir na carreira de confecção de bijuterias artesanais, atividade que ela já exerce e lhe dá, um certo, retorno financeiro, como ela explica:

Elizabeth/Psicologia - Às vezes, também, meu pai diz que eu podia ter uma banca em uma feira, sabe?! Alguma coisa assim. Expandir mesmo. Aí às vezes eu fico pensando, até penso nessa possibilidade, mas aí eu não sei se é uma coisa assim que eu gostaria de trabalhar e de viver disso. É uma coisa assim, um *hobby* mesmo pra mim. É uma forma, enquanto eu não estou formada, não estou ganhando dinheiro com a Psicologia e com a música é uma forma de ganhar uma graninha. É a necessidade!... É muito difícil.

Para Elizabeth, trabalho mesmo são atividades que demandam preparo profissional anterior, através de cursos, principalmente o curso superior. Há o constrangimento, de um lado, pelo trabalho que executa e, de outro, resistência à valorização do trabalho feminino pela própria mulher, como ficou explícito nos dois últimos depoimentos acima.

Existe uma dicotomização entre a natureza e a cultura, mas homens e mulheres são prisioneiros de gênero, embora de maneira diferenciada, e não se pode esquecer que são inter-relacionados. Dessa forma, a organização social de gênero afeta os processos e as estruturas psíquicas conscientes e inconscientes, mas o resultado disso não é tranquilo, pois este mesmo padrão dominante traz tensões capazes de minar esta organização social de gênero.

Saffioti (1992) chama a atenção para que, nós, os educadores, não contribuam para incrementar a distância entre as diferenças que separam os gêneros, pois o aumento das diferenças pode obscurecer as identidades de classe, estabelecendo fissuras político-ideológicas nestes agrupamentos verticais, introduzindo cunhas em suas lutas. Este autor assinala também a necessidade de análise concreta dos fatos reais, afirmando que eles podem mostrar como a vivência humana apresenta tanto um colorido de classe quanto de gênero.

Os estudantes de Pedagogia e Psicologia com renda menor ingressaram mais cedo no mercado de trabalho e foram em primeiro lugar trabalhadores para depois serem estudantes, até mesmo porque cursam o ensino privado. O caminho da profissionalização é apontado como necessidade, porém as alunas do curso de Pedagogia colocam a família como questão privilegiada, vindo o curso a ser uma semi-profissionalização. As questões de gênero são mais contundentes para as estudantes casadas.

Por outro lado, constatou-se que os (as) estudantes de Psicologia com renda mais alta podem pensar e realizar a sua profissionalização como um tempo importante de suas vidas, assim como as questões de gênero são minimizadas, dadas às condições concretas materiais. Entretanto, é prudente, segundo Saffioti (1992), não esquecer que as relações sociais e de gênero travam-se no terreno do poder, onde têm lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos explorados, duas faces do mesmo fenômeno, que conformam profissionalizações, corporeidades e subjetividades diferenciadas.

É interessante assinalar que Petrelli (1999, p. 51-53), em relação às profissões e aos gêneros, nos alerta que eles não respondem apenas a exigências mercadológicas, mas a valores humanos, o gênero masculino reproduz o *homo faber*, isto é, produz instrumentos e processos de trabalhos, inventa tecnologia, seja para as mais simples como para as mais complexas operações. Isto exige competência e criatividade do autor no seu próprio fazer. Assim temos que viver e sobreviver no tempo-espaço que ocupamos, participando ativamente de sua organização, como produtores e não só como consumidores de serviços alheios. Somos artífices do mundo da cultura, deixando as nossas obras. O gênero feminino reproduz *homo ludens*, dimensão lúdica em que a alegria acompanha a atividade e a atenção está localizada sobre a ação, intencionando uma competência por si mesma, fora de qualquer concorrência. O ludo deveria ser o “tônus” de qualquer atividade erótica, científica e estética, acompanhada de originalidade e a criatividade. Há também, o *homo eroticus* que se constitui em o prazer no desejo do outro e o outro, razão e ator do meu desejo. O erotismo é aquela *conjunctio animarum* (união das almas) que alimenta a *conjunctio corporum* (união dos corpos). O Eros acompanha todas as idades, tem sua forma própria de se expressar, no ludo, na arte e até na mais pura mística. A escolha da profissão, não podemos esquecer, é também motivada e mobilizada por estes valores humanos, de um humanismo ontológico. O que significa dizer que as escolhas são também orientadas por questões ontológicas, que incluem, é claro, todas as questões de classe, de gênero, o lúdico, o erótico, de que participam o ser humano encarnado.

CAPITULO 4

AS MUDANÇAS DA CORPOREIDADE/SUBJETIVIDADE: SILENCIAMENTOS E FRACIONAMENTOS CORPO/MENTE

Ao longo da história, os indivíduos fazem determinados usos de seus corpos, de tal modo que mostram a marca que a estrutura social lhes imprime, direta ou indiretamente, sobre a sua própria estrutura individual, sobre a forma do psíquico, do físico e do coletivo como algo único.

Os corpos foram e são objeto de atenção não apenas na escola mas em várias instâncias sociais. São o alvo central de muitas pedagogias culturais que, além das instituições escolares, e por vezes de forma sedutora e eficiente, acabam por produzir os sujeitos sociais. Com um olhar mais atento, pode-se ver que os processos educativos estiveram e ainda estão preocupados em vigiar, controlar, corrigir, modelar os corpos de meninos, meninas, jovens, homens e mulheres, de acordo com Louro (2003).

A educação do corpo na escola percorre múltiplos caminhos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. A escola prescreve, dita normas e formas de contenção, até mesmo, das necessidades fisiológicas, contrariando a “natureza”.

Concordamos aqui com Breton (2006) quando afirma que a corporeidade humana é um fenômeno social, cultural, [econômico e político] e, como tal, as ações que tecem as contradições cotidianas, das mais simples às mais complexas, envolvem a mediação da corporeidade. Até mesmo o uso do corpo físico do homem depende de um conjunto de sistemas simbólicos, de onde nascem e se propagam as significações da existência tanto individual quanto coletiva.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados (BRETON, 2006, p. 28).

Muitas são as sociedades, muitas também são as representações e as ações que se apóiam nesta percepção de corpo. Assim, a tarefa da sociologia, segundo Breton (2006), é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica, destacando as representações, os simbolismos, as estruturas imaginárias que aparecem em cada sociedade.

Na atualidade o corpo se revela não só enquanto componente orgânico/físico, mas também social, psicológico, filosófico, educacional, científico e até mesmo tecnológico e vai sendo construído no cotidiano, nas relações de produção e de troca, e assim vai se transformando.

Para Merleau-Ponty (1996, p. 122), “o corpo é o veículo do ser no mundo, um corpo é, para o ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” isto implica uma visão relacional-dialética do corpo, que internaliza os efeitos dos próprios processos que o criam, ao mesmo tempo em que estes processos são criados por ele.

Nesta mesma linha de pensamento, Harvey (2009, p. 137) explicita que “o conjunto de atividades performativas disponíveis ao corpo num dado momento e lugar não é independente do ambiente tecnológico, físico, social e econômico em que esse corpo tem seu ser.” Assim, o corpo traz a marca do tempo e do espaço em que está inserido e das atividades que exerce como, por exemplo, o corpo do professor trás uma tipologia, uma postura corporal, um modo de vestir, um olhar, um modo de prestar atenção, de analisar, de avaliar e até mesmo as reações psicossomáticas do exercício da sua profissão.

Continuando, Harvey (2009, p. 137) afirma que “também as práticas representacionais que operam na sociedade moldam o corpo” e as formas de vestir, de cuidar de si e de pensar o corpo, propõem sentidos simbólicos que são apreendidos por este sujeito. Como exemplo, pode-se citar a vestimenta branca do psicólogo ao atender o cliente no hospital ou na clínica, que o diferencia do cliente. Como bem explica a depoente Priscila (p. 136) em resposta a mudanças ocorridas a partir do curso de psicologia.

Foucault (1979, p. 147) trabalha a questão do corpo-poder e afirma que:

Nesse sentido o poder não se restringe à consciência, às idéias, mas também ao corpo, aos efeitos que provocam nele, não apenas por meio da censura velada, do recalçamento, mas da influência que exerce sobre o próprio desejo desse corpo, como também em nível do saber.

O poder, para Foucault, não deve ser entendido como uma “ideia” ou uma “identidade teórica”, mas como exercício, como prática que só existe na sua “concretude”, multifacetado e no cotidiano. O poder não atua só no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade industrial capitalista. O

corpo só se torna força de trabalho quando manipulado pelo sistema econômico e político de dominação característico do poder disciplinar⁴⁴ e do bio-poder⁴⁵.

O processo educativo, ao formar/profissionalizar para o trabalho, tem por objetivo uma formação que prepare para a utilização dos conhecimentos, das tecnologias e das técnicas que correspondem às necessidades das relações sociais de produção de cada tempo histórico. Nesse processo educativo são construídos conhecimentos, universos simbólicos e representações sociais da corporeidade/subjetividade.

Não há identidade fora de poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem a ação. Ao afirmarmos o caráter relacional e múltiplo das identidades, sua fluidez e suas inconstâncias, estamos sugerindo uma abordagem muito mais complexa articulando-se em variadas combinações, as identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade são todas constituídas por [e constituintes de] redes de poder (LOURO, 2000, p. 68).

De fato, deve-se buscar o poder como uma rede de relações sempre em atividade. É através das trocas e dos jogos que constituem o seu exercício no interior das redes de poder que se evidenciam as diferenças e as desigualdades. Dessa forma, as identidades se fazem através das relações políticas, sociais, culturais, pedagógicas e cotidianas.

Neste sentido, foi descrito nesse trabalho o processo de constituição da identidade profissional de pedagogos (as) e psicólogos (as) formados pela instituição/campo de pesquisa, descrevendo e analisando os efeitos na subjetividade do que está sendo chamado de ‘cultura somática’ ou ‘culto ao corpo’, de acordo com Ortega (2008).

A identidade tem sido apresentada como um conceito dinâmico, adotado freqüentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro. Para Berger e Luckmann (2002, p. 177), “... ela é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo”.

⁴⁴ O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de se retirar, tem como função maior “adestrar” ou, sem dúvida, de adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo [...]. “Adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica indivíduos; ela é uma técnica específica de poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1998, p. 143).

⁴⁵ Bio-poder é a preocupação com a identificação e a análise do processo pela qual se dá a tomada do poder sobre os corpos. Na sociedade ocidental, o bio-poder ocupará o centro das pesquisas de Foucault, a partir de 1972-1973. Sua análise procurará traçar a trajetória das diversas tecnologias de poder que se desenvolveram no ocidente a partir do final do século XVI até constituírem a sofisticada estrutura de poder que envolve o homem contemporâneo. Estes diversos processos, que acarretaram uma progressiva organização da vida social, através de meticulosos rituais de poder que têm como objetivo o corpo, se deram através do que Foucault caracterizou como “bio-poder” (MAIA, 1995, p. 9).

Mas, não podemos nos esquecer que, do papel da relação com o outro, visto que a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele. Pensar esta inserção implica em reconhecer uma concepção dialética entre indivíduo e sociedade, na qual um se identifica e se transforma a partir do outro: o sujeito assimila a realidade e reproduz ativamente sua experiência social.

Enquanto membro da sociedade, o sujeito, ao mesmo tempo, exterioriza seu modo de ser no mundo e o interioriza, por meio dos processos de socialização primária e secundária.

A identidade é entendida como um processo de construção de sujeitos profissionais. A identidade profissional constitui-se de um processo contínuo que se vincula à identidade pessoal, mas que está ligada ao vínculo e ao sentimento de pertença de um indivíduo a uma determinada categoria ou grupo social, tendo como possibilidade construir, desconstruir e reconstruir algo que permita dar sentido a seu trabalho.

Se a constituição da identidade do eu (ego), começa desde o nascimento e se desenvolve ao longo da vida, a identidade profissional se desenvolve, nas relações com os outros, principalmente durante os cursos que o sujeito frequenta, neste caso, Pedagogia e Psicologia, no trabalho desenvolvido no dia a dia do profissional. É difícil separar o eu profissional do eu pessoal. Este é um processo contínuo que decorre do quadro de referências que estes cursos possuem, a partir dos quais os estudantes percebem, interpretam e atribuem significados às atividades que desenvolvem e/ou desenvolverão num futuro próximo. Esta identidade fundamenta-se no significado social de um contexto específico e um determinado momento histórico e também no significado pessoal que estes sujeitos conferem a suas atividades profissionais, baseando-se em histórias de vida, visões de mundo e valores pessoais inseridos em um determinado tempo sociocultural.

A formação inicial destas duas profissões é de extrema relevância como mediação para a construção dos saberes profissionais que orientam estas formas de atividade.

Tanto o trabalho do professor quanto o do psicólogo é constituído por relações sociais que envolvem maneiras de agir, de se comunicar, de pensar, de se apropriar do desenvolvimento científico e tecnológico, relações que participam na estruturação do processo educativo em cada curso.

Seja atuando na escola (professor), sejam na clínica (psicólogo) ou demais áreas de trabalho, devem-se considerar os anseios, as escolhas, as expectativas frente à profissão, as condições de trabalho e salariais, o conjunto de relações sociais, entre outros elementos que

participam da construção da identidade profissional deste estudante e futuro profissional (DUBAR, 2005).

A construção da identidade profissional está relacionada às representações pessoais, de acordo com Dubar (2005), à imagem do eu que, ao se relacionar com os fatores externos, submete-se a um processo de constante mudança, que promoverá o processo de construção da identidade profissional.

[...] que constitui não só uma identidade no trabalho, mas também e, sobretudo uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de emprego e o desencadear de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de formação (DUBAR, 2005, p. 114).

Desse modo, existem os fatores externos e os internos, sendo que estes, podem ser internalizados ou projetados, não é possível separar o “eu pessoal” do “eu profissional”. O indivíduo (professor ou psicólogo) manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações nos planos individual e coletivo, na busca de significados para a construção de sua identidade profissional.

Confirmando este raciocínio, Heller (2000) explica que a vida cotidiana é heterogênea em muitos aspectos, tais como o conteúdo e a significação ou importância de nossas atividades. Assim, a organização do trabalho, o lazer, a atividade social sistemática [escolar] e assistemática, o intercâmbio ou a comunicação social se entrelaçam na vida cotidiana, já que o homem nasce e se desenvolve em sua cotidianidade e seu amadurecimento começa sempre em grupos específicos (familiar, escolar, pequenos grupos sociais).

A atividade do professor, por exemplo, recebe interferência de fatores concretos tais como o número de alunos por sala, a ausência ou presença de recursos materiais, a violência ou não na escola, entre outros, que levam a mudanças nas relações de trabalho e na atividade docente. Percebe-se também a pouca importância atribuída à implementação de políticas públicas educacionais que reconheçam tanto social quanto economicamente o trabalho docente. As expectativas frente à profissão docente não são, ou raramente são animadoras e a imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional. Este processo está em constante transformação, reconstruindo-se ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais, buscando significados e motivações para as relações na sociedade e consigo mesmo.

4.1 A Construção da Identidade Profissional

Neste processo, ao longo de sua carreira estudantil (e profissional), o professor (ou o futuro professor) vai construindo saberes e construindo o referencial teórico para suas possíveis ações, fazendo parte desse processo suas teorias pessoais, seus conhecimentos adquiridos, suas crenças e suposições.

A educação escolar, de acordo com Vigotski (2000), cumpre a função de transferir os conhecimentos científicos e culturais às novas gerações, possibilitando-lhes o desenvolvimento das faculdades psíquicas humanas superiores e suas correspondentes habilidades operacionais. Esta função lança aos educadores o grande desafio de desenvolver nos alunos – futuros professores ou psicólogos – capacidades intelectuais durante o processo de apropriação de conhecimentos, de forma que os saberes adquiridos sejam utilizados com êxito e estes profissionais atuem como mediadores da relação dos indivíduos com a realidade, supondo que estes conhecimentos sejam internalizados por estes estudantes. Segundo Vigotski (2000), as operações psíquicas humanas superiores compreendem os processos mentais desenvolvidos em decorrência das apropriações do patrimônio material e intelectual histórica e socialmente construído.

Pimenta (1999) desenvolve uma pesquisa a partir de sua prática com alunos de licenciatura e destaca a importância dos saberes da experiência para a construção da identidade profissional do professor e do psicólogo. Esta autora identifica três tipos de saberes da docência: (1) os saberes da experiência, que se referem tanto àqueles apreendidos pelo profissional quando aluno, repassado por seus professores, quanto o conhecimento produzido na prática, num processo de reflexão e troca com os seus pares; (2) os saberes do conhecimento, que abrangem a revisão da função da escola [ou outra instituição] na transmissão do conhecimento e suas especialidades num contexto contemporâneo; (3) os saberes pedagógicos [saberes próprios do universo da pedagogia ou psicologia], que abrangem a questão do conhecimento juntamente com o saber da experiência e dos conteúdos específicos, que serão construídos a partir das necessidades reais. Não se pode esquecer que a formação da identidade profissional não se dá de forma descontextualizada do processo do qual faz parte.

O desenvolvimento pessoal e profissional de um professor ou de um psicólogo é um processo complexo e tecido conforme ele se posiciona em relação a múltiplas e por vezes contraditórias situações. Para tanto, contribuem também múltiplos e contraditórios significados, pontos de vista, valores morais, crenças expressas pelos discursos elaborados por

vários interlocutores que se situam nos diferentes momentos da vida desde a infância, contextos criados nas instituições sociais, nos campos científicos, nas legislações, nas experiências sindicais e políticas, entre outros.

A construção da identidade do docente e do psicólogo como um fenômeno em constante transformação ocorre a partir de práticas sociais específicas que estabelecem uma mediação com a criação de discursos conforme cada professor (a) e/ou psicólogo (a) em formação faz uso de instrumentos cognitivos, afetivos, linguísticos e portanto corporais e sociais que criam motivos e desejos em um processo ativo no mundo partilhado intersubjetivamente.

A organização social capitalista caracteriza-se pela alienação do trabalho e do trabalhador. Porém, “o trabalho educativo pressupõe o homem diante de outro homem, de quem não pode estar estranho (alienado), fundando-se numa relação que é por natureza interpessoal e mediada pelas apropriações e objetivações desses homens” (MARTINS, 2007, p. 5).

Segundo Marx (2002, p. 18), “a produção de ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material dos homens; ela é a linguagem da vida real.” É na existência real, concreta, que se desenvolve a personalidade do indivíduo e assim, pensar a formação do professor significa promover condições para que ele mesmo reflita sobre o modo como se forma, segundo Martins (2007). A reflexão apresenta-se como um dos objetivos para a formação do professor e do psicólogo, pois é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do pensamento e da ação.

Não se pode perder de vista a possibilidade da função emancipatória da educação, uma vez que ela, segundo Martins (2007), pode representar o desenvolvimento da verdadeira consciência por meio da apropriação de conhecimentos, habilidades, métodos e técnicas, de forma que os homens possam intervir na realidade e participar de forma ativa como sujeitos do desenvolvimento genérico da humanidade.

Desse modo, tomar-se-á por base de investigação uma perspectiva de totalidade, o que se justifica a partir da constatação de que o tema identidade profissional é parte de realidades mais amplas e complexas nos planos econômico e social e do pressuposto de que a verdade, sempre parcial só se aproxima de sua significação, por seu lugar no conjunto e vice-versa. Assim, partiremos dos eventos singulares relatados, das práticas sociais, da análise dos discursos, das propostas institucionais e da cultura do curso.

4.2 Formação do Profissional: projeto político-pedagógico

A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, de pensar, de ser, de se vestir, de agir enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que o curso de pedagogia propõe no seu projeto político-pedagógico está assim expresso:

O curso de Pedagogia prioriza o ato acadêmico e empenha-se na primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios sobre a aquisição cumulativa de informações. Quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou de pós-graduação o professor graduado pelo departamento de educação desta universidade, evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato; flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas, também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade; atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício de liderança; compreensão crítica e análise de idéias, bem como dos valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo (Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia, 2005, p. 16).

Frente à pergunta “Você acredita que o curso de Pedagogia que você faz consegue abranger esta proposta”, Marinete e Ana explicam que o curso de Pedagogia tenta abranger esta proposta, mas afirmam que os resultados dependem do esforço dos alunos:

Marinete/Pedagogia - Ah, com certeza, eu acho que isso coube direitinho em muitas coisas na minha vida. Eu penso que o curso tem que melhorar mais ainda [...] tanto eu quanto o próprio curso também na medida em que vai ocorrendo as mudanças, as transformações [ocorrem], isso vai, não é?! Mas, nossa, demais, isso parece que veio falar muita coisa que parece que está dentro de mim. [...] Eu acho que tem que melhorar algumas coisinhas, não é?! São detalhes que eu fui percebendo ao longo do curso, que nas avaliações fui apontando também e eles [os professores, coordenadores] iam levando como sugestão para o próprio curso. Então eu penso assim, eles, a partir dessas avaliações, eles devem fazer mudanças também, não é?! E assim, cada vez mais entra uma turma, sai outra, então, quer dizer, as pessoas vão sugerindo coisas novas, não é?! Então, é importante estar sempre colhendo essas informações para estar melhorando, não é?! Eu acho que a partir daí o ensino vai melhorar [...] para os demais.

Ana/Pedagogia - Eu penso que na medida do possível sim [...] eu penso que nós enquanto estudantes, também, devemos buscar, então não adianta culpar a universidade por isso ou aquilo. Se o estudante está meio deixando de lado o seu papel, está só passando pelo curso. Eu acredito que, da minha parte, pode sim abranger todos esses itens.

Fica bem explicitado que as propostas do projeto político-pedagógico do curso serão alcançadas se houver colaboração de todos, gestores, professores e alunos.

Marinete responde essa questão tentando confirmar com a entrevistadora se está certa: o uso reiterado de “não é?” soa como se ela quisesse dizer a si mesma e perguntar ao outro se as suas ideias serão apreendidas e seguidas pela administração do curso ou pelos professores. Percebe-se também, no depoimento de Marinete, que ela nada propõe: “Eu acho que isso coube direitinho em muitas coisas, na minha vida”, “Mas, nossa! Demais, isso parece que veio falar muita coisa que parece que está dentro de mim. (...) Eu acho que tem que melhorar algumas coisinhas, não é?!” Mas, na verdade, Marinete não diz o que tem de ser melhorado ou modificado.

Para Melissa, as mudanças são extremamente importantes. É a primeira na família que cursa o ensino superior e isto é razão de orgulho tanto para ela quanto para a sua família. Acredita que no curso aprende “tudo”, orienta-se a aprender na vida, no estudo individual ou com grupos de colegas.

O curso de Pedagogia tem orientado suas reformulações, no sentido de tornar a docência a base de sua formação, respaldada nas transformações por que passa a escola fundamental e na superação das dicotomias “professor/aluno” e “formação de quem pensa/formação de quem faz”. Isso tem criado novas atitudes no curso, com uma avaliação constante do curso e a crença do aluno de que as modificações ocorrerão a partir das propostas e críticas feitas por ele (a).

Porém, não se pode esquecer que este curso é oferecido em sete períodos (três anos e meio) e nesse tempo não é possível trabalhar todas as propostas apontadas no Projeto Político-Pedagógico do curso. Em nenhum momento é explicitado como este (a) aluno (a) chega à universidade; quais são as questões advindas de fatores econômicos, políticos e sociais vivenciadas por ele (a) e em quais as condições concretas este (a) aluno (a) realiza este curso. Como estes fatores interferem e co-determinam o processo de aprendizagem e o exercício da docência propriamente dita da formação principal do profissional cujo *locus* de trabalho é o ensino infantil e o fundamental.

Melissa afirma que mudou a sua forma de pensar e explica como:

Melissa/Pedagogia - De certa forma sim... Mudou o pensar. Porque às vezes eu pegava uma coisa e lia, não entendia muito bem, para mim tanto fazia se eu entendesse ou não, agora não, quando eu vou ler alguma coisa eu tenho que pegar um dicionário, para ver palavras novas, conhecer outras coisas. Mudou muita coisa [...] muita coisa mesmo, não é? Apesar da gente não dar conta de identificar o quê, mas há uma mudança [...]. Minha avó fala: “ah, tomara que você passe [não seja reprovada nas disciplinas], porque eu não tive a oportunidade de ver um filho meu formado, eu quero ter a oportunidade de te ver formar”. Tanto é que ela tem 12 netas e eu sou a única que estou fazendo faculdade.

Melissa demonstra, através de sua atitude, aquilo que Freire (2004) chama a atenção, que é uma das tarefas principais da educação: o desenvolvimento da curiosidade crítica insatisfeita, indócil. Ela encontra-se na etapa inicial de curiosidade, no desejo de entender o que está sendo dito ou escrito, “a curiosidade ingênua”, que pressupõe a curiosidade epistemológica, que tenta “alcançar o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 2004).

Clara afirma que algumas vezes os princípios desta proposta são desenvolvidos, outras vezes não, e coloca no professor a responsabilidade por sua aprendizagem:

Clara/Pedagogia - Sim e não, não é? Não sei. Depende muito do professor. Percebo que [...] em algumas disciplinas existe a preocupação com alguns desses princípios, outras não.

Clara trabalha como agente educativa percebe que necessita do “diploma” para poder passar para o quadro de docentes e coloca nas mãos do outro (professor) sua dificuldade de desenvolvimento. Não consegue fazer uma crítica no sentido de propor mudanças, nem consegue fazer reivindicações, está bastante alienada tanto no trabalho que desenvolve, quanto na universidade que frequenta. Sua preocupação maior é com a família e o marido.

Patrícia aponta a necessidade do empenho do aluno e do professor para que esta proposta ocorra:

Patrícia/Pedagogia - Acho assim que depende do empenho da aluna, do aluno, de estar querendo isso aqui. Também depende, às vezes depende do professor, o que ele ensina para a gente [...]. E, assim, alguns professores [...] têm essa proposta, têm estas preocupações.

Luciana e Waldir possuem uma percepção mais crítica da realidade, afirmam:

Luciana/Pedagogia - Olha! De fato esta seria [...] a proposta ideal, só que nós somos seres humanos, e nem todos os profissionais que formam saem da mesma forma, e graças a Deus, também que não são assim, temos que ser diferentes, mas eu estou dizendo na questão de que tem profissionais/pedagogos saindo das universidades federais e também de outras universidades [...] com apenas o certificado, então, [...] nada disso que você acabou de comentar é entendido [...] por esta pessoa. Eu acho, assim, que depende de cada graduando, tem pessoas que às vezes, já são assim antes mesmo de entrar no Curso, e apenas aperfeiçoam, e agora tem pessoas que vão sair sem acontecer nada, como se não tivesse entrado. [...] Eu posso dizer assim, no primeiro curso que eu fiz Estudos Sociais eu já era muito dedicada, mas não tão dedicada quanto estou sendo no Curso de Pedagogia [...] agora eu estou conseguindo ser muito mais dedicada, então parece que fui amadurecendo e aproveitando as oportunidades

Waldir/Pedagogia - Algumas coisas não na amplitude. Consegui alcançar muitas coisas, por isso quero continuar estudando para alcançar mais coisas, principalmente no lado profissional, o curso mexeu muito comigo

individualmente. [...] o curso me modificou, pois tenho que estudar sempre, tenho a necessidade de sempre estar estudando, depois que eu entrei na faculdade tenho aquela sede de conhecimento, minha mente não consegue estagnar, eu faço muitos relatórios e projetos e a minha mente rompeu fronteiras e barreiras eu vejo qualidade nos meus relatórios, nos meus projetos e outros serviços também, a faculdade me ajudou muito.

“Ensinar exige criticidade”, como afirma Freire (2004). Além de levar o indivíduo a aceitar o novo, leva-o a um processo dinâmico, dialético daquilo que faz, a pensar sobre o fazer e a busca é permanente. Tanto Luciana quanto Waldir aproveitaram os ensinamentos aprendidos na universidade para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Neste processo, professores e alunos possuem responsabilidades específicas, mas complementares dentro de um “contrato pedagógico”. Assim é que o indivíduo que vive a sua cotidianidade deve aprender a manipular objetos, os instrumentos e utensílios de sua cultura. E como não existe apropriação que não seja mediada, direta ou indiretamente, por outro indivíduo, esse processo pressupõe, por sua vez, a apropriação de certas relações sociais, bem como a apropriação da linguagem, forma básica de comunicação ou intercâmbio entre os indivíduos de um determinado grupo.

“Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente” (FREIRE, 2004, p. 136). Sem sombra de dúvidas, o docente deve se sentir responsável por compreender o estudante, compreender sua linguagem, seu universo, preocupar-se com a orientação formadora.

O estudante deve preocupar-se com uma educação formadora que possibilite sua integração ativa na sociedade em que vive, e a instituição deve se comprometer em organizar e otimizar os processos que favoreçam os interesses conjuntos, segundo Martins (2007).

Nota-se que o objetivo fixado de pretender que o indivíduo reflita sobre seu curso, seu ingresso na atividade profissional e o exercício dessa atividade nem sempre é possível de ser alcançado. A proposta de reflexão sobre trabalho enquanto atividade social que modifica a natureza e determina as relações sociais parece-nos fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica da preparação para o exercício da docência.

Percebe-se que o curso de Pedagogia desta universidade, no quadro da realidade nacional, possui “uma certa qualidade”, mas há a construção de um discurso institucional que propaga que este curso é ótimo (ou muito bom), algo que o professor mais experiente, maduro e crítico questionaria. Com este discurso, tenta-se escamotear as políticas neoliberais que levam à contratação de professores convidados, ao rodízio de professores, fazendo com que

não consigam interpretar este processo social, uma vez que a cada dois anos o professor tem de se ausentar por pelo menos um semestre, para que possa vir a ser recontratado. O quadro vivenciado pelos professores desta universidade é de precarização das condições de trabalho, com sérias implicações na qualidade do ensino.

Quanto à proposta pedagógica (Projeto Político-Pedagógico) do curso de Psicologia, está expresso que:

O curso pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológicas apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde. Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pela Psicologia desta universidade: [...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato, mas a flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo (Projeto Acadêmico, 2006, p. 6).

A entrevistadora, depois de ler a proposta do curso, perguntou: “O que você tem aprendido na universidade tem ajudado na sua relação com a profissão de psicólogo?” “O que você pensa realmente sobre sua formação de psicólogo?”

Sofia/Psicologia - Eu acho que as matérias que eu faço me ajudam sim. Eu espero que daqui para a frente possa gostar assim, cada vez mais, do curso, não é?! Que ele corresponda ao que eu espero [...] eu me interessou muito pela área de desenvolvimento de crianças. [...] Espero que eles mostrem mais nessa área, que é uma área que eu pretendo investir mesmo. [...] Eu penso que o curso ajudará muito, mas ainda não sei, no período que estou. As disciplinas que fiz são muito teóricas. Quem sabe mais para frente verei algo que me ajudará a compreender as crianças, como elas são, por que fazem isso ou aquilo. Assim espero.

Sofia encontra-se no início do curso. Ela cursará o novo currículo, com as transformações propostas. Diana também está no princípio do curso:

Diana/Psicologia - No primeiro e no segundo períodos tenho notado bastante coerência, pois, entrou uma matéria agora, por exemplo, “Psicologia Social” que eu adorei. Bem em Psicologia mesmo, tem bastante embasamento. A matéria do professor... eu tenho gostado bastante pela visão que ele tem, a visão crítica, inclusive em relação ao mercado de trabalho, o papel do psicólogo. Eu percebo que existe toda uma introdução. Eu gostaria que já desde o primeiro período nós já tivéssemos matérias, por exemplo, a “Psicopatologia”, mas colocar uma pessoa de 17, 18 anos que de repente nunca teve contato. Eu gosto do tema, já leio há bastante tempo, já

acompanhei pessoas, já tive contato com pessoas com tendência a suicídio, com depressão acentuada. Já tenho uma certa vivência, não é?! Mas então não colocando aqui a minha necessidade, eu acho que esta no tempo certo. [...] Eu espero que com esse curso... eu consiga realmente desempenhar a profissão. Então ele a princípio é aquele que vai me introduzir numa nova realidade. Não é somente uma realidade em nível de conhecimento, mas na medida de relação. Enfim, o psicólogo não é só aquele que pensa, é aquele que olha, que sente, que escuta.. Não pode ser apenas o psicólogo que analisa. Você tem que ter as suas emoções equilibradas, tem que saber enxergar. Então a profissão é muito interessante no sentido em que ela exige que eu seja uma mulher integrada, que veja o outro como um ser integrado. É muito bonito.

Priscila/Psicologia - Não. Assim, tem alguns aspectos que sim. Têm outros que depende. Eu sou da grade (curricular) de 1999. Descobri que independente da área que faço, se estou na área organizacional, ou clínica, ou pra qualquer lugar. Eu acho que o pré-requisito é fazer a psicoterapia [...] O conhecimento pratico é muito importante. Me mostrou como lidar com as pessoas. Como é que é. Tem gente, não tem só livro. Quando você começa a entrar na prática você começa a entrar em choque com alguns problemas, conflitos seus sabe?!

Priscila chama a atenção para a necessidade de todos os alunos de Psicologia fazerem psicoterapia. Muitos alunos fazem o curso com o objetivo de resolver os seus próprios problemas e assim não conseguem escutar os outros, pois vivenciam as suas próprias crises.

“Como você faz para conciliar o trabalho e os estudos?” (Entrevistadora)

Diana/Psicologia – Olha! no segundo período eu achei que ia ter menos dificuldades, mas, especificamente no meu caso,[teve um câncer] em agosto, setembro, eu estava um pouco fraca por causa dos tratamentos e começou bem acelerado. Eu choquei e bateu aquele desespero. Tanto é que eu pude me dedicar mais às atividades profissionais depois que eu passei por esse espaço. Então eu consegui me dedicar mais lá em outubro, novembro, não é?! Então tenho mais dificuldades, mas pela minha questão particular

Bruna explica que os ensinamentos da experiência do seu trabalho (estágio na universidade com o grupo *Aprendendo a Pensar*) a ajudam mais nas suas atividades concretas. Ou seja, a parte prática do curso a auxilia mais do que a parte teórica.

Bruna/Psicologia - Na faculdade nem tanto, mas no campo de trabalho, fui aprendendo o jeito de lidar com o pai, com o funcionário. Aqui, [na universidade] isto depende muito do esforço do aluno, se ele quiser levar a sério, porque se o aluno não quiser, a faculdade não puxa tanto esse lado. Somente aprendemos a partir de algumas matérias que vamos pegando. Mas é assim só se você quiser e correr atrás e tomar uma postura diferente.[...] Acho que o curso trouxe isso, ao longo do curso é até bom quando vamos chegando no final do curso fazer uma reflexão de como era antes e como é hoje. Acho que trouxe (...) minha mãe, as pessoas que me rodeiam comentam que eu fiquei mais calma, escuto mais, eu era muito nervosa impulsiva, o curso me fez parar e pensar mais, esta questão da visão

pluralista e às vezes até me anulo pela outra pessoa, eu acho que sim. O curso me ajudou bastante, pela maneira que eu fui levando.

Percebe-se que nesta fala de Bruna está explicitada a cisão entre teoria e prática, mas ela indica que houve uma mudança de atitude, de comportamento.

Débora explica que existem posturas e envolvimento diferentes por parte de cada um dos professores:

Débora/Psicologia - Eu acho que sim. Existe essa preparação, não é?! Um pouco deficitária eu acho, mas existe uma preparação para o mercado de trabalho. Até mesmo o estágio em si eu acho que é um exemplo maior dessa preparação. Eu acho que vai muito do pessoal mesmo, de cada um ir em busca. Cada um tem uma maneira de receber o que é proposto e de seguir ou não. Tem uns professores que se voltam mais para isso, outros não. Eu acho que principalmente em relação às [disciplinas] optativas, elas favorecem naquilo que estamos buscando.. Em termos de preparação.

Na resposta de Débora, fica claro que o professor propõe e o aluno recebe ou não. Como se fosse uma proposta de educação “bancária”, alguém que sabe ensinar alguém que quer aprender ou não. “É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo superficialmente feito, mas se alonga à produção de condições em que aprender criticamente é possível”, de acordo com Freire (2004, p. 26). Estas condições implicam professores e alunos criadores, instigadores, inquietos, curiosos, envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

“O que mudou na sua vida a partir desse estágio?” (Entrevistadora)

Débora/Psicologia - A experiência,... a experiência é tudo. Não que eu esteja mexendo com cobaias, que eu possa estar errando, mas depois eu vou ter que dar a cara à tapa sozinha. Até então estou eu e minha supervisora. Tem alguém para dividir comigo os meus conflitos e tudo. Depois vai ser eu sozinha. Então tem sido muito bacana. Uma experiência nova todo dia. Tem me ensinado demais.

Eduardo/Psicologia - É complexo responder sobre isso. Eu penso que se a pessoa chega à universidade com uma visão de mundo ou parte dela ela consegue fazer com que esse projeto seja alcançado, o problema é que a maioria do estudante chega a universidade... faltando linguagem, pensamento analítico, capacidade de ser crítico, raciocínio, liderança... a maioria das pessoas da universidade não tem essas características e saem daqui sem consegui-las. Tem pessoas do décimo período sem nenhuma postura profissional, isto é falta de envolvimento, responsabilidade com o que vai desenvolver. Tem professores que possuem a preocupação de estar passando informação e conhecimentos, já outros só estão cumprindo a ementa, o conteúdo programático, somente isso. Estão fazendo valer o seu salário, sem se preocupar se aquilo está sendo aproveitado pelo estudante.

Eduardo critica a universidade, diz que a maioria dos estudantes não desenvolve o pensamento analítico, nem a criticidade, nem o raciocínio, nem a liderança; que somente aqueles que possuem estas sementes poderão desenvolvê-las. Acredita que deveriam fazer uma avaliação mais ampla no sentido de permitir somente os alunos que possuem aptidão para o curso. Distingue os professores que estão envolvidos em passar conhecimento e informações dos que não estão.

Elizabeth/Psicologia - Ah sim, com algumas [disciplinas]... principalmente quando a gente vai para campo (estágio). A gente aprende. É muito bom. Acho que se a gente pudesse ter mais disciplinas que fossem para o campo [prática]. A nova grade tem esse cuidado. Mas assim, a nossa, a minha, deixou isso muito a desejar. Mesmo quando a gente está na sala, alguns trabalhos que a gente faz, os seminários. Eu cheguei aqui na faculdade, no primeiro período para apresentar seminário era a coisa mais complicada, hoje não, tenho mais facilidade de fazer isso. E eu tenho certeza que quando eu for trabalhar com algum grupo, não vou ter tanta dificuldade mais. Eu acho que nesse sentido, ajuda. Mas, acho que poderia ser melhor, principalmente com relação a esta universidade [tem um certo orgulho de cursar esta universidade]. Eu acho que tem muitas disciplinas, principalmente no começo, de uma determinada vertente da psicologia, e de repente isso acaba sendo, sei lá, fazendo com que as pessoas optem mais por uma determinada área da psicologia, que hoje está bastante voltada para a clínica. Acho que hoje isso pode ser melhor, pode ser bem melhor, essa distribuição das disciplinas.

Continuando, foi perguntado: “O que você tem aprendido na universidade tem ajudado na relação com a profissão de psicólogo?” (Entrevistadora)

Elizabeth/Psicologia - Tem. Principalmente agora que eu fiz ética, tinham dois professores na sala e foram professores que me ensinaram muito a ter responsabilidade e compromisso, sabe!? Que era uma coisa que teve muito impacto para mim, e eu comecei a ter, assim, maior consciência, não que eu não tivesse antes. Mas que acrescentou muito para mim. E também foi até uma fala de um professor nosso que disse que a ética começa aqui na faculdade, mesmo antes, não é depois que você se formar que você vai ter ética. É na hora da aula, nos trabalhos.

“Você acha que a universidade prepara o aluno com este projeto político pedagógico? (Entrevistadora)”

Você acredita que o seu curso está formando para esta proposta? (entrevistadora)

Elizabeth/Psicologia - Não. Eu acho... Sim e não. Para mim, sabe, enquanto profissional, eu consigo ter essa visão. O que eu percebo é que muita gente na universidade sai daqui convertido a uma vertente, no caso da Psicologia, e aquilo é verdade absoluta, então com total falta de ética, de senso crítico. As pessoas saem daqui assim. Você vê casos assim de estagiário, eu estava na aula de ética e a professora dizendo de alunos de semestres passados que

foram devolvidos, estagiários que estavam no último período e foram devolvidos, porque a instituição não os aceitou, para o estágio. (este foi um caso de estágio em instituição).

Elizabeth critica as várias linhas da Psicologia, que fazem com que o aluno diga que é de uma determinada escola, demonstrando nessas atitudes falta de ética e de respeito para com os demais.

Esmeralda/Psicologia - Eu acho que sim, mas não como eu gostaria que fosse. É como a gente disse. Talvez nessa nova grade tenha essa oportunidade maior, porque serão feitos estágios em cada área dessas. Então assim, a gente tem muita teoria. E como eu também já falei, eu acho que parte dos dois, das duas partes, não só da instituição, mas do próprio estudante. Eu também acredito muito que quando a gente estiver no mercado, a gente vai adquirir mais conhecimento também. Mas voltando à pergunta se a instituição prepara, eu acho que sim, mais de uma forma teórica, do que na prática mesmo. Eu acho que é bem por aí.

Esmeralda acredita que o novo currículo poderá trazer esta proposta, mas a proposta que vivenciou foi de cisão e de dependência da boa vontade e do interesse dos professores.

Esmeralda/Psicologia - Não, eu não acho. [...] Eu acho que um e outro professor têm muita seriedade. Porque a gente vê também a diferença de postura de um professor com outro e tem alguns que vão ali só para dar aula e se você quiser [...] que corra atrás: “Você me procure, você exija de mim”. Tem gente que vai mesmo com aquela vontade, de querer mesmo formar um profissional. De querer mesmo passar [conhecimentos]: “Olha, é assim”. Mas eu acho que passa um pouco longe também.

Esmeralda chama a atenção para a importância do trabalho educativo que pressupõe uma pessoa diante de outra, de quem não pode estar estranho (alienado), já que se fundamenta numa relação que é por natureza interpessoal e mediada pelas apropriações e objetivações dessas pessoas, de acordo com Martins (2007, p. 5).

Hélio/Psicologia - Forma!? Acho que faz sim. Eu falo principalmente por mim mesmo, eu vejo que muitas coisas eu alcancei ou aprimorei com o curso. Mas, isso não é feito de forma sistemática, mas eu vou juntando. Nunca pararam para falar isso assim: ‘Agora vamos formar psicólogos’. A aula vai de acordo com o aluno, de acordo com o dia. Assim, eu acho que depende de como o aluno absorve, mas eu creio que sim. Eu to falando da minha experiência. Eu aprendi a ser mais flexível, me colocar melhor, um espírito mais liberto. Eu deixei claro pra mim que vou passar um ano fazendo provas. O que eu quero é concurso e residência em hospitalar. Só tem fora! Aqui não tem esta residência. E concursos.

Helio acredita que o curso forma para o pensamento analítico, abstrato, para atuar com flexibilidade, domínio de linguagem, visão de globalidade e atitude pluralista. Já Mercedes não concorda com esta posição. Como podemos ver no depoimento a seguir.

Mercedes/Psicologia - Não. Eu acredito assim, que isso aí é um ideal muito grande. Uma proposta a ser feita, mas não é realizada na faculdade não. Os nossos profissionais ainda, professores que eu agradeço muito, que eu aprendi muito com cada um dos professores, não me resta dúvida, mas ainda falta flexibilidade. Mesmo sendo psicólogos que trabalham com a relação, eles têm que aprender a se relacionar com o aluno. É?! A tentativa que eu percebi é de massificação e o mundo hoje não pede mais isso. Hoje nós estamos assim num individualismo muito grande. Uma tendência muito grande para o individualismo. E isso não é percebido pelos professores. Não é percebido, não é trabalhado conosco. Então eles tentam massificar uma idéia para todo mundo e não dá. Ainda causa muita divergência: professor torna-se chato, incoerente.

Mercedes critica a postura dos professores, afirma que esta proposta é idealista. Explica que há uma tendência à massificação na universidade, explica que isto tem que ser combatido, ao mesmo tempo que critica o individualismo.

Horkheimer e Adorno (1985) na *Dialética do Esclarecimento* criticaram o estado de dominação total (administrativo, político e social), em que se organiza a sociedade capitalista. Este estado de dominação seria decorrente da centralidade sem precedentes adquirida pela razão e da legitimidade em se exercer todas as ações ditas racionais, independente de seu sentido e fim último. Criando necessidades ao consumidor, organiza-se para que ele compreenda sua mera condição de consumidor, isto é, ele é apenas um objeto daquela indústria, moldando até mesmo o seu desejo de posse que é constantemente renovado pelo progresso técnico e científico, sabiamente controlado pela própria indústria cultural.

Neste sentido, o homem torna-se vítima do próprio progresso da dominação técnica, uma vez que este poderoso instrumento passa a conter (segurar) o desenvolvimento da consciência das massas. A indústria cultural “impede a formação de sujeitos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (ADORNO, 1999, p. 8).

Na verdade o que se percebe é que Mercedes está contra o individualismo-sentimento ou conduta egocêntrica- diferente da individualidade que caracteriza e constitui o indivíduo, o seu caráter especial ou particular. Neste sentido há um antagonismo nesta reflexão. O que nos remete a individualidade em si, isto é, a independência pessoal fundada na dependência em relação às coisas; e a individualidade para si - fundada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na subordinação de sua produtividade coletiva, social-, situação possivelmente desejada, por Mercedes, já que ela sonha com uma sociedade

igualitária e mais justa (conforme pudemos observar tanto nas suas ações, quanto na sua fala cotidiana).

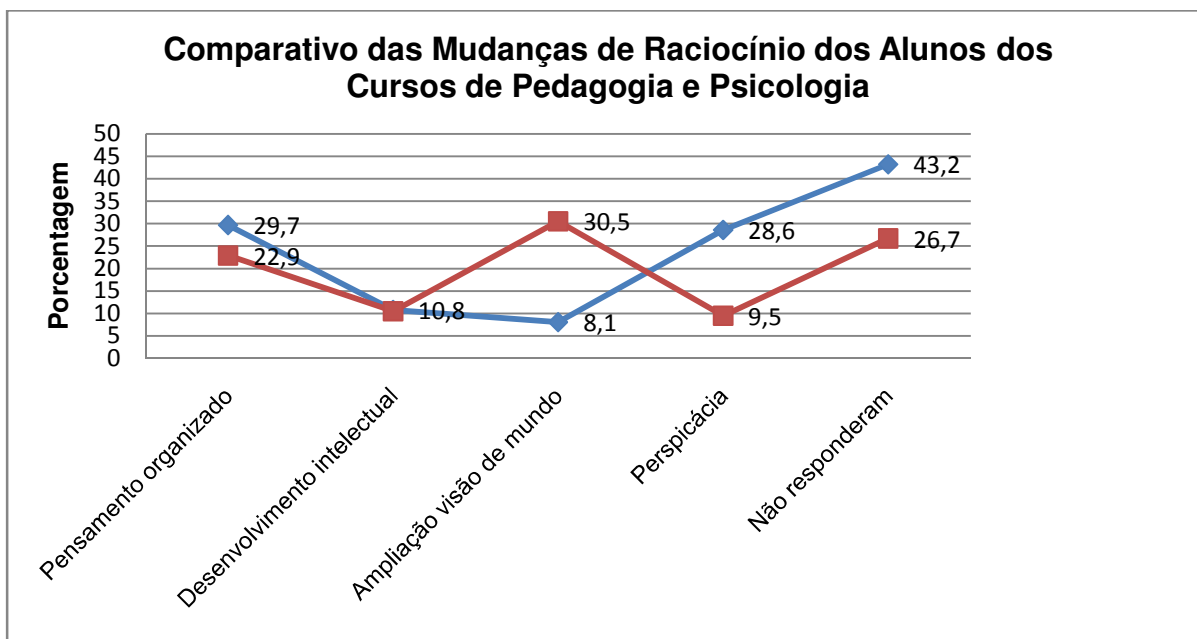
4.3 Lógica de Raciocínio versus Modo de se Comportar

Quando questionados sobre as duas principais mudanças ocorridas a partir do momento que entraram no curso, os alunos de Pedagogia (70,3%) e Psicologia (62,9%) pesquisados afirmaram que mudaram tanto a sua lógica de raciocínio quanto o seu modo de comportar, enquanto as mudanças ocorridas na valorização do corpo e no modo de se vestir apresentaram um percentual mais baixo. Mas, como afirma Le Breton (2006, p. 30), “o homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza, aos outros”. Foi possível perceber que tanto os alunos do curso de Pedagogia quanto os da Psicologia vão construindo, paulatinamente, o desenvolvimento do seu raciocínio, seu modo de se comportar, o seu modo de vestir e o cuidado com o corpo à medida que vão aprendendo sobre a profissão para a qual estão sendo formados

Destacam-se as seguintes variações ocorridas na corporeidade/subjetividade dos alunos do curso de Pedagogia, no que se refere principalmente a lógica de raciocínio, o pensamento deste aluno, tornou-se mais organizado (29,7%), em segundo lugar ocorreram mudanças na perspicácia (28,6%); um percentual pequeno de mudança na ampliação da visão de mundo (8,1%) e desenvolvimento intelectual (10,8%). Estes alunos demonstram que o curso de Pedagogia os tem levado ao pensamento mais organizado e ao entendimento maior das situações propostas pelo professor, com perspicácia. Mas há um percentual de 43,2% que não responderam a questão, o que pode indicar um não entendimento da questão ou falta de reflexão neste tema (Gráfico 6).

Enquanto no curso de Psicologia, no que se refere especificamente ao raciocínio, houve uma ampliação da visão de mundo (30,5%); o pensamento tornou-se mais organizado (22,9%); ocorreu o desenvolvimento intelectual com 10,8% e o desenvolvimento da perspicácia com um percentual de apenas 9,5%. Não restam dúvidas de que o curso de Psicologia, em seus 10 semestres, (cinco anos), traz mudanças significativas, ampliando a visão de mundo de seus alunos e fazendo seu pensamento mais organizado, como se pode observar no Gráfico 6.

Gráfico 6: Comparativo das Mudanças de Raciocínio dos Alunos dos Cursos de Pedagogia e Psicologia após entrada na Universidade



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora, 2008/2009.

Observa-se que há diferenças ou oposição nas respostas de ampliação de visão de mundo - a Psicologia (30,5%) e Pedagogia (8,1%); e na perspicácia a Pedagogia (28,6%) e Psicologia (9,5%), o que pode indicar que os enfoques adotados nos cursos são diferentes em relação à ampliação de visão de mundo e perspicácia. As pessoas podem se transformar através da leitura de livros, discussão com os colegas e professores, pois a leitura amplia a visão do mundo e as fronteiras de participação dentro da própria sociedade. O curso de Psicologia pelo seu tempo de formação e o currículo ampliado traz mudanças significativas aos estudantes. Já a perspicácia é a combinação da revelação intuitiva com a percepção intelectual, se refere à sagacidade, esperteza, aquele que capta as coisas com facilidade, mas não necessariamente possui uma posição crítica.

Porém há respostas próximas ou com o mesmo índice no que se refere a pensamento organizado e desenvolvimento intelectual em ambos os cursos.

Os estudantes, ao serem questionados sobre as mudanças que ocorreram a partir da entrada no curso de Pedagogia em relação à lógica de raciocínio, responderam:

Marinete/Pedagogia - Ah, eu penso que no início assim, aquela mentalidade puxada. Parecia que a minha mente não estava aquela 'coisa'. Perguntava: o que eles estão falando?! Aí assim, eu percebi, no decorrer do curso, lá pela metade, as coisas foram clareando e, sobretudo no final, que eu percebi mais. Eu falei: Ah?! Então parece que aí as coisas vão encaixando, vão caindo, a ficha?! Aí eu ainda penso assim, parece que o tempo é curto para aprender

tanta coisa. Mas eu penso que eu comecei com uma certa mentalidade e terminei com outra.

Marinete explica que houve uma grande modificação, pois no início do curso, não conseguia acompanhar o raciocínio dos professores, mas paulatinamente foi desenvolvendo e ampliando a sua forma de entendimento dos conteúdos tratados em aula, ficando mais perspicaz. Ana relata que a mudança na lógica de pensar possibilitou uma nova organização de visão de mundo. Ela aponta que o caminho que se abre é o da desmistificação ideológica é o caminho da ciência e do conhecimento crítico.

Ana/Pedagogia - É outro mundo, é uma outra realidade, é são outros contatos, parece que é como se abrisse mesmo uma porta para um novo mundo, não que eu esteja desmerecendo toda a minha trajetória de vida e tudo, mas assim eu consegui ter um novo olhar, talvez seja um pouco assim daquela desmistificação da alienação, então eu passei a analisar de uma outra forma as situações, ser mais flexível antes de tomar qualquer decisão.

Ana diz que houve uma ampliação “dos contatos”, isto é, um desenvolvimento e a abertura da percepção da realidade, dando a entender que houve aprendizagem de novos conhecimentos. Reconhece a importância da trajetória de vida, tudo o que passou na infância, adolescência, trazendo, também, as mudanças na corporeidade/subjetividade.

Patrícia/Pedagogia - O curso mudou muita coisa, muita coisa (...). Hoje sou mais crítica, porque até eu mesma já critiquei o curso de Pedagogia, e isso muda não é? Porque a gente tem um pensamento mais crítico quando aprende as coisas.

Patrícia também afirma que houve uma grande mudança; explicou que é capaz de questionar até mesmo o curso de Pedagogia, pois desenvolveu um pensamento mais crítico. Para Patrícia, criticar o curso é uma grande transformação, hoje ela já consegue ler, compreender, interpretar, descobrir e possivelmente, criar. Na verdade, a curiosidade ingênua é o primeiro passo para a curiosidade crítica, ela pode vir a desenvolver-se, neste caso. Melissa descreveu as suas mudanças:

Melissa/Pedagogia - A pensar, porque às vezes assim eu pegava uma coisa e lia, eu não entendia, para mim tanto fazia se eu entendesse ou não. Agora não, quando eu vou ler alguma coisa eu tenho que pegar um dicionário, para ver palavras novas, conhecer outras coisas. Muita coisa mudou.

Melissa assinala que a maior mudança foi a curiosidade em descobrir coisas novas, o significado das palavras, o que o texto trata realmente, isto a levou ao entendimento das

mensagens, à compreensão maior do que esta sendo dito. Pelo desenvolvimento da linguagem, “passa a ser possível entre os homens, não apenas o intercambio de objetos, mas acima de tudo o intercambio de pensamentos” (MARTINS, 2007, p. 46).

Waldir/Pedagogia - Sempre há uma diferença, você chega em um lugar e tem uma graduação você é mais respeitada, você sente esta mudança, passa a se auto valorizar com toda “humildade”, não é arrogância (...). Modificou, pois tenho que estudar sempre tenho a necessidade de sempre estar estudando, depois que entrei na faculdade, tenho aquela sede de conhecimento, não consigo estagnar minha mente, eu faço muitos relatórios e projetos e agora a minha mente rompeu fronteiras e barreiras, eu vejo qualidade nos meus relatórios, nos meus projetos e em outros serviços também, a faculdade me ajudou muito.

Waldir explicou que sua auto-estima melhorou, sente-se mais respeitado e com mais confiança em seus contatos, sente necessidade de estudar mais. Afirmou que melhorou até mesmo nos relatórios que tem de fazer para o trabalho. Aprendeu como se faz projetos e relatórios de forma científica. Ao término do curso, ele é outra pessoa diferente, “outra mente, outro corpo”, não se esquecendo de assinalar que mente/corpo são inseparáveis, houve uma grande mudança na sua corporeidade/subjetividade.

Os alunos do curso de Psicologia também responderam à questão: “O curso de Psicologia que você cursou interferiu na sua lógica de raciocínio e no seu modo de pensar?” Observa-se a seguir:

Elizabeth/Psicologia - Forma de pensar? Eu acho que ela melhorou. Acho que aprimorou muita coisa. Nossa, eu aprendi muita coisa, muita coisa mesmo. Eu acho que é imensurável, assim, o que eu aprendi, em termo de pensamentos, o que eu ouvi... que eu pensei. Então muita coisa, muita coisa boa de tudo. Só me fez melhorar.

Elizabeth disse que aprendeu muito e que a sua forma de pensar se aprimorou, mas na verdade não conseguiu explicar o que melhorou.

Hélio/Psicologia - Percebo que eu vejo uma diferença muito grande de quando eu entrei aqui para hoje. Durante o curso todo. Isso para resto da vida também, essa profissionalização. Eu espero continuar estudando. Eu acho que é uma coisa que eu não dou conta de parar [de estudar]. Eu até vejo vocês estudando sempre e falo: é isso que eu quero pra mim. É... Espero poder contribuir bastante na vida de muitas pessoas.

Hélio diz que suas mudanças ocorreram de forma geral e “para toda a vida”, aquilo que ele chama de profissionalização. Tem vontade de continuar estudando e ensinando aos outros, tal como os seus professores, pois houve uma identificação com estes, de tal forma,

que deseja se especializar e contribuir com a vida de muitas pessoas, quem sabe poderá também, ser professor.

Débora/Psicologia - Ajuda?! Questão de amadurecimento mesmo. A experiência de estar no dia-a-dia lidando com conflitos. Não é intencional [é inconsciente], mas eu sei que indiretamente ajuda sim. Era necessário estudar diariamente. Essas mudanças no sentido de cobrança mesmo. No sentido de responsabilidade que foi maior e agora no estágio é bem maior ainda. Eu aprendi a lidar com a vida e com a vida de outra pessoa.

Débora explica que houve um amadurecimento e desenvolvimento da responsabilidade, pois ficou mais responsável e aprendeu a lidar com a sua corporeidade e subjetividade e com as dos demais.

Priscila/Psicologia - Então, isso aí é... que acaba nos modificando por completo, não só o estético, tipo a pessoa acaba mais... igual, por exemplo, na área Hospitalar, é obrigado a usar sapato fechado, a usar uma calça mais social, mais formal. Mas eu vi que aquilo ali é para a minha proteção, no caso da minha imagem. Eu acho que nisso o trabalho vem com... a educação principalmente. Por que... aí a gente vê aqueles vários casos de psicólogo, estagiário chegando com roupas inadequadas, posturas inadequadas. Nessa parte sim.

Priscila aponta mudanças de comportamento e na forma de vestir, mas assinala a mudança completa em sua vida. Quando perguntada se mais alguma coisa mudou em relação à forma de pensar, de agir, de vestir. Já Mercedes tem uma visão mais crítica:

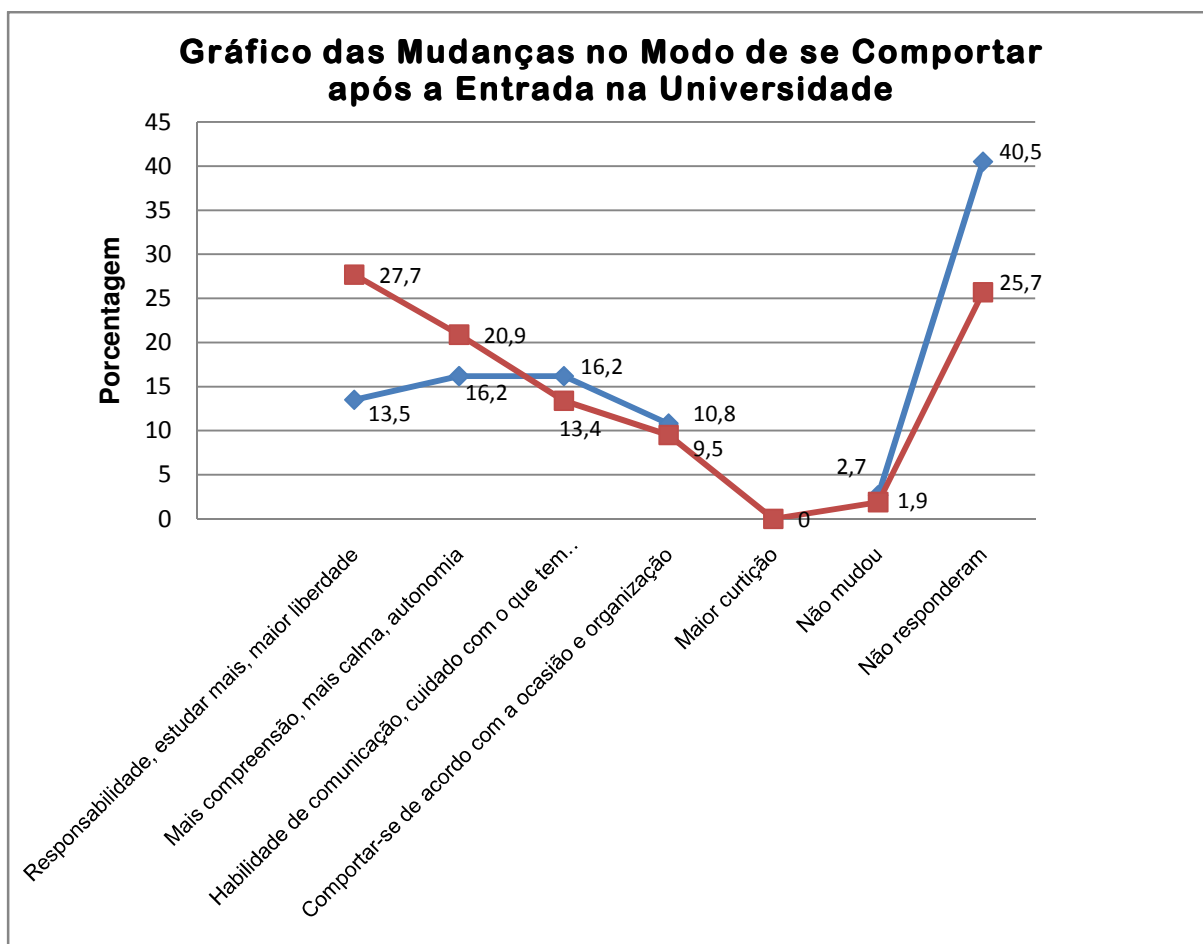
Mercedes/Psicologia - Eu acho que a universidade deveria ouvir um pouco mais os profissionais, ouvir um pouco mais os alunos e mudar um pouquinho o esquema de ensino. Eu acho que deveria ser um pouco direcionado realmente aquilo mesmo que a gente quer. Entrei na faculdade e vi de tudo um pouco, mas não me aprofundi em nada. Acho que a gente tenta sair um profissional, mas na realidade saímos mais fragmentados.

Mercedes explica que a universidade deveria ter um trabalho mais verticalizado, ou seja, mais aprofundado. Deveria também respeitar a opinião dos alunos e escutá-los, ela assinala a fragmentação da aprendizagem e o descaso com o corpo. A interdição do corpo reduz os sujeitos humanos a seres calculistas, automatizados, desprovidos de sentimentos. O corpo tensionado bloqueia sua musculatura, enrijece sua flexibilidade e movimentos, enfraquece seu espírito reflexivo, ofuscando seu discernimento. A separação do corpo mutila e desqualifica o ser.

Em relação à análise comparativa das mudanças ocorridas no modo de se comportar dos alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia, pode-se observar pelos resultados abaixo

(gráfico 7) que as diferenças são significativas quanto aos resultados conquistados pelos alunos do curso de Pedagogia e Psicologia.

Gráfico 7: Comparativo das Mudanças no Modo de se Comportar após a Entrada na Universidade dos Alunos de Pedagogia e Psicologia



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora, 2008/2009.

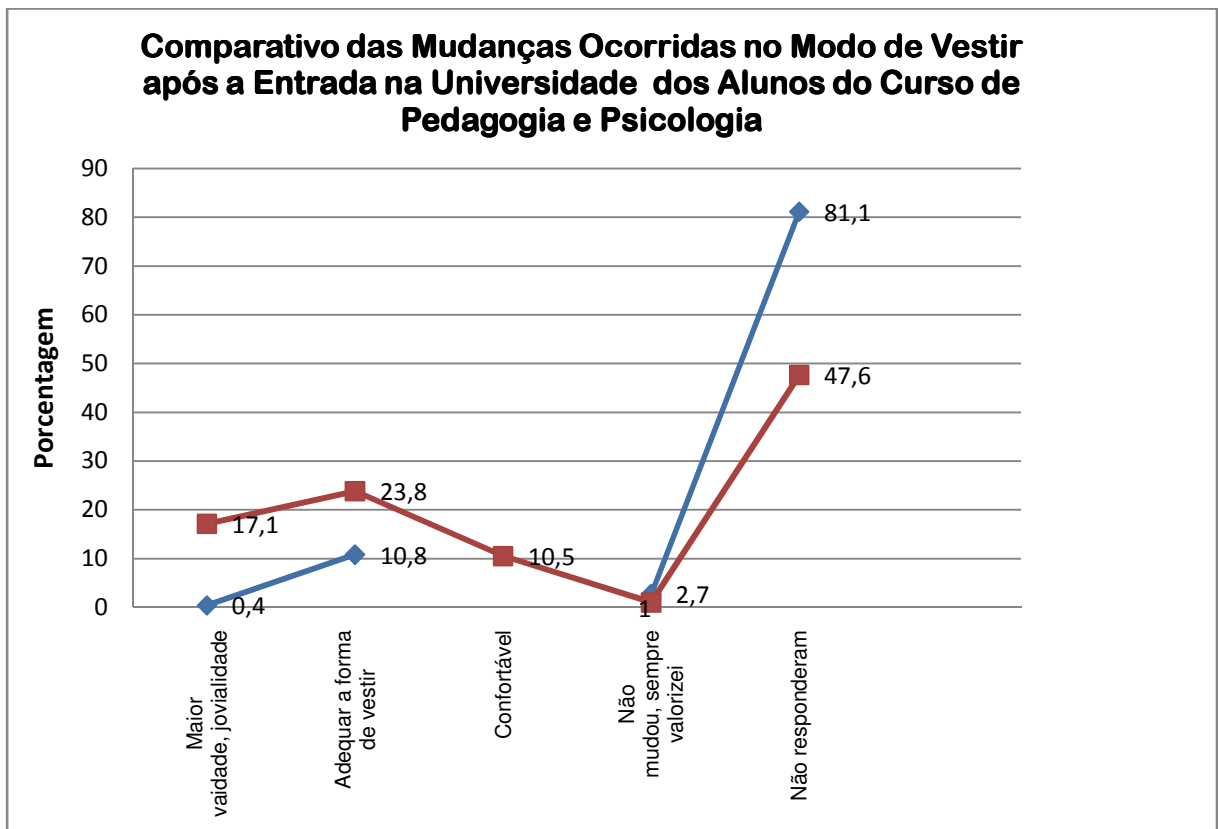
Os estudantes do curso de Pedagogia responderam que houve mudanças no modo de se comportar após a entrada à universidade, isto é, 16,2% afirmaram que desenvolveram maior compreensão, calma e autonomia; outros 16,2% ampliaram a habilidade de comunicação e sociabilidade, mas apontaram uma mudança de apenas 13,5% no quesito responsabilidade, estudo e liberdade, possivelmente, porque este aluno já chega à universidade, um pouco mais velho, acreditando que já possui responsabilidade e liberdade suficiente, mas por outro lado, não expressa positivamente à categoria de estudo, o que demonstra pouco envolvimento em leituras e estudo, durante e após o curso.

Destacam-se mudanças significativas entre os alunos do curso de Psicologia que afirmaram que aumentaram a responsabilidade (27,7%), isto é o dobro dos alunos da

Pedagogia, passando a se perceber responsáveis pelos seus atos e atitudes, conseqüentemente passaram a estudar mais e, além disso, adquiriram maior liberdade de comportamento. O curso de Psicologia incentiva o indivíduo a perceber melhor seus afetos, idéias e atitudes, daí possivelmente, o aumento da liberdade comportamental.

Analisando o Gráfico 8 que apresenta a comparação das mudanças ocorridas no modo de vestir dos estudantes dos dois cursos, observamos que as mudanças apresentadas pelos alunos do curso de Pedagogia são pequenas, apenas 10,8% dos alunos adequaram a forma de vestir, de acordo com a ocasião.

Gráfico 8: Comparativo das Mudanças Ocorridas no Modo de Vestir após a Entrada na Universidade dos Alunos do Curso de Pedagogia e Psicologia



Fonte: Dados da pesquisa sobre os Cursos de Pedagogia e Psicologia coletados pela autora, 2008/2009.

Quanto às mudanças ocorridas no modo de vestir, dos estudantes do curso de Psicologia, estes afirmaram que se adequaram a forma de vestir (23,8%) exigida no trabalho, passaram a se apresentar com vestimentas de acordo com o lugar que frequentam, vestem-se de forma mais social ou de forma despojada, mais casual, evitando modismo. É importante assinalar que no curso de Pedagogia 81,1% dos alunos não responderam a questão e 47,6% dos alunos da Psicologia também não quiseram responder. Isto pode significar que estes

alunos ainda não refletiram ou não perceberam as mudanças na forma de vestir, após o curso frequentado. Mas, somente 2,7% dos estudantes de Pedagogia e 1% dos de Psicologia responderam que não mudaram no seu modo de vestir.

Nas entrevistas, quando questionados: “houve mudanças na sua forma de pensar, vestir, comportar-se após sua inserção na universidade?”, os estudantes assim se expressaram

Marinete/Pedagogia - Eu acho sim, não é?! Porque assim, é um processo lento, mas eu acho que de alguma forma o curso vai modificando a gente, sim.

Clara/Pedagogia - É porque antes, só em casa, dependendo do marido, me sentia péssima. Hoje mudei, estou na universidade.

Hélio/Psicologia - Ah, eu acho que modifiquei algumas coisas. Modo de vestir não. Eu acho que continuo a mesma coisa. Um pouco mais adulto, não é?! Às vezes eu tenho algumas roupas do início do curso. (...) Mas na forma de pensar teve mesmo modificações. Principalmente naquilo que eu já falei. De pensar sobre mim mesmo e do outro também.

Débora/Psicologia - Assim, é diferente porque eu sempre tive uma preocupação com a minha imagem. Com o que os outros estão vendo, o meu comportamento, o meu corpo. Mas vai mudando com relação a minha própria formação de psicólogo. Eu penso que até então era como as pessoas estão vendo a Débora. Agora é como as pessoas estão vendo a Débora, que faz o curso de psicologia!?! [...] A forma de pensar, agir, vestir, tudo. Eu não posso às vezes, por mais que ache bonito, usar uma blusa decotada, não vou usar porque eu sei que estou num ambiente de trabalho e que eu preciso disso.

Marinete afirma que o curso vai mudando as pessoas paulatinamente. Clara diz que mudou muito, pois antes somente ficava em casa, agora vinha a universidade. Hélio não modificou a forma de se vestir, mas mudou a forma de pensar e tornou-se mais adulto. Débora explica que o curso de Psicologia vai formatando o modo de vestir e se comportar de seus alunos. Já Esmeralda afirma que não percebeu mudanças.

Esmeralda/Psicologia - Não, eu não acho. Eu acho que da mesma forma. Eu acho que um e outro professor tem muita seriedade e quer mesmo formar um profissional. De querer mesmo passar: “Olha é assim”. Mas eu acho que passa um pouco longe também. Eu acho.

Na questão “você percebe alguma relação entre o curso, formação para o trabalho, e a questão do corpo”, os estudantes responderam:

Elizabeth/Psicologia - Eu acho que assim, essa formação para o trabalho, isso reflete no corpo da gente. Uma hora ou outra, dependendo da atividade que você desempenha, seu corpo vai dar um sinal, não é?! Então eu acho que

de repente eu faço um trabalho que é extremamente repetitivo e daí tenho uma coisa no braço, uma LER/DORT, sei lá o quê. Eu acho que a gente tem que cuidar do corpo, fazer um alongamento. Não é à toa também que as empresas têm “Alonga RH”. Porque essa questão do corpo no trabalho é muito séria. Por exemplo, na confecção onde eu trabalhei muita gente, apesar da insistência da dona para usar máscara, usar o negócio para proteger o ouvido, do barulho e do pó, muita gente não usava. Apesar de aquilo fazer um mal danado para própria a pessoa. Tiveram pessoas lá que desenvolveram uma alergia danada por causa do pó, outros tiveram problema de audição por causa disso. Então eu acho que essa formação para o trabalho dependendo do que você faz e de como você faz. Isso gera no seu corpo uma violência, um estresse danado. Acho que também eu poderia fazer exercícios, olhe aqui [mostrou a barriga e as pernas] Quanto a educação discutir sobre o corpo, isso não. Eu acho que a educação que temos não discute sobre o corpo, nem sobre a sexualidade.

Elizabeth exemplifica com as doenças ocupacionais e explica que o trabalho reflete no corpo, mas não consegue entender sobre a formação para o trabalho. Nem vê o corpo como a síntese do ser.

Assinala a necessidade de se trabalhar o conhecimento do próprio corpo e da sexualidade na universidade. Diz que poderia prestar mais atenção ao corpo e cuidar melhor dele. O cuidar se refere a fazer exercícios físicos. Em nossa cultura, há uma preocupação com a estética corporal, ligando-a a saúde, como se um corpo bonito, bem modelado fosse razão de saúde. Como afirma Couto (2000, p. 57) “somos todos envolvidos por anúncios que garantem a excepcionalidade da perfeição. Torna-se cada vez mais possível superar tudo aquilo que na estrutura física causa amolação, desagradados e constrangimentos.” E Elizabeth demonstra que tem algumas coisas que poderia melhorar no corpo, fazendo ginástica

Priscila/Psicologia - Eu acho que o corpo é deixado de lado. O corpo eu estou falando em relação a saúde no geral. Então... agora... ‘Não posso beber água’. E outras questões... Eu acho que isso vai martirizando muito. Prejudicando muito. Tanto assim que uma coisa eu sempre escondi, porque eu aprendi que tinha que ser assim é: Quando eu estiver estudando, não tenho tempo para cuidar do meu corpo. Como e bebo na hora que é possível. Não tenho tempo de fazer exercícios! [...] Aí agora eu estou tentando mudar e é muito difícil. Eu acho que não é tranqüilo.

Assim Priscila aborda a questão do cuidado com o corpo e a saúde. O culto ao corpo e a busca de um estilo de vida saudável são prenúncio de uma “saúde perfeita” Priscila quer cuidar mais do corpo, mas aprendeu deixá-lo de lado, quando esta cuidando do desenvolvimento do intelecto.

Mercedes/Psicologia - Não. Eu sou a mesma pessoa do dia que entrei e agora estou saindo. Porque o que acrescentou foi o conhecimento.[...] Mas hoje eu

devo me cuidar muito mais do que antes. Na forma. No começo tinha uma pergunta sobre se o curso melhorou, se houve uma mudança? Muda assim!? Não é uma coisa que o curso faz. Mas você aprende a se olhar muito mais, porque quando eu me pergunto: eu vou estar psicóloga, eu vou ser, ou vou estar psicóloga, eu olho pra mim e pergunto: Como estou hoje como aluna aqui dentro da faculdade, aprendendo a ser psicóloga? Então eu comecei a me olhar muito mais do que eu já me olhava.

Mercedes quando afirma que modificou a forma de se apresentar, que passou a se olhar mais, admite a mudança do ego, do eu, da corporeidade. Porém afirma que não houve modificação em seu modo de vestir após seu ingresso na universidade (ela se veste de forma cuidadosa, roupas claras, fechadas e discretas). Não percebe esta diferença no modo de vestir, diz que o curso não é responsável pelas mudanças. Explica que passou a se observar mais e que se pergunta: “como estou hoje como aluna aqui dentro da faculdade, aprendendo a ser psicóloga?” Ela não percebe que o curso está contribuindo para seu desenvolvimento em geral físico, cognitivo e psíquico em relação a ser psicóloga. Assim, Mercedes admite a mudança, mas não consegue ver a relação com o curso que faz.

Mas é interessante assinalar, como exemplo, que apesar de Elizabeth afirmar que não houve mudanças, sua vestimenta era branca, própria para a clínica e o hospital.

Baseado na ideia de que o “homem” ou o “corpo” é a medida de todas as coisas, Harvey (2009) estabelece uma série de analogias entre o corpo e o ambiente e a mercadoria. E assim reforçará a ideia de que neste ser uno, como membro de um conjunto, pode estar “a solução para as questões de conflitos existente no mundo”. Ele afirma que as necessidades do corpo são fixadas em um dado espaço e num dado tempo e estes são determinantes. Continua: “há a necessidade de persuadir as pessoas a ver para além das fronteiras do míope mundo da vida cotidiana que todos habitamos necessariamente” (HARVEY, 2009, p. 310) e que os interesses, as práticas políticas e arquitetônicas, inseridas em um dado tempo e em um dado espaço, têm condições de moldar os outros e levá-los a adaptar a suas concepções e desejos pessoais e particulares ao grupo e que, portanto, todos os fatores aí envolvidos se expressam e são determinantes nesta concepção de “pessoa”. Dentro desta perspectiva, reafirmando o corpo é o canal por onde todos os fatores vivenciados se expressam, isto é, corporificam, somatizam.

CONSIDERAÇÕES

Por que a vida, a vida, a vida, a vida só é possível
reinventada...

- CECÍLIA MEIRELES -

Nessa fase do trabalho chega-se ao que seria de se esperar às conclusões. Mais ainda, tendo eu trilhado um caminho, a partir do qual se aprende a questionar, dialogar, refletir... Termino uma pesquisa, mas certamente não a caminhada já que somos seres humanos históricos, conscientes, sempre seres de busca. Quer dizer, saber-se influenciada e não fatalisticamente submetida a este ou àquele destino, abre o caminho à intervenção no mundo, pois como diria Freire (2000), a transformação do mundo é um ato político.

Isso porque, quando se busca desvelar, compreender, interpretar e analisar o processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia, mais se percebe que o significado da corporeidade/subjetividade surge em seu próprio mundo vivido e, além disso, ao tentar compreender a vida dos entrevistados, e as mudanças que lhes ocorreram, mais compreendo as minhas próprias mudanças.

Num processo riquíssimo de trocas dialógicas, com os entrevistados, com os parceiros teóricos e com a minha própria orientadora, nesta pesquisa, desenvolveu-se a emergência de sermos seres aprendentes, uma vez que não nascemos prontos, acabados, mas somos construídos em uma intrincada rede de interrelações entre causas externas e internas em nossa formação, evolução e produção social.

Neste sentido a educação é um elemento importante de integração do corpo na unidade do sujeito. A descoberta de si próprio e do outro supõe o desenvolvimento das próprias habilidades e também da interrelação entre as pessoas. Ao estabelecer o contato com outra pessoa, o ser humano se revela pelos gestos, atitudes, ações, olhares, enfim, pelas manifestações corporais; e com o corpo, engaja-se diante do real, do concreto, de inúmeras maneiras, por meio do trabalho, da educação, da arte, da ação, e assim por diante.

O corpo pode ser manipulado, modelado, treinado e pode passiva ou criticamente tornar-se obediente e dócil, por meio dos vários aparelhos ideológicos do estado, como diria Althusser (1980). Dentro desta perspectiva o corpo é o canal por onde todos os fatores vivenciados se expressam, isto é, corporificam-se, somatizam-se.

Os sentimentos, as maneiras como eles repercutem e são expressos, fisicamente, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Eles inscrevem-se simbolicamente nas

expressões apresentadas no rosto, nos gestos, nas posturas, na representação do amor, da amizade, do sofrimento, da humilhação, da alegria, da raiva. Segundo Breton (2006) a representação destas expressões não são realidades em si, transponíveis de um grupo social ao outro, mas as condições de seu surgimento e a forma como são simbolizadas aos outros implica uma significativa mediação.

Dessa forma, pretendeu-se investigar as mudanças ocorridas no processo contraditório da formação profissional da corporeidade/subjetividade dos estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia que buscam no ensino superior educação/conhecimento para melhor inserção no mercado de trabalho e melhores condições de vida, em uma universidade da cidade de Goiânia. No processo de investigação desta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que este objeto por nós analisado, embora vivido por indivíduos, estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia, em pauta, é fundamentalmente, de um processo social.

O corpo é, então, um importante mediador que faz ponte entre o ser e o mundo, o ser e o outro, e o ser e o outro no mundo; um veículo do ser no mundo, isto é, ter um corpo significa estar em um meio definido com o compromisso decorrente dessa implicação. Foi possível perceber que tanto os alunos do curso de Pedagogia quanto os da Psicologia foram construindo, confirmando, modificando ou recriando paulatinamente, o desenvolvimento do seu raciocínio, seu modo de se comportar, o seu modo de vestir e o cuidado com o corpo, ou seja, sua visão de mundo à medida que foram aprendendo sobre a profissão para a qual estão sendo formados. Assim, vão se reconhecendo enquanto indivíduo na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, vislumbrando seu mundo profissional que dita estereótipos profissionais.

A perspectiva histórica da formação profissional do Pedagogo e do Psicólogo e as mudanças na sua corporeidade/subjetividade são vivenciadas de forma diferenciada, uma vez que, por um lado, cada um destes cursos possui suas especificidades no desenvolvimento de habilidades, conhecimentos científicos, técnicas, tecnologias e articulam interesses variados na formação profissional para o trabalho. Por outro lado, eu penso que tais sementes caem em solos férteis ou inférteis, dependendo das circunstâncias concretas dos alunos de cada curso e de cada indivíduo.

Os alunos da Pedagogia demonstraram que o curso os tem levado ao desenvolvimento do pensamento mais organizado e ao entendimento maior das situações propostas pelo professor, com perspicácia. Há um percentual significativo de alunos que não responderam a questão, o que pode indicar uma falta de entendimento da questão, uma não aceitação, um conflito ideológico, ou falta de reflexão em relação ao tema corporeidade, entre

outras coisas. Os estudantes do curso de Pedagogia responderam também, que houve pequenas mudanças no modo de se comportar após a entrada na universidade. Isto é, afirmaram que desenvolveram certa compreensão, calma e autonomia e também ampliaram a habilidade de comunicação e sociabilidade. Não expressaram, contudo, mudanças significativas na responsabilidade, liberdade e no hábito de estudar. Nos dois primeiros casos – responsabilidade e liberdade –, isto ocorre possivelmente, porque este (a) aluno (a) já chega à universidade mais velho (a) e acredita que já possui responsabilidade e liberdade suficiente para tomar decisões. Quanto ao hábito de estudar, demonstra pouco envolvimento em leituras e estudo, durante o curso, provavelmente pelo falta de hábito de leitura, ou pouco desenvolvimento da habilidade de leitura, e/ou pela necessidade de trabalhar por várias horas e locais diferentes para darem conta do próprio sustento e do sustento familiar. Falta tempo para reflexão e introspecção devido a sua inserção no mundo de trabalho capitalista. É o mundo do capital com suas exigências determinando os limites do homem.

No curso de Psicologia, no que se refere especificamente ao desenvolvimento do raciocínio, houve uma ampliação da visão de mundo em primeiro lugar, depois o pensamento tornou-se mais organizado; ocorreu também o desenvolvimento intelectual, enquanto que o desenvolvimento da perspicácia apresentou-se com um percentual pequeno. Não restam dúvidas de que o curso de Psicologia, em seus cinco anos (dez semestres), trouxe ao grupo pesquisado, mudanças positivas, significativamente, ampliando a visão de mundo de seus (suas) alunos (as) e desenvolvendo o pensamento de forma mais organizada.

Destacam-se mudanças entre os (as) alunos (as) do curso de Psicologia no que se refere ao aumento da responsabilidade. Eles (as) passaram a se perceberem com maior responsabilidade pelos seus atos e atitudes, apresentaram necessidade de estudar mais e, além disso, adquiriram maior liberdade de comportamento. Entram muito jovens no curso, não tendo ainda conquistado certa autonomia, construída durante o curso, à medida que vão se tornando adultos (as), pois sabe-se que as sociedades complexas exigem períodos mais longos de educação ou de formação profissional para que o (a) jovem possa assumir responsabilidades adultas. É importante assinalar que o curso de Psicologia incentiva o indivíduo a perceber melhor seus afetos, ideias e atitudes; daí, possivelmente, o aumento da liberdade do comportamento. Percebem-se mudanças mais significativas nos (as) estudantes de Psicologia em comparação com os (as) de Pedagogia, provavelmente devido ao tempo investido nos estudos e o envolvimento destes (as) com a universidade. Por outro lado, não se pode deixar de lado que, em comparação ao (a) aluno (a) de Pedagogia, que tem que produzir

as suas condições de subsistência, aqueles (as) encontram-se em melhores condições, mas estas não são, ainda, condições ideais para um (a) estudante.

Entende-se que o corpo – corpo/subjetividade – é uma estrutura viva encarnada, plena, que tem uma suposta liberdade de escolha de seus caminhos. Nada é mais desejado num processo educacional, que se pretenda ser emancipador, como é o caso da formação do (a) professor (a) e do (a) psicólogo (a), que estes (as) assumam seus corpos e suas liberdades.

A formação para o (a) estudante do curso de Pedagogia é secundarizada. A família está em primeiro lugar, principalmente por falta de condições de subsistência destes sujeitos, que necessitam desdobrar-se, ao extremo, para conseguirem ultrapassar suas dificuldades de vida cotidiana. Há um grande esforço da classe trabalhadora que se matricula e estuda no período noturno, durante três anos e meio de curso. Na maioria das vezes, trabalha durante o dia, para custear seu estudo e ajudar no sustento da própria família. Os (as) estudantes de Pedagogia demonstram que o seu corpo/subjetividade é explorado ao máximo, pelo capital, tendo como média de trabalho diário cerca de onze horas, o que na realidade constitui desrespeito, massacre, falta de condições concretas de formação profissional com o mínimo de qualidade.

É interessante explicitar que o curso de pedagogia noturno inicia-se às dezessete horas. Este fato, na verdade, configura-se como um engodo, pois este (a) aluno (a) matricula-se para frequentar um curso noturno, que se inicia à tarde. Diante deste fato, o (a) aluno (a) sente pressionado (a), entre as exigências do seu empregador e as exigências da universidade, para chegar na hora certa, e na maioria das vezes, ele (a) apela para a figura do professor (a), no sentido deste (a) facilitar o seu acompanhamento às aulas, uma vez que o (a) aluno (a) está sempre atrasado (a). Há incoerência no currículo do curso entre o dito e o escrito, trazendo como consequências, por exemplo, pela falta de tempo: a dificuldade de acompanhar as aulas, a aprendizagem deficiente, o desinteresse, o fracasso escolar, a autoestima baixa, entre outros.

A realidade concreta vivenciada pelo (a) estudante de Pedagogia deixa-o (a) com grande desvantagem para enfrentar o mercado de trabalho. Quando se oferece o curso de Pedagogia por meio de uma formação aligeirada (três anos e meio), superficial e marcada pela fragmentação, com ausência de reflexão crítica, a apropriação do conhecimento científico se dá de forma precária, falta qualidade na formação de professores (as), nos currículos. Além disso, dever-se-ia levar em conta, nesta formação, a situação concreta deste (a) trabalhador (a) aluno (a). Este (a) aluno (a) necessita de subsídios como: bolsa de estudo - já que estuda numa universidade particular -, bolsa trabalho, tempo, condições reais concretas de estudo e aprendizagem.

Percebe-se que a formação continuada do Pedagogo, em geral, também é fragmentada em áreas cada vez mais especializadas – fora do projeto político pedagógico da escola – o que o conduz a desintelectualização e a precarização da categoria docente como um todo. Profissionaliza-se individualmente, mas coletivamente precariza-se paulatinamente os profissionais, levando-os a retrocessos em relação a antigas conquistas, pois dificulta as comparações entre as várias realidades vivenciadas pelo professor, além disso, dificulta a possibilidade de certas formas de protestos, reivindicações, entre outros.

O professor é aquele que, em parceria com a família, com a sociedade é responsável pela formação do sujeito humano, promovendo em suas práticas, a educação, o cuidado, a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, linguísticos, éticos e sociais da criança, jovens e adultos, bem como sua atuação como cidadão crítico e participativo, entendendo que ele é um ser total, completo indivisível. Dessa forma, ser, sentir, brincar, expressar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se são partes do todo de cada indivíduo que desde bebês vão, gradual e articuladamente, aperfeiçoando estes processos nos encontros consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Este precedente leva a reprodução destas condições em uma prática profissional, pois nas instituições escolares os corpos são sacrificados a uma objetividade alienante, aos sistemas, aos “programas” e a tempos de trabalho que ignoram a realidade do trabalhador aluno.

Este profissional deve ser altamente qualificado para exercer estas atividades. Como isto pode ocorrer no curso de pedagogia se o currículo não é suficientemente aprofundado, nem possibilita ao futuro profissional o tempo necessário para assistir as aulas e muito menos de ler, refletir, discutir, estudar e se dedicar ao curso? Na verdade, pleiteia-se uma educação pública, em todos os sentidos e níveis, mas na realidade brasileira a grande maioria dos estudantes, formam-se em condições precárias. Ainda mais ele frequenta a universidade particular, que oferece cerca de 85% das vagas nacionais; assim, sugere-se que além do curso possuir como referência ‘o vestibular social’, este deve ter condições reais e concretas como bolsa de trabalho que permita ao (a) aluno (a) frequentar a universidade em pelo menos, dois turnos. Além disso, é obvio que todas as mudanças pleiteadas pelas organizações sindicais e associações dos profissionais de educação devem levar em consideração a variável gênero nesta formação do docente (pedagogo). A mulher, mesmo hoje, em que pesem as conquistas femininas, ainda deve submeter o seu corpo aos requisitos ditados pela sociedade, principalmente aquelas associadas à feminilidade, como ternura, paciência, acolhimento, maternagem, perfeição, dedicação integral ao filho e família, ao mesmo tempo, que lhe são exigidas todas as obrigações do seu papel social de estudante.

Ainda, questiona-se como o professor pode se posicionar se este se encontra com a vontade enfraquecida, a resistência fragilizada, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada, seu corpo exausto e recebendo um salário aviltado; dessa forma não há condição positiva de aprendizagem, nem, muito menos de atuação social adequada e de luta para outras conquistas. Há a reivindicação de uma necessária transformação da corporeidade; transformação política, personalizada, subjetivada, individualizada, abrindo caminhos para que os alunos possam participar verdadeiramente de uma gestão institucional. É necessário que este aluno se desfaça da carga ideológica que o sistema traz, sobretudo para que a sua idéia possa entrar para a história, pois para se fazer história, deve-se transformar palavras em ações. Lançar, não somente a palavra, mas o corpo, a corporeidade, isso é, militância, pois diziam os romanos “*mveze militare est*”, no significado literal, militar é abrir caminhos novos para frente, de acordo com Petrelli (2010).

No curso de Pedagogia, pelo que se pode inferir nas respostas dos grupos pesquisados, os alunos(as) aprendem cognitivamente o que é política, mas desenvolvem uma vivência, nem se produz o *habitus* conforme Bourdieu (1974), referente à política, como se o sujeito não possuísse corporeidade/subjetividade. Mas, não se pode deixar de explicitar que, não é suficiente um amadurecimento cognitivo-afetivo para vantagens próprias, mas é necessário um poder de ação a serviço e em função da “ação ética,” como explica Minkowski (1999).

O curso de Psicologia destina-se à formação de profissionais com o propósito de atuarem em diversos contextos, em face das questões e demandas de ordem psicológica de caráter clínico, psicossocial e preventivo, na esfera privada ou pública, de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (2006). Hoje, este curso oferece uma variada gama de serviços e práticas psicológicas: psicologia das organizações e do trabalho, psicodiagnóstico infantil e adulto, psicoterapia individual e de grupo, para crianças, adolescentes e adultos; orientação vocacional; grupos de orientação de pais; grupos de reeducação alimentar; intervenção psicológica breve para portadores de doenças crônicas; psicoterapia de casal, psicoterapia familiar, psicologia jurídica, entre outros.

A psicologia clínica que tem como vertente o behaviorismo e a psicanálise deve, além disso, considerar a ação ontológica, de natureza política, isto é clínica política, social e comunitária. Deve também, formar psicólogos com conhecimentos amplos, oportunizando uma base teórica/prática e buscando assegurar uma formação de profissionais competentes, sujeitos de seu processo de desenvolvimento, capazes de contribuir com a sociedade no sentido de transformação social e participação democrática.

O curso de psicologia deve ter um currículo que denuncie as promessas ideológicas em nome do capitalismo, que aponte para os riscos de esmagamento da singularidade do sujeito humano, para a sua alienação. Isto pode ser realizado, sustentando a sua relevância e buscando-se construir lugares onde a sua inquietação, conflito, angústia, dúvidas, alegrias e desejos possam ser ditos, escutados, considerados, e assim perceberem a massificação pela qual os sujeitos se submetem na sociedade capitalista. Também, lhes cabe denunciar as pretensões totalitárias desta sociedade, que apontam para o assujeitamento do ser humano. Enfim, um currículo que contemple este corpo concreto, histórico encarnado.

Aponta-se para uma proposta transdisciplinar em que os diversos saberes que estejam presentes, possam misturar-se uns aos outros. Aqui, interessa a apropriação da capacidade de movimentar-se, a possibilidade de sempre transitar, de ignorar cercas, rearrumar e criar outros territórios.

Pensar dessa forma traz efeitos quanto às práticas de pedagogos e psicólogos. Essa proposta é, sem dúvida, um compromisso político que aposta na criação e na mudança, em formas diversas de existência, de sociabilidade. Trata-se de afirmar as potências, as diferenças, as multiplicidades e possibilidades infinitas e ilimitadas do homem, da sociedade, da pedagogia, da psicologia e da política. A aposta na produção de ‘verdades’ sempre provisórias, temporais e temporárias, num mundo cheio de diversidades.

Acredita-se que tanto o curso de psicologia como de pedagogia devem garantir uma formação sólida para levar a uma prática profissional crítica de conhecimento e saberes já produzidos, bem como produzir saberes articulados entre a teoria e a prática com implicações éticas, políticas e sociais. Deve levar o indivíduo a desenvolver a individualidade para-si, enquanto superação do caráter espontâneo e natural, ou seja, ‘da alienação’ no âmbito de sua formação. Esta individualidade que é a síntese da relação consciente do indivíduo com as condições particulares de sua existência, mediada pela relação consciente, com objetivações do gênero humano.

Não se pode perder de vista a finalidade emancipatória do curso de educação e do de psicologia; dessa forma exige-se que se considere o ato pedagógico e o ato psicológico como a atividade por meio da qual os indivíduos se apropriam das objetivações humanizadoras produzidas pelos homens histórica e socialmente, condição para a humanização do indivíduo e conseqüentemente para sua emancipação. Isto significa que o indivíduo da espécie humana, se torna homem, se forma homem; assim para integrar o gênero humano precisa ser formado, educado de acordo com Duarte (2004). O professor, o psicólogo lida com o indivíduo concreto que é síntese de inúmeras relações sociais, que não se enquadram nos modelos

descritos pelas ciências positivas, eles lidam, educam o sujeito vivo, inteiro, concreto, encarnado.

A educação é aqui compreendida, como processo de formação e de aprendizagem socialmente elaborado e destinado a contribuir na promoção da pessoa humana enquanto sujeito da transformação social, que transforma e é transformado. E o espaço educacional é para além do ambiente físico, entendido como o tempo em que o sujeito permanece na escola (universidade), tanto no curso de Pedagogia como no de Psicologia e, durante o qual a escola, enquanto agência formadora cumpre um papel que lhe é específico, qual seja o de oferecer condições de construção de conhecimentos novos e de comprometer-se com a socialização do saber historicamente elaborado.

O corpo é a expressão dos valores sociais, políticos, econômicos, estéticos, éticos, amorosos ligados às características da sociedade a que pertence, não existindo cisão entre o corpo/subjetividade, muito menos oposição, somos indivíduos que possuem corpo, ego e eu: somos sujeitos encarnados. A leitura crítica do mundo, é como um fazer/ação político-pedagógico que envolve a conscientização e a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade, e esta, ainda está distante da práxis do cotidiano destes alunos (as), como pudemos perceber.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos: Adorno vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- ALMEIDA FILHO, Milton B. Pequena contribuição metodológica ao feminismo emancipacionista. In: **Presença da Mulher**. a. XVIII, n. 49, mar. 2006.
- ALMEIDA, Maria Zeneide C. M. Curso de Pedagogia: um protagonista em busca de sua identidade. **Revista Educação**. n.3. Goiânia: UFG, 1995.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3. ed. Trad. J. J. de M. Ramos. Lisboa: Presença, 1980.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- APPLE, M. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3. ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BALDINO, José Maria; AFONSO, Lúcia H. R. Formação de profissionais da educação: a intervenção dos sindicatos. In: BRZEZINSKI, I (Org.) **Profissão professor: identidade profissionalização docente**. Brasília: Plano, 2002.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Educação do corpo: produção e reprodução**. 2007. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- BERGER P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.
- _____. Eu caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo. In: SPINK, Mary J. P. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1999_a.

_____. Psicologia a Caminho do Novo Século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, n. 4 (2), 315-329, 1999_b.

BOCK, Silvio D. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Decreto Lei n. 11.692 de 10 de junho de 2008 que estabelece e regula o programa ProJovem, nas modalidades Urbano, Adolescente, Campo e Trabalhador.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinte_seindic sociais2008/indic_sociais2008.pdf.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRUNO, Lúcia (Org.). **Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo: leituras selecionadas**. São Paulo: Atlas, 1996.

BRZEZINSKI, Iria. (org.) **LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____.; CARNEIRO, Maria Esperança; AFONSO, Lúcia R.; SIQUEIRA, Teresa C. B.; COELHO, Nilva Maria G.; BRITO, Wanderley A.; MESQUITA, M. das Graças D. Para compreender as representações sociais no universo simbólico da mulher professora. **Educativa**. Goiânia,, v. 9, n. 1, p. 129-145, jan./jun. 2006.

_____. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CAMPOS, Regina H. A função social do psicólogo. **Educação & Sociedade**, Campinas: Cortez, v. 4, n. 16, p.74-84, dez./1983.

CARNEIRO, M. Esperança, AFONSO, Lucia H, SIQUEIRA, Teresa Cristina e outros. O “ficar” e o Creonte da produção flexível. **Fragments de cultura**, Goiânia, v. 5, n. 2, p.385-404, 2005.

CARNEIRO, Maria Esperança; BRZEZINSKI, Iria; AFONSO, L. H.; SILVA, M. A.; ALMEIDA, M. Z.; OLIVEIRA, M. B. **Projeto de Pesquisa: personagem feminina no movimento nacional de formação de professores – reconstituição histórica de 1932 aos dias atuais**. Goiânia: UCG, 2003.

CARNEIRO, Maria Esperança. **Os técnicos de 2º grau frente à reconversão produtiva**. (Tese de doutorado). São Paulo: 1998.

COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo 3**. As mutações do olhar. O século XX. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTO, Edvaldo Souza. Estética e assepsia corporal. In: CABEDA, Sonia; CARNEIRO, Nadia; LARANJEIRA, Denise (Orgs.). **O corpo ainda é pouco**: Seminário sobre contemporaneidade, Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa: a alma idéia do corpo. In: JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa. (Org.) **Corpo mente**: uma fronteira móvel. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

_____. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Ideologia e educação**. São Paulo: Olho d'Água, 2001. (Sociedade & Cultura).

_____. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2006_b.

_____. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006_a.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa Omega, 1982.

COELHO, Ildeu Moreira. Fenomenologia e educação. In: BICUDO, Maria Aparecida V.; CAPPELLETTI, Isabel F. (Orgs.). **Fenomenologia**: uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

_____. **Curso de Pedagogia**: a busca da identidade. Brasília: INEP, 1987. (Série Encontros e Debates, 1).

COELHO Jr, Da intercorporeidade à co-corporeidade: elementos para a clínica psicanalítica. In: **Revista Brasileira de Psicanálise**, Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise. v. 44, n. 1, trimestral, 2010.

COUTINHO, M. C. Subjetividade e trabalho. In: LUCCHIART, D. H. P. S. (Org.). **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993. p. 117-122.

CRITES, John O. **Psicologia vocacional**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1974.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2002.

DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo; 61).

DUARTE, Newton. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

_____. (Org.). **Crítica ao fetichismo do individualismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DUBAR, Claude. **A socialização**: a construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EDUCAÇÃO. Orgão da Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo. v. 6, n. 1/2/3, jan./fev./mar.1932.

ESCH, E. F.; JACÓ-VILELA, A. M. A regulamentação da profissão de psicólogo e os currículos de formação psi. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Orgs.). **Clio-psyché psyché hoje**: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

ESTEVÃO, Adriana. **A política no corpo**: mulheres fisiculturistas, corpo hiperbólicos. 2005. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

FERREIRA, Antonio G. **Dicionário de latim-português**. Portugal: Porto, 1997.

FERRETTI, Celso João, et al (Orgs.) **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Opção trabalho**: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1988.

_____. **Uma nova proposta de orientação profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAGATA, Julio S. J. **A fenomenologia de Husserl**: como fundamento da filosofia. Braga: Livraria Cruz/Faculdade de Filosofia, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação.** Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, A. **Uma análise do perfil dos alunos da Faculdade Social da Bahia (FSBA) no contexto do debate sobre ensino superior.** 2003. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2003.

FRIEDMAN, Silvia, Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções. In: LANE, Silvia T. M.; SAWAIA, Bader B. **Novas veredas da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense; Educ, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, Carlos M. et al. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREUD, S. (1923-1925). **O Ego e o Id e outros trabalhos.** Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FURTADO, E. R. G. **Representações sociais do corpo, mídia e atitudes.** 2009. 459 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2009.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir pensar, agir: corporeidade e educação.** Campinas SP: Papirus, 1994.

HARVEY, David. O corpo como estratégia de acumulação. In: _____. **Espaços de esperança.** São Paulo: Loyola, 2009. p. 135-160.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** v. 1, Petrópolis: Vozes, 1999, v. 1.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HEROLD JUNIOR, Carlos. **As relações entre corpo e trabalho: contribuição crítica à educação.** 2006.138 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e da filosofia**. Intr. e Trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Meditaciones cartesianas**. España, Madrid: Gama, S.A., 1986.

IANNI, Octávio (Org.). **Karl Marx: sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.

KERGOAT, D. Divisão social do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M. et al. (Org.). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para a política pública. **Caderno** n. 3, São Paulo, 2003.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acácia Z. **A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D. e SANFELICE, José L. (Orgs.) **Capitalismo trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. Laplace e Pontalis: sob a direção de Daniel Lagache; 3. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.

LEMME, Pachoal. **Memórias 4**. Brasília: INEP, 1993.

LIMA, M. Tavares. **Orientação profissional: princípios teóricos práticos e textos para psicólogos e educadores**. São Paulo: Vetor, 2007.

LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

_____. **Gênero sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, jul./dez., 2000, p. 59-76.

MACHADO, Lucília R. de S. A educação e os desafios das novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso João, et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACIEL, Sônia Maria. **Corpo invisível: uma nova leitura na filosofia de Merleau-Ponty**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

MARTINS, Ligia Márcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: SP: Autores Associados, 2007. (Coleção formação de professores).

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Intr. Jacob Gorender; trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro. v. 1, 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os pensadores).

MASSIMI, Marina. **História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934**. São Paulo: EPU, 1990.

MEDINA, J. P. **O Brasileiro e o seu corpo**. Campinas: Papyrus, 1990.

MEIRELES, Cecília. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MELO, Sonia M. M. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas SP: Mercado das Letras, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. O filósofo e a sua sombra. In: MERLEAU-PONTY, M. **Textos escolhidos**. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Trad. Marilena de Souza Chauí; Nelson Alfredo Aguiar; Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Abril Cultural, 1984_a. (Os pensadores).

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1984_b.

_____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MINKOWSKI, Eugene. **Traité de Psychopathologie**. PUF, 1966.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1983.

NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Cortez, 1992.

NOVAES, M. Eliana. **Professora primária: mestra ou tia?** 1981. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

OLIVEIRA, Luciane P. A. de. Violência corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade. In: OLIVEIRA, Marcus A. T. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PACHECO FILHO, Raul A. **A psicologia e o psicólogo no capitalismo de consumo**. Pesquisa e praticas psicossociais, v. 3 (1), São João Del-Rei, ago. 2008. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapi/volume3_n1/doc/Pacheco_Filho.doc.

PATTO, Maria Helena S. O que a história pode dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-Educação. In: BOCK, Ana M. Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

PETRELLI, Rodolfo. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: UCG, 2001.

_____. **Para uma psicoterapia em perspectiva fenomênico-existencial**. Goiânia: UCG, 1999.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividades de docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

POCHMANN, Marcio. **A batalha do primeiro emprego**: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro. 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

POLITZER, Georges. **Crítica dos fundamentos da Psicologia I**. Portugal: Editorial, s./d.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para a apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias/ Elaboração Helenice Rêgo dos Santos Cunha. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 19 de jun. de 2010.

RABELO, Ophelina. **Universidade e trabalho**: perspectivas. Campinas, UNICAMP/INEP, São Paulo, 1973.

ROCHA, Sonia. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho**. Cad. CRH, Salvador, v. 21, n. 54, Dec. 2008. Available http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300009&lng=en&nrm=iso. access on 01 Sept. 2009.

RUAS, R. **Efeitos da modernização sobre o processo de trabalho**. Porto Alegre: FEEF, 1985.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SANTOS, Oder José dos. **Pedagogia dos conflitos sociais**. Campinas. SP: Papirus, 1992

SANTOS, Theobaldo M. **Manual de Filosofia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso João, et al (Orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Pedagogia histórica-crítica**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade. In: DUARTE, Newton (Org.). **Crítica ao fetichismo do individualismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SAWAIA, B. D. Representação e ideologia: o encontro desfetichizador. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHMITH, L., Jovens, família, dinheiro e autonomia. In: **Análise social**, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XXV, 1990, p. 657.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. In: **Estudos e Pesquisas**: informação Demográfica e Socioeconômica, IBGE, 2008. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2008/indic_sociais2008.pdf. Acesso em: 01 nov. 2009.

SIQUEIRA Teresa C. B. A construção da intersubjetividade em Merleau-Ponty. **Educativa** v. 5, n. 1, jan./jun. p. 119-134. Goiânia: UCG, 2002.

SOARES, A. R. A Psicologia no Brasil. In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia ciência e profissão**. (edição especial), n. 0, p. 09-59, 1979.

SOUSA, J. P. G.; GARCIA, C. L.; CARVALHO, J. F. **Dicionário de política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Pro-Reitoria de Graduação Departamento de Pedagogia. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia** da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

_____. Pro-Reitoria de Graduação Departamento de Psicologia. **Projeto Político Pedagógico do curso de Psicologia** da Universidade Católica de Goiás, vol. 1 e 2. Goiânia, 2006.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **A função social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michel Cole et al (Orgs.). Trad. Jose Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XIMENES, Lavínia de M. O que eu quero ser quando me deixarem crescer. In: VASCONCELOS, Zandre B.; OLIVEIRA, Inalda D. (Orgs.). **Orientação vocacional**: alguns aspectos teóricos técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004.

YAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez. 1998.

_____. Políticas sociais, “terceiro setor” e “compromisso social”: perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**. n. 19, v. 1, p. 30-37, jan./abr. 2007.

_____. Questão social e políticas: revendo o compromisso da Psicologia. In: BOCK, Ana M. Bahia (Org.). **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____.; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE

ENTREVISTA Dr^a Lenita Schultz

Data 04/05/2010

Confirmando a importância do psico-soma, da indivisibilidade corpo-espírito Schultz (2010) esclarece que Freud (1996) em seu estudo para conhecer, compreender, conceituar o Ego e o Id, explicita que a característica principal do Ego é ser consciente, mas que por outro lado, isto é ambíguo. Assim sendo, depois de uma complicada e interessante argumentação, expressa que existe um pré-consciente perceptivo (Pcpt) que se comunica como Ego e com o Id. O Ego é aquela parte do Id que, na representação gráfica de Freud (p. 38) e do ponto de vista tópico (de localização virtual), fica na superfície, sob a influência do pré-consciente. Para Freud (1996, p. 39)

o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se para substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id que contem as paixões.

A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. (...) Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde quer ir, da mesma maneira o ego [o eu, o corpo] tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria.

O próprio corpo da pessoa constitui um lugar de onde podem originar-se sensações externas ou internas, sensação de dor, de prazer e esta se constituem em formas que nos levam a sensação ou percepção do nosso corpo. O ego é primeiro e acima de tudo, um ego corporal. Assim o ego está encarregado da relação da percepção com a realidade. Isso significa dizer não que o Ego é análogo ao Corpo, mas que a emergência da subjetividade se faz segundo a lógica corpórea da projeção. O corpo é, portanto, o próprio, a primeira pessoa. Sentir dor informaria o ego sobre a existência de um corpo constituído de órgãos, tornando-lhe possível a representação interna do próprio corpo.

O ego em última análise deriva das sensações corporais. As faculdades de autocrítica e consciência, atividades mentais, classificadas como atividades elevadas são inconscientes e produzem inconscientemente efeitos da maior importância, como podemos perceber nos nossos insights.

Assim é que temos a tendência a somatizar todas as vezes que as circunstâncias internas ou externas ultrapassam nossos modos psicológicos de resistência habituais.

FREUD, S. *O Ego e o Id e outros trabalhos*. Volume XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Ed. Standard. Imago, 1996.

ENTREVISTA Dr. Rodolfo Petrelli

29/09/2009 das 11 às 12 horas

Indicação de livro: Merleau-Ponty – Natureza

Entrevistadora: Descrição do desenvolvimento da pesquisa, apontando o estado da pesquisa, onde ela se encontra.

História do Curso de Pedagogia e Psicologia.

O curso é voltado para a clínica, nesta perspectiva encontramos um corpo enclausurado, fechado (clínica), um corpo a serviço da mente e não uma mente a serviço do corpo, como um instrumento ativo de uma ação que supera limites, até de um espaço fechado que é a clínica. Não é um corpo que Eugène Minkowski no livro Tratado de Psicopatologia (1966) diria ético, uma vez que a ação ética é de natureza política. Então a clínica criada, abstida por estas instituições acadêmicas ou universitárias, não é uma clínica social, uma clínica política, não é uma clínica comunitária. Situação oposta que ocorre aos músicos, que doam a comunidade, a população sua voz e seus gestos. De fato na ditadura militar, nenhum psicólogo foi extraditado ou perseguido, mas vários músicos o foram. O psicólogo tem um corpo fátuo (que vem do termo: fogo fátuo, que são produtos da combustão do gás metano gerados pela decomposição de substâncias orgânicas) e a clínica às vezes acaba sendo “o sarcófago” sem corpo (sarcófago – engolir, comer...corpos). As clínicas são as sarcófagas da população, os tiram ... população. De fato o corpo na clínica é um corpo fátuo, de uma aparência estética, mas uma estética inconsistente. Dado por uma só ética que é inconstrutiva .

Quando corpo é dado ao mundo, dado as obras do mundo, pode ter... estética Mas se constitui no vigor, de uma ação ética, que é uma ação ética, de aparência estética. Que não apenas dá consciência

A psicanálise foi autora de uma consciência sem corpo, impossível!! O próprio psicanalista esconde o seu corpo do paciente, o paciente não vê o corpo do psicanalista, inclusive na própria estética tópica, tem um divã para o paciente, a poltrona para o psicanalista, os dois corpos são separados. O psicanalista possui apenas os ouvidos, talvez, os olhares percebendo o corpo do paciente, mas são apenas os blocos de notas (hoje o notebook). Do corpo só emprestava os ouvidos. Os olhos estavam nas anotações.

Já, por exemplo, uma parte da psicologia, que teve grande influencia nas academias de todo o Brasil é a fenomenologia.

A Fenomenologia recorre a Heidegger na filosofia, Biswanger na psiquiatria, Mikowski na psiquiatria e psicopatologia. Estes que na época, suas indagações constituíram a realidade presença, o *apriori* da existência. Presença categoria *apriori* da existência. Mas esta presença, é uma presença antes de tudo, (...) do corpo no mundo.

A melhor frase do Evangelho de São João (Prólogo, no versículo: 14) “*Et verbum caro factum est...*” Este deve ser uma espécie de paradigma de uma psicologia autêntica, integra.: Et verbum em latim significa palavra, então “a palavra, o verbo se fez carne”. A consistência é o corpo, mais do que isto, a carne, é mais radical.

“*Et Verbum caro factum est...*” = “ O Verbo se fez Carne!”

E a psicologia, infelizmente é uma idéia desencarnada, não apenas o corpo. Nesta altura recorremos a Heidegger que afirma que o corpo é ferramenta, inclusive tem um dito português: “corpo e alma”, isto é o existencialismo, a presença do corpo no evento no fato, na história. Senão vira uma esquizofrenia. Temos que ter com a esquizofrenia uma interpretação menos ambulatorial. A pior esquizofrenia é a separação do corpo da alma. O eu do esquizofrênico castiga o corpo, o sacrifica, o torna inconsistente, fátuo, as vezes, o eu do esquizofrênico faz com que o corpo seja desprezado, como exemplo podemos trazer a anorexia e a obesidade mórbida, estas são punições do corpo, isto é a essência da esquizofrenia. E até aquelas religiões que castiga o corpo, que flagela, são esquizofrenias amparadas no sagrado. Uma terapia da psicologia é construir um corpo, para o eu, esteticamente contemplável ... e quando este corpo se constitui na sua eficiência, até a consistência estética muscular aumenta, acompanha. Por que uma mente sem corpo seria, nada de mais absurdo, diriam os antigos romanos que não esteja já dito para os filósofos: idéias desencarnadas e estas são delírios.

Isto é importante para explicar o realismo cristão.

Sarcófago do grego *sarkó* = carne, corpo; *phagos* = que come. Pelo latim *sarcophagu*.

Existe algo mais material que carne?

Idealismo da fenomenologia? Ela é concretista, é mais que materialista, por que a fenomenologia leva as coisas concretas, tem consciência de alguma coisa, então antes de tudo, coisa e corpo, consciência do próprio corpo. Como é idealista! Se ela te manda ir às coisas, como elas são, e não como elas aparecem em suas idéias, por que a idéia da coisa, a coisa que é dada pela própria idéia da matéria, a coisa é uma idéia, não existe uma idéia sem coisa.

Explicitando melhor a frase: Et verbum caro factum est..., caro= carne, verbum = idéia, factum est = se fez. Depois esta escrito: “*et habitast in nobis!*” quando se fez carne morou entre nós, então não apenas um espírito, é um corpo, uma carne viva, um corpo encarnado. Como é que é idealista?

Você deve defender a concretude da fenomenologia – que vai as coisas, o corpo também é uma coisa, e as idéias das coisas não são as coisas, as coisas formulam idéias. Este também é o pensamento de Gregory Bateson, psiquiatra, antropólogo, esposo de Margareth Mead “idéias são relações entre as coisas” e “idéias são relações entre os corpos viventes”,

Nas relações de suas características nas suas diferenças, nas suas diferenças, na sua significância, não existe uma idéia desencarnada. E a frase apodítica de Husserl: “não existe consciência, senão, consciência de alguma coisa”. Não existe consciência de alguma coisa. Não existe consciência abstrata, mas consciência de alguma coisa “res”.

Cícero (advogado Romano) escreveu: de um lado a fenomenologia, mas do outro lado a relação da palavra e as coisas. Os discípulos dele diziam: como você consegue palavras, tantos discursos estruturados? Tão conexo, tão seqüencial, quase sem interrupção, 20, 30, 40 linhas. Ele construiu esta frase: “*Rem tene, verba sequentur*”

Rem = a coisa

Tene = segura a mão;

verba = as palavras (ideias);

sequentur = vem atras (seguem atras)

Justificando o materialismo da fenomenologia.

“A coisa segura na mão e as palavras vem atrás, seguem...” (a coisa, o corpo).

Ver o livro: O corpo fala. Pierre Weil, filósofo, reitor da Universidade da Paz, reitor da Unipaz..

Entrevistadora: O curso de Psicologia....

Podem questionar em banca sobre o comportamentalismo?

Comportamentalismo (behaviorismo) – Faz de um corpo submetido ao outro. Corpo submetido a condicionamentos ...O corpo não tem idéias.

Uma nova psicologia é uma psicologia que forma um corpo eficiente, não apenas estético, vigoroso, ...como ferramenta, como instrumento político e estamos numa perspectiva de uma clinica na sua finalidade ultima, não é uma clínica individualista, mas uma clinica comunitária, coletiva, política.

E quando eu tenho um paciente na clinica individual eu devo dar alta quando o abrir , quando o seu corpo, se dá politicamente a humanidade, que no contexto é numa comunidade.

Entrevistadora: Essas várias áreas que estou percebendo na psicologia: psicologia voltada a educação, na área do Sistema Prisional Brasileiro, na Área de DST/HIV/Aids, no poder judiciário, no serviço de Enfrentamento à Violência, Abuso e Exploração sexual contra crianças e adolescentes, medidas socioeducativas em Unidades de Internação, para adolescentes autores de atos infracionais, grupo de alcoolistas...Grupos de psicólogos se encontrando para resolver situações ...

Rodolfo:

Recuperar em língua portuguesa o livro de Gregory Bateson (esposo da Margareth Mead) Livro dele é: *Steps to na ecology of mead*. “Rumo a uma ecologia da mente”.

Ver o capítulo: Esquizogênese, e o outro capítulo: Patologia das epistemologias

As academias são responsáveis, a motivo que trabalha só a mente e não o corpo, pela cisão, cisão do corpo, pois a cisão do corpo alimenta a cisão da mente, das teorias, das epistemologias.

O responsável na história da filosofia é Descartes. *res cogitans, e à res extens*.

Esse encapsulamento da mente, enclausuramento do corpo, as idéias se separam mais facilmente quando são desencarnadas, quando são separadas em guetos teóricos.

A psicologia deste início de milênio, deste século é um retorno a materialidade a concretude, a factualidade do corpo.

Não existe uma idéia sem o corpo....

Entrevistadora: pergunta sobre subjetividade e o corpo?

Rodolfo:

A subjetividade inicia-se com a unicidade, quando se dá a identidade. O sujeito é um ser único, incomparável, singular, na unicidade da mente.

O corpo em uma multidão não se confunde; os gêmeos, apesar da sua similaridade genética, isso não impede uma unicidade psicológica, existencial, social.

Nosso dilema existencial: “aceitar minha unicidade e ao mesmo tempo ser lançado a viver com o outro.” Outro dilema: encontrar o outro. Como eu posso ter acesso a minha corporalidade , ao meu eu mesmo, se não encontro com o outro. Aqui se dá a constitutiva dialética (tese, antítese, síntese) do meu corpo. Isto é a nossa síntese ontológica constitutiva. Estando com os outros eu colho (resgato) a minha unicidade.

A unicidade se colhe no encontro com o outro. Meu *dasein* se constrói no *mitdasein*⁴⁶.

Entrevistadora: E a alienação....?

Alienação acadêmica ao “ipse dixit” do outro, pensar de acordo com os “grandes” alienando-se do seu próprio pensamento, fundamentado na própria experiência dos fatos.

O sistema autoritário provoca a alienação. Eu me alieno até num dogma. A idéia é um objeto de nossa mente e não um objeto de culto. O sujeito tenta procurar fora de si a segurança, e esta está na sua consciência.

Anotações de Rodolfo:

Um fardo pesado da nossa existência é o de sermos lançados a viver a inelutável solidão imposta por uma ontologia da singularidade do nosso Eu e lançados ao encontro com o outro como necessidade existencial e social.

O eu se constitui na sua unicidade incomparável, necessariamente no encontro de um outro eu, então em uma relação de alteridade.

O outro, nossa corporalidade, não é apenas o espelho do eu, mas o seu constitutivo dialético, a sua antítese para o eu se colocar como tese.

O grande e misterioso paradoxo é dado por estas duas dimensões existenciais opostas, ao extremo; diria Sartre: Condenados a solidão e condenados ao estar-junto-com.

Usando a terminologia de Heidegger: não é possível um “dasein” fora de um “*mitdasein*”; não é possível ser lançado no tempo e no mundo sem cair no tempo e no mundo dos outros e de um “tu”! (Buber). Através da recíproca corporalidade. Como conciliar as exigências paradoxalmente opostas e sermos autênticos e felizes nestas ontológicas condições? Eis o problema!

Como vencer a solidão nas relações interpessoais e conjugais?

A relação homem/mulher, ainda mais quando legitimada e consagrada constituindo um casamento é um “lócus” privilegiado para que estas paradoxais contradições se transformem em uma misteriosa união-comunhão das diferenças e opostos existentes dando origem a “coisas novas” aproximando o homem ao divino, gerador da existência (na vida) de “um-nos-dois” e de “dois-em-um”; estas duas dimensões não se referem apenas à geração de um filho, mas a criação de experiências altíssimas de espiritualidade, experiências de vértice, onde e quando o ser humano se distancia e supera ontologicamente a sua naturalidade animal.

TESE ANOTAÇÕES

Corporeidade – corpo ação

A palavra corpo é sagrada. Assim a palavra deve se fazer carne

A palavra se fez carne, a palavra se fez corpo.

Inicia com a pergunta: qual é a idéia que faz a sua identidade, quem te deu esta idéia, o sistema, a ideologia, a técnica profissionalizante? De onde veio a tua idéia?

Ela é expressiva de uma singularidade, que fundamenta uma subjetividade?

Essa idéia você a captou pela memória, reflexão, pela meditação?

Desfazendo-se da carga ideológica que o sistema traz, sobretudo para que a sua idéia possa entrar para a história. Fazer história esta idéia deve se transformar em palavras, ações.

Idéia- palavra-corpo.

Corporeidade tem a ligação política, ética, estética...

Categorização desta discussão:

⁴⁶ *Mitdasein*, o que propriamente falando se funda no caráter de ser-com constitutivo da estrutura ontológica do Dasein. Heidegger § 26 de *Ser e Tempo* v. 2.

Gostou da caracterização;

Interessante a dimensão dialética das 2 categorias formação – conformação lembrando o conformista e o segundo tipo o burocrata. Para os dois tipos há a alienação e ritualismo, isto é, são os movimentos adaptativos ao sistema social mesmo quando a regras-normas, leis impostas não têm mais valor.

A conformação total a-critica a um sistema indica uma de-cadência existencial-psicológica e social.

Decadência do sistema universitário- insinuar a teoria de anomia de Durkheim e Robert Merton e como a mesma poderia ser positivamente administrada por um tipo que Petrelli chama “Inovador Profético”.

Henri Thoreau: Desobediência Civil

Corpo transformação política, personalizado, subjetivado, individualizado, abrindo caminhos para que os alunos possam participar verdadeiramente de uma gestão institucional.

Conclusões:

Como tornar esta corporeidade, esta corpor-ação, corpo. Elas devem ser encarnadas. Como eu me torno pedagogo? Como eu me torno psicólogo?

Como os corpos destes sujeitos irão fazer para realizar a história das palavras e idéias que têm?

Lançar não somente a palavra mas o corpo, o corpo para frente, isso é, militância, pois diziam os romanos “mveze militare est”, no significado literal, militar é abrir caminhos novos para frente.

Como esta tese doutoral pode contribuir para subverter o status quo desta universidade, deve ser evidenciado no trabalho sugerindo estratégias.

Bibliografia:

Minkowski, E. (1999). *Traité de Psychopathologie*. Paris: Collection Les Empêcheurs de penser en rond. (Originalmente publicado em 1966).

Minkowski, E. *Traité de Psychopathologie*, PUF, 1966.

Henri Thoreau: Desobediência Civil

Merleau-Ponty- Natureza

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: ANA
CASO 18

Teresa Cristina:

A entrevista agora é com Ana, ela é do Curso de Pedagogia, eu queria que você falasse mesmo o que é ser jovem pra você?

Ana: O que é ser jovem...

T: É

A: Na sociedade hoje em que nós vivemos fica meio difícil estar especificando o que é ser jovem né, porque a juventude não chega a todo mundo como deveria, uns entram na adolescência muito precoce (há questão de condição financeira, que precisa trabalhar) então fica meio incompleto. Outros tem um alongamento né dessa juventude, que é a questão da dependência dos pais, lutar sempre em busca do estudo, então acaba que, ficamos limitado a isso.

T: E como é que você percebe esse jovem?

A: Humm...Eu vejo assim que... ai é bem complexo né!

Mas eu acho que eles não tem assim uma referência, sobre né, eles... talvez um pouco essa questão do limite, mas...

T: Está faltando limite então, você acha que o jovem de hoje falta limite?

A: Eu digo limite no sentido, mas do conhecimento, de um esclarecimento, de um acompanhamento né, tanto dos pais, também da instituição, então assim quando acho que o jovem tem essa referência em casa do pai, que hoje igual eu to te falando, tem essa questão do alongamento dessa juventude até os pais não querem envelhecer, então eles acaba tornando iguais aos filhos, então o filho acaba não tendo uma referência em casa também, de quem é o pai. Todo mundo é amigo, então assim, eles pensam que talvez podem tudo, também tem o estatuto que defende muito, mas também não impõe o que é que é limite também, mas e o seu dever, eu acho que falta um pouco disso.

T: E você, você é jovem, você acha que sim?

A: Ser jovem talvez na aparência, um conceito de estar bem ainda, mas não eu já entrei nessa fase adulta assim muito cedo, casei jovem, tive filho jovem, tive que trabalhar.

T: Você tem quantos filhos?

A: É só um, de 10 anos. Então eu tive que assumir muito essa responsabilidade né, de buscar.

T: Sei, de ser séria, não é?

A: É

T: Você ganha o seu dinheiro né, você gasta só com você ou você gasta com a família?

A: Com a família

T: Eu gostaria que você falasse aonde você trabalha?

A: Eu trabalho na associação dos docentes da UFG, há 5 anos, trabalho lá, trabalho como recepcionista e telefonista. Adulf

T: Como você aprendeu a fazer esse trabalho, você teve algum curso?

A: Não na verdade, assim até que não, é pela questão assim da necessidade, no surgimento da vaga a gente acaba que se adaptando a tudo né, mas eu até gostei de trabalhar assim com o público, atendimento, então já trabalhei em outras instituições assim, e quando surgiu a oportunidade de trabalhar lá na associação eu já tinha um pouco de experiência né, mas é tudo novo, o ritmo de trabalho é outro, como na forma de atender.

T: Como é que você arranhou esse trabalho, foi concurso foi indicado?

A: Na verdade a minha cunhada que trabalhava na associação aí surgiu uma oportunidade para ela ir para fora do Brasil, na Suíça, e como era na época assim que eu engravidei, que eu tive meu bebê, eu não tive coragem assim de deixar ele no momento, então, fiquei acompanhando ele até os 4 anos. Aí foi quando ela foi embora e surgiu a vaga, ela me indicou.

T: Então você não trabalhou até ele ter 4 anos?

A: Não. Eu não quis depois da licença maternidade aí eu não voltei, porque não compensava pra mim sacrificar tanto ele, muito pouco, então eu achava que não era conveniente.

T: Você começou a trabalhar com quantos anos?

A: Aos meus 16 anos

T: E aonde começou a trabalhar? Foi muito cedo?

A: Trabalhei numa loja de fotografia no interior, em Porangatu

T: Em Porangatu, você é de lá então?

A: Isso

T: E veio para Goiânia para casar ou você já veio para estudar, o que foi?

A: Não, na verdade eu vim em busca de melhores condições também, e outra porque a cidade por ser uma cidade muito pequena, então não oferece muita perspectiva, e não era a minha intenção arrumar um emprego, que continuasse a minha renda e ficasse por ali, eu não quis isso né. Então a minha irmã veio pra Goiânia e eu vim pra morar com ela.

T: Você fez algum curso profissionalizante?

A: Na área de informática, também fiz de telefonista, e outros na questão de secretariado, de trabalhar em escritório.

T: Você tem carteira assinada?

A: Tenho

T: O relacionamento com o chefe, com as outras pessoas, como é isso?

A: É tranquilo

T: O ambiente de trabalho também é tranquilo?

A: É isso.

T: Uma coisa interessante aqui que eu quero saber, esse curso, o curso de pedagogia, o porquê da escolha desse curso de pedagogia?

A: Então, eu gostaria de ter feito o curso de Psicologia, entender um pouco essa questão do comportamento do ser humano, mas em devido à falta de condição, de me manter no curso, eu

optei pela pedagogia, mas eu me identifiquei muito na Pedagogia, porque a Pedagogia ela vai, além disso, você precisa entender o sujeito no contexto geral né, então eu penso que, é mais complexo do que a Psicologia, então eu me identifiquei muito na área da Educação.

T: Você gosta então, dessa área?

A: Gosto, apesar de não estar atuando.

T: Qual é a sua idéia, projeto mesmo, o que você pensa para o seu futuro?

A: Eu, como agora eu ingressei no Mestrado como aluna especial, pretendo passar na seleção né, se de tudo eu conseguir passar eu vou dar continuidade no meu mestrado e quero atuar na área né, que é a docência universitária, um concurso, ou na Federal ou na Católica, e dar continuidade no meu doutorado e trabalhar.

T: Como é que você concilia essa coisa de trabalhar, estudar, como é que é isso?

A: É difícil.

T: É difícil?

A: É muito complicado, então eu tento o máximo no momento em que to trabalhando em não me preocupar com minhas outras atividades, até pra não atrapalhar no meu trabalho, saindo de lá eu tenho a minha obrigação em casa, que é digamos que até umas 10 horas eu tento organizar uma coisa ou outra, e aí quando eu to muito cansada eu durmo tantas horas, aí acordo e vou estudar, é na madrugada que eu estudo, que eu desenvolvo os meus trabalhos.

T: Como é, por exemplo, a Márcia, a Márcia que começou a faculdade ela modificou com alguma coisa na sua forma de vestir, de pensar, de raciocinar, de comportar, o que você acha, a Márcia que começou e agora a Márcia que esta terminando, são diferentes?

A: Na realidade o curso, acho que faz aflorar mais a minha personalidade, mas dizer que eu mudei totalmente não, mesmo assim, ele me deu muita clareza em relação a muitas coisas, então sim, lógico que muda muito, comportamento muda, você passa a buscar mais seus direitos, você passa a ver a educação num outro ângulo, e com as leituras, tudo vai se encaixando uma coisa com a outra.

T: E essa percepção, uma moça que veio do interior, aí quando vem pra faculdade, que mudança é essa, a faculdade, faculdade de pedagogia?

A: É um outro mundo, é uma outra realidade, é outros contatos, parece que é como se abrisse mesmo uma porta pra um novo mundo, não que eu esteja desmerecendo toda a minha trajetória de vida e tudo, mas assim você consegue ter um novo olhar, talvez seja um pouco assim daquela desmistificação da alienação, então você passa a analisar de uma outra forma as situações.

T: É interessante, porque a palavra vestibular significa isso é vestibulo, uma porta de entrada, você esta demonstrando bem isso na sua fala.

A: Este é o fato de você conversar com determinadas pessoas, que não tiveram essa oportunidade, elas já passam a te ignorar por pensar que você vai melhor um pouco a fala, um pouco a atitude, ser mais flexível antes de tomar qualquer decisão, de falar qualquer coisa, na questão da escrita, então já começa a te ignorar de certa forma, eu até entendo, e eu tento passar que eu sou a mesma pessoa.

T: E que essa melhora também, que de certa forma é uma melhora, ela não ta te deixando distante deles, ao contrario, entende o que o outro está sentindo.

A: E a questão assim de que eu vejo que tudo que eu aprendi na Universidade não é uma coisa assim só pra mim. Eu sei, só pra mim, e não vou dividir com mais ninguém, pelo contrário, o Curso ensina eu a dividir tudo que eu aprendi com as demais pessoas né.

T: Ainda mais no Curso de Pedagogia não é ?

A: Então.

T: Eu também tenho.

T: Uma coisa que eu não te perguntei é a seguinte, e a formação do seu pai, da sua mãe, o que é que eles fizeram, eles estudaram, formaram?.

A: A minha mãe, ela assim, fez o básico né, então assim, mal sabe ler, não tem aquele, conhecimento assim, meu pai acho que até o 4º ano, na época, alguma coisa assim, e só.

T: Como eles vêm você fazendo faculdade, isso pra eles é motivo de...

A: A minha mãe acho que ela se identifica muito, até na questão mesmo de querer bem o filho.

T: Ela ta morando lá ou mora aqui?

A: Mora aqui, hoje ela mora aqui. Então por eu comentar muito assim as minhas buscas, a minha vontade, ela fica muito feliz, por eu ta conquistando, né cada dia mais isso. Meu pai também da mesma forma, eles ficam... acho que se realizam né..

T: É interessante, quer dizer que você conseguiu ir além, é interessante isso dizer que os filhos estão...

A: Eu agora to desenvolvendo.

T: Deixa eu te falar uma coisa, Márcia, existe, no projeto da Universidade aqui do Curso de Pedagogia, existe assim, alguns objetivos do Curso, eu gostaria por gentileza, que você visse se isso aí foi alcançado, esta aqui, isso aqui é uma parte, é uma descrição do Projeto Pedagógico, aquele livrinho que a gente recebe. Então aqui: a Universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso a forma de se comportar, pensar, de ser, de vestir, de agir, de ser um profissional. Tanto o profissional requisitado pelo mercado. Que perfil de profissional o seu curso propõe?

O curso de pedagogia empenha-se na “primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios sobre a aquisição cumulativa de informações. Quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou de pós-graduação o professor graduado pelo EDU/UCG evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato; flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas, também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade; atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício de liderança; compreensão crítica e análise de idéias, bem como dos valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo” Você acredita que esse curso que você fez, esse projeto, você esta sendo formada para essa proposta, como é isso?

A: Eu penso que na medida do possível sim, porque foi colocado no curso que, mas eu penso que nós enquanto estudante, nós também devemos buscar, então não adianta culpar a Universidade por isso, por aquilo, que ta meio deixando, só passamos pelo curso. Eu acredito que da minha parte, pôde sim, abranger todos esses itens, e...

T: E outra, você se esforçou para isso?

A: Isso, porque eu desenvolvi no curso, e tudo, e não é o que acontece talvez com um monte dos outros colegas.

T: Uma coisa que eu também não te perguntei, que agora me passou, você fez estágio, como é que foi feitos esses estágios?

A: Fiz

T: Você fez estágio na escola, você fez estágio..

A: O primeiro estágio foi mais relacionado a questão da gestão, do acompanhamento, o segundo foi na educação infantil, o terceiro foi no EJA, e o quarto foi na própria Universidade mesmo, mas discutindo tudo o que nós trabalhamos nos estágios né.

T: Você gostou dessa parte mais prática, acha que poderia melhorar, ou esta bom, em relação ao curso?

A: Não, eu achei que foi legal, até em questão de esta vendo outras pessoas que estão em outras Universidades/Faculdades não tem tantas cobranças como foi em relação ao nosso curso, então eu pude desenvolver muito, sofri muito, mas aprendi.

T: E assim, você sofreu muito, e dessas áreas que você fez, diga uma que você sobressaiu, que você se identificava mais, qual?

A: Trabalhar com jovem e adulto.

A: Não desmerecendo a educação infantil, eu acho muito bonito, o trabalho e tudo. Então eu penso assim que para trabalhar na Educação Infantil eu acredito que seria mais na elaboração de projetos, do que eu vejo, do que poderia ser, com algumas coisas nesse sentido assim, agora o EJA eu me identifiquei bastante.

T: Uma coisa que eu achei interessante que você estava falando é que, na medida em que você foi fazendo o curso de Pedagogia, aquela questão que você trouxe primeiro não é, você foi percebendo que ele satisfazia os seus desejos, mais do que você acredita se tivesse feito o Curso de Psicologia não é?.

A: Sim

T: Eu acho interessante isso, assim, o que você vê, por exemplo, num psicólogo que poderia estar fazendo, o que é que você vê que é diferente na educação?

A: Eu acho assim, na questão de não tá idealizando demais o curso de Pedagogia, que também né, tem muita coisa que...precisa melhorar... mas você fala em relação ao psicólogo?

T: É, ao psicólogo, é porque durante o curso você percebeu que a pedagogia te satisfazia e que de repente a psicologia estava num outro caminho completamente diferente daquilo que você tinha imaginado que seria bom pra você, você descobriu uma nova possibilidade sua. Como é que é isso?

A: Não, a questão é de como eu imaginava a psicologia né, eu imaginava assim, você trabalhar com um problema ali, no caso a uma análise de uma situação, e você pensava em obter mais resposta pra você do que para o próprio individuo assim de você ta tentando compreender atitudes, acho interessante. Na pedagogia você tem que pesquisar bastante, ver tudo...

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: CLARA
ENTREVISTA - PEDAGOGIA

T: Eu estou gravando com Clara do Departamento de Educação.

Eu queria saber de você o seguinte: O que é que é ser jovem para você?

C: Ser jovem... acho que tem que ter vitalidade né? Disposição, energia, né?

T: E você é jovem?

C: Eu me acho jovem.

T: Eu também acho.

C: Eu tento "né"? Na medida do possível, apesar de que quando chega a idade, você pensa: ai meu Deus! Você já qualifica pela idade e não pela disposição.

T: Como você percebe os jovens de hoje?

C: Os jovens, de maneira geral? Ai, eu acho eles muito disperso, assim, parece que, perdido, parece que eles não se encontrou, né? Então eles fica assim, tentando, procurar algo, assim, ainda ta... acho que fica naquele desespero né? De querer...

T: É ...quando você fala procurando algo, parecendo alguma coisa pra preencher.É isso?

C: É, assim parece que quer alcançar o mundo inteiro, assim com muito pouco tempo, né? Muito rápido né? Eles que, parece que é aquela liberdade, "ah, agora sou adolescente", parece que quer expandir mesmo né? Ter nova liberdade.

T: Você tem ordenado, você trabalha?

C: Trabalho. Trabalho né?

T: E você tem acesso à internet?

C: Não eu sou do tempo da pré-história ainda, e por que, assim, depende do meu marido pra liberar o computador.

T: E você tem celular?

C: Tem. Celular eu tenho.

T: E mp3, mp4?

C: Tem em casa.

T: Isso é importante pra você ou não, ou você acha que isso pode passar?

C: Eu acho que agora não tem como mais ... precisa né? É útil.

T: E plano para o futuro?

C: Ah, eu pretendo formar né? Se eu alcançar esse objetivo e isso depende também de Deus, que vai proporcionar até lá, como eu demorei muito né? Se der a meta, como eu vou fazer trinta e sete ano é algo fundamental que eu vejo né? Em princípio assim fundamental, que não tem como, assim, viver e não passar por essa experiência né? Eu acho muito importante e ao mesmo tempo difícil, por que hoje eu acho assim não dá muito oportunidade de trabalhar, tem que ser mãe, tem que ser esposa, eu vejo assim do meu ponto de vista né?

T: Você tem quantos filhos?

C: Três.

T: Estão com quantos anos seus filhos?

C: O mais velho vai fazer doze, a do meio sete e a pequenininha quatro, minha caçulinha. Eles cobram muito né? Assim então, não tenho muito tempo para dedicar para os meus filhos, agora estudando, tem muito assim agora, é como é que fala? Assim muitas aulas, assim fora né? Essas aulas integradoras, projeto, então se eu for realmente aprofundar mesmo e querer estudar vou ter que realmente abrir mão da minha família, até pra participar do projeto e tive que parar mesmo por que, por causa de tempo né, por que meu marido até achava que eu tava traindo ele né? Não tinha como, tinha que ser fim de semana, tinha que ser sábado, às vezes até domingo, tinha que tá reunindo com as colegas né? Então tava prejudicando o outro lado, o lado emocional né?

T: E seus pais, eles trabalham atualmente ou não?

C: Não, minha mãe é aposentada, meu pai era autônomo e agora está sem trabalhar.

T: Na sua casa você trabalha. E, além disso, o seu marido trabalha?

C: Trabalha.

T: Só vocês dois?

C: Só nós dois.

T: Em quê que você trabalha?

C: Eu trabalho no CEMEI com a educação infantil. É o pessoal fala, relaciona o CEMEI com creche né? Mas lá é educação infantil.

T: Você é contratada mesmo?

C: “Haham”.

T: Com carteira assinada, tudo direitinho?

C: “Haham” é agente educativo que fala, antigamente o magistério valia, pro cê vê o tanto que é importante né? Você tá estudando, tá sempre, e agora o magistério é como se fosse o auxiliar, não tem peso mais como professor.

T: Você é agente educativa?

C: É a gente realmente só, assim, dá apoio, ajuda a professora né? Como apoio né?

T: Então você tem que fazer o curso de pedagogia para se tornar professora, a regente?

C: Isso a regente, caso contrário...

T: Como você arranjou esse emprego?

C: É agora, assim, antes foi contrato né? A prefeitura pegava o contrato, quem tinha magistério e aí chamava pra trabalhar de contrato, antigamente era dois ano, agora passou pra três ano e aí pela primeira vez eles reconheceu esse contrato de, não pra efetivo agora é novo né? Esse, como é que fala, esse concurso que teve é novo num existia né? Agente educativo né? Foi criado agora em dois mil e sete, aí teve concurso e eu passei, agora sou contratada.

T: Antes você teve outros empregos?

C: Tive. Quando era solteira. Trabalhei como vendedora, trabalhei como secretária, é, como vendedora e secretária não teve muito assim.

T: Você fez algum curso profissionalizante para fazer isso que você faz hoje?

C: Fiz dois. Fiz patologia clínica, que é pra trabalhar em laboratório, até cheguei a fazer estágio pra trabalhar no hospital das clínicas e magistério, que é técnico, aqui no IEG, foi dois curso técnico. Queria já ta fazendo a faculdade, por falta de condições eu não tive, é, por que pra tá na Federal não deu prazo e da UEG passei na primeira fase.

T: Você tem bolsa hoje, você tem alguma ajuda do governo?

C: Não, até que agora não consegui, mas antes era tá negociando as atrasadas, aquele sistema todo, então na verdade, eu trabalho pra pagar a faculdade, trabalho só pra pagar a faculdade, por que é quase o meu salário, por que é quatrocentos e oitenta e dois é quase quinhentos reais é praticamente o que eu ganho.

T: Então fica difícil pra comprar livros?

C: Livro, “Xerox”, cópia, muito difícil, nossa! É muito complicado mesmo, tem que querer muito mesmo, aí eu até procuro recorrer assim. Eu queria fazer dança, minha paixão, mas não posso por causa do horário, bate né? Choca como o horário das minha aula. Eu comecei, começava seis e meia e terminava sete e meia, mas quando dava sete hora tinha que subi pra aula e agora minhas aula começa seis hora, hoje é quarta feira, é exceção começa sete hora, mas começa seis horas, as outras né? E aí eu não tive como, eu queria muito sabe, eu queria muito mesmo, se pudesse pôr a dança mais cedo um pouco né? Cinco horas, mas parece que não tem é só esse horário da noite mesmo.

T: Com seu trabalho, você está satisfeita com ele? Parece que não. Parece que você gostaria de não ser só auxiliar?

C: Eu acho que faz parte do ser humano não contentar com né? Assim até então gosto né? Gosto muito de trabalhar com criança acho muito satisfatório, mas se eu ganhar melhor, melhor né?

T: Você acha que tem alguma relação entre a escola e o seu trabalho?

C: Tem. Assim ta dentro de minha área, “haham” tem sim.

T: Esse curso que você está fazendo ele vai te ajudar no seu trabalho então?

C: Vai, “haham”, ele vai ajudar bastante.

T: Por que você escolheu esse curso?

C: Primeiramente por que está na minha área e por que é mais em conta, mas o curso do meu sonho mesmo é ser psicóloga. Não sei por que desde dezessete anos que tenho, não sei se é uma ideologia da minha cabeça, só vou saber mesmo no dia que estiver dentro da sala de aula pra mim tê realmente, como é que fala? A palavra certa assim, bem fundamento né? Deu querer sê psicóloga.

T: Se é uma fantasia ou não?

C: Isso, se é uma fantasia da minha cabeça de adolescente, por que desde adolescente que eu penso em ser psicóloga.

T: Você percebe que vai sendo profissionalizada pelo curso? Você está no terceiro período?

C: Isso, terceiro. Tá, acho que mais pra frente vai entrar mais na área do ensino mesmo, como é que fala? Da prática né? Mas por enquanto, assim, tem a vê.

T: Nos projetos que você está desenvolvendo você percebe que tem alguma a ver?

C: É tem tudo a ver.

T: Uma coisa que eu gostaria de saber, você percebe alguma relação da sua entrada na universidade com a forma de você se comportar, com a forma de você pensar, alguma coisa modificou a partir do momento ...?

C: Vixi, muito, começa pelo meu auto-estima né? Assim por que na verdade eu era do lar né? Assim abri mão dessas vaidade, se é que é pode dizer que é uma vaidade, por que as vezes eu acho que não, por que é o fundamental também né? Faz parte da vida né? Cê se realiza como profissional em todos os sentidos né?

T: Interessante você liga a uma estima melhor a uma auto-estima positiva né?

C: É por que antes, só em casa, dependendo do marido, me sentia péssima.

Sem valor

T: Você não se sentia valorizada?

C: É não tenho valor. E não é valorizado esse trabalho, nunca da vida, pode ser a mãe mais dedicada do mundo abri mão de tudo, nunca vai tê esse valor né? É complicado já é uma coisa já... assim pras pessoas que me conhecem que me conheceram “nossa mas você mudou demais”, acho que mudei muito né? Me fez muito bem, por que antes eu vivia só no meu mundinho né? Com os filhos, com marido e aí depois que eu vim pra cá a gente já participa, tem outros relacionamentos, amizade.

T: Você estava falando de grupos né? Você participou de alguns grupos, inclusive grupos ligados à universidade, que você teve que deixar por pressão do marido?

C: Marido. Marido. “Nossa você está me traindo?”, eu falei: “quê que isso meu bem!”, isso é pensamento à toa, se for pensar por esse lado acho que traio todos os dias, é meio complicado né?

T: Uma coisa interessante, você já é de uma outra geração. Você pegou essa coisa do ficar, você vivenciou isso?

C: Do meu querer mesmo não né? Mas as vezes iludida ou enganada, as vezes pensava que tava namorando e as vezes a pessoa não levava a sério e ficava só curtindo, sei lá.

T: Você já tem quanto tempo de casada?

C: Doze. Doze anos então minha criação foi assim, muito rígida, assim pra namoro, só andava com meus pais, quando não era com pai e com mãe, era com irmão e minha mãe foi sempre muito preconceituosa por que ela foi criada dessa forma né? Que não aceitava eu num casar virgem e por incrível que pareça não deu certo a situação, casei grávida.

T: E você sentiu vergonha disso?

C: Muito, péssima, muito péssima, por que era uma coisa que minha mãe já...(silêncio)

T: Você se sentiu desobedecendo?

C: Também por ela, desde pequenininha já era um constrangimento, daquilo assim, já tinha isso comigo não era algo bom acontecer, por que, assim, ia me prejudicar, mas na verdade olhando pelo lado de hoje não tem nada a vê, né?

T: Você acha que isso prejudicou, isso aí te atrapalhou no relacionamento? Seu marido chegou a te desvalorizar, por exemplo?

C: Não, às vezes no começo fico assim né? Sei lá, mas dele não, ele é muito assim...

T: Ele é mais aberto?

C: É por que ele é mais novo também, três anos e... Só que num deixa as vezes de jogar na cara, por que é um princípio que desde criança os pais coloca né? Que a moça não é virgem, acho que hoje não né? Q meus filhos tão muito piquininim daí eu não sei...

T: Não, hoje é até difícil você achar gente virgem.

C: Então, acho que os rapais não questiona isso mais. As moça questiona?

T: Algumas, algumas, mas é muito raro.

C: Quais de que, as colega que tenho, que já tudo foi novinha assim, parece que, não teve muito esse constrangimento não, que eu percebi né? Mas assim, eu sei que minha criação foi muito cobrado isso, e, infelizmente eu não pude cumpri com esse desejo que cabia mesmo, também fui pegando idade com vinte e um ano né? Vinte e um! Demoro! Demoro né? Foi com vinte e um, pra você vê o tanto que eu era fechada, foi depois que meu pai saiu de casa, por que aí, na verdade eu era muito...(Silêncio)

T: Seu pai separou-se da sua mãe?

C: É, e quando meu pai era presente eu era muito apegada, admirava muito meu pai como criança, por que eu não tinha muito conhecimento da pessoa assim, mas, mas depois que ele saiu parece que eu fiquei, assim, muito solta né? Parece que tava muito aberto né? E como eu não tinha muita malícia e como eu não tinha muita experiência, não sabia, carente, e aí pronto! E como meu pai já tinha me decepcionado, decepcionar foi o de menos.

T: E foi com o seu marido ou não?

C: Não, não foi não e é por isso que é complicado né? “Ah mais por que você ficou com fulano”, por que ele também...

T: Mas ele era santo?

C: Não, nossa senhora, ele teve várias.

T: Engraçado né?

C: Mas ele não aceita muito né? Às vezes até já brincou lá: “Por quê que você não me esperou?” Acho que no fundo, no fundo, acho que não sei se o negocio predomina no fundo, no fundo do homem querer casar com uma mulher virgem. Fala que eu tive um namorado, que acho que ele abriu mão de mim pra fica com uma... Que isso pesô pra ele, que ele foi criado em lar evangélico, então a mãe é evangélica, os princípios evangélicos, assim influenciou ele a acha que pelo fato de eu não ser virgem, que não ia sê algo bom assim que eu ia as vezes vacilar né? Assim ia trair, assim né? Essas coisa. Acho que julga muito né? Depende muito dos pais prá viver as coisa. É igual o preconceito de quem é mãe solteira né? Isso ainda é, eu acho né? Eu mesmo não ia ficar muito feliz né? Eu já tem esse preconceito desde mininha, se meu filho casasse com uma mulher que já tem um filho de outro homem, ainda mais que meu marido tem filhos com outras mulheres né? Duas mulheres diferentes. Isso me prejudicou muito, então isso vai sê outra dor que vou sentir, vai trazer na minha alma né? Ai meu Deus do céu! Vai meu filho viver a mesma situação né? Ai não sei, acho que também...

T: No fundo você percebe que também tem preconceitos, até contra a sua própria situação?

C: “Aham”.

T: Deixe-me te falar uma coisa, no curso de pedagogia existe uma descrição do que é que ele pretende com a gente e a descrição é a seguinte: Vou ler pra você, por que a idéia é a seguinte,

com a universidade ela vai apontando aos sujeitos de cada curso né? A forma dele se comportar, de pensar, de ser, de vestir e de agir; cada curso você vê que tem uma tipologia, você pode ver que tem isso, ou seja, um perfil do futuro profissional que ela está tentando formar. O curso de pedagogia ele tem o quê? Ele coloca o quê? “O curso de pedagogia prioriza o ato acadêmico e empenha-se na primazia na aquisição do desenvolvimento de hábitos investigatórios, sobre a aquisição cumulativa de informação, ou seja, o curso de pedagogia te ajuda a fazer uma investigação, quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou pós-graduação o professor graduado pela educação da UCG mostre, não apenas pensamento analítico e abstrato, mas também, uma certa flexibilidade no raciocínio para entender as coisas, para administrar, para fazer projetos, o domínio da linguagem, uma visão de globalidade, uma atitude mais pluralista, uma visão do futuro, capacidade enunciativa, exercício de liderança, compreensão crítica, análise de idéias, bem como valores do passado e do presente, em outras palavras hábitos de convivência com o mundo e seu dinamismo”. Você acredita que o seu curso está formando você com esse perfil?

C: Sim e não né? Não sei. Depende muito do professor.

T: Então assim, você percebe que então em algumas disciplinas existe a preocupação com alguns desses princípios?

C: Tem.

T: Mas nem todos os professores?

C: Nem todos.

T: Mas você está no princípio do curso, vamos acreditar que seja por essa razão. Isso aí você pode cobrar! Está escrito no seu projeto pedagógico.

C: Legal.

T: Por que está no projeto da universidade, entendeu? Aquele livrinho que você recebe no começo do curso.

C: Ah, entendi.

T: Então eu estou, estou... Na minha pesquisa também eu estou lendo isso e se isso é... Real ou não? Se está sendo colocado no presente?

T: Isso! Se está sendo colocado?

C: E é a primeira vez que tá fazendo entrevista comigo pra perguntar isso aqui?

T: É que é a primeira vez né? A partir disso, por isso que é interessante a pesquisa, por que a partir disso a gente vai ver se está sendo implantado mesmo, se isso está ocorrendo né? Não estando, é um aviso para todos os professores. Por isso que a pesquisa tem a sua vantagem.

C: Ah, entendi.

T: A pesquisa vem para vários objetivos, não é? Um dos meus objetivos é esse, é de saber se o curso está formando, um profissional mesmo, próprio para a educação, eu estou fazendo a pesquisa com o curso de pedagogia e com psicologia.

C: Ah.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO – LUCIANA
CASO 11

T: Vamos entrevistar Renata, da Educação, fazendo uma entrevista sobre, primeira questão: O que é ser jovem. O que é ser jovem pra vc Renata?

L: Ser jovem é ter toda essa garra, essa alegria, esse ideal de lutar por alguma meta, lutar por algum propósito, principalmente de transformação, principalmente que envolva, como eu vou dizer, esse espírito de juventude.

T: Sei

L: Então acho que seria mais ou menos isso.

T: Como você percebe o jovem hoje?

L: Eu percebo o jovem um pouco perdido, sem rumo.

T: Mas e você, você se considera jovem? Porque vc falou de conceitos diferentes né! Você falou da juventude e falou do jovem se percebendo perdido. Você se considera jovem, como é que é?

L: Me considero jovem.

T: Por conta dessa garra? Dessa transformação?

L: Por conta dessa garra.

T: Me conta uma coisa... Você fez o curso todo, várias disciplinas na educação da Católica e ficou devendo algumas, como é que foi isso?

L: Não. Eu sou portadora de diploma, eu não fiz vestibular na Católica eu entrei como portadora, eu já tinha um curso, eu fiz Ciências Sociais, e aí eu entrei na Católica e comecei a fazer o curso de pedagogia. Fiz durante um ano o curso de pedagogia, daí eu prestei vestibular pra federal, passei e esse ano eu solicitei aproveitamento das disciplinas e fui atendida na maioria delas e estou cursando já vários outros períodos aqui da Federal.

T: Porque o curso de pedagogia? Como é que é essa escolha de pedagogia?

L: Eu já tenho magistério, eu sou mineira e eu sempre gostei dessa área de educação, comecei a ver sociologia na faculdade e me encantei muito com algumas propostas ideológicas, sociais. E a educação ela tem uma abertura grande para você poder trabalhar e ter alguma chance de transformação. Não é só a educação que vai transformar, muita coisa importante e necessária que antes da educação precisa ser transformada, modificada para que outras coisas possam ocorrer. Mas a educação junto com outras áreas tem um poder muito forte de transformação da sociedade.

T: Então é mais ou menos, eu to entendendo o seu ponto de vista aí...

T: A condição dos seus pais, a formação deles?

L: A minha mãe é professora aposentada, e meu pai sempre mexeu com terra, então é agricultor, fazendeiro, aposentado também.

T: E a instrução?

R A minha mãe ela fez até o magistério, na época ela teve a oportunidade de começar o curso de pedagogia mais velha, mais outro curso de licenciatura, mais como ela já estava casada já

tinha filhos ela teve dificuldades. Cidade do interior, interior de Minas é mais difícil, você tem que viajar passar um tempo fora então dificultou, então ela só fez o magistério. Meu pai só tem até o ensino fundamental.

T: Quer dizer, você é mais além né dos dois. Isso deve ser motivo de satisfação pra eles provavelmente.

L: Com certeza.

T: Você trabalha?

L: Trabalho.

T: Você trabalha de que?

L: Eu atualmente estou trabalhando numa creche com crianças na idade infantil.

T: E o seu contrato, é fixo, é um contrato temporário?

L: Não, é um contrato temporário.

T: Temporário? Carteira assinada?

L: É um contrato temporário, mas tem muito vínculo né.

T: Onde é que você aprendeu a fazer o seu trabalho?

L: Bom, como eu já falei minha mãe é professora então eu cresci nessa área, depois eu fui convivendo com, fiz o magistério, fui adquirindo mais interesse, interesse por essa profissão, e aí na medida que os meus cursos foram acontecendo eu fui descobrindo também uma riqueza muito maior na profissão de educador, então foi aí que...

T: Como é, esse trabalho que você faz como ele é? Ele exige escolaridade?

L: Bom, este trabalho que eu tô fazendo atualmente foi me exigido apenas o magistério, porque eu não tenho curso de Pedagogia completo, então foi me exigido só o Magistério. E eu faço um trabalho com criança de até 5 anos de idade, não é alfabetização, acompanho o letramento, que eu achei até interessante pra mim, e...

T: É do Estado?

L: É da prefeitura

T: Você trabalha com quantas crianças mais ou menos?

L: Em média eu tenho 19 crianças.

T: É no horário diferente do horário que eles vão pra escola ou esse já é a escola pra eles?

L: A creche é o período integral, de manhã e tarde, só que eu fico só o período da tarde, então é como houvesse uma troca de professor.

T: E existe atividades diferentes nesse horário, de manhã e de tarde pros mesmos alunos, como é que é?

L: É, existe toda uma rotina da creche, a professora pela manhã tem a sua liberdade de encaixar os assuntos, os trabalhos, que obedecendo também o critério da creche, ela pode fazer seu remanejamento. Da mesma forma a professora da tarde um trabalho coordenação, um trabalho poesia com eles, historinha.

T: Você faz o seu trabalho de uma forma assim... Você coopera com a professora da manhã ou não? Planejam juntas?

L: Existe muitos momentos, pelo menos na creche onde estou, existe muitos momentos de planejamento conjunto, de todo o grupo. Eu acho isso bem interessante porque é uma forma da gente ver o quê que a professora de manhã ta fazendo, e ela vê o que a gente ta fazendo, e a gente junta, realiza um trabalho mais assim eficiente com as crianças.

T: Aí eles ficam, não é... eles vêm de manhã? Como é que é? Oito horas?

L: Eles entram as sete, acho que as sete e meia, parece, e saem as cinco horas da tarde.

T: Ali eles são alimentados, eles estudam, são alimentados.

L: É, ali eles recebem as alimentações durante o dia, eles banham, eles têm parquinho, eles têm outras atividades, que é o período do sono né, de dormir, e assim eles ficam o período todo.

T: Muito bom, interessante...

L: Interessante...

T: Muito bom mesmo.

T: Você acha que, você acredita que aquilo que você esta aprendendo na Universidade te ajuda nesse trabalho?

L: Me ajuda muito, muito mesmo, tem me ajudado.

T: Há quanto tempo você trabalha de modo geral?

L: bom, eu trabalho desde que eu comecei o Magistério, depois, desde que eu comecei mesmo o Magistério. Terminando o Magistério eu já substituí professores nas escolas particulares em Minas, e depois eu fui sempre substituindo, trabalhei na Prefeitura em Minas, trabalhei com excepcionais nas escolas, na APAE, que eu achei assim uma experiência formidável, trabalhei com séries diferenciadas, em cidades diferenciadas, e alternadamente. Eu tive ausente do Brasil alguns anos, retornei agora, nesse retorno que eu vim pra Goiás.

T: E qual a razão de você vir pra Goiás?

L: O meu esposo é daqui.

T: Então você esta acompanhada da família?

L: É pra acompanhar, eu passei aí eu me mudei.

T: Você tem filhos:

L: Não tenho filhos ainda.

T: Então você começou a trabalhar mais ou menos nessa época do segundo grau.

L: É em 96 mais ou menos.

T: Você fez curso profissionalizante, certa forma sim.

L: Sim.

T: A própria apresentação é considerada, não é?.

T: A sua carga horária são quatro horas por dia?

L: São, quatro, quatro horas e pouco por dia.

T: É longe, perto da sua casa?

L: Perto da minha casa

T: E você recebe tudo de acordo com que você produz ou acha que é pouco, como é que é isso?

L: Não, eu acho que pelo menos eu me sinto bem com o salário que eu tô recebendo pelo tipo de trabalho que eu faço. Eu não sei se essa é a proposta que eu recibo bem, talvez até de melhoria, com certeza melhorar até fica melhor, mas pelo trabalho que eu estou realizando em meio período só eu acho que é um salário razoável, até bem melhor que muitas escolas particulares daqui.

T: Porque você é jovem não é, e ser jovem além disso, trabalhadora, como é que é isso pra você?

L: Eu acho bem legal, porque o trabalho ajuda a gente a viver experiências e, como se diz, aproveitar melhor a faculdade. Eu acredito assim, que as pessoas que trabalham amadurecem mais rápido e visualizam o mais rápido, e eu acho, acredito, não posso dizer com a eficiência, mas mais rápido até de conteúdos e assuntos trabalhados na faculdade. Principalmente se vc está na área que você está estudando mesmo, então é uma forma de você relacionar, eu acho interessante isso.

T: O seu companheiro ele gosta desse trabalho que vc desenvolve, ele aceita.

L: Gosta, ele gosta muito que eu seja professora né, me apóia bastante.

T: Ele...qual é a atividade que ele faz?

L: Ele é vendedor.

T: Parece que você tem até que dar algumas dicas pra ele de vez enquanto né.

L: É.

T: De como é que vende....

T: O que você espera de seu futuro profissional?

L: Eu to na área que gosto. Olha, tenho muitas propostas, muitos sonhos. Eu espero conseguir atuar de forma assim bem eficiente. Eu me considero uma estudante, acredito que já uma profissional que não quer se contentar somente com essa vida cotidiana de professor, eu quero algo mais. Então eu tenho propostas de transformação, eu tenho idéias de propostas escolares diferenciadas, então assim, eu quero continuar estudando, não vou parar na graduação, eu pretendo fazer curso de Pós-Graduação, Mestrado, Doutorado.

T: Ahh! Na carreira também, de repente ser até professora de uma Universidade.

L: Quem sabe.

T: A sua renda ajuda também a família?

L: Ajuda.

T: Vocês dois ajudam?

L: A gente se complementa, a gente ajuda.

T: Você percebe mudanças em você? Por exemplo, antes do Curso de Educação, antes de entrar no Curso, com a entrada no Curso mesmo, assim vc modificou alguma coisa em relação a sua forma de pensar, a sua forma de se comportar, de vestir, assim por diante, o que vc acha?

L: Nossa mudei bastante. Eu já me considerava diferente, desde o fato que eu entrei no Magistério, e assim fui passando pelo Curso de Estudos Sociais depois eu vivi fora, retornei ao Brasil, depois que eu vim pra Goiás comecei o Curso de Católica também eu notei uma diferença muito grande, inclusive nas idéias, eu tive a sorte de encontrar professores muito profissionais e muito bons, eu não tinha ainda, assim, mesmo o Curso de Estudos Sociais que eu fiz eu não tinha me deslumbrado, aproveitado o Curso da forma como eu tô me aproveitando na Católica, presto até muita graditação pela Católica, pelos professores que há, que trabalham, e aí entrei na Federal e também estou encantada com o nível de profissionalismo dos professores daqui. Então são professores muito competentes e ajuda muito porque às vezes eles jogam lá uma coisa de uma forma e às vezes com a teoria, com estudo e vc começa a visualizar de, como eu li, tem uma outra forma, então assim, tem uma outra concepção, vc pode partir por um outro lado, então assim...

T: Eu acho que estou entendendo, é como se você dissesse, aqui tem um problema e eu posso ver por outros ângulos, é isso?

L: Ou você pode assim, criar várias outras opções, às vezes você não conseguia visualizar com uma solução, você tinha uma solução única, mas com a teoria, com estudos você consegue visualizar muitas propostas que seriam interessantes.

T: Você fez estágio curricular, extracurricular, vc fez estágio de modo geral lá na Educação, lá na Católica?

L: Não. Eu fiz estágio, estágio mesmo referente ao Curso eu fiz só no Magistério, na Católica eu não cheguei no período de estágio. A não ser o profissional que eu fiz, queira ou não é um estágio, aonde a gente trabalha. Aqui na Federal também eu ainda não estou nesse período de estágio.

T: Você vai ficar mais quanto tempo pra fazer o Curso, numa média?

L: Olha, eu acho que eu termino em mais dois anos, neste ano e mais dois anos.

T: Aqui na Federal o Curso também são quatro anos?

L: Quatro anos.

T: Então é a mesma quantidade de tempo lá da Católica né.

L: Mesma quantidade.

T: Deixa eu te falar uma coisa: Na Educação existe uma proposta que ta escrita no...uma proposta do Curso mesmo de Psicologia, alias de Pedagogia, que fala qual é o objetivo do Curso de Pedagogia, e eu queria tá lendo com vc pra ver se vc acha que isso daqui conseguiu fazer pelo menos um iniciar para vc. “A Universidade vai apontando sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser no futuro um profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado de trabalho. O perfil de profissional que o seu Curso propõe é... então é esse perfil aqui que a Católica fala que nós deveríamos estar formando: O Curso de Pedagogia prioriza o ato acadêmico e em preza na primazia da aquisição do desenvolvimento de artes investigatórios sobre a aquisição cumulativa de informação, quer se pois, que ao concluir o Curso de Graduação ou de Pós-Graduação o professor graduado pela Educação UCG evidencie não apenas pensamento analítico abstrato, flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também, sobretudo, domínio linguagem, visão da globalidade, uma atitude mais pluralista, uma visão prospectiva, uma capacidade de iniciativa, habilidade para exercício de liderança,

compreensão crítica e análise de idéias, bem como dos valores do passado, do presente, em outras palavras, atos de convivência com o mundo em seu dinamismo.

Você acredita que o Curso de Pedagogia até aonde vc fez ele tem isso aí, vc percebe que isso aí acontece, como é que é?

L: Olha, de fato seria assim a proposta ideal, só que nós somos seres humanos, e nem todos os profissionais que formam saem da mesma forma, e graças a Deus também que não são assim, temos que ser diferentes, mas eu tô dizendo aqui na questão que tem profissionais/pedagogos saindo das Universidade, não só da Católica, da Federal também outras Universidades que nós temos aqui, apenas com Certificado, então em nada disso aqui que você acabou de comentar é entendido dentro da personalidade da pessoa. Eu acho assim, depende de cada graduando, em pessoas que às vezes nem, já são assim antes mesmo de entrar no Curso, e apenas aperfeiçoa, e agora tem pessoas que às vezes vão sair sem acontecer nada, como se não tivesse entrado.

T: E quando você está se referindo a isso, me parece que você está dizendo também o seguinte, parece que eu consigo desenvolver uma boa parte disso aqui e você tudo não é?

L: Eu consigo.

T: Eu estou te dizendo isso porque foi assim que entendi pela sua linguagem, de modo em geral.

L: Eu posso dizer assim, no meu primeiro curso que eu fiz Estudos Sociais eu já era muito dedicada, mas eu não fui tão dedicada como eu já estou sendo no Curso de Pedagogia depois de alguns anos, então assim, agora eu tô conseguindo ser muito mais dedicada, então parece que a gente vai amadurecendo e aproveitando as oportunidades.

T: Mas é isso mesmo né, eu acho que é interessante.

T: Eu percebo através da fala sua, eu percebo esse envolvimento e essa vontade de aproveitar do momento mesmo e sair enriquecida.

L: Com certeza

T. Obrigada!!!

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: MARINETE
CASO 12

Data da entrevista: 06/03/2009

Duração: 7 minutos + 1 minuto e 54 segundos + 30 minutos e 10 segundos

T: Teresa

E: Marinete

Gravação 1

T: Hoje é dia 06 né, de março. E eu to aqui conversando com uma... vou pegar o caso 12 do curso de Pedagogia. O que é que é ser jovem pra você?

E: Ah, ser jovem pra mim? Pergunta difícil...

T: É mesmo. Assim, o que você imagina o que é ser jovem?

E: Ah, ser jovem pra mim eu penso que é aproveitar essa fase da vida, porque eu acho que é uma fase bonita, intensa, né?! E assim, é uma fase que a gente ta descobrindo tanta coisa, né?! Acho que é conhecendo o mundo, as coisas também.

T: É.

E: Então eu penso que é uma fase assim de descobertas, né?! Está descobrindo a vida.

T: E você, você é jovem?

E: Ah, às vezes eu me acho, às vezes eu acho que já passei da hora, da juventude, já. Jovem a gente se sente, né?!

T: É como se fossem momentos, né?!

E: É como se fossem momentos. Às vezes tem momentos que eu me sinto que sou jovem, mas tem momentos que eu não me sinto. Falo: não, já passei dessa fase já.

T: Já passei dessa fase. E essa, e esse momento que você sente assim, que parece mais velha, é que horas? É as horas que ta trabalhando, a hora...

E: Na hora que eu to trabalhando. Nas horas das responsabilidades. Nas horas que eu vejo assim, que eu penso assim que eu começo a perceber mais a responsabilidade aí eu falo não, agora eu acho que já passei da fase da juventude mesmo.

T: Como você percebe os homens de hoje?

E: Ah, eu percebo assim, às vezes eles estão, são assim muito... não sei, parece assim, muito ver a vida com outros olhos assim. Entende?!?! Muitos tem assim, uma perspectiva em relação à vida, e percebo também que outros não têm.

T: Como se eles não tivessem um olhar assim, não tivesse um amanhã. É assim?

E: É... talvez isso.

T: Não planejar...

E: Não planejar.

T: Talvez o não planejamento.

E: O não planejamento.

T: E você se identifica com essas jovens de hoje, em algum momento?

E: Em algum momento sim. Em outros não.

T: Mais na hora que ta passeando... essas coisas assim.

E: É. Às vezes num momento, numa festinha ou outra eu me identifico, mas em grande maioria não me identifico.

T: Há um certo estranhamento quando você conversa com esses jovens? Tô dizendo assim, sabe?!

E: Há sim, claro, né?!

T: Você acha estranho a forma de se comportar?

E: É, assim, você começa a conversar com ele, aí você percebe assim que o pensamento dele é assim, um pensamento que não bate com o meu pensamento. Então é justamente nesse momento que eu não...

T: Você relaciona com pessoas da sua idade, mais novas ou mais velhas?

E: Ah, eu percebo que com pessoas mais velhas. A maioria são pessoas mais velhas e talvez da minha própria idade.

T: Da sua própria idade. O que vocês fazem juntos?

E: Ah, geralmente falamos de problemas de trabalho. Falamos do trabalho, né?! Fala da própria questão, da condição de vida hoje, né?! Como é que ta. É mais nesse sentido.

T: Mais nesse sentido. E o que você mais gosta de fazer?

E: Ah, eu gosto assim no momento que eu tenho eu gosto de sair, de me distrair tal e tudo mais. Só que eu percebo que eu faço muito pouco isso hoje. Geralmente eu tenho me dedicado mais ao trabalho mesmo. Acho que sabe assim 90% é trabalho.

T: E o que você menos gosta?

E: O que eu menos gosto? Ai, é tão difícil, né, assim. Não sei. Acho que de tudo eu gosto um pouco. Assim. Coisas que eu menos gosto é difícil de falar. Não me recordo.

T: Não recorda. O que você gostaria de fazer, mas não consegue, ou não pode fazer? E porquê, sabe?! O que você gostaria, né?!

E: Eu penso assim, por exemplo, às vezes viajar, é uma coisa boa, porque eu acho que isso faz bem pra gente, né?! Então eu penso assim, que o fato de eu não poder viajar, por causa das condições financeiras, trabalho e tudo mais, mas é uma coisa que eu gostaria muito e justamente eu não faço.

T: Não faz, né?! E o que você gostaria de ter e não consegue ter?

E: Não. Por enquanto assim, a minha... A questão da conclusão dos meus estudos, sobretudo, né?! Por que eu acho que tá muito ligado ao fato de que ainda às vezes as condições me faltam. E outras coisas assim, condições básicas mesmo, pra mim mesma, entendeu?! Coisas que favoreceriam muito, né, a minha vida e que por alguma razão eu não tenho.

T: Coisa financeira, ou outra coisa?

E: Tá ligado ao financeiro, né?! Isso mesmo.

T: É... Como é que você ganha dinheiro?

E: Trabalhando, né?!
(Risos)

T: Trabalhando... Em quê você trabalha ou como você trabalha?

E: Eu atualmente trabalho aqui enquanto secretária de dia, né?! Na arquidiocese. E também à noite. Tem o curso de biologia à noite.

T: À noite você trabalha também?

E: Trabalho também.

T: Trabalha também como...

E: Na secretaria.

T: Você fica de manhã, de tarde e à noite na secretaria?

E: Ahnran (afirmativo).

T: Foi isso que quando eu liguei: que horas que ela ta lá? “Ela ta lá”. Então tem que ser lá. Eu preciso do telefone de lá então.

E: É verdade.

T: Como que você gasta esse seu dinheiro que você ganha?

E: Eu ajudo em casa, né?! Minha família. Meu pai atualmente está desempregado por questão da crise e tudo mais. Trabalhava em uma empresa e então ele foi despedido. Então eu ajudo em casa. A maior parte do meu salário é com ajuda em casa.

T: Com você, você gasta?

E: Comigo eu gasto. Até que não é muito, mas eu gasto.

T: Com o quê, por exemplo?

E: Com poucas coisas: vestimento, né, com a saúde também, né?!

T: Transporte...

E: Transporte também. Muito pouco com lazer.

T: Muito pouco com lazer. Você tem acesso às novas tecnologias? Tem, né?! Celular...

E: Celular, né?! Internet...

T: MP3, você tem?

E: Não. MP3 eu não tenho.

T: Mas computador você tem?

E: Tenho.

T: E isso é importante pra você?

E: É importante, porque eu penso assim, que hoje é fundamental. É como se você se sentisse de pés e mãos atadas e você não tem, né?!

T: Onde as pessoas da sua idade costumam sair à noite, por exemplo? Tô falando da sua idade.

E: Da minha idade?! Ah, eu penso assim, que festinhas de casa mesmo, reuniões familiares, né?! Em casa de amigos. E uma vez ou outra a gente sai, combina, faz uma combinação e a gente sai.

T: Você participa de algum grupo específico, político, esporte, religioso?

E: Religioso, participo, né?! Acho que o meu a maior parte são religiosos.

T: Religiosos.

E: Unrun (afirmativo)

(Telefone tocando)

T: Vai atender? Pode atender.

Gravação 2

T: Continuando. É... Quais lugares de Goiânia você frequenta? É... praticamente você não passeia.

E: Eu praticamente não passeio, não. Em Goiânia também assim... eu gosto muito de ir ao cinema, né?! No tempo que eu tenho, de vez em quando. Uma vez ou outra eu gosto de ir. Gosto de sair pra dançar também.

T: Você dança?

E: Eu gosto de dançar. Ahnran (afirmativo). Não é sempre, né?! Mas eu gosto também.

T: Tem planos para o futuro? E quais?

E: Vixi! Eu tenho planos. Nossa, muitos planos assim. Ah, são muitas coisas. A questão do próprio estudo, né?! É eu acho que é uma coisa assim que é investido pensando já no futuro também.

T: E assim, outros planos... tem vontade de ter um relacionamento?

E: Sim. Tenho.

T: De casar?

E: De ter uma família, casar, ter filhos.

T: Isso que grau de importância que tem? É mais importante, esse viria primeiro, ou primeiro o investimento no estudo?

E: Ah, eu acho que assim, eu não coloco assim. Eu vou deixando acontecer as coisas.

T: Ahnran (afirmativo).

E: Eu vou deixando acontecer.

T: Que coisas boas e ruins, é... acontecem na sociedade hoje? Coisas boas e ruins.

E: Ixi! Ruins são muitas. Geralmente as ruins vem quase que na frente, né?! As coisas positivas elas às vezes elas ficam... Mas tem muitas coisas boas. Com relação às coisas ruins tem a violência, às drogas, né?! Hoje em dia a gente, vivemos pra casa, pro nosso trabalho. E coisas boas tem muitas também, só que infelizmente aparece só o que é ruim, né?!
(Telefone tocando)

E: Tá gravando?

T: Tá. Gravando.

E: Ah, é verdade.

T: Ó, você vê alguma saída pro jovem hoje? Que você acha que precisaria? Sabe?

E: Ah, eu vejo assim. Eu penso que precisaria de mais investimento, né?! Na questão, por exemplo, de ter oportunidades pra eles realmente. Tanto de trabalho, algum lugar que ele possa estar, que ele possa aprender alguma coisa também. Então eu vejo sim, eu acho que a questão é justamente de... falta vontade mesmo, né?!

T: Isso que você fala que é vontade, é vontade política?

E: É vontade política, né, sobretudo.

T: Sobre trabalho, né?! É... Qual é a profissão dos seus pais?

E: Meus pais, como eles só têm... Meu pai só tem o ensino fundamental. Então a profissão dele é o trabalho como auxiliar de serviços gerais. Minha mãe é dona de casa. Então costura, faz alguns trabalhos em casa mesmo.

T: E ela vende o trabalho dela, ou não?

E: Não.

T: Trabalha só pra vocês mesmo?

E: É. Só pra nós.

T: Tá. Estudo você já falou, né?! Outras pessoas que trabalham na sua casa? Tem alguma?

E: Não, porque lá em casa atualmente está meu pai, eu e minha mãe, né?!

T: E seu pai tá desempregado, como você falou, né?!

E: É.

T: Você já fez trabalhos voluntários?

E: Ah já! Nossa, demais! Faço até hoje.

T: Faz até hoje.

E: Até hoje. Nós temos no bairro sobretudo, tem uma instituição. Ela é uma entidade e eu gosto, né, inclusive. Então sempre que eu posso eu me dedico. Às vezes até nos finais de semana, a gente se reúne à tarde pra pensar algum evento pra a instituição. Então é direto.

T: É direto. Onde você aprendeu a fazer o seu trabalho? Você aprendeu onde?

E: O meu trabalho?

T: É. Aqui por exemplo.

E: Ah, eu aprendi assim, com as pessoas, né?! Foi convivendo com as pessoas que eu fui aprendendo.

T: O que você aprendeu na universidade ajuda no seu trabalho?

E: Ajuda muito. Nossa Senhora! O conhecimento que eu fui adquirindo me ajudou muito no meu trabalho, no dia a dia. Tem me ajudado, né?! Me ajudou e me ajuda.

T: É mais em que sentido? Em compreender a realidade ou orientar as pessoas?

E: Compreender a realidade quando as pessoas... tem momentos em que você tá ouvindo uma determinada coisa e de repente alguém e você: Nossa! Eu aprendi na universidade. Então...

T: Você chega a explicar alguma coisa que você aprendeu, ou não?

E: Olha, em alguns momentos sim. Tem coisas que eu aprendi na universidade que às vezes tem oportunidade, num trabalho em grupo, no momento em que a gente tá reunido. Então, tem algumas coisas que aí eu chego e tal coisa que eu aprendi na universidade que acabo usando.

T: É... Tá. Esse trabalho que você executa, ele exige alguma escolaridade?

E: Não. Exige mais assim, um certo... É bom que a gente tenha um certo conhecimento. E eu penso também que é bom também ter uma certa escolaridade, porque a gente lida com diversas pessoas, pessoas com diversos níveis de escolaridade. E eu penso que é importante, né?!

T: Seu trabalho maior é o atendimento à população, né, às pessoas que a procuram?!

E: À pessoas que procuram...

T: O vicariato?

E: O vicariato.

T: E é necessário você dominar a tecnologia?

E: É verdade. E é também necessário que eu também tenha um pouco o domínio de público também, porque tem momentos em que eu tenho e esse sobretudo... Tem momentos que eu tenho que... É eu que tenho que...

T: Que interceder?

E: É. Tem que falar, tem que combinar.

T: Ah, entendi. Há quanto tempo você trabalha?

E: Aqui eu estou a quatro anos.

T: Quatro anos. Como é que você arranhou esse trabalho?

E: Eu vim por indicação. Antes eu trabalhei em uma outra paróquia, né, no meu bairro. E aí de lá alguém me indicou por que eu já tava lá a bastante tempo, né. Tava assim um pouco já cansada do próprio trabalho. Aí surgiu a idéia de vir trabalhar aqui. Alguém me falou, sugeriu. Aí eles me chamaram, conversaram comigo. E a partir daí eu vim para cá.

T: Desde que idade você começou a trabalhar?

E: Desde os treze anos de idade. Igual eu te falei: nasci em Concessão do Araguaia. Então mesmo lá eu já comecei fazendo pequenos trabalhos. Comecei a trabalhar de babá, né?! Então desde lá...

T: Desde cedo você já começou?!

E: Desde cedo.

T: E essa razão mais financeira?

E: É. Sempre financeira, né?! Ajudava em casa. Essa coisa toda.

T: Você fez curso profissionalizante? Antes da Pedagogia?

E: Fiz. Eu fiz. Lá na... Tem uma instituição no meu bairro e eles tinham, né?! Esses cursos. Então eu fiz. Era uma época que tinha. Eles tinham uma... um vínculo com a Microlins e eu cheguei a fazer aqueles cursos que eles oferecem.

T: Da parte de computação?

E: É. Da parte de computação, de segurança no trabalho. É mais ou menos assim. Eu já tinha feito isso.

T: É. Qual é a carga horária do seu trabalho?

(Risos)

E: Vixi! Atualmente ta sendo igual eu to te falando. São os três turnos: de manhã, à tarde, e de noite.

T: Doze horas.

E: É. Eu saio daqui por volta de nove e meia da noite todos os dias.

T: E chega que horas?

E: Meu horário pra entrar é às oito, mas sete e pouca eu já to aqui.

T: Aí você almoça aqui perto?

E: Eu almoço aqui por perto.

T: Tem lanche...

E: Lanche geralmente eu mesma providencio. Então aqui eu tenho essa possibilidade.

T: Você tem uma verba específica pra isso? Você tem vale alimentação?

E: Não. É do meu salário. O que eu recebo no meu salário é que eu tiro pra minha alimentação e para o meu transporte.

T: Ah é?! Então você não tem vale alimentação?

E: Não tenho vale alimentação.

T: Tá difícil mesmo!

E: Tá difícil.

T: Tem carteira assinada?

E: Tenho carteira assinada. Embora seja com o salário de secretária.

T: Relacionamento com seu chefe e outras pessoas no trabalho? Como é que é?

E: É... A minha relação é normal. É uma relação até boa.

T: Tem outras pessoas que trabalham com você aqui?

E: Não. Só tem uma pessoa do serviço, que faz serviço pra mim de limpeza. Então é uma vez por semana, mas é muito pouco.

T: É você quem coordena?

E: É eu. Tudo é eu.

T: Então você não é só uma secretária. Você é uma coordenadora.

E: Coordenadora.

T: Então o ambiente de trabalho também é tranquilo, parece.

E: Tranquilo. Porque é só eu também.

T: E essa história de você tá. Porque pensa: você tinha treze anos e já começou a trabalhar, hoje você já tá, formou. Mas assim, ser jovem e trabalhar, o que você pensa sobre isso?

E: Ah, eu penso que é bom você começar bem cedo a trabalhar, porque você começa desde cedo a ter uma responsabilidade também, né?! Assim, ao contrário do que muitos dizem, que às vezes né?! Pode ser que também que alguém que tenha oportunidade de só de estudar, ele consiga realmente um futuro promissor e tal, mas eu acho que é importante porque desde cedo você aprende a questão da responsabilidade.

T: Então quer dizer, de repente se eu pudesse num ambiente onde propiciasse a minha responsabilidade, o meu envolvimento, não necessariamente precisaria trabalhar, né?! Só que parece que na família não se ensina isso, né?!

E: É verdade.

T: Isso de modo geral. É verdade. Tô pensando junto com você aqui. Você teve que passar por algum teste para ter esse emprego aqui?

E: Não. É como eu tô de falando, como eu fui indicada... por indicação.

T: E as pessoas já conheciam o seu trabalho.

E: É.

T: É... o que você sabe fazer em matéria de trabalho, você aprendeu com quem? Ou foi sozinha...

E: Eu fui aprendendo, vendo, observando, né?!

T: Você já falou, né?!

E: E também a partir dos próprios cursos que também eu fiz. Acho que foi me ajudando também.

T: Você está satisfeita com esse trabalho?

E: Estou atualmente eu me sinto satisfeita com o que eu faço, né?! Porque é uma coisa que... A gente tem que sentir bem naquilo que faz. Então se assim, se agora eu estou nesse momento, eu procuro fazer o melhor...

T: O melhor de você. Mas uma questão aqui... que não tá aqui, mas eu tô pensando... Você fez Pedagogia. O intuito era o quê? Era só um curso ou tinha algum desejo atrás disso?

E: Não. Quando eu fiz a pedagogia eu senti realmente por uma necessidade também, né?! Eu senti que eu tinha que realmente estar fazendo algo, porque hoje a gente não pode ficar atuando mais na área, né?! Por necessidade mesmo de trabalho, né?! E também por vim de encontro à questão de busca de conhecimento mesmo.

T: Aí como você já trabalhava como secretária, como administra... assim, não deixa de ser uma administração, um espaço, você poderia ter escolhido um outro curso, entendeu?

E: Poderia.

T: E por que a Pedagogia? Entendeu? É nesse sentido que eu quero entender.

E: Porque, bom assim, a Pedagogia, conversando com outras pessoas eu percebi que ela trabalha muito nessa questão humana. Então eu aí, eu justamente eu falei, uma vez que eu lido muito com isso também, eu creio que eu fazer a Pedagogia também vai ser algo que vai me ajudar muito.

T: Então é mais então para o conhecimento das relações humanas?!

E: Isso! Das relações humanas.

T: É... O sentido desse trabalho pra você é mais pra aprender parece, é... para ganhar dinheiro, ou é pra sua família, ou é pra crescer, porque que tem esse sentido, esse trabalho em si aqui que eu to falando?

E: Ah, eu penso assim que ajuda muito pra mim enquanto pessoa, crescimento né, e vendo toda uma realidade que a gente percebe passando por outras pessoas, então eu acho que me ajuda muito no meu crescimento.

T: E o trabalho, então ele serve também pro seu desenvolvimento. O trabalho em geral que eu to falando.

E: Isso mesmo.

T: E a sua família em relação ao seu trabalho? Que que eles acham?

E: Ah, eles reclamam muito por causa da questão de... justamente eu me dedicar muito ao trabalho. Às vezes reclamam porque a maioria das vezes toda muito o meu tempo.

T: E você fica sem tempo pra eles.

E: Eu fico e às vezes é mais uma questão nos finais de semana também. Que aí eu me dedico à questão dos encontros que tem. Então eu venho, ou seja, o sábado à tarde eu to aqui, ou às vezes o domingo de manhã tem um encontro e eu venho. Então às vezes eles reclamam muito a ausência em casa. Às vezes uma programação que eu faço, às vezes não dá certo...

T: E outra coisa que eu queria também entender: é... de modo geral, nas famílias quando tem uma figura feminina, ela tem algumas responsabilidades em casa, né?!

E: Com certeza.

T: E aí, e você, como é que você é cobrada, justamente pelo seu pai, por exemplo, não sei se sua mãe também entende, ou ela acha que ta errado você não ta ajudando? Assim, eu falo no cotidiano...

E: Eu procuro ajudar. Sempre que eu to em casa eu procuro ajudar. Eu ajudo no serviço de casa, na limpeza, aquela coisa toda. Eu sempre procuro ajudar. E reconheço também se a casa fica por conta dela também, da minha mãe.

T: E isso é reclamado assim, bastante?

E: Não. Minha mãe sobretudo assim, porque ela percebe também o esforço da gente de ajudar em casa financeiramente. E aí o tempo em que eu tenho eu procuro ajudar também.

T: E do ponto de vista do seu pai? Ele...

E: Não. Meu pai não.

T: É. E deixa eu te falar uma coisa, é... perguntando ainda na época... existe alguma relação entre a escola e o trabalho pra você? A escola que eu falo é a universidade mesmo.

E: Ah, eu penso que existe. Essa relação ela sempre...

T: O seu trabalho, monografia, foi baseado... qual que o seu tema? Eu não me lembro.

E: Meu tema foi formação de professores na Educação de Jovens e Adultos. Porque até então eu já havia trabalhado com a educação de jovens e adultos. E eu gosto também desse trabalho de trabalhar com adultos também, né?! O tempo todo eu lido...

T: Você trabalha com isso de alguma forma, né?!

E: É. E formação porque também é uma coisa que eu lido o tempo todo, né?! Então justamente em função dessa formação a gente poderia falar de formação de uma forma geral. Mas aí eu falei: a gente tem que especificar. Então eu pensei: formação de professores na educação de jovens e adultos.

T: Esse trabalho seu atual vai ajudar alguma coisa no futuro? Você pensa que ele poderia te ajudar em alguma coisa?

E: Ah, eu penso que sim.

T: Mais pelo aspecto social?

E: É. No aspecto social, né?! Assim...

T: No conhecimento com as pessoas.

E: No conhecimento com as pessoas também. Na forma de lidar com as pessoas também. Eu penso que sim.

T: E o curso de Pedagogia você acha também.

E: Também.

T: Tá... você não trabalha com a sua família... seu trabalho... a escolha do curso nós já falamos... É... na medida em que você foi se fazendo o curso de Pedagogia, você se percebia se profissionalizando? Entendeu? Que você tava aprendendo coisas que poderiam ser aplicadas, ou tava tudo...

E: Ah, com certeza. Primeiro porque eu sempre pensei assim, sempre que eu tava lá na universidade, eu pensei assim, não, se eu to aqui eu tenho que aproveitar o máximo, né?! E esse assim, aproveitar mesmo seria no sentido assim, tudo que tivesse lá que eu pudesse aproveitar. Isso ajudaria.

T: E o currículo, as disciplinas, elas propiciam o conhecimento na profissão? Você acredita que sim?

E: Ah, propiciam sim muito. Eu acho que sempre vem sempre...

T: Vem de encontro.

E: Vem de encontro.

T: O que você espera desse curso que você estava fazendo, né?!

E: O que que eu espero? Ah....

T: O que você espera? Por exemplo, você fez o curso de Pedagogia.

E: Acabou agora.

T: Então tá. É como se estivesse acabando. Deu nem tempo ainda de sentir... É... o que você espera, sabe, fazer com ele?

E: Eu to assim, mesmo embora atuando em outra área, a minha vontade é de poder fazer uma experiência na área do curso que eu concluí. Então eu tenho essa vontade, né?! Eu preciso fazer essa experiência. Então eu não fiz o curso só por fazer, eu tenho que colocar.

T: E o trabalho seu com jovens e adultos, que é a sua opção, então existe um certo desejo de fazer, de trabalhar com esse tipo de...

E: Mesmo porque né, até então eu não to trabalhando, mas a minha vontade de retomar, uma vez que eu concluí o curso, retomar e fazer novamente a experiência. Reviver o antes, como era antes, se eu tinha uma necessidade então e agora como é que eu vou trabalhar depois.

T: Depois que eu refleti, pensei sobre isso, né?! Provavelmente você deve ter aprendido alguma coisa.

E: Ah, com certeza. Eu acho que eu aprendi também.

T: Ah, entendo.

E: Eu espero que eu consiga.

T: É... eu gostaria que você me dissesse como você se percebe em relação a você. Como você se veste? Como você se porta? Sabe assim, em relação aos demais assim. Naquilo que você vê. Como é que você se acha em relação às outras pessoas?

E: Bom, às vezes eu me preocupo muito né, com a forma com que eu me visto, porque isso aos olhos dos outros eu fico preocupada, que eu to passando. Eu me preocupo também com essa questão. Da vestimenta, né?! Como que as pessoas vão me ver. A questão também daquilo que eu vou falar eu me preocupo também, com essas questões também. E a gente tem que ter um certo receio com aquilo que a gente fala. E não ir falando assim, né?!

T: Você gosta do seu corpo?

E: Ah, eu gosto.

(Risos)

T: Como você aprendeu a cuidar dele próprio?

E: Eu aprendi a cuidar a partir de... vendo. Sentindo assim. Tem determinados momentos em que o corpo começa a falar algumas coisas pra gente. Então a partir daí que eu comecei a me cuidar mais.

T: Alguma doença?

E: Não. Atualmente eu não tenho não.

T: Você teve só a alergia que você falou, né?!

E: Isso.

T: Filhos você tem?

E: Não. Eu não tenho filhos.

T: É... como é que você era no início do curso, na forma de pensar, agir, sabe?! E depois no final, e assim, hoje?

E: Ah, eu penso que no início assim, aquela mentalidade puxada. Parece assim que a mente da gente não ta aquela coisa: O que eles estão falando, né?! Aí assim, eu percebi que no decorrer do curso, lá pela metade, foi que as coisas foram clareando e sobretudo no final, que aí eu percebi. Eu falei: Ah, né?! Então parece que aí que as coisas vão encaixando, vão caindo, né?! Aí eu ainda penso assim, parece que o tempo é curto: Ah, agora que eu vim perceber isso. Mas eu penso que eu comecei com uma certa mentalidade e terminei com outra.

T: Isso também aparecia na forma de vestir?

E: T: O jeito de vestir...

Mudou muito, mas na verdade é que eu acho assim, eu já entrei para a universidade com um estilo. Meu estilo foi que eu já entrei então eu não tive muito assim. Eu percebi isso em colegas, né?! Mas eu pude notar que teve pessoas que entraram com um certo estilo e de repente lá no final já não era mais aquilo.(Marinete/Pedagogia)

T: Então você achava que tem algumas diferenças. Pra você não fez tantas, né?!

E: É.

T: Você fez estágio curricular, extra-curricular durante o curso?

E: Fiz. Fiz sim. Fiz na... meu primeiro estágio foi em gestão. Aí depois o segundo em educação infantil.

T: Eram estágios curtos, ou estágios longos, que dava pra aprender alguma coisa?

E: Muito curto. Eu penso que foi assim, forma curtos, né, mas de acordo com o curso também, né. Não daria para colocar mais estágios, uma vez que o tempo também não é... Mas eu acho que forma curtos.

T: Que parece que só passa, né?!

E: É. É verdade.

T: Você passa por tudo. E essa é às vezes uma reclamação de muitas pessoas. O sentido assim, parece que aprende mesmo depois que forma.

E: É. Isso mesmo. Aquela sensação de hora que vai pra fora...

T: Que vai pra fora.

E: É verdade.

T: É... aí você já falou, você já trabalha... trabalho com inserção social, você já teve. Existe uma relação entre a educação e o trabalho? Você estudou com essa esperança, ou você percebeu que educação forma o trabalhador, ou não? Ou você acha que não?

E: Não. Eu penso que sim, que a educação, ela tem uma ligação com o trabalho.

T: Tem uma ligação.

E: Tem uma ligação.

T: E será que quando... na educação existe uma coisa implícita, ou explícita de que é pra você comportar, x, de determinada forma, x ou y? Ou não, isso não é dito, mas acaba formando a gente? Pra ser pedagogo, pode ser qualquer um ou, de qualquer jeito eu posso me apresentar como pedagogo?

E: Não. Nossa! Evidente que não.

T: Existe uma tipologia?

E: Existe com certeza.

T: Então você tem uma postura, eu diria assim.

E: Existe.

T: E a formação para o trabalho e o corpo? Você acha que tem essa relação? Aquilo que a gente vai estudando ela vai interferindo no corpo também, ou não?

E: No trabalho com o corpo?

T: É.

E: Eu acho que vai, né?! Porque assim, é um processo lento, mas eu acho que de alguma forma ele vai sim.

T: É inclusive, to aqui pensando, na medida que você tava falando, é... até pra eu vir, por exemplo, para o trabalho, eu tenho que vestir de uma determinada forma.

E: É. Eu tenho que me preocupar. Eu não posso vir para o trabalho com roupa que eu fico em casa. Com uma roupa que de repente eu vou para um determinado local. Então eu acho que isso também conta.

T: É... Isso é verdade. Há uma relação existente entre curso, educação para o trabalho e corpo? Você parece que concorda assim.

E: É.

T: Eu quero ler pra você qual que é o objetivo do curso de Pedagogia. Tá aqui oh, “A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um profissional no futuro, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é:

O curso de Pedagogia prioriza o ato acadêmico e empenha-se na ‘primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos de investigação sobre a aquisição cumulativa de informações.’”

T: Então assim você investigar aquilo que está acumulando.

E: Acumulando.

T: “Quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou de pós-graduação o professor graduado na educação da UCG mostre não apenas pensamento analítico e abstrato; flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também domínio da linguagem; uma visão de globalidade; uma atitude pluralista; uma visão prospectiva, uma capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício de liderança; compreensão crítica e análise de idéias, bem como dos valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo dinâmico’(UCG, 1994, p. 16).”

T: Você acredita que o curso está te formando para este projeto? Pode até reler se você quiser. Porque haja coisa.

E: Ah, com certeza, eu acho que isso coube direitinho em muitas coisas, assim, na minha vida. Eu penso que tem que melhorar mais ainda, mas assim, tanto eu enquanto e o próprio curso também na medida em que vai ocorrendo as mudanças, as transformações, isso vai, né?! Mas nossa, demais, isso parece que veio falar muita coisa que parece que ta...

T: Já dentro de você.

E: Dentro de mim.

T: Eu acho que é isso que eu queria... Tem alguma coisa que você gostaria de falar, porque o trabalho na medida em que eu for, eu vou fazer a análise, fazer pesquisa, esse trabalho então virá a retornar em algumas ações, ou sugestões de ações, ou formas de pensar, né?! E assim, tem alguma coisa que você gostaria de dizer que talvez fosse importante para o curso de Pedagogia pra Católica, pra melhorar? Você acha assim... Alguma sugestão sua mesmo, ou não?

E: Eu acho que tem que melhorar algumas coisinhas, né?! são detalhes que a gente foi percebendo ao longo do curso, e que nas avaliações a gente foi apontando também e eles iam levando depois como sugestão para o próprio curso. Então eu penso assim, que isso eles a partir dessas avaliações eles devem fazer também, né?! E assim, cada vez mais entra uma turma, sai uma turma, então, quer dizer, as pessoas vão sugerindo coisas novas, né?! Então a importância de estar sempre colhendo essas informações pra ta colocando, né?! Eu acho que a partir daí o ensino vai sempre melhorando e vai dando para os demais.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: MELISSA
CASO 14

T: Entrevista com Melissa do Departamento de Educação.

Eu queria saber de você, o que é que ser jovem pra você?

M: Ser jovem...

T: É...

M: Acho que é aproveitar a vida da melhor forma possível.

T: Você se acha jovem?

M: Acho.

T: Certo. Como é que você percebe os jovens de hoje?

M: Acho que desinteressados.

T: Desinteressados?

M: Bem largado, tanto faz isso acontecer ou não pra eles, tanto faz.

T: Você também se descreveria dessa forma ou não?

M: Não.

T: Você gosta de sair com pessoas da sua idade, mais velha, mais nova, que jeito que é?

M: Depende, eu acho que cada pessoa tem um jeito na vida, a pessoa pode ser nova e pensar como uma pessoa bem mais velha, tem muitas pessoas mais velhas que eu que é mais melado que eu, então depende muito da pessoa. A idade influencia muito.

T: Você ganha o seu dinheiro? Você trabalha?

M: Trabalho, assim, atualmente tô cobrindo uma menina num lugar onde eu trabalhava.

T: Onde você trabalhava antes?

M: Lá na Cancun.

T: Hahhhh lá naquela boate?

M: Não, loja de roupas.

T: Hahhhh é loja de roupas, o mesmo nome da boate.

M: É

T: Que tipo de roupas que vocês vende, roupa assim, moda, modinha?

M: É moda, o que tá ganhando dinheiro é só isso.

T: Você participa de algum grupo específico?

M: Não.

T: Não né.

T: Você trabalha, é um trabalho com carteira assinada ou não?

M: Não.

T: É prestação de serviço.

M: Prestação de serviço.

T: Onde que você aprendeu a fazer esse trabalho?

M: Na verdade eu, onde que eu aprendi?

T: É

M: Porque eu trabalho como vendedora, eu não gosto, então eu aprendi forçado.

T: Você aprendeu forçado?

M: Haham.

T: Você acha que você é uma boa vendedora?

M: Não.

T: Você acha que não é?

M: Não, jeito não.

T: E o que a gente aprende na Universidade, a gente pode dizer que ele te ajuda nesse seu trabalho?

M: Um pouco, acho que não né.

T: Não é?

M: Não, é porque acho que são duas coisas totalmente diferentes.

T: Diferentes?

T: É.. esse trabalho seu exige escolaridade ou não?

M: Não.

T: Não exige.

T: Também exige conhecimento de novas tecnologias?

M: Também não.

T: Também não.

T: Você já teve outros empregos?

M: Já, eu trabalhei também na Riachuelo.

T: Também pra vender?

M: Só que era uma parte mais gostosa que era o departamento infantil, que eu acho que eu já me sinto mais a vontade, mais também foi vendedora.

T: Você perdeu o emprego porque, porque eles modificaram?

M: É em relação, é contrato, término de contrato.

T: Término de contrato aí eles mandam você embora para pegar outro para fazer a mesma coisa.

M: É

T: Você começou a trabalhar com quantos anos?

M: 18

T: 18 ?

M: É

T: Estágio, você já fez algum estágio?

M: Nunca, morro de vontade

T: Morre de vontade?

T: Qual que é a carga horária do seu trabalho?

M: Eu entro às 8 e saio as 18.

T: É muito viu, quase oito horas né.

M: É, nove, acho que é nove horas, dá nove horas acho.

T: Você recebe é um salário mesmo?

M: Um salário mínimo mais comissão.

T: Não tem carteira assinada, o relacionamento com seu chefe é bom?

M: Ótimo.

T: O ambiente de trabalho também é tranquilo?

M: É legal

T: Você teve que fazer algum teste para entrar nesse emprego ou não?

M: Não

T: Satisfeita com o trabalho você já disse que não é.

T: O quê que a família diz do seu trabalho?

M: Ah, nada, assim, às vezes fica meio chateado porque demora demais pra receber, porque demora pra pagar, só que ele é uma pessoa muito boa, sabe ele é compreensivo, ele deixa eu sair no horário que eu tenho que ir para minha aula, são poucos chefes que fazem isso, quando eu tenho que entrar mais cedo, mas o problema que reclamo é..

.

T: Na hora de receber.

M: Que demora demais...

T: Que ele não paga na época.

M: É, no dia certo.

T:: O quê que você espera pro seu futuro profissional? O quê que você pensa?

M: Primeiro assim eu quero começar a atuar, eu quero mexer mais é com crianças carentes, porque eu fui fazer, fiquei um dia num PET e aquilo mexeu demais comigo.

T: Você gostou então?

M: Gostei, então eu quero trabalhar com crianças carentes.

T: Uma coisa que eu percebi na sua fala até agora foi é que parece que você gosta mais de criança.

M: Gosto.

T: Essa é uma característica sua, não esqueça disso.

T: Você tem férias nesse trabalho?

M: Tenho, só que ainda não peguei por que não deu tempo.

T: Quem mais trabalha na família sua? Seu pai, sua mãe, você tem pai, tem mãe?

M: Tenho pai mais eu não converso com ele, minha mãe trabalha demais, porque é eu e minha irmã e ela paga minha faculdade, meu pai não ajuda em nada, só a pensão mesmo e ainda acha que faz muito...

T: O que você ganha você também você utiliza para se sustentar na universidade, ou é só para roupas sua essas coisas suas?

M: só roupa.....

T: Porque que você escolheu esse curso Michelle, pedagogia?

M: Não vou falar que é vocação porque mais sei lá acho assim eu to nessa visão porque desde pequeno eu sempre fui a professora, nunca fui aluna, se eu não fosse a professora eu não brincava. Então acho que já começou assim, aí foi crescendo, minha mãe deu sugestão, e eu vi que era pedagogia mesmo.

T: Como é que o currículo, as disciplinas, do seu ponto de vista, apesar de você está no princípio do curso? Você está gostando, você acha que tem a ver?

M: Tem, tem e não tem né. Eu sempre acho que é muita teoria, mais como dizem o quê que é a prática sem a teoria.

T: Você acha que ela tá muito teórica?

M: Muito, demais.

T: Me falaram que já tinha modificado uma coisa na grade curricular no sentido de vocês terem a teoria e alguma coisa já prática por exemplo, vocês não estão tendo isso ainda?

M: Até agora não. Nadinha. Só se for a partir do quarto período. São 8 períodos.

T: O que você tem aprendido na escola poderia te ajudar em relação ao profissional, você acha que sim?

M: Sim.

T: Que perspectiva você tem, você falou de trabalhar com crianças carentes, e assim de trabalho também. Mesmo as crianças carentes você iria recebendo, acha que seria um trabalho do governo? Faria um concurso?

M: Eu tenho o objetivo de prestar um concurso mesmo.

T: Ficar, por exemplo, sobre essa coisa do seu corpo, é como é que você aprendeu a cuidar do seu corpo?

M: Acho que foi mais por meio da curiosidade mesmo.

T: Sua mãe não conversou nem seu pai?

M: Minha mãe é muito fechada, muito antiga, sabe acho que as vezes ela tem até vergonha né. Por ter duas filhas mulheres, então ela vê que a gente já tá crescendo e tal e não teve. Não por eu não dar espaço para ela, a dificuldade é dela mesmo.

T: Você vê alguma diferença entre a mulher de antigamente e a mulher de hoje?

M: Vejo.

T: O quê, por exemplo?

M: As mulheres de antigamente eram mais conservadoras, hoje não. Além de não tá tão conservadora a mulher já é mais independente, ela quer ter as coisas dela. Eu particularmente não quero depender de homem de jeito nenhum, que Deus não permita que eu tenha que

depende de homem. Por se eu sair com algum rapaz eu pago a minha parte e ele paga a dele, eu acho que é isso.

T: E a questão do ficar, para você isso é tranquilo ou você tem preconceito quanto a essa história de ficar, como é que é?

M: Eu não fico com qualquer pessoa de jeito nenhum.

T: Você tem que conhecer?

M: É. Se eu vou pra um Shopping tem menina que beija na boca até, acha bonito e sai falando, eu não acho. Eu sou mais, por esse ponto eu sou mais, querendo dizer eu me preservo, porque pra um homem é bonito né, falar que pegou sei lá dez, vinte e por aí vai, agora pra mulher a sociedade já discrimina muito.

T: Você tem namorado?

M: Não.

T: E ficante? Quantos você tem, só um, dois, três?

M: Ficante só um só.

T: Você gostaria de estar namorando?

M: Gostaria.

T: Seu objetivo assim, casamento está nas suas prioridades?

M: Está. Mais depois que eu formar, e passar num concurso, ter meu emprego, aí sim posso pensar em casar.

T: Ahh! Está, você vê que é diferente, essa não era a idéia nossa quando a gente era mais nova.

M: Pois é

T: Você acha que do princípio do curso, quando você começou pedagogia até hoje houve alguma modificação na forma de você pensar, de agir, de vestir?

M: Eu acho que eu to mais humana.

T: Mais humana?

M: É, to bem mais humana, eu procuro ver as coisas, tudo tem seu duplo sentido, então eu procuro ver os dois lados. Procuro entender às vezes, o que antes eu não entendia hoje eu já entendo.

T: Então você mudou sua forma de ver o mundo?

M: Isso, agora de vestir não, a mesma coisa.

T: Você acha que existe alguma relação entre o trabalho e a educação? Assim o trabalho ou a educação ela forma o trabalho ou uma coisa não tem nada haver com a outra, o quê é que você pensa?

M: Sim...

T: Você acha que sim? Então quando a gente ta estudando há uma ligação com o nosso trabalho.

M: Isso.

T: A gente estuda para trabalhar?

M: Trabalhar. Porquê até no ver da sociedade de hoje em dia ta incluso isso, se você não tiver um curso superior se você as vezes nem terminar o ensino médio eles já num pega. Muitas vezes você trabalha na parte de administração seu patrão quase que força você a fazer administração, aí acho que sim tem muito haver.

T: Para você o curso de pedagogia, ele esta formando você para o trabalho? Pra ser profissional, um educador, você acha que sim?

M: Acho.

T: Olha, eu vou ler pra você qual que é o objetivo da Universidade, que existe um livrinho lá, dá um livrinho logo que a gente entra, que fala do Projeto Pedagógico dos Cursos, então o Curso de Pedagogia ele tem um Projeto, ele tem um objetivo, e é sobre isso aqui que nós vamos falar. Por exemplo, a Universidade ela vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma dele se comportar, vestir, ser, agir, ou seja, o jeito dele ser um profissional, então, eu queria que você me dissesse o seguinte: Que o Curso de Pedagogia, se ele está formando pra isso? Vamos ver o quê que eles falam: “a primazia na aquisição do desenvolvimento de hábitos investigatórios, sobre a aquisição cumulativa de informação, quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou pós-graduação o professor graduado pela educação da UCG mostre, não apenas pensamento analítico e abstrato, flexibilidade no raciocínio para entender, administrar, e projetar situações novas, mas também, o domínio da linguagem, uma visão mais global, uma atitude mais pluralista, ver o mundo mais pra frente, na visão prospectiva, uma capacidade enunciativa, exercício de liderança, ter uma compreensão mais crítica, valorizar o passado, o presente, em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo e seu dinamismo”. Você acredita que esse Curso de Pedagogia, até agora que você ta vendo, ele ta fazendo isso que ele ta propondo?

M: De uma certa forma sim.

T: O que, por exemplo, que você poderia apontar que o Curso está tentando ou está te ajudando até agora?

M: A pensar. Porque às vezes assim eu pega uma coisa e lia, eu não entendia muito bem, pra mim tanto faz se eu entendesse ou não, agora hoje não, quando eu vou ler alguma coisa eu tenho que pegar um dicionário, para ver palavras novas, conhecer outras coisas.

T: Ahaa, então te deu essa disponibilidade, essa possibilidade de querer enxergar novos caminhos.

M: Isso.

T: Mudou muito então né.

M: Muita coisa.

T: muita coisa mesmo né, apesar da gente não dar conta de identificar o quê, mas há uma mudança.

M: Há

T: Você falou que o dinheiro que você ganha praticamente ele fica só pra você então.

M: É

T: Ele é gasto com você.

M: É, com roupas, hoje mesmo eu fui na loja e comprei.

T: Você gosta de roupas.

M: Nossa, roupas, sapatos, bolsas, brincos.

T: E esse brinco está bonito.

M: Brigada

T: O quê que você gostaria de ter e não consegue ter porque não pode por exemplo?

M: Meu carro.

T: Você gostaria de ter um carro, então seu objetivo seria comprar um carro.

M: É meu objetivo, acho que até final do ano eu vou comprar um.

T: É

M: Eu preciso, é porque eu não gosto de depender dos outros, então de certa forma se eu for sair, eu tenho que ficar pedindo pros outros, arrumar carona, então eu preciso de um carro, definitivamente.

T: Sua família tem um carro, sua mãe tem carro?

M: Não, a gente ta juntando dinheiro para comprar, meu vô tem, só que ele usa pra trabalho dele, ele é taxista, então ele não empresta. Aí a gente tem que se virar e comprar um.

T: O seu avô ajuda vocês também financeiramente?

M: Ajuda, atualmente eu to morando com meu vô. Eu, minha mãe e minha irmã voltamos a morar com ele. Ele ajuda na faculdade, agora eu não sei se ele está ajudando, mas até um tempo atrás ele pagava.

T: Então as pessoas estão apostando em você.

M: Minha vó fala: “há tomara que você passe, porque eu não tive a oportunidade de ver um filho meu formado, eu quero ter a oportunidade de te ver formar”. Tanto é que ela tem 12 netas, e eu sou a única que tô fazendo faculdade.

T: Eu queria agradecer muito sua disponibilidade.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: PATRICIA
Caso 5 – PEDAGOGIA

T: Teresa

R: Patrícia

T: Entrevista com a Débora do Departamento de Educação. Débora eu queria que você me dissesse o que é que é ser jovem pra você.

P: ser jovem eu acho que é curtir, não ter tanta responsabilidade, tentar nos estudos, pelo menos pra mim foi assim, e tentar o que é que vai ser o futuro, que é quando vai ser a fase adulta.

T: Você é jovem?

P: sou, sou jovem.

T: Como você percebe os jovens hoje? Assim de modo geral.

P: Pelo menos os jovens que conheço eu acho eles meio transtornados, fora de si, não tem o pé no chão.

T: Assim, transtornados no sentido de querer curtir e não preocupar com a vida?

P: É, não preocupar, não ter, assim quando eu falo não ter responsabilidade é não preocupar com emprego, ter que pagar conta, essas coisas, agora responsabilidade que eu acho que já tem que ter é dar satisfação pra pai e mãe, pra onde que eu vou, que horas que eu vou voltar, com quem que eu tô indo, e eu acho que hoje em dia o jovem não quer fazer isso né, eles querem ter a liberdade/libertinagem.

T: Você gosta de relacionar com pessoas da sua idade, mais novas, mais velhas, como é que é?

P: Ixi, pra mim tanto faz, gosto de relacionar com qualquer um.

T: Você ganha o seu dinheiro? Você trabalha?

P: Não, eu faço bicos, eu substituo professora, eu dou aula na escola onde minha irmã trabalha, tudo que precisa lá na parte pedagógica ela me chama, assim, mas trabalho fixo mesmo eu não tenho.

T: Você já trabalhou antes?

P: Trabalhei, durante três meses no berçário.

T: No berçário com criança não é? Como você me disse.

P: É

T: Então você gosta de criança.

P: gosto

T: Você tem acesso às novas tecnologias, tipo celular, internet.

P: Tenho.

T: E gosta, poderia viver sem isso ou não?

P: Olha, não. Esquecer o celular no momento...

T: De jeito nenhum né, até que é interessante, tem muita gente que fala isso.

T: Sobre o trabalho o qual você faz bico, você já teve carteira assinada?

P: Não, eu trabalho, nesses empregos que eu trabalhei foi só como estagiária.

T: É uma agente educativa, como é que é?

P: Monitora, monitoria, aí no caso tinha que fazer atividades para as crianças né.

T: Crianças de quantos anos?

P: A minha turminha era de um a dois anos, aí mesmo assim eu tinha que fazer atividades com eles, é música, livros.

T: Você gostava?

P: Gostava, só não deu certo porque, eu continuei a faculdade, meu horário não deu certo.

T: É uma espécie de estágio que você fez não é, só que renumerado.

P: É

T: Esse estágio que você arrumou, como é que você arrumou? Foi pela sua irmã?

P: Não, foi pelo IEL.

T: Haa, você foi pelo IEL.

P: Aí fui lá, fiz o teste durante um dia, aí passou uns dois dias eles me ligaram.

T: Quem que trabalha na sua família?

P: Meu pai e minha irmã. Que mora só eu, meu pai, minha irmã e um irmãozinho pequenininho de 4 anos.

T: Quem sustenta assim, a família?

P: Meu pai.

T: Só seu pai. O trabalho do seu pai é o que?

P: É...Ele é despachante imobiliário autônomo.

T: E o que ele ganha dá pra sustentar vocês ou fica apertado em algum momento?

P: Então por ele ser autônomo tem mês que fica mais apertado, mas tem mês que fica mais folgado, e assim vai.

T: Esse dinheiro que você por acaso ganha né, às vezes quando você faz trabalho, você gasta na sua casa ou ele só fica pra você?

P: Não, ele fica pra mim, porque aí eu procuro não pedir dinheiro pro meu pai pra fazer as minhas coisas, igual, gosto de fazer a unha toda semana, gosto de fazer escova, então eu procuro não pedir isso pra ele, eu faço com meu dinheiro.

T: Você falou de uma criança de quatro anos.

P: É meu irmão, porque minha mãe é separada do meu pai mas a gente vive com meu pai e...

T: Sua mãe mora aqui em Goiás?

P: Sim em Goiás, mas ela tem os problemas dela lá, ela é alcoólatra, e então não deu muito certo e depois dele ela voltou a beber aí a gente preferiu afastar, ele disse porque a gente já cresceu nisso e a gente não queria isso pra ele, aí separou, e ele vive com a gente muito bem graças a Deus, e até eu, eu criei ele até meio do ano passado, que aí eu falei pro meu pai, assustar ele, que ele ia ter que dar um jeito com o tempo que eu quero arrumar um serviço, foi quando eu comecei a trabalhar, e ele fica no Cimei.

T: E ele ta gostando do Cimei também?

P: Gosta ele fala que gosta.

T: Eu acho que é bom não é? Porque tem alguém lá pra cuidar dele.

P: É ele tem, lá tem muito projeto né, planos pra ele... tá bom.

T: Me fala uma coisa, porque que você escolheu esse curso de Pedagogia?

P: Porque minha mãe ela é professora também, então sempre vi ela sendo professora e, mas é mais pela minha irmã, porque eu ajudo muito minha irmã, porque ela é professora, então eu sempre ajudo ela nas coisas, em fazer tarefinha, corrigir, então eu tô envolvido com aquilo, sempre tive, então eu falei vou escolher este. É porque nos outros eu não me via em outro curso não.

T: Parece que você escolheu por gostar, então?

P: Por gostar.

T: E não foi por falta de opção, por escolha assim..

T: Você está fazendo o curso de Pedagogia, ele está te preparando para o trabalho mesmo?

P: Tá, com certeza tá, assim, tem algumas matérias que a gente vê, hahh porquê dessas matérias, mas outras já vê que tem muita relação, com o tempo você percebe que precisa daquela matéria, mas eu acho que tá sim.

T: O quê que você espera desse curso que você está fazendo?

P: Eu espero que eu saiba preparar para entrar na sala de aula, sei que não é teoria é prática, não é

T: Só um minutinho...(telefone).

T: Assim, do preparo do curso, você acha que ele tá te preparando.

P: tá, tá

T: E o quê que você também espera do futuro... arrumar um trabalho?

P: Não na verdade assim, as minhas amigas que a gente conversa muito, pra gente montar uma escola nova. Porque é muito difícil pra gente trabalhar pros outros, ser empregado né, e a gente tem essa vontade né, se Deus quiser vai dar certo.

T: Você acha que o Curso modificou a sua forma de pensar, de agir, de raciocinar, você acha que sim?

P: Muita coisa, muita coisa.

T: O quê, por exemplo?

P: Tem certas coisas, igual meu namorado mesmo vira pra mim e fala que ele faz tudo, ele “ai quando eu crescer eu quero ser infectologia” curtindo comigo, e eu falo: “ai Fernando, você fica fazendo isso mas quem foi que te alfabetizou, porque você acha que lê e escreve hoje, foi uma pedagoga” então que pensamento mais crítico em relação, porque até eu mesma já critiquei o Curso de Pedagogia, e isso muda né, porque tem um pensamento mais crítico quando aprende as coisas.

T: Você acha que o Curso de Pedagogia... ele te deu mais valor assim, você se sentiu mais valorizada à medida que você entrou no Curso?

P: Anham. Fez defender mais as coisas que eu penso, que eu acredito.

T: Você acha que tem alguma diferença da mulher de antigamente com a mulher de hoje?

P: Nossa total.

T: E como foi?

P: Hahhh! Antigamente era submissão pura, obediência, dona de casa, e hoje em dia, todas são assim, ou quando querem ser assim, graças a Deus.

T: Você, durante o curso... você já está querendo trabalhar?

P: Tô, tô procurando.

T: No curso de Pedagogia existe um Projeto Pedagógico que fala o que é que o curso de Pedagogia tá tentando formar, eu queria que você fosse seguindo aqui comigo, pra poder, pra gente ver se o curso de Pedagogia ele tá formando o profissional pra agora. A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso a forma de comportar, de pensar, de ser, de vestir, de agir, do futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado de trabalho. Então eu queria saber se o curso de Pedagogia ele tá te ajudando nesse aspecto. Para os estudantes

do curso de Pedagogia: O curso de pedagogia prioriza o ato acadêmico e empenha-se na primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios, sobre a aquisição cumulativa de informação, ou seja, o curso de pedagogia ele está te ajudando a fazer, a investigar, a questionar as coisas? Outra coisa, quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação e de pós-graduação o professor graduado pela educação da UCG evidencie não apenas o pensamento analítico e abstrato, mas também flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, sobretudo, o domínio da linguagem, poder falar de forma, como é que fala, dizer as coisas mesmo, passar conteúdo dos nossos valores, uma visão de globalidade, uma atitude mais pluralista, visão prospectiva, capacidade enunciativa, habilidade para exercício de liderança, uma compreensão crítica, analisar as idéias, bem como dos valores do passado e do presente, em outras palavras hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo”. Você acredita que o curso de Pedagogia tá te formando pra esse projeto aqui mesmo, ou não? Que isso tá no nosso livrinho lá, aquele livrinho que fala do Projeto Pedagógico dos Cursos, o nosso curso de Pedagogia é esse aqui o objetivo dele. Disso aí você acha que tá sendo feito alguma coisa dessas, tudo.

P: Eu acho que tá.

T: É, não é?

P: Tá. Acho assim que depende do empenho da aluna, do aluno, de tá querendo isso aqui. Também depende, às vezes depende do professor, que ele ensina pra gente.

T: Então assim, não é algo que você vê dos professores essa proposta?

P: Não.

T: Alguns professores mais do que outros?

P: É. E também assim, alguns professores que tem essa proposta, ela tem todas as preocupações.

T: Hahhh! entendi.

P: Eu vejo assim né.

T: É, você também você está em princípio de curso né.

P: Tô.

T: Quer dizer, isso daí é algo que você vai poder estar cobrando do seu professor, porque está no nosso projeto pedagógico. Então você fala, professor você tem que me dar isso porque está escrito no nosso livrinho...

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
NOME FICTÍCIO: WALDIR

Dia 14/05/2009

Tempo da entrevista: 30 minutos

T: Teresa

C: Entrevistado- Waldir

T. Para você o que é ser jovem?

C. A juventude começa no interior da pessoa mesmo, não adianta ser jovem e não evidenciar essa juventude tem que começar da própria cabeça da pessoa, do entusiasmo mesmo, mais por ele mesmo.

T. Ser jovem é uma atitude?

C. Isso mesmo, parte justamente da atitude, tem muita gente que se entrega aos problemas e aí envelhece anos e anos.

T. Como você percebe os jovens?

C. Considero que os jovens de hoje em dia não tem o altruísmo, fica muito corrido, envelhecem muito rápido, não tem tempo para si próprio, para outras pessoas, a juventude hoje esta na inversão de vários papéis. O jovem que deveria ser jovem ele se torna um homem maduro, assimila muitas responsabilidades antes do tempo, amadurece muito rápido.

T. Você diria que é jovem?

C. Acredito que sim e não, sim porque nos momentos que eu tenho mais oportunidade saio com minha família, acredito que eu seja jovem também para sair com minhas filhas.

T. Você tem dois filhos?

C. Duas mocinhas, tenho duas filhas, uma tem quatro anos e a outra um ano e cinco meses, começando na vida e me sugam muito também exigem que vá ao parque.

T. Em sua casa alguém mais trabalha? Sua esposa também trabalha?

C. Trabalha, minha esposa também trabalha, é agente de saúde do município.

T. Você escolheu fazer pedagogia? Por que da escolha do curso?

C. Parece que você trabalha numa área diferente de educação?

C. Sim e não também, na verdade sempre tive vontade de fazer engenharia elétrica, mas pelo valor e pelo tempo também nunca foi possível ai optei por um curso de licenciatura, pois trabalho muito com educação, principalmente pedagogia. Estava olhando a grade de pedagogia e me identifiquei muito pela questão de planos projetos e trabalha muito a criança e o adulto tem sempre uma manifestação de criança em si próprio, na minha área eu trabalho com segurança do trabalho, eu trabalho muito com conscientização, palestras, o curso de pedagogia me ajudou muito nestas questões e não abrindo mão da possibilidade de atuar como professor eu gosto muito de lecionar, hoje se eu fosse focar só a pedagogia eu teria que deixar toda minha estrutura o que não é possível hoje.

T. Qual a formação do seu pai e mãe? O que eles estudaram?

C. Em que trabalham ou trabalharam?

C. Meu pai é falecido e era motorista ele fez só o ensino fundamental, só o ginásio, minha mãe é costureira e estudou só o primário.

T. Você fez curso de profissionalização?

C. Eu fiz um curso de um ano e meio de segurança do trabalho no colégio Sena Aires e me habilitou a exercer a profissão.

T. Como conseguiu este trabalho?

C. Aqui foi uma indicação já trabalhei em outras empresas como segurança de trabalho, trabalho aqui sai fui para a Celg e voltei para cá, tem oito anos que trabalho na minha função. Sim tive treinamento no curso que fiz.

T. Você começou a trabalhar com quantos anos?

C. Depois que meu pai faleceu eu tinha onze anos, eu sai para trabalhar comecei a olhar carro, vender umas coisas na feira, onze anos mesmo.

T. Como é seu trabalho? Sua carga horária? Quanto tempo gasta? Tem carteira assinada?

C. Trabalho 44 horas semanais, mas vai um pouco mais alem, cerca de 10 horas por dia, trabalho de domingo a domingo, tenho folga um domingo por mês, tenho a carteira assinada.

T. Como é o seu relacionamento no trabalho?

C. Tem pessoas que são mais sociáveis, mas tem pessoas que tem muita dificuldade em trabalhar em equipe e meu trabalho exige muito disto, trabalho mais em equipes, o nosso foco é segurança de trabalho, agente precisa de uma conscientização mutua se não houver fica difícil e às vezes as pessoas acabam criando resistência, querendo trabalhar sozinha.

T. Como as pessoas vêem o seu trabalho?

C. Minha esposa fala que eu tenho que ter tempo para ela, para minhas filhas, estas coisas ela questiona, às vezes estou aqui no final de semana às vezes chama de madrugada, aí tenho que vir, eu procuro sempre separar tempo para elas, este semestre estou mais tranqüilo ai fico mais próximo delas.

T. Participou de algum treinamento?

C. Sim, o curso de segurança do trabalho foi um incentivo dela(esposa) ela também pretende fazer, tem formado muitas pessoas mas “qualificado” mesmo, tem poucos.

T. O curso de pedagogia te ajudou em alguma coisa?

C. O curso de pedagogia me ajudou mas não melhorou minha remuneração, eu espero fazer uma especialização e tenho auxilio de uma bolsa essa bolsa cobre eu não podia colar grau estou aguardando sair um curso para fazer já conclui a especialização mas a graduação eu pretendo atuar também, se o emprego que eu trabalho hoje.

T. Você percebe alguma diferença em sua forma de raciocinar, comportar, vestir após o curso de pedagogia? Isto é houve alguma modificação em sua forma de pensar comportar... depois do curso?

C. Sempre há uma diferença, você chega em um lugar e tem uma graduação você e mais respeitado, você sente esta mudança , passa a se auto valorizar com toda “humildade”, não é arrogância.

T. O que você recebe? O que recebe é de acordo com o que produz?

C. Sim, trabalho muita hora extra, trabalho muito e o salário é de 1.800 reais e muito trabalho, tem coisas que não compensa, meu trabalho é meio que uma obrigação.

T. Gostaria de mudar alguma coisa?

C. Queria ter a mesma remuneração e trabalhar menos, quero ter outros projetos pessoais, profissionais e educacionais.

T. A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é:

O curso de Pedagogia prioriza o ato acadêmico e empenha-se na “primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios sobre a aquisição cumulativa de informações. Quer-se, pois, que ao concluir o curso de graduação ou de pós-graduação o professor graduado pelo EDU/UCG evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato; flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas, também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade; atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício de liderança; compreensão crítica e análise de idéias, bem como dos valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo” Você acredita que o seu curso está te formando para esta proposta, ou este projeto?

C. Algumas coisas, não na amplitude, consegui alcançar muitas coisas por isso quero continuar estudando para alcançar mais coisas principalmente no lado profissional, o curso mexeu muito comigo individualmente.

T. Então o curso o modificou?

C. Modificou, pois tenho que estudar sempre tem a necessidade de sempre estar estudando, depois que você entra na faculdade tem aquela sede de conhecimento, sua mente não consegue estagnar, eu faço muitos relatórios e projetos a minha mente rompeu fronteiras e barreiras eu vejo qualidade nos meus relatórios, nos meus projetos e outros serviços também, a faculdade me ajudou muito.

T. Você deu a entender, anteriormente, que quer fazer um curso de pós-graduação?

C. É, é um curso da professora Salete, e da área sociolingüística, trabalha muito a questão linguagem é algo que me fascina a questão da linguagem do porque das coisas, minha filha de 4 anos tem dificuldade, pato ela fala mas prato já é diferente ai eu falo não filha não é pato é prato ai eu começo a usar algumas coisas da lingüística com ela.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA PSI – NOME FICTÍCIO BRUNA

ENTREVISTA dia: 18/11/2009

T: Você trabalha?

B: Eu faço estágio na área organizacional.

T: A profissão dos pais?

B: Meu pai é empresário, trabalha com meu avô e minha mãe funcionária pública. Fizeram o curso superior completo.

T: Estágio?

B: Na área organizacional meu crescimento é mais profissional, prepara para trabalhar futuramente, no pessoal mais os estágio voluntário que trabalho com criança, com os pais foi mais gratificante.

B: Tenho um projeto de trabalhar futuramente na área organizacional. É algo que eu gosto, mas escolhi também porque é uma área tem futuro. O raciocínio é direto, mais objetivo, é melhor do que a clínica, que as vezes não tenho paciência de esperar as pessoas falarem, prefiro a organizacional que é mais rápido, e objetivo.

Fiz estágio voluntário no Aprender a Pensar, com crianças super dotadas, um trabalho, estou fazendo na área organizacional, faço na clínica também, estou terminando agora. O restante foram de menor duração, de observação como na UNATI, na Santa Casa.

As experiências dos estágios?

Cada estágio trouxe uma aprendizagem e uma contribuição, de coisas diferentes, por exemplo reunião de pais, no Aprender a Pensar foi muito gratificante, pai falando, reforçando o nosso trabalho, colocando aquilo que talvez faltou... é bom a gente cresce tanto profissionalmente, quanto pessoalmente.

T: Gosta do próprio corpo? Já gostei mais, agora estou mais gordinha.

T: O que espera do curso?

B: Agora que já estou no nono período, que vou formar o ano que vêm, estou um pouco assustada, acho que nem é pelo curso, mas pelo mercado de trabalho, o curso foi muito importante, porque, assim, eu pude pensar mais, analisar antes de falar, pensar melhor na situação. (...) Por causa do mercado de trabalho, agora eu sou estudante até acabar a faculdade depois, daqui um pouco sou desempregada (risos), o papel de estudante é mais confortável do que o de desempregado. Isso está me deixando um pouco assustada no final do curso.

T: Há relação entre trabalho e educação?

B: São interligados, não é? A educação e o trabalho, você tem um bom desempenho se tiver uma boa educação, não só porque você tem aquela noção, não só educação de bons modos, mas educação de escola, de aprendizado.

T: Há relação entre trabalho e corporeidade?

B: Tem tudo a ver, o corpo fala, onde a gente trabalha também demonstra isso, ainda mais agora onde estou fazendo estágio, que é recursos humanos, parece que as pessoas estão sempre prestando atenção, aí temos que estar sempre sorrindo, educada com todo mundo. Quando estou um pouquinho mais triste, as pessoas percebem.. e perguntam...

T: O que você aprendeu no curso te auxilia?

B: Na faculdade nem tanto, mas no campo de trabalho, nós vamos aprendendo o jeito de lidar com o pai, o funcionário. Isto depende muito do esforço do aluno, se ele quiser levar a sério, porque se o aluno não quiser, a faculdade não puxa tanto esse lado, Somente aprendemos a partir de algumas matérias que vamos pegando. Mas é assim só se você quiser e correr atrás e quiser tomar uma postura diferente.

T: Leitura do Projeto político pedagógico: O curso faz o que propõe?

B: Acho que o curso trouxe isso, ao longo do curso é até bom quando vamos chegando no final do curso fazer uma reflexão de como era antes e como é hoje. Acho que trouxe... minha mãe, as pessoas que me rodeiam comentam que eu fiquei mais calma, escuto mais, , eu era muito nervosa impulsiva, o curso me fez parar pensar mais, esta questão da visão pluralista e as vezes até me anulo pela outra pessoa, eu acho que sim.

B: O curso me ajudou bastante, pela maneira que eu fui levando.

B: Tenho vontade de trabalhar na área de psicologia, antes eu trabalhava na área administrativa, eu parei de trabalhar para fazer o estagio.

T: Por que escolheu o curso? E a escolha do curso de Psicologia?

B: Eu escolhi, na verdade toda minha família tinha uma tradição de fazer direito, então eu vim e escolhi psicologia. Foi mais por incentivo de leitura, meu pai sempre incentivou-me a ler, a querer saber o que esta acontecendo, por que esta acontecendo, acho que aí foi que surgiu esse interesse meu. A psicologia foi o curso que escolhi. Desde o primeiro ano eu queria fazer psicologia, eu tinha interesse, as vezes eu lia, nem entendia, mas eu queria entender, saber.(...) Foi uma escolha minha.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

NOME FICTICIO: CARLA

Caso 1

Primeira entrevista realizada: piloto.

Duração: Aproximadamente (só a parte dos recortes) 12 minutos

A: Alciane

E: Entrevistada

A: O que é ser jovem para você?

E: É não ter tanta responsabilidade como o adulto. Que o adulto tem mais assim, né?! Poder estudar, ter mais tempo livre. Sabe?! Eu acho que tem algumas responsabilidades também, mas não tanto como os adultos tem, né?! Poder se divertir, sair, né?! Basicamente é isso.

A: Quais são as responsabilidades que um jovem tem?

E: Eu acho que mais estudar mesmo para poder garantir o futuro.

A: E as que eles não possuem e os adultos possuem?

E: Ah, eu acho que de ter um trabalho pra poder manter a família. Isso assim, eu acho que os jovens não tem família ainda.

A: Você é jovem?

E: É.

A: Por que? Assim: “Eu me acho jovem por isso”. Por que jovem, me explica. Por que você se considera jovem?

E: Ah, porque eu acho que eu não tenho assim, tanta responsabilidade, né?! Assim, eu acho que eu tenho bastante assim liberdade de poder sair. É... estudar e fazer as minhas escolhas sem ter que me preocupar ainda em trabalhar, manter família e outras preocupações assim.

A: Como você percebe os jovens de hoje? Hoje em dia como você vê assim os jovens?

E: Ah, eu vejo assim um pouco. Eles estão assim sem muita perspectiva, parece assim um futuro meio... Eles não estão tão assim preocupados com o estudo. Quer mais é saber de sair, ir em festas, fazer bagunça assim. Eu acho que estão muito assim.

A: E você se identifica com eles?

E: Não.

A: Com esses não? Por quê?

(Risos)

E: Ah, porque assim, eu sou mais... Eu gosto de sair e tudo, mas eu sou mais quieta assim. Eu penso assim tudo mesmo, em estudar. Não penso só em sair.

A: Também, né?!
E: É.

A: Sobre o trabalho. Você já trabalhou alguma vez?

E: Não.

A: E trabalho voluntário?

E: Também não.

A: Só no religioso, como você falou, só que esporadicamente por conta da faculdade.

(Pausa)

A: Vamos lá. Por que você não trabalha?

E: Bom, agora eu não to trabalhando porque eu ainda não achei um emprego que seja de meio período. Eu tava realmente procurando um que fosse meio período e no momento eu ainda não achei. E eu tava também esperando achar algum estágio.

A: Na área, ne?!

E: Na área. Pra poder já investir na área mesmo que eu pretendo trabalhar.

A: Você tem vontade, né?!, de começar?!

E: Tenho.

A: Por que essa vontade? Por quais questões?

E: Ah, eu acho que porque assim, eu queria um pouco ajudar assim também em casa. Não ter que depender tanto da minha mãe. Que às vezes lá em casa... é eu e meu irmão e acho que às vezes fica apertado assim pra ela. Tanto eu como meu irmão pedem mais dinheiro pra ela e às vezes não sobra nem pra ela fazer as coisas que ela quer. Aí eu acho que sim, que eu queria ajudar agora pra não depender tanto dela.

A: Seu irmão tem que idade?

E: Tem 16.

A: E você nunca trabalhou fora.

E: Não.

A: No sustento da sua casa: seu pai e sua mãe. O que seu pai faz?

E: Meu pai é comerciante.

A: Comerciante. De que ramo?

E: Ele trabalha numa empresa assim que faz entrega de frango, lingüiça, essas coisas. Aí ele mexe com essa empresa.

A: E sua mãe?

E: Minha mãe é artista plástica. Aí ela trabalha mais em casa. Ela vende roupa também. Ela faz bordado, faz pintura.

A: Seu irmão não trabalha?

E: Não.

A: Os responsáveis pelo sustento da casa então é o seu pai e sua mãe. Pelo seu sustento também. Que que seus pais pensam pelo fato de você não trabalhar?

E: Eles quando eu comecei a querer trabalhar mesmo, que às vezes eu já procurei um emprego em áreas que não é na psicologia, né?! Aí eles não queriam muito, né?! Eles queriam que eu só estudasse e não trabalhasse agora. A não ser que fosse em uma área da Psicologia que fosse me ajudar, né?! Mas em outro serviço eles não queriam que eu trabalhasse.

A: Quando a mãe faz alguma atividade em casa é comum os filhos ajudarem nessa atividade de alguma forma. Você faz alguma coisa junto com a sua mãe nos trabalhos que ela constrói em casa?

E: Não. Nos trabalhos dela não. Eu ajudo na casa.

A: No serviço de casa mesmo?

E: É.

A: Ah, tá bom. O que você sente pelo fato de não trabalhar?

E: Ah, às vezes é ruim.

(Risos)

E: Porque às vezes eu quero alguma coisa e minha mãe às vezes não pode me dar e aí fica naquela vontade e dá mais vontade ainda de tá trabalhando pra não depender tanto dela. E às vezes não sei assim, com tempo livre em casa aí eu fico com vontade de trabalhar assim mesmo.

A: Tem planos em relação ao trabalho? Você falou que tá procurando eu estágio de meio período. Tem mais alguma coisa? Mais algum plano na questão do trabalho?

E: Não.

A: A sua prioridade mesmo é a busca por esse estágio?

E: É.

A: E se aparecer um emprego de meio período em outra área?

E: Aí eu acho que eu aceito pelo menos assim até eu conseguir o estágio. Aí eu ia trabalhando assim.

A: O que que é trabalho pra você? Qual o sentido você dá para o trabalho? Pra que serve?

E: Eu acho que pra... Não sei. Acho que o sustento assim mesmo. Acho que só. Às vezes é para satisfazer. Que às vezes você se sente tão: “Nossa, não tô fazendo nada”. Eu acho que um pouco satisfaz a gente. “Eu tô sendo útil”. Acho que é isso.

A: Agora um pouquinho em relação ao curso. Por que você escolheu esse curso? O curso de Psicologia né?!, no caso.

E: Ah, eu me interessei muito quando eu fiquei sabendo que tinha a área pra cuidar mais de criança, de crianças especiais também. E aí eu me interessei nessa área. Eu li algumas coisas sobre Psicologia, né?! E aí eu gostei da área e resolvi fazer.

A: Foi a sua primeira opção?

E: Não. Eu antes pensava em fazer pediatria. Só que eu tenho assim, um pouco de medo de sangue, essas coisas, aí eu vi que não dá realmente certo. (Risos) Aí eu me interessei pela área da Psicologia.

A: Você percebe que você vai sendo durante o curso, vai sendo profissionalizado. Profissionalizado assim. Que durante o curso você vai aprendendo mesmo a profissão do psicólogo. Você vai aprendendo o que é a atuação? Você acha que há essa relação no curso?

E: É.

A: Como isso acontece?

E: Ah, eu vejo muito quando o professor ta explicando a matéria e já dá exemplos, conta algum caso que aconteceu com ele no consultório e já vai fazendo a gente entender como funciona.

A: Como o currículo com as suas disciplinas, propiciam conhecimento para o desempenho da sua profissão? Como você percebe isso? No currículo do curso de Psicologia tem lá todas as disciplinas, né?! Como você percebe que isso facilita, a forma como ta apresentada no seu currículo que é o currículo novo. Como que isso facilita, se facilita ou não o sentido da profissão mesmo de psicólogo?

E: Eu acho que pra... Não facilita muito não. Às vezes eu leio o nome da matéria assim e quando eu to fazendo a matéria eu entendo pra que que vai servir, em que área eu vou usar. Às vezes quando eu pego o currículo e olho as matérias eu não consigo compreender direito como aquilo vai...

A: Por exemplo, quando você pega esse quadro das disciplinas, como que isso ta relacionado?

E: É.

A: Mas quando você faz a disciplina você percebe que tem uma ligação?

E: Anram (afirmativo).

A: Uma contribuição para o desempenho da profissão de psicólogo.

E: Isso.

A: Você ta no segundo período. Tem algumas disciplinas que a gente não consegue nem entender o nome, né?! Então só fazendo mesmo que a gente vai compreendendo.

E: Tem uma matéria que eu pego agora nesse período que é a Anatomofisiologia. Aí eu falo: "Gente, pra quê que eu vou estudar anatomia?". Eu achava que não servia pra muita coisa, mas na hora que estuda mesmo que a gente vê que é importante sim.

A: O que você tem aprendido na Universidade tem ajudado na sua relação com a profissão de psicólogo? Você falou das disciplinas, a vivência que o professor traz, mas você pensa que na sua formação de psicólogo ta acontecendo mesmo?

E: Tá. Eu acho que ajuda sim.

A: O que você espera em relação ao curso que você ta fazendo? Quais são as suas expectativas em relação ao curso?

E: Eu espero daqui pra frente gostar assim cada vez mais do curso, né?! Que ele corresponda ao que eu espero.

A: O que você espera?

E: Ah, eu me interesso muito pela área de desenvolvimento de crianças assim. E espero que eles mostrem mais nessa área que é uma área que eu pretendo investir assim mesmo.

A: Você não trabalha então não precisa conciliar trabalho e estudo. Você falou que está mais tranquila em relação a isso. Quais são as perspectivas em relação ao trabalho quando você terminar a faculdade?

E: Até ontem mesmo eu tava conversando com o meu pai sobre isso e ele me fala que as pessoas quanto ta na faculdade acha que vai sair da faculdade e conseguir um emprego maravilhoso, vai ganhar milhões. E realmente assim, não é bem isso que eu espero. Eu vou

começar com algumas dificuldades, claro?! Mas eu espero conseguir um emprego bom, né?!
Crescendo assim.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO: DEBORA
Caso 11- PSI

(Transcrito só as partes “relevantes” para a tese)

Duração: Aproximadamente 56 minutos.

A: Alciane

D: Debora

Ser Jovem

A: O que é ser jovem pra você?

D: Ser jovem é estar em busca de coisas novas, experiências novas, tanto boas quanto ruins, está com um espírito bom com você mesmo. Sentir livre.

A: Você se considera jovem?

D: Considero

A: Como assim? Em que aspectos? Por quê?

D: Jovem assim no sentido de estar aberto a novas possibilidades, de ter o mundo ainda de experiências de oportunidades a ser experimentadas. Questão de visão de futuro mesmo.

A: Como você percebe os jovens de hoje?

D: Bem diferentes de antigamente. Em alguns sentidos melhor, porque hoje em dia a gente tem mais abertura pro mundo, antigamente era mais fechado, porque a mãe reprimia. Mas em compensação tem as desvantagens, porque essa liberdade às vezes é excessiva, extrapola. Vai ficando natural, né? Certos tipos de coisas vão acontecendo e vai se tornado supérfluo assim.

A: Que tipo de coisa?

D: Acho que essa questão de... Justamente essa liberdade que eu falei: liberdade excessiva. De ir muitas vezes sem pensar no próximo, sem pensar na família, nas conseqüências.

A: Você se identifica com esse tipo de jovem?

D: Que tipo?

A: Desse que você falou. Você definiu o jovem hoje. Você se identifica com esse tipo de jovem que você definiu?

D: Sim. Estou inserida e automaticamente eu me vejo no meio, fazendo as mesmas coisas, não todas as coisas, mas normalmente sim.

A: Mas algumas coisas sem pensar?

D: É. Com certeza.

A: Que tipo de coisas?

D: Por exemplo... Um exemplo de dificuldade: às vezes você está com um trabalho pra fazer, coisas pra resolver e alguém liga pra você “Vamos pra festa pra uma balada? Tal” Você não consegue e vai. Nesse sentido. Nada que extrapole assim muito, mas...

Questão do “ficar”: eu não concordo com ficar hoje em dia, mas acabo, como estou inserida no meio, eu acabo que em alguns momentos eu cedo a isso, mesmo não concordando, mesmo não

gostando. Porque a realidade: como que eu vou falar não quero ficar, não gosto de ficar com alguém.

A: O “ficar” pra você seria como um pré-namoro ou seria uma coisa de momento?

D: Não, eu já olho pra pessoa imaginado ele como um possível namorado. Daí é claro que tem um longo percurso. Mas eu nunca vejo com a intenção só do momento.

A: Você se relaciona com pessoas da sua idade?

D: Sim

A: Você tem quantos anos?

D: 23

A: Mais novas mais velhas?

D: Mais velhas. Geralmente.

D: Relacionamento de Amizade?

A: De amizade, também namoro, todo tipo de relacionamento. Mais entre amigos assim.

D: Geralmente a minha idade até 27, 28 anos, por ai.

A: O que vocês fazem? Você e essas pessoas do seu circulo de amizade, de relacionamento mais próximo?

A: É uma questão tanto de amizade, de confiança de poder contar um com o outro nos momentos difíceis, de conversar, de apoio. Amizade mesmo ou então de diversão: de sair, divertir, conversar, rir, brincar, tá junto, se encontrar, dividir as dificuldades, os problemas.

D: O que você mais gosta? Se perguntarem pra você: O que você mais gosta? O que você a Denise mais gosta?

D: Vixi! Complicado.

A: Se você pode começar pelo que não gosta também, o que você menos gosta.

D: No sentido de atividades ou geral?

A: Geral.

D: O que não gosto muito assim, dentre varias coisas, não que essa seja a principal, mas é essa que vem a minha cabeça. O que eu não gosto é depender muito dos outros assim. Não gosto da indiferença. Agora o que eu mais gosto, esse é mais complicado. Não sei te dizer. Eu sou do tipo de pessoa que eu me surpreendo comigo mesmo. Eu não tenho nada estabelecido: eu gosto disso, isso me faz feliz. As coisas acontecem. O que às vezes eu acho que vai me fazer feliz eu vejo não era nada, é insignificante pra mim. E às vezes o que eu acho que é tão insignificante, eu tenho momentos felizes assim quando eu menos espero, com coisas simples. Eu mesmo me surpreendo: nossa eu fiquei feliz com isso daqui? Então eu acho que não tem. Tem varias coisa que eu gosto, mas é difícil falar assim específico.

A: São bem contextualizadas as coisa que você gosta

D: É

A: O que você gostaria de fazer, mas não consegue fazer ou não pode fazer?

D: (Risos). Ai! Você ta me fazendo pensar.

A: É bom que você vai aproveitando o momento.

D: É

A: Ainda mais que você vai ter uma clínica, vai ter que ficar pensando, pra conseguir separar as coisas.

D: O que eu não consigo ou não posso fazer?

A: É. O que você gostaria de fazer, mas não consegue fazer ou não pode fazer?

D: É... Controlar assim o que sinto. Gostaria muito de, por exemplo: tem pessoas que eu gostaria de me relacionar que eu não consigo gostar. Eu gostaria de ter alguma coisa, um controle emocional neste sentido de falar: eu vou tentar e vou conseguir gostar dessa pessoa. Eu não consigo ter o controle sobre os meus sentimentos assim.

A: Você imagina por que isso acontece?

D: Eu imagino, mas não sei explicar exatamente o que que é. Eu sei que tem algo na pessoas que me chama a atenção, não sei definir o que exatamente. Não sei te explicar, já pensei muito sobre isso, não sei. Mas se você quiser dar umas “pancadinhas”, quem sabe sai alguma coisa. É difícil eu falar assim, às vezes.

Trabalho

A: Você ganha o seu dinheiro?

D: O meu dinheiro.

A: Você falou que trabalha...

D: No banco.

A: No banco. Agora você mudou pra que atividade?

D: Uma terceirizada que presta serviço pro banco e que faz a mesma atividade.

A: É um banco particular que você trabalha?

D: Não. Na Caixa.

A: Concursada?

D: Não.

A: É, você disse terceirizada. Como você gasta o seu dinheiro?

D: Específico pra faculdade. Metade vai para a faculdade. Um pouco vai para a despesa minha diária: alimentação, transporte e o resto vai para roupa e diversão. Sair, festa.

A: Você tem algum auxílio, em relação à faculdade?

D: Não.

A: O valor é integral da sua mensalidade.

A: Qual é a profissão dos seus pais?

D: Meu pai trabalha num cartório. Ele é escrivão. E a minha mãe trabalha em uma escola. Serviços gerais. Faz tudo mesmo: desde limpar sala, trabalhar na coordenação, fazer alguma merenda. O serviço de casa também.

A: É escola particular ou pública.

D: Não. Pública. Ela é concursada.

A: O nível de instrução dos seus pais?

D: Meu pai tem... ele fez a escola técnica, né. Equiparado ao curso superior. Minha mãe só até o Ensino Médio.

A: Seu pai fez que curso? Era aquele técnico que substituía o Ensino Médio?

D: Não. Superior. Tecnológico. Mas como ele não trabalha na área, trabalha no cartório mesmo.

A: Outras pessoas trabalham na sua casa?

D: Meu irmão atualmente está trabalhando nesses serviços temporários de final de ano. Trabalho em loja. O mais velho. E o mais novo trabalha numa confecção próximo à minha casa. Como auxiliar de confecção.

A: Auxiliar. Você não é casada, né?! Você é solteira.

D: É.

A: É... Todo mundo tá trabalhando. E você trabalha em um banco. Você vai mudar quando...

D: Agora em dezembro. Já to de aviso. Vou sair em dezembro, mas não é nada... é uma coisa basicamente pronto, mas não tem nada acertado: carteira...

A: Que banco que é?

D: É na Caixa.

A: Prestadora de serviço. Terceirizado. O que você faz lá?

D: Atualmente eu to trabalhando na superintendência. Mecho com empreendimentos habitacionais.

A: Onde você aprendeu a fazer esse trabalho?

D: Lá mesmo. Eu entrei como estagiária, fui para a área de habitação. E agora estou na superintendência.

A: Você sempre trabalhou... foi o seu primeiro emprego?

D: Foi meu primeiro emprego. Eu tinha dezessete anos.

A: Então já tem um bom tempo, né?

D: Quase seis anos.

A: Na mesma... No mesmo lugar?

D: Na Caixa.

A: Na Caixa.

D: Nas áreas diversas.

A: O que tem aprendido na universidade ajuda no seu trabalho?

D: Ajuda. Questão de amadurecimento mesmo. Não diretamente a psicologia em si, mas amadurecimento, da experiência de você estar no dia-a-dia lidando com conflitos. Acaba que a maneira como você aprende que é as coisas, você coloca no seu dia-a-dia praticamente sem

perceber. Às vezes até alguém que comenta comigo, fala: “Nossa...”. Colegas mesmo da Psicologia fala: “Você ta usando isso”. Não é intencional, mas eu sei que indiretamente ajuda sim.

A: Como é o seu trabalho lá?

D: Como? Em que sentido assim?

A: Trabalha com o público?

D: Não. Já trabalhei no atendimento seis meses iniciais de estágio. Logo eu fui contratada pela empresa terceirizada para trabalhar no serviço interno. Esse serviço interno da Caixa mesmo.

A: Hoje você não tem contato com o público não?

D: Não.

A: Então ta bom. Exige algum tipo de escolaridade especial, algum nível?

D: Não. Não assim necessariamente, mas acaba que você tem que ter mais ou menos uma preparação que talvez se você tivesse uma oitava série, primeiro ano não teria, né, maturidade assim. No dia-a-dia é preciso. Mas exigência assim não tem não. Acho que não. Não, porque eu convivo com pessoas lá que só tem o Ensino Médio e faz a mesma atividade que eu.

A: Exige alguma experiência com novas tecnologias?

D: é. Computação. Tem que ter digitação. Tem que digitar bem. E ter uma noção básica mesmo de Word, Excel. Mas principalmente digitação. Teve uma provinha de digitação. Assim de rapidez na digitação.

A: Teve ou tem treinamento nesse seu trabalho?

D: Não. Treinamento específico assim não. Teve aprendizado, é claro, com pessoas do lado, auxiliando, mas não foi um treinamento não. No dia-a-dia mesmo.

A: As pessoas que ensinavam eram as que faziam a mesma função, ou pessoas superiores?

D: Não. Pessoas que fazem a mesma função.

A: Você falou que está nesse emprego a seis anos. No mesmo lugar com funções diferentes. Como que você arranhou esse trabalho no começo? Indicação de alguém?

D: Um amigo da minha tia trabalhava lá e precisou de alguém e ele indicou. E até hoje as diversas áreas que eu passei foi por indicação. Precisando de alguma coisa e sabe que eu tenho experiência naquilo daí me chama.

A: Você não teve outro emprego antes... começou a trabalhar aos dezessete anos. Por que você começou a trabalhar? O que impulsionou?

D: Eu acho que o impulso principalmente foi de independência financeira. Não ter que pedir. Lá em casa nunca foi muito liberal. Não que o meu pai não fosse prestativo nesse sentido. Mas coisas supérfluas assim: você pedir um dinheiro pra ir no mercado comprar um sorvete que você ta com vontade de tomar. Daí às vezes eles ficavam: “Ah, não sei o quê. Não tem”. Eu sempre tive essa vontade e pra mim foi ótimo. Se eu soubesse que era tão bom eu tinha começado antes. Na época até meu pai não queria, porque queria que eu estudasse. Eu falei: vou, vou ter experiência. Até hoje eu gosto muito. Nasci pra trabalhar.

A: É algo que te dá prazer, essa questão do trabalho.

D: É.

A: Por conta da remuneração ou pela atividade em si?

D: Pela atividade. A remuneração claro que também por mais que seja pouco me satisfaz. Porque eu posso ter minhas coisas. Eu posso comprar o que eu quero. Num certo limite, mas claro que isso é bom, eu ter meu dinheiro. Mas também pela satisfação de poder trabalhar, de conviver com as pessoas, de ter relacionamento com outras pessoas, de aprender, de amadurecer.

A: Já fez algum curso profissionalizante?

D: Não. Curso básico desses cursos assim secretariado, mas nem conta, eu era bem nova.

A: Secretariado...

D: Curso básico, curto.

A: Onde você fez esses cursos? Em escola comum de...

D: Não. Esses cursos comum que são oferecidos assim na comunidade e até pra igreja.

A: Como é seu trabalho lá? Você falou que é trabalho interno, mas a carga horária qual é?

D: Seis.

A: Seis horas. Como você vai para o seu trabalho?

D: Locomoção?

A: É.

D: De ônibus.

A: É longe da sua casa?

D: Minha casa que é longe. Eu moro bem afastado.

A: Qual é o bairro onde você mora?

D: Balneário.

A: Balneário. Você trabalha onde?

D: Na Caixa do Centro.

A: No Centro. Aquela Caixa da Anhanguera? É serviço interno, né?!

D: É.

A: E daqui você vem pro Universitário. É. Realmente. Não fica tão longe daqui, né.

D: Não. A facilidade aqui... é próximo da faculdade. O trabalho é próximo.

A: Quanto tempo você gasta pra ir da sua casa para o trabalho?

D: Uma hora.

A: Primeiro você vai para o seu trabalho, ou para cá, pra faculdade?

D: Depende do dia. Mas geralmente eu vou para o estágio de manhã e meu trabalho é à tarde. Às vezes eu troco os horários. Nas férias eu costumo trocar, mas o normal é que eu vá para o estágio e depois volto pra Caixa à tarde.

A: E depois pra casa. E daqui para o seu trabalho, é quanto tempo?

D: No máximo quinze minutos.

A: Você recebe de acordo com o que você produz?

D: Não.

A: Salário é fixo. Carteira assinada?

D: É; é

A: Como é o relacionamento com o seu chefe e com as outras pessoas no trabalho?

D: Ótimo. Sempre tive muita liberdade assim, de pessoas, os superiores sempre foram assim bacanas, no sentido de dar liberdade, de ser amigos, de ser próximos. Não ter só aquele relacionamento profissional. Mais pessoal, de conversar sobre a vida, sobre os problemas. Ai, eu adoro assim... Eu adoro o ambiente de trabalho, com exceções de situações assim adversas que acontecem, mas no geral eu gosto muito das pessoas com que eu convivo, com os meus chefes. Não tenho nenhum tipo de problema, pelo contrário sou bem recebida. Independente das áreas que eu vou...

A: Você pode relatar alguma situação, como você falou: “situação adversa”? Tem alguma situação que você possa... que você considere desfavorável no seu relacionamento com os demais no seu trabalho.

D: Às vezes você... Pode ser algum caso assim diário? Nem sempre você é bem vista assim... Questão de conhecer... Comigo tem muito aquela coisa de impressão. A pessoa olha pra mim e não gosta de mim inicialmente. Todas as pessoas que eu convivo assim no meu ciclo de amizade, relacionamento... Todas sem exceção falam: “Denise, a primeira vez que eu te vi, nossa! Achei que você era metida. Achei que isso...”. As situações desagradáveis nesse sentido, de pessoas que não me conhecem e você percebe assim uma indiferença no tratamento. Não chega diretamente a maltratar, mas você percebe um olhar diferente. Tem essa impressão. A pessoa tem essa disponibilidade de me conhecer e depois ver que não é. E falar: “Depois de te conhecer eu vi que você não é assim”.

A: Você já percebeu o que é em você que causa essa impressão?

D: Ah, eu não sei se é o meu jeito assim... Eu sou muito... eu não me considero tímida. Eu me considero mais retraída assim inicialmente. Eu sou muito de observar. Então eu não me sinto muito a vontade de chegar e já ir conversando com a pessoa que eu não tenho liberdade. E às vezes isso pode até confundir com metidez, arrogância... Se for, é involuntário, totalmente. Sinceramente, porque eu acho que nem tem motivos para eu ser assim. Eu não me considero a pessoa mais humilde, mas eu procuro sempre estar, sabe assim... Não ta me... Quem me dera se eu fosse um terço do que as pessoas pensam assim de me achar, de me valorizar demais. Até gostaria que fosse mais. Eu tenho muito... Eu me desvalorizo muito no sentido assim de... (Chorou)

D: É até contraditório pensar que até as pessoas acham que eu sou arrogante nesse sentido de me achar assim. De me achar muito. Mas eu acho, não sei, deve ser esse meu jeito. Não sei explicar não. As pessoas falam que é isso. A primeira aparência assim. Eu ficar mais calada. Tem gente que acha que é mais por prepotência assim.

A: Então vamos lá... Como que é o ambiente de trabalho?

D: Não tem aquela pressão. Não é aquela coisa estritamente profissional. Todo mundo conversa, ri, brinca, tem liberdade. Se eu precisar de alguma coisa eu sei que vou pedir e na medida do possível eu sei que se eles puderem eles vão fazer. Então é um ambiente... nada de ruim, muito bacana.

A: O que você pensa de ser jovem e já ser trabalhador? O ideal, né?! Na ideologia é: estuda e depois trabalha. Você não. Você estuda, você é jovem, estuda e trabalha. O que você pensa a respeito disso?

D: Eu acho bacana. Eu acho que é válido porque gera vários benefícios, várias possibilidades. Talvez se eu tivesse só estudando eu não teria o pensamento que eu tenho hoje. De alguma, não de forma de agir, eu não sei. Eu não seria a pessoa que eu sou hoje se eu não trabalhasse. Faltaria algo, porque o que o trabalho proporciona, só o estudo não teria.

A: Da experiência, né?!

D: Da experiência e da maturidade. Esse amadurecimento. Claro que também a independência financeira que conta demais. E ainda mais hoje, onde tudo que você vai, você gasta demais. Ter que ficar dependendo do pai pra pedir. Se deixar eu falo demais...

(Risos)

A: Você falou que foi indicada para o seu emprego. Teve algum teste? Teve o da digitação que você falou.

D: Teve o da digitação e a entrevista.

A: E como foi?

D: Era algo novo pra mim, fiquei nervosa, porque não tinha passado por isso antes. Mas eu peguei pessoas assim muito tranquilas que me deixaram a vontade. Até hoje eu tenho convívio com essa pessoa e é uma mãezona pra mim. Então... Eu sei que nesse sentido foi bom porque eu tive a sorte de pegar pessoas que foi receptiva. Então foi tranqüila assim, na medida do possível. Teve nervosismo, que eu acho que é natural. Poderia ter sido mais, poderia ter sido maior, mas foi tranqüilo porque eu tive essa receptividade deles assim.

A: O que você sabe fazer em matéria de trabalho e o que você aprendeu... Você falou que no seu trabalho você aprendeu... não teve treinamento, né?! Mas teve alguém que te ensinou alguma coisa, ou você foi aprendendo mesmo.

D: Não. Sempre tinha o auxílio de alguém. Um funcionário que tava ali do lado, que ajudava no atendimento, que eu não precisava tá solicitando. Sempre com alguém.

A: E na sua família? Teve alguém na sua família que te ajudou, ensinou alguma coisa, que favoreceu no seu trabalho?

D: Não. Operacional assim não. Teve ajuda emocional. No sentido de falar, porque eu fiquei muito nervosa, porque era muita coisa pra aprender. Eu ficava com muito medo. Eu tenho muito medo do novo. Tudo que é novo me assusta. Então eu lembro que até numa situação que a gente ia para um casamento na roça. Eu nunca tinha um casamento na roça e era super divertido, pessoal divertido, aquela comida à vontade e eu não consegui comer, não consegui me divertir. E meu pai conversou muito comigo no sentido de: “Ah, você vai ver, é tudo tranqüilo”. E a gente hoje até ri, porque parece automático, mas pela insegurança que tava por vir eu não consegui aproveitar. Então tinha apoio emocional e lá o operacional mesmo, operacional de tá ajudando, sempre com o auxílio de alguém. Tudo que eu fazia tinha alguém me supervisionando, o que tem que ser feito. Não passava nada direto sozinha, inicialmente. Hoje algumas coisas sim. Algumas coisas tem que ser supervisionada.

A: Você tá satisfeita com o seu trabalho?

D: Não. Não to satisfeita porque não é o que eu quero pra mim. Atualmente tem me ajudado em termos de carga horária de trabalho. Facilita muito. A flexibilidade de horário. Eu tive isso durante toda a faculdade aqui na católica de ter aula à tarde. Ter dias de só trabalhar quatro

horas e podia pagar as outras duas. Uma flexibilidade que em muitos outros empregos eu não teria. Mesmo que eu esteja muito satisfeita com o trabalho mesmo, com o horário ou com a carga horária de não ter que trabalhar no final de semana, todo final de semana, não ser muito rígida em relação a horário mesmo. De ter essa flexibilidade é o principal pra mim. O que me satisfaz lá é isso. Também a questão de ambiente, porque é um ambiente tranquilo no trabalho. O que eu faço mesmo é uma coisa que eu gosto. Pra mim. E gostava mais do atendimento. Eu gosto muito de atender pessoas, mas também gosto desse serviço interno. Mas o que eu quero pra mim...

A: Eu te perguntei se você está satisfeita e você falou não.

D: Eu tava falando não por questão financeira. Porque não é o que eu quero, o que eu preciso. Eu preciso de mais. Só isso. A remuneração não me satisfaz.

A: E tem alguma relação com a questão da sua formação a não satisfação?

D: Também. Principalmente agora que eu to formando é que eu senti a necessidade de “E agora?”. Por eu ganhar pouco eu não posso ta, de uma certa maneira colaborando para essa minha futura perspectiva futura intenção em termos de psicologia. O que eu ganho dá pra eu viver o que eu to vivendo agora. Não fá pra pensar às vezes separada do dinheiro. Pensar futuramente abrir um negócio pra mim, uma clínica, sabe?! Pagar uma sala. Então assim, sabe?! Ele momentaneamente ta sendo bom, mas só.

A: Qual o sentido do trabalho pra você? Quando você ouve “trabalho” o que é que vem? A palavra trabalho... ser trabalhador...

D: Eu acho que é em busca do que você quer. Acho que faz parte do processo, sabe?! De tudo que você quer. Eu já falei de amadurecimento, de profissão, pra eu ta crescendo, pra eu ta aprendendo, pra mim ta buscando as coisas que eu quero futuramente. Busca de ideais. Eu acho que ele faz parte de um processo de busca do que eu quero e do que eu espero.

A: Pra quê que ele serve? Ta dentro disso que você falou?

D: É. Dentro disso e... é, serve pra me satisfazer. Pra me dar pra prazer. Pra me fazer aprender. Pra mim crescer, pra mim me desenvolver enquanto pessoa, enquanto profissional. Eu acho que ele é fundamental. Como eu falei, não me vejo sem trabalhar.

A: O que a sua família diz do seu trabalho?

D: Gosta.

A: Da sua renda você tira uma parte para ajudar a sua família, ou não?

D: Só a faculdade.

A: Que relação existe entre escola e trabalho na sua opinião?

D: Acho que tudo faz parte. Faz parte desse processo dessa busca. Acho que o trabalho sem a escola, sem o estudo não é completo. E o estudo também pra mim igualmente assim, sem trabalho também não. Acho que tudo ta relacionado. Tudo faz parte dum processo. A gente vive isso e... é difícil. Sei lá! Parece que eu não to inspirada pra falar. Não... faz parte do processo. Pra mim tudo ta interligado. Fica até difícil continuar falando... É questão de amadurecimento, questão de aprendizagem, de busca. Tudo faz parte pra mim da busca do que eu sigo.

A: Então tudo ta relacionado. Trabalho e escola. Aqui também no sentido de educação. O que você espera... você falou do seu futuro. Você quer abrir uma clínica? Como que é essa questão do seu futuro profissional?

D: Eu penso em abrir uma clínica. Eu penso em estar fazendo esse tipo de serviço voluntário na área. Eu gostaria... é algo que meche comigo a questão jurídica, a questão de prestar algum serviço para esses adolescentes que estão em conflito com a lei. Então nesse sentido assim, de ter a minha clínica, de ter os meus pacientes. Te ter essa estabilidade financeira, sabe?! De realização profissional mesmo.

A: Tem alguma relação entre formação e o que você deseja nesse futuro profissional? Alguma formação além da graduação?

D: Tem né?! Especializações.

A: Especializações, né?! Você acha que o seu curso vai te ajudar muito nesse trabalho? Você falou da clínica, né?! Quase que consequentemente sim. Tem mais algum plano profissional para além da clínica? Algum trabalho, alguma coisa? Até porque você ta mudando de banco. Você acha que o curso te ajuda em algum sentido, em algum aspecto em reação a essa mudança?

D: Eu acho que não diretamente o curso em si. Talvez a graduação, o curso superior. Isso conta numa entrevista se você já ta formando ou não. Mas o curso em si, a Psicologia não nessa atividade.

A: Só enquanto categoria, né?! Curso Superior. Esse trabalho atual te ajudará no futuro? Você acha que ajudaria em alguma coisa?

D: Ajuda. Porque você se relaciona com muitas pessoas. Então você aprende. Você tem convivência. Você tem esse relacionamento que te favorece em muitas coisas. A questão de indicação. Eu acho que ajuda. Tem me ajudado e ajuda demais.

Profissionalização

A: Indo um pouco para a sua formação, profissionalização. Porque você escolheu Psicologia?

D: Ah, não sei te explicar porque que foi.

A: Essa é a pergunta de todo professor no primeiro dia de aula.

D: Anran (afirmativo). Eu não sei em que momento eu escolhi. Eu lembro de uma vez eu participava de uma... tava próximo de começar o vestibular, eu tava passando na rua e vi no *outdoor* assim: “Psicopedagogia”. Tudo a ver. Aí a partir daquele momento eu comecei a pensar na Psicologia. Comecei a imaginar como seria. Sempre pensando na clínica. Meu ideal assim. Depois surgiu o interesse para essa área jurídica também. Mas a área que eu quero trabalhar é a clínica com certeza.

A: Você fez optativa? Psicologia Jurídica.

D: Não fiz a optativa, mas tenho vontade de fazer. Nem sei se eu vou fazer.

A: Você percebe que durante o curso você vai sendo profissionalizado de alguma forma?

D: Sim. Existe essa preparação, né?! Um pouco deficitária eu acho, mas existe uma preparação para o mercado de trabalho. Como que é. Até mesmo o estágio em si eu acho que é um exemplo maior dessa preparação.

A: Como o currículo com suas disciplinas propiciam conhecimento para o desempenho da sua profissão? A questão das disciplinas do currículo. Como você vê a articulação disso para favorecer o desempenho da profissão psicólogo?

D: Eu acho que principalmente em relação às optativas, elas te favorecem no que você tá buscando, aquilo que você se identifica mais. O que você vai ser futuramente. O que você espera pra você. As disciplinas estão aí para mudar mesmo. Em termos de preparação.

A: Você acha que é mais nas optativas?

D: As outras também. Até porque mesmo aquelas que parecem não ter relação, tem um porquê. Acaba tendo. É uma preparação. Talvez não diretamente, você quer. Por exemplo, eu não to na Psicanálise, mas foi bom ter tido uma preparação. Ter tido matérias obrigatórias de Psicanálise. Por experiência mesmo. Me deu o conhecimento. Por mais que você não use, utilize.

A: O que você tem aprendido na universidade tem te ajudado na sua relação com a profissão? Obvio, né?! Você falou que... a questão da formação das disciplinas, né?! O que você espera em relação ao curso que você está fazendo? Quais são as expectativas? Você já tá no final do curso, né?! O que você espera?

D: A expectativa é o que todo mundo espera, né?! É realização profissional. É eu fazer o que eu gosto. Eu conseguir alcançar os meus objetivos. Montar a minha clínica. Atender meus pacientes. Conseguir bons resultados com eles. Ter satisfação pessoal de tá podendo ajudar alguém, a satisfação financeira, é claro também.

A: Faz parte também. Você tem alguma dificuldade em conciliar trabalho e estudo? Você falou da flexibilidade do seu trabalho.

D: Não pelo trabalho. Mas mais que sendo seis horas, por mais que facilite, a carga horária, mas é um tempo que eu tenho que tá lá. Por mais que eu estou tranquila. Não é um serviço que me estressa, eu não posso fazer as coisas da faculdade, por exemplo. Então assim, é só uma questão de tempo mesmo, de conciliar os momentos. Agora nem tanto, porque eu to no estágio. Mas na época da faculdade mesmo, das matérias, das provas, você tem que estudar de madrugada, porque a prova é no outro dia, outro horário. Então a dedicação não é a mesma quando você tá trabalhando, porque você tem uma atividade extra que querendo ou não. Por mais tranquilo que seja, causa estresse, cansaço físico, mental.

A: E tem a questão das atividades extras, né?! Para além das disciplinas. Como que foi isso? Como tá sendo?

D: Eu... como eu tinha essa flexibilidade na Caixa, porque eu podia estar... geralmente era na parte da noite. Mas quando não era possível eu saía mais cedo do trabalho e depois começava mais cedo no outro dia.

A: Pagava as horas, né?!

D: E às vezes nem pagava também e ficava por isso mesmo.

A: Agora um pouco sobre... Voltando um pouco a questão da formação, do curso. Como você era no início do curso? Agora nós vamos conversar sobre as mudanças no decorrer do curso de Psicologia. Como você era no início do curso?

D: Eu acho que eu era mais relapsa assim. Tinha a responsabilidade porque eu sabia que tinha dinheiro envolvido, tinha expectativa. Eu sempre tive responsabilidade em relação ao que eu tenho que fazer. Não precisar ninguém ficar mandando. Mas no dia-a-dia isso foi piorando assim... Foi melhorando no sentido de que a necessidade foi aumentando. A busca tinha que

ser maior. Já não tinha que estudar quando dava. Era necessário estudar diariamente. Essas mudanças no sentido de cobrança mesmo. No sentido de responsabilidade que foi maior e agora no estágio é bem maior ainda. Você lidar com a vida de outra pessoa.

A: Em relação a forma de vestir, pensar, se comportar, agir, você percebe alguma mudança?
A gente pode ir por etapas assim: na forma de pensar?

D: Não sei assim... a questão do amadurecimento. Você já pensa de uma outra forma. Você tá trabalhando, você tá num meio e é como eu te disse, se eu não tivesse trabalhando e estudando com certeza eu não seria a mesma pessoa de hoje. Você aprende com os conflitos, com as dificuldades, com os erros e acertos. Com certeza tudo mudaria. A forma de pensar, agir, vestir, tudo. Eu não posso às vezes, por mais que eu ache bonito uma blusa decotada, eu não vou usar porque eu sei que to num ambiente de trabalho e que eu preciso disso. Se eu for em uma festa, ou uma confraternização de final de ano eu não ponho um vestinho de como se fosse uma festinha normal com os meus colegas talvez. Mas até isso influencia porque eu estando no trabalho eu preciso de uma roupa mais recatada. No dia-a-dia eu acabo vestindo essas roupas também e me adaptando a isso.

A: Como você era no início do curso?

D: Assim, é diferente porque eu sempre tive uma preocupação com a minha imagem. Como que os outros estão me vendo, o meu comportamento. Mas vai mudando com relação a minha própria formação de psicólogo. Eu penso que até então era como as pessoas estão vendo a Denise. Agora é como as pessoas estão vendo a Denise que faz o curso de psicologia.

A: “A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é:”

A: Isso aqui tá lá nos parâmetros do curso:

“O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológica apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde. Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato: flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)”

A: Você acredita que o seu curso está te formando para essa proposta? Para esse projeto? Com todas essas habilidades, de todas essas coisas?

D: Eu acho que sim. Eu acho que vai muito do pessoal mesmo. De cada um ir em busca. Como você lida com aquilo que tá sendo preenchido com aquilo ali. Cada um tem uma maneira de receber o que é proposto e de seguir ou não. Mas eu acho que sim. Eu não acho que foge muito não. Talvez na prática não seja tão direto assim, mas a intenção a gente vê que ela existe nesse sentido.

A: Na prática que você fala é na prática dentro da universidade?

D: É. Dentro da universidade.

A: Há uma proposta, mas...

D: Há uma proposta, mas você vê que é relativo, porque varia de professor para professor. Tem uns professores que se voltam mais para isso, outros não. Ta certo então?

A: Só mais uma coisinha sobre o seu estágio. Que estágios você já fez? Só esse da clínica?

D: Só esse.

A: Não fez nenhum estágio extra-curricular não?

D: Não.

A: O que mudou na sua vida a partir desse estágio? Você ta no primeiro semestre do estágio.

D: Tô no primeiro. A experiência, porque sem a experiência... eu sou suspeita para falar, porque eu acho que a experiência é tudo. Você ta vivendo aquilo ali, aquele momento, amadurecendo, você ta aprendendo. Você tá errando e aprendendo com os erros. Eu considero o meu estágio como uma oportunidade única. Oportunidade que eu tenho. Não que eu esteja mexendo com cobaias, que eu possa ta errando, mas depois eu vou ter que dar a cara a tapa sozinha. Até então estou eu e a minha supervisora. Tem alguém pra dividir comigo os meus conflitos e tudo. Depois vou ser eu e eu. Então tem sido muito bacana. Uma experiência nova. Todo dia. Tem me ensinado demais. Naturalmente. Exigindo da questão teórica. Você pegar a teoria na prática. Muito além disso.

A: Você fez alguma atividade de inserção social durante o curso? Alguma outra?

D: Não.

A: Nesse caso, o seu estágio também é uma atividade de inserção social, porque é na Clínica Vida e atende a comunidade. Como você vê essa questão a questão do compromisso com demandas da sociedade?

D: É como eu te falei a questão do serviço voluntário. Eu acho que preciso. Se você pode, se você tem disponibilidade. Se você ta preparada pra isso. Assim como eu tem coisas que às vezes eu não tenho condições agora e eu sei que pessoas poderiam me ajudar, eu gostaria de ajudar, na medida do possível. E eu acho que é preciso porque infelizmente o mundo cada vez ta caminhando mais para essa diferença social critante assim. Então se não tiver pessoas que se preocupem com isso de ta ajudando o próximo mesmo. De amor mesmo para com o outro, sabe?! Porque o outro precisa do mesmo que eu posso oferecer. E também o que eu posso receber.

A: Tem mais alguma coisa que você queria complementar, falar?

D: Não.

A: É extensa, né?! O roteiro é extenso.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO: DIANA
CASO 36- PSI

Duração parcial: Aproximadamente 41 minutos

A: Alciane

D: DIANA

A: O que é ser jovem

D: É você ter uma clareza sobre quais são os seus objetivos, quem é você em primeiro lugar, o que você espera da sua vida, seus objetivos. E se sentir com o potencial de realização. Ou seja, aquela pessoa que não tem potencial, você de repente está em um momento de depressão, ela não está neste estado de... Não está nesse momento de jovialidade. Quer dizer, é... você está, não está mais... é... em vida. Eu acho que vida é uma realização. Necessariamente vida é realização.

A: Você é jovem?

D: Eu sou jovem. Eu to num momento muito jovem.

(Risos)

A: Por tudo isso que você falou em relação ao conceito de juventude?

D: É. Porque eu to em um momento de mudança. Mudança de profissão. Eu sou arquiteta. Momento de saúde. Eu to recuperando agora a minha saúde, onde passei por todo um tratamento, né?! Então agora eu to voltando a minha normalidade. Em todos os sentidos. Eu acho que eu to numa mudança geral.

A: Você teve problema de saúde?

D: Eu tive um problema de câncer de mama. Isso. Aí eu fiz um tratamento de quimioterapia. Terminei em abril. Inclusive durante o período eu tava fazendo faculdade. Então eu tava trabalhando em uma construtora, peguei auxílio doença em fevereiro. Acho que praticamente no outro dia eu já comecei, começaram as atividades aqui na faculdade. Foi em 18 de fevereiro. E desde então eu fiz o primeiro período e dei continuidade. Porque na verdade isso era um sonho muito antigo, mas o que promoveu a minha entrada, essa mudança foi justamente esse período que eu tive essa doença. Eu tive dificuldades. Porque o que acontecia? Eu já não estava em condições de trabalhar e não queria ficar parada. Aí foi o que me fez estudar.

A: Você formou tem quanto tempo em arquitetura?

D: Eu formei em 2001.

A: Você teve interesse em fazer outras formações? Você fez outras formações?

D: Não. Eu não fiz uma especialização, porque eu... O que acontecia, eu só me interessava por temas ligados à psicologia. Aí eu até cheguei a fazer uma especialização. Na verdade foi um curso, mas ligado à área de Psicologia e todos os outros, todas as possibilidades de arquitetura eu avaliava, avaliava, avaliava e por fim desistia. Eu fiquei sem estudar e inclusive eu vi que não foi uma opção boa pra mim. Mesmo agora que eu to fazendo essa mudança, eu acho que eu teria aproveitado mais esse tempo se eu tivesse feito uma especialização, se eu tivesse dado continuidade nos estudos depois de ter terminado arquitetura, porque você fica mais motivada quando você estuda. A sua cabeça, ela... Eu mesmo, agora que eu to voltando a

ter mais memória, a ter poder de interpretação, de fala, enfim, parece que tava tudo assim estagnado. Então você se transforma em uma outra pessoa quando está estudando. E sem falar na questão psicológica, emocional que ajuda bastante.

A: Por que você não... Psicologia era seu primeiro curso?

D: Não. Eu fiz Arquitetura. Na verdade eu fiz Edificações na antiga Escola Técnica, hoje é o CEFET. Então a Arquitetura na verdade foi uma continuidade daquilo que eu já tinha estudado.

A: Você não tinha tentado fazer Psicologia?

D: Não. Não tinha tentado. Aí eu fiz uma psicoterapia e me apaixonei. Achei muito interessante. Também sou espírita e dentro do espiritismo tem a busca pelo auto-conhecimento, que tem um pouco a ver com a Psicologia. Então eu fui tomando contato e ao mesmo tempo em que era via o espiritismo, eu também fiz terapia bastante tempo e acho muito interessante. Eu gosto de ajudar as pessoas. Então assim, a Psicologia o que que é? Uma ajuda mais especializada. Então eu gosto de ajudar as pessoas, de conversar.

A: Você trabalhou na construtora por quanto tempo?

D: Eu trabalhei na construtora um ano e meio.

A: E antes disso? Empregos anteriores.

D: Antes disso eu trabalhava como autônoma. Eu tive um escritório. Comecei quando eu terminei a faculdade, comecei em casa e depois aumentei. Trabalhei com duas sócias esse meio tempo devido as condições. Daí eu parti para o emprego na construtora porque eu já não tinha aquele projeto de manter um escritório, de ter essa saída profissional. Eu já queria realmente ter uma família.

A: Qual a profissão dos seus pais?

D: Professor e professora.

A: Você falou que mora com a sua mãe. E seu pai?

D: São separados.

A: São separados.

D: Já a bastante tempo.

A: Seu pai não trabalha mais. Você falou que ele é aposentado.

D: Meu pai ele não para um minuto, porque ele tem chácara. Aí ele inventa uma série de atividades para se manter ocupado.

A: Qual o nível de estudo dos seus pais?

D: Terceiro grau completo.

A: Sua mãe fez que curso?

D: Minha mãe primeiramente minha mãe fez o magistério e com essa nova lei tem que ter pedagogia aí ela passou por aquele processo em que as pessoas que não fizeram pedagogia tiveram. Então ela já estudou com mais idade e terminou o curso dela.

A: Seu pai?

D: Meu pai tinha feito o curso de Biologia e deu aula na federal.

A: Bom... você mora com a sua mãe. Tem mais alguém que ajuda no sustento da casa?

D: Na verdade o meu irmão do meio.

A: Seu irmão do meio.

D: Isso.

A: Ele trabalha?

D: Trabalha.

A: Ajuda?

D: Ajuda.

A: Você tá trabalhando como autônoma, né?!

D: No momento sim.

A: Você trabalha mais em casa? Ou tem um lugar específico onde você trabalha?

D: Não. Depois que eu... quando eu comecei a trabalhar em uma construtora eu montei um escritório para trabalhar em casa.

A: Onde você aprendeu a fazer o seu trabalho?

D: Aprendi na escola técnica, porque desde então eu estagiava. Durante todo o tempo da faculdade eu estagiei. Só parei no último ano por conta da monografia. Então... especialmente na prática.

A: Na prática. Você falou na sua prática na escola técnica e na sua prática na faculdade.

D: Na minha prática que se iniciou desde a escola técnica com os estágios.

A: Tá. O que você tem aprendido na universidade ajuda no seu trabalho. Hoje no curso de Psicologia, ajuda de alguma forma no seu trabalho?

D: É... eu tenho até algumas dificuldades, porque na faculdade e no curso que eu trabalho é muito contato com o computador. É um trabalho muito diferente do que o que seja a Psicologia. Na nossa faculdade nós não tivemos tanta teoria. A Psicologia é conteúdo demais, muito conteúdo. Até posso falar que lá é 50% suor, na questão do desenho, da criação. E até menos de teoria. Então eu acho que é o inverso. Eu tô numa adaptação ao curso de Psicologia. Eu acho que pode ser que o curso venha me auxiliar no sentido com os trabalhos.

A: Como que é o seu trabalho?

D: Muito contato com o computador.

A: Então exige o contato com novas tecnologias?

D: Exatamente. Quando eu busquei um emprego eu me deparei com a realidade que eu tava um pouco defasada. Desconhecia alguns programas de computadores que eles achavam essenciais, né?! Gosto do meu trabalho. Gosto muito de obra. Me sinto muito a vontade em obra. Até uns questionamentos que eu fiz aqui mesmo. Porque eu não fiz uma especialização de gestão em obras, porque eu gosto dessa área. Gosto do contato que eu tenho com o cliente, tá. E o que eu vejo de mais importante na Arquitetura é a possibilidade de você compreender efetivamente o que a pessoa deseja. Porque às vezes ela não sabe o que é. Então é de certa forma algo semelhante com terapia. Você tem que entrar nessa pessoa e captar tudo o que

está acontecendo. Porque com a experiência eu tive esse êxito de na primeira proposta eu já captar a essência do que a pessoa queria.

A: Você teve algum tipo de treinamento, ou só a questão do estágio, observando? Ou teve treinamento anterior?

D: É... Eu acho que a Faculdade de Arquitetura, ela é muito... apesar de nós termos muito a prática do desenho, ela deixou muito a desejar. O que que acontece?! Hoje, vou te colocar aqui um exemplo, se você pegar um projeto de outro profissional e fazer uma modificação nesse projeto, você pode ser processado e sua carreira ir por água a baixo. É... teve um cliente que me trouxe um projeto e me pediu que eu fizesse uma modificação e eu fiz totalmente inocente. E eu consegui me safar desse problema porque só existia fundação, não existia parede. E esse profissional já tinha processado outras pessoas. Quer dizer, esse profissional já vem com uma pré-disposição a prejudicar os outros.

A: Ele não deve fazer o que agrada ao cliente, pra ele ter que buscar um outro profissional.

D: Exatamente. Então isso pra mim tinha que ser aprendido dentro de faculdade. Porque faz parte...

A: Faz parte do código de ética.

D: Exatamente. A legislação, por exemplo, nós temos na faculdade. Se um cliente te perguntar: “Olha, eu quero aprovar um projeto”. Você vai falar: “Espera um minutinho que eu vou pesquisar”. Não. Isso não é postura de profissional formado. Isso tinha que ter aprendido dentro da faculdade. O que eu vejo assim de mais emergente é essa falta de vinculação que efetivamente você precisa fazer, postura que você deve ter como profissional para atuar dentro do mercado de trabalho.

A: E não é só lá não. Tem aqui também. A quanto tempo você trabalha? Você começou a trabalhar com que idade?

D: Eu comecei a trabalhar com 17.

A: Já dentro dessa área?!

D: Já estagiando como edificadora.

A: E como você arranjou esse trabalho?

D: Meu primeiro estágio foi por meio de uma parente que tem uma construtora. E eu fiquei um ano com eles. Inclusive o mais interessante é que uma obra, a construção de uma prisão. Bem interessante.

A: E os trabalhos posteriores? Na verdade mais na construtora. Como você conseguiu esse trabalho.

D: Bom, os estágios, todos os estágios foram através de indicações de amigos, os professores. Agora os trabalhos como autônoma, a menor parte através de conhecidos, a maior parte através de divulgação. Através de exposições. Inclusive nós tivemos até clientes onde nós pudemos trabalhar com indústrias, com edificação de grande porte, com obras verticais. Então foi bem interessante a nossa possibilidade de atração de clientes, né?! Foi diversificando bastante o nosso trabalho.

A: E na construtora?

D: Na construtora foi através de anúncio de jornal.

A: No jornal?

D: No jornal.

A: Você perdeu o emprego alguma vez? Estágio... Foi demitida do estágio?

D: Não. Eu realmente só me desligava quando era necessário. Quando eu tinha necessidade realmente de ou mudar de estágio, ou no caso do final do curso tive a necessidade de me dedicar mais à monografia. E a construtora tem toda essa problemática, né?!, que foi da minha licença e aí eu optei realmente por não voltar.

A: Você passou a trabalhar como estagiária. Por que razão você procurou esse estágio? Esse primeiro.

D: Porque era necessário para concluir meu curso da escola técnica.

A: Você fez esse curso profissionalizante de Edificações. Fez mais algum?

D: Não. Aí só o curso de Arquitetura.

A: Só o curso de Arquitetura.

D: Só.

A: Curso de informática, alguma coisa?

D: Fiz o curso básico de informática na época no Senai. Naquele que tem na Praça da Bíblia. Só cursos realmente de informática.

A: Como que é o seu trabalho hoje?

D: Hoje o meu trabalho está mais restrito a residências e a parte de decoração que é a arquitetura de interiores. Eu não tenho feito normalmente acompanhamento de obras. Inclusive é um trabalho que eu gostaria de fazer. Tenho feito novos contatos para retomar isso daí.

A: Sua carga horária?

D: Acredito que seja no máximo de 04 a 06 horas.

A: Diária.

D: Por dia.

A: Você trabalha em casa, né?! Quanto tempo... você trabalha em casa mesmo. Você recebe... quais são as suas despesas?

D: Atualmente eu não tenho despesa, porque eu trabalho na minha casa, mas quando éramos no escritório, tínhamos muitas despesas.

A: Você recebe de acordo com sua produção. Não tem carteira assinada, mas você contribui?

D: Tenho contribuído.

A: Como que era o relacionamento com seu chefe e outras pessoas do trabalho lá quando você estava na construtora? E também você pode trazer alguma experiência dos estágios.

D: Bom, com relação aos estágios acho que foram todas positivas. Eu acho que aprendi realmente a projetar. No meu último estágio com um arquiteto, ele tinha uma gama muito grande de variedades. Ele projetava desde faculdades até casas de campo. Aprendi bastante. Devo muito da minha formação a ele. Com relação a esse meu trabalho como turma. Eu vejo quanto interessante é você sempre aprende com um pessoa, a experiência que ela trouxe,

então é muito positiva. E nessa construtora eu entrei e me choquei um pouco com a questão do tempo, porque exige-se uma produção mais rápida. Por mais que você trabalhando como profissional também existe essa exigência, lógico não necessariamente através de um chefe, mas os próprios clientes. Ou seja, você tem vários chefes. Mas na construtora tem muita pressão, é muita pressão. E o que me chamou mais a atenção foi o desgaste nas relações porque vai se desgastando. Aquela pressão vai gerando conflitos. Gera muitas... muitas vezes as pessoas não são verdadeiras, sabe?! Elas agem realmente pra se preservar. E é isso que eu observei.

A: E como você considera o ambiente de trabalho na construtora? Nos lugares que você estagiou, como que é?

D: Nos lugares em que eu estagiei eu vejo que com todos havia grande respeito. Bastante consideração. Todos tinham essa consciência que eles precisavam e que estavam se aproveitando, tirando proveito não só da mão-de-obra em si. Em contrapartida, eles poderiam estar auxiliando aquele profissional. Agora, na construtora, eu faço o pronunciamento para que um dia possa melhorar. Com o tempo eles possam ter uma noção do que que seja... o quanto que a qualidade das relações ali dentro, o quanto que essa qualidade relacional pode melhorar a produtividade. Então você não tira uma produtividade de uma pessoa através de muita pressão. Você pode até tirar durante um determinado tempo até o momento em que essa pessoa literalmente adoce. Então existe uma concepção muito errada do que seja competência, do que seja o que se adequa ao que o mercado te exige, mas você não tem noção do que que isso indiretamente vai tirar de você, no aspecto, na questão da qualidade de vida e o que você é como ser humano.

A: O que você pensa em ser jovem e ser trabalhador? Você começou a trabalhar bem nova, né?!

D: É. Olha, eu gostaria de ter começado antes. Com certeza. Eu acho que trabalho só ajuda você. Pra mim, hoje eu vejo a questão da criança não poder trabalhar, mas eu acho que deveriam ser criados mais trabalhos de meio período para as pessoas começarem a partir dos 14, 16 anos. Estuda meio período e trabalha meio período. Não necessariamente o ano todo, acho que só vem a acrescentar. Lógico, desde que não seja um trabalho que tenha que venha explorar esse jovem. Ajuda no sentido de você ter mais responsabilidade, ter mais autonomia, de você compreender mais os seus pais, porque o jovem quando ele pede uma determinada quantia para o pai e às vezes o pai nega, ele se revolta, ele não entende que o pai suou muito para poder conseguir aquele montante, também a questão da colaboração para o jovem possa se sentir parte da família. Pode colaborar, pode auxiliar a família com alguma quantia, ainda que seja irrisória. Também dele se colocar no mercado de trabalho, porque não foi a minha experiência, mas acho que é você fazer o curso de quantos anos e entrar no mercado de trabalho com 23 ou mais, pra mim é quase impossível, é muito difícil. Então hoje eu acredito que eu poderia ter começado mais cedo, que eu poderia ter investido em estágios em empresas maiores, porque eu sempre trabalhei em pequenos escritórios. Poderia ter entrado em empresas. Poderia ter aproveitado melhor o meu tempo de faculdade, o meu relacionamento com os professores a nível de contato. Então existe uma preocupação muito grande com o conhecimento mental, de você se preparar para o vestibular, entrar numa boa faculdade, mas a vida não é isso. A vida lá fora ela exige muito mais que o preparo, um conhecimento mental.

A: Você teve que passar por algum teste para o emprego, para conseguir esse emprego?

D: Já.

A: Onde?

D: Inclusive com um psicólogo.

A: Como foi?

D: Ah, sempre você fica muito ansiosa, né?! Muito interessante que esse meu companheiro e ele sempre falava que é uma seleção para os dois lados. Isso tem que ajudar você a ficar mais tranqüila. Então você vai escolher um outro emprego. Não é só ele quem vai escolher, ou você. Você também vai escolher um outro emprego. Então é uma coisa da postura. Você aprende que quanto mais entrevistas você faz, melhor você fica.

A: Ele tinha formação em quê?

D: Ele tinha até então só a nível de segundo grau, depois que iniciou um curso de enfermagem. Ele inclusive já passou por várias empresas, trabalhou em vários lugares.

A: O que você sabe fazer em matéria de trabalho e com quem aprendeu?

D: Em termo de trabalho? Do meu, né?!

A: É.

D: Eu aprendi parte através da faculdade, parte através dos estágios, e também através das minhas colegas quando eu trabalhei como autônoma.

A: Então o que você sabe fazer ta dentro dessa área mesmo.

D: Totalmente dentro dessa área.

A: Você está satisfeita com o seu trabalho?

D: Atualmente eu gostaria de estar empregada.

A: Empregada, né?!

D: Empregada.

A: Nessa área, mas empregada.

D: Bom, eu adoraria se já pudesse estar estagiando em Psicologia, mas eu estou no segundo período e uma coisa que me preocupou é que eu quando entrei na faculdade de Arquitetura eu já trabalhava na área, mas na psicologia não é dessa forma.

A: Qual o sentido do trabalho pra você?!

D: Olha, durante esse período, especificamente nesse ano, o trabalho pra mim foi muito importante, porque mesmo no primeiro período que eu estava cursando o curso de psicologia, eu também estava trabalhando, e tinha um sentido assim de me sentir integrada com a realidade das pessoas que trabalham, que tem uma vida normal, então foi mais um elemento que me ajudou a fazer com que a minha vida fosse completamente normal nesse período. E também tem todo o sentido de você dar conta da sua vida, de se manter e poder manter alguém também. Então é essencial, absolutamente essencial.

A: Você acha que é pra isso que ele serve?

D: Acredito que pra isso e também pra você ser uma pessoa de saúde. Nesse semestre eu verifiquei que é uma causa de loucura. E isso realmente é. Você não ter condições de se manter, de manter a sua família, pode levar a uma neurose mesmo. É extremamente importante.

A: O que a sua família acha do seu trabalho?

D: Bom, minha mãe não teve condições de se formar. Só veio ter uma formação a nível de terceiro grau agora. Com certeza ela acha muito importante. O meu pai, eu acho que nunca concordou muito com o curso que eu fiz. Ele gostaria que eu tivesse feito engenharia porque, mas ele também valoriza o meu esforço de estudar e sempre estar no mercado de trabalho, ainda como autônomo.

A: Em relação à Psicologia, o que eles disseram?

D: Com certeza o meu pai não concordou, concordou menos ainda, e minha mãe ta totalmente, me apóia totalmente, completamente.

A: Que relação existe entre escola e trabalho pra você?

D: Escola, escola, universidade?

A: É... educação no sentido geral.

D: Educação é uma porta de entrada. É uma porta de entrada e no caso a gente... nós podemos atuar através da nossa educação. Eu acredito que existe, pelo menos no curso de Psicologia, existe estágio a partir do quinto período, acho que já tem essa visão do quanto a prática é importante especialmente dentro do ambiente acadêmico, porque se você... é justamente a fase em que você pode errar. Pode estabelecer vínculos com, vínculos mais fortes com um monte de pessoas, com os professores e justamente com aquela pessoa que pode te auxiliar. Então eu vejo que a educação ela ainda deixa um pouco a desejar na questão que eu falei acerca da educação no amadurecimento da pessoa de um modo geral, né?! Dentro da faculdade, por exemplo, foi uma coisa que eu percebi, na faculdade de arquitetura nós tivemos programação visual 0, depois foi a 1,2 e 3. Na zero nós tínhamos dinâmica de grupo, e eu achei que nós teríamos na Psicologia. Você tem na Arquitetura, quem dirá na Psicologia. Que é o momento onde você vai descontrair, você vai entrar em contato com as outras pessoas. Porque a Psicologia tem todo esse campo de você olhar, de você perceber o outro. E eu acredito e você pode até me confirmar que isso é uma coisa que vai exigir todo um treinamento, uma experiencição disso daí. Eu acredito que nós poderíamos perfeitamente iniciar desde o primeiro período, a partir das nossas próprias relações, não necessariamente com um paciente lá fora. Poderia ser feito aqui. Com o nosso próprio circulo de amizades.

A: Isso vai depender da disciplina e do professor. Com esse sistema de crédito dificulta o estabelecimento de relacionamentos. A formação do agrupamento é dificultado por isso. Mas tem determinados professores que fazem, tentam pelo menos fazer.

D: Sentem a necessidade.

A: Tem uma disciplina também optativa que é “Grupo centrado sobre si” que é só isso. É totalmente isso. Então você vai ver em alguns espaços. Eu também acho que devia ter mais. O que a gente tem ainda é pouco.

D: É verdade. Chegam algumas crianças aqui (risos) vem de fora e chega aí e quer colo. Seria o momento assim da gente começar a perceber coisas que estão fora da nossa realidade e podem chegar até nós dentro do consultório. Então fazer partir da nossa realidade é bem mais... como a gente não entrou em contato, a gente não pôde aproveitar.

A: O que você espera para o seu futuro profissional?

D: Muito sucesso, muito sucesso. Eu vou ter que me dedicar à Psicologia.

A: Seu curso vai ajudá-la no seu trabalho posterior?

D: Acho que ajuda porque o amadurecimento que você tem no decorrer do curso e no decorrer da sua vida como profissional.

A: O seu trabalho atual vai ajudar no seu futuro?

D: O meu trabalho atual já me auxiliou bastante, mas eu pretendo realmente agora ter algo mais interessante. Que seria realmente a estabilidade.

A: Por que a escolha do curso de Psicologia? Você falou que foi a terapia, a questão do espiritismo.

D: É... do auto conhecimento. Da terapia que fiz durante algum tempo. A escolha do curso de Psicologia na verdade eu já gostava a bastante tempo, representa uma terapia pra mim, desde o início, desde o primeiro semestre, e eu gosto muito de compreender as outras pessoas. Acho que eu tenho que aprender um pouco mais a ouvir, porque à vezes eu falo bastante, e principalmente no processo que você tem que desenvolver com você mesma, com as mudanças que você tem que fazer. Então é um curso que você se sente viva. Eu acho que eu não via isso dentro da área de Arquitetura. Eu não sei se foi porque se tornou uma rotina, porque qualquer profissão existe uma rotina. Mas por exemplo, quando eu chegava na faculdade e assistia a aula de Desenvolvimento da professora Vannúzia eu me sentia simplesmente viva. Eu acho que nunca me senti tão viva por toda a minha vida. Então vinha aquela convicção de estar assim, “Não. Foi isso que eu nasci pra fazer mesmo”, sabe?! Eu nasci para fazer coisa subjetivas e não concretas. Essa é realmente a minha programação.

(Risos)

A: Você percebe que vai sendo profissionalizada durante o curso?

D: Acredito e espero que sim.

A: Como?

D: Através da enorme variedade de vertentes, de abordagens, das experiências individuais de cada professor que entra em sala de aula. Eu acho que especialmente através dessa diversidade.

A: Como o currículo com suas disciplinas, propiciam conhecimento para o desempenho da sua profissão? Como que é essa articulação? Você está na grade nova e teve uma revisão pelo menos na questão do estágio agora mais cedo. Mexeram muito nas disciplinas. Você percebe que... como você percebe essa questão do currículo, com as disciplinas?

D: No primeiro e no segundo período tenho notado bastante coerência de que já entrou uma matéria agora, por exemplo, “Psicologia Social” que eu adorei. Bem em Psicologia mesmo, tem bastante embasamento. A matéria do Cláudio Ivan eu tenho gostado bastante pela visão que ele tem, a visão crítica, inclusive em relação a mercado de trabalho, papel do psicólogo. Então a gente percebe que existe toda uma introdução. Eu gostaria que já desde o primeiro período nós já tivéssemos matérias, por exemplo, a “Psicopatologia”, mas colocar uma pessoa de 17, 18 anos que de repente nunca teve contato. Eu gosto do tema, já leio a bastante tempo, já acompanhei pessoas, já tive contato com pessoa com tendência ao suicídio, com depressão mais acentuada. Já tenho uma certa vivência, né?! Mas então não colocando aqui a minha necessidade, eu acho que ta no tempo certo, ta acontecendo da maneira como.

A: O que você tem aprendido na universidade tem ajudado na sua relação com a profissão?

D: Sim.

A: Sim. O que você espera em relação ao curso que você está fazendo?

D: Eu espero que esse curso... com ele eu consiga desbravar caminhos num primeiro momento, né?! Depois eu consiga realmente desempenhar a profissão. Então ele a princípio é aquele que vai te introduzir numa nova realidade. Não é somente uma realidade a nível de conhecimento, mas na medida de relação. Enfim, o psicólogo não é só aquele que pensa, é aquele que olha, aquele que sente, que escuta. Então ele envolve todos os seus sentidos. Não pode ser apenas o psicólogo que analisa. Você tem que ter as suas emoções equilibradas, tem que saber enxergar. Então a profissão é muito interessante no sentido em que ele é... exige que você seja um homem integrado, que você veja o outro como um ser integrado. É muito bonito.

A: Como você faz para conciliar o trabalho e os estudos?

D: Olha, no segundo período eu achei que ia ter menos dificuldades, porque especificamente no meu caso, em agosto, setembro, eu estava um pouco fraca por causa da questão dos tratamentos e começou mais acelerado. Eu me choquei e deu, bateu aquele desespero. Tanto é que eu pude me dedicar mais às atividades profissionais depois que eu passei por esse espaço. Então eu consegui me dedicar mais lá em outubro, novembro, né?! Então tenho mais dificuldades, mas pela minha questão particular.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA PSI – NOME FICTÍCIO - EDUARDO

Data: 17-11- 2009

Entrevistadora: Teresa

Entrevista Eduardo

Teresa: Porque escolheu o curso?

E: Foi uma coisa bem antiga mesmo, já tinha feito teologia, estava quase terminando na UEG licenciatura informática, aí tranquei a licenciatura para vir para a psicologia, que era a área do meu desejo inicial, quando ganhei a bolsa de estudo isto foi possível. Como nos falamos aqui na universidade: não é você que escolheu a psicologia, foi ela que te escolheu.

Profissão dos pais: meus pais são técnicos da área de saúde meu pai é técnico de raio X e minha mãe técnica de enfermagem, na década de 90 saiu da enfermagem e foi para INSS.

Você trabalha?

E: Trabalho 8 horas por dia, com contrato e carteira assinada, de segunda a sábado, no Call Center da Brasil Telecon, na área de RH com treinamento de pessoas.

T: O que você aprende na universidade te ajuda no trabalho?

Demais, principalmente no processo de pensamento, interação social, fala, comportamento, reforço, todas as disciplinas colaboram de alguma forma, principalmente agora no final do curso, com psicologia do trabalho.

T: Em que você trabalha?

E: Entrei no Call Center 6 meses antes de começar psicologia, como a empresa da oportunidade para você subir, eu almejava era o RH, mas não sabia se iria conseguir. Mas a minha vontade mesmo é ou trabalhar com escolas ou ir para a comunidade.

T: Modificações a partir do curso?

E: As principais mudanças que ocorreu foi perceber o mundo com outros olhos, saber e entender alguns processos que eu nem sabia que existiam, capacidade de perceber as pessoas, acima de tudo ouvir as pessoas. A universidade como um todo me desenvolveu bastante.

T: Você fez estágios em que áreas:

E: Não obrigatório somente na empresa nessa área de RH, estágios voluntários em comunidades católicas., trabalhava com processo grupais, ensino música para o pessoal, e tento mediar alguns conflitos entre líderes e integrantes da comunidade. Agora vou entrar para o estagio obrigatório na área escolar.

T: Você percebe alguma ligação entre o trabalho e educação?

E: Principalmente quando eu trabalho com desenvolvimento de pessoas, é uma das poucas oportunidades que a gente tem para trabalhar a cultura das pessoas, tentar desenvolvê-la como um todo e não só ensinar um determinado procedimento, trabalhar a pessoa como um todo, a educação para mim é justamente isso.

T: Gosta de trabalhar?

E: Gostaria de trabalhar com qualquer faixa etária, mas eu penso que o mais importante é trabalhar com as crianças, para não ter que ficar, digamos assim, reestruturar os adultos, reelaborar os adultos, é mais importante a formação do que reformar.
Tenho dois filhos um de seis anos e outro recém-nascido, de 3 meses.

E: O corpo, educação e a formação para o trabalho estão totalmente ligados.

T: Fiz a leitura do Projeto político pedagógico e pedi para ele explicar se aquelas propostas estavam ocorrendo.

E: É complexo responder sobre isso. Eu penso que se a pessoa chega à universidade com essa visão de mundo ou parte dela ela consegue fazer com que esse projeto seja alcançado, o problema é que a maioria dos estudantes, não vou dizer a porcentagem, mas a maioria dos estudantes chegam a universidade.... aqui fala de linguagem , pensamento analítico, capacidade de ser crítico, raciocínio, liderança... a maioria das pessoas chegam a universidade sem essas características e saem daqui sem consegui-las. Penso que quem já chega com essas sementes pode desenvolvê-las aqui. Mas não acredito que a universidade faz esse plantio e isso possa brotar.

E: Aquele aluno que chega imaturo, que fica no oba-oba, que tem atitudes não profissionais. Tem pessoas do décimo período sem nenhuma postura profissional, isto é falta envolvimento, responsabilidade com o que vai desenvolver. Pessoas que entraram sem poder entrar e vão sair sem condição de exercer a profissão. Acredito que deveria ter avaliação para este curso no sentido de ver quem realmente tem condição de fazê-lo, ao modo da arquitetura, ou artes. Tem professores que possuem a preocupação de estar passando informação e conhecimentos, já outros só estão cumprindo a ementa, o conteúdo programático, somente isso. Estão fazendo valer o seu salário, sem se preocupar se aquilo está sendo aproveitado pelo estudante.

T: Obrigado

E: Não por isso

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO: ELIZABETH
Caso 02

Data da entrevista: 10/12/2008

Duração: 89 minutos e 26 segundos

A: Alciane

E: Elizabeth

A: Agora, dia 10 de dezembro entrevistando Elizabeth. Vamos lá. Primeiro a gente vai começar com a temática da juventude, porque os participantes da pesquisa da Professora Teresa são na maioria jovens. O que é ser jovem pra você?

E: O que é ser jovem? Ser jovem é estar num momento, tanto em relação ao seu corpo, como a sua mente, se é que se pode dizer assim, é... em pleno vigor. Assim, forte, em termos físicos mesmo, por exemplo, e com essa capacidade até cognitiva. Assim, no seu ápice, em pleno funcionamento. Acho que é isso.

A: Você é jovem?

E: Eu acho que sou relativamente jovem.

A: Relativamente? Porque relativamente?

E: Porque já, assim... Eu acho que... Eu to com trinta anos, então eu acho que...

A: As aparências enganam, mesmo. Você não parece ter trinta anos.

E: Então eu to com trinta e assim, eu acho que a gente ta, já to passando da juventude, numa idade assim... adulto, digamos assim.

A: Como você percebe o jovem de hoje?

E: Bom, eu percebo assim, que eles parecem mais rápidos com relação à informação, o aprendizado, a entrar na faculdade, essas coisas. E menos conservadores, eu acho. Bem menos conservadores, em relação a mim.

A: Você se acha conservadora?

E: Eu me acho conservadora.

A: E como que é isso? Você não tem aparência da questão da idade e trabalhando mais com pessoas mais jovens aqui da faculdade. Como que você trabalha isso aqui?

A: O que você mais gosta?

E: Mais gosto? Tem duas coisas que eu mais gosto: que é música e psicologia. São as duas coisas que eu amo demais.

A: Você trabalha com música?

E: Eu to estudando música. Fiz, comecei a fazer violino, mas tive que parar por causa da faculdade. Mas agora eu to fazendo percussão e canto e ta muito legal. E estudando psicologia que é uma coisa assim que eu gosto.

A: Onde você faz música?

E: Eu to fazendo com um pessoal que tem oficina de percussão, chamado "Cavalo de pau", um grupo. Os coordenadores dão aula de percussão e eu to fazendo com eles. E a gente tem

também um grupo de mulheres, de moças, e estamos cantando músicas populares e eu to fazendo aula com elas.

A: O que você menos gosta?

E: O que eu menos gosto é sofrimento. Sofrimento do ser humano. De forma geral, qualquer coisa que causa sofrimento a uma pessoa, acho que é muito triste, não gosto assim.

A: O que você gostaria de fazer, mas não consegue, ou não pode fazer?

E: Ah, eu gostaria de tocar violino, eu não consigo tocar o violino. Eu gostaria muito. No ano que vem, vou tentar voltar para o violino.

A: A questão da impossibilidade é ligada ao curso de Psicologia?

E: Isso também. Com relação à Psicologia e também pelo instrumento. Eu não tenho o instrumento. Eu estudava num instrumento emprestado e não é um instrumento barato. E agora eu não tenho como comprar.

A: O que você gostaria de ter e não consegue ter, ou não pode ter?

E: A gente acabou de falar do violino. O violino.

A: Você ganha seu dinheiro?

E: Ganho

A: Como?

E: Eu faço artesanato. Faço bijuteria. E também a gente tá começando a fazer no grupo de música e a gente tá começando a fazer algumas aparições e aí, às vezes rola um cachê, às vezes não, porque é de um amigo que cuida.

A: Como você gasta seu dinheiro?

E: Como eu gasto? Eu gasto com alimentação, com xerox, com transporte. Tudo assim, voltado para a faculdade. Com isso.

A: Você tem acesso às novas tecnologias: celular, ipode, internet, mp3, mp4, computador?

E: Tenho, mas elas são restritas: ipod eu não tenho; tenho computador em casa, mas não tenho internet, então internet eu uso na faculdade; celular eu tenho também.

A: Qual a importância dessas novas tecnologias pra você?

E: Olha, celular, internet, computador, tudo isso facilita a vida da gente. No sentido de quê assim, alguma coisa que aconteceu com algum parente seu, ou algum trabalho que você tenha que fazer, e não dá certo, tal, de comunicação mesmo. A internet também facilita os trabalhos da faculdade, você imprime, muitas vezes digita e nem precisa imprimir, você manda direto para o professor. Acho que nesse sentido, de pesquisa, se bem que eu não tenho internet e prefiro os livros, mas pra trabalhos acadêmicos é bem melhor digitar.

A: Por que a preferência pelos livros?

E: Olha, eu acho que os livros, não sei se é porque são mais palpáveis, a gente pode pegar. E também porque na internet você encontra muitas coisas que assim, as pessoas escrevem, mas que não tem nenhum embasamento científico, teórico, apesar do que alguns livros não merecem crédito, mas assim, eu acho que eles são mais confiáveis do que muito conteúdo que tem na internet. É bem mais fácil publicar internet do que publicar um livro, fazer a triagem, essas coisas todas.

A: Onde as pessoas da sua idade costumam ir?

E: Uai, é... Você fala em relação a divertimento, ou...

A: Tanto a noite, como durante o dia. Mais em relação a lazer mesmo, com relação a divertimento. Porque mais os lugares do cotidiano são trabalho, faculdade. Mais assim, lugares para sair mesmo, diversão.

E: Ah, a gente costuma ir em barzinhos. Eu mesmo costumo ir em barzinhos, shows, boates, mais que não estejam, não sejam tão badaladas. Essa coisa assim de ta lotado de gente, mas lugares mais tranquilos, assim.

A: Você gosta mais de lugares alternativos?

E: Sim.

A: Você participa de algum grupo específico? Você falou do grupo de mulheres?

E: É.

A: Tem mais algum?

E: Tem. Tem o bloco “Cavalo de pau”, tem o grupo de pesquisa daqui da faculdade, tem o grupo de estudo que é numa outra vertente, mas que é daqui também da faculdade aqui.

A: Qual é a vertente?

E: Teoria Crítica.

A: Quais lugares em Goiânia você frequenta? Você falou dos barzinhos?

E: Olha, eu gosto do “Alternativo”. Os nomes mesmo?

A: Sim.

E: O “Alternativo”, que é um barzinho que tem show direto. Tem o “Bar do Cuca”, tem o “Bar da Tia”, aqui na praça. Tem o “Bolshoy”, que é um lugar que eu acho legal também. Geralmente são esses lugares. Quando tem algum show no DCE, no Jaó. Alguma coisa assim.

A: Esses são os lugares que você considera mais interessantes?

E: Sim. São lugares que eu considero.

A: Por que? Tem alguns aspectos?

E: Tem. Tem a música que eu gosto. Que é o tipo de música que eu gosto geralmente passam nesses lugares. Música popular, ou rock, blues que são os tipos que eu mais gosto.

A: Você tem planos pro futuro.

E: Vários. É o que eu tenho.

(Risos)

A: É o que você possui, Poliana?

E: Só plano. São vários. Então, eu quero fazer um trabalho que eu possa juntar assim, Psicologia com a Música, sabe?! Eu tenho um projeto mais ou menos. Por enquanto está só assim na minha cabeça. Já conversei com algumas pessoas dessa possibilidade sabe, de ta num projeto assim, com crianças, adolescentes. Psicologia e Música.

A: Uma alternativa é a Escola de Circo.

E: É lá mesmo, na Escola de Circo. Vou fazer o estágio lá.

A: Eu fiz meu estágio lá. Coisas boas e ruins que acontecem na sociedade hoje?

E: Coisas boas e ruins... Eu vou começar pelas ruins. Então, eu acho que assim, coisas ruins que acontecem é... As pessoas não refletem sobre a violência que estamos vivendo. Não refletem no sentido de não pensarem como que a gente chegou a esse ponto e simplesmente querer infringir o sofrimento no outro: “Ah, o cara atropelou uma criança, arrastou não sei quantos metros presa pelo cinto, lá”. Mas ninguém pensa o que fez esse cara fazer isso. Então querem simplesmente matar o cara: “Esse cara merece morrer”. Então a gente tem que pensar que alguma coisa fez com que essa pessoa fizesse isso, sabe?! Ele nem viu a criança pendurada.

A: E na hora, o estado de, da emoção.

E: Acho que isso é falta de reflexão sobre a nossa realidade mesmo. E a passividade das pessoas também. Isso, a falta de reflexão gera nas pessoas. E coisas boas, eu acho que tem pessoas, existem pessoas preocupadas com isso. Que estão trabalhando para que isso melhore, existem projetos, que as pessoas tenham a possibilidade de ter uma vida melhor mesmo, com menos pobreza, menos sofrimento.

A: Qual a saída que você vê pro jovem hoje?

E: Saída? Eu não sei se eu vejo, sabe?! Eu sou um pouco pessimista nesse sentido. Mas eu acho que a gente tem possibilidade de melhorar, sabe?! Eu não sei como ainda. Eu acho que é um processo que a gente tem que ir construindo, mas eu acho que a gente tem possibilidade de melhorar.

A: Você já trabalhou?

E: Já.

A: Hoje você trabalha ainda. Faz seus artesanatos. Então agora a gente vai mudar um pouco de temática e vamos para a questão do trabalho. Qual a profissão dos seus pais?

E: Meu pai é vendedor, a minha mãe é, eu não sei o nome direitinho da profissão, mas ela trabalha numa fábrica, que é uma multinacional e aí, ela tá na linha de produção.

A: Seu pai, você falou que ele é vendedor. Do quê?

E: Ele vende purificador de ar, ar condicionado também. Essas coisas.

A: Qual o nível de estudo deles?

E: Meu pai tem o primeiro grau completo e minha mãe o segundo grau completo.

A: Tem outras pessoas na sua casa que trabalham? Você mora com eles?

E: Eu moro com meu pai e meus irmãos. Aí meus irmãos trabalham também. Meu irmão é cortador numa fábrica de sandálias. Corta o couro. E a minha irmã, ela trabalha na faculdade, lá na federal. É trabalho, né?! Ela terminou o curso e tá no mestrado e tem bolsa lá.

A: São mais velhos, mais novos?

E: Mais novos os dois. Sou a mais velha.

A: Sua irmã faz o mestrado e seu irmão?

E: Meu irmão terminou o segundo grau.

A: É casada, solteira?

E: Solteira.

A: Você faz algum trabalho voluntário?

E: Tem o da pesquisa.

A: É voluntário? Você não tem bolsa?

E: Não. E vou fazer e já fiz, de monitoria também.

A: Então você trabalha com artesanato. Onde você aprendeu a fazer esse trabalho?

E: Sozinha. Foi assim, olhando as outras pessoas e eu sempre gostei muito, então eu comprava e às vezes estragava e eu mesma ia lá, montava e desmontava e fazia diferente. Aí comecei a criar algumas coisas.

A: Onde você comercializa as suas bijuterias?

E: Aqui na faculdade. Com os amigos. Onde eu to assim.

A: Você carrega junto.

E: Na maioria das vezes sim.

A: O que você tem aprendido na universidade ajuda no seu trabalho? De alguma forma?

E: Ajuda. Psicologia sempre ajuda em tudo, ne?! Me ajuda no sentido de prestar atenção naquilo que chamou a atenção da cliente, no caso. E aí, você fica mais atenta, você percebe o olhar dela, o gesto que ela faz, que gostou. Daí você já vai lá e coloca no pescoço dela, põe o brinco, põe no braço.

A: Seu trabalho... Você acha que exige algum grau de escolaridade? Como que é?

E: Não, porque é um trabalho artesanal, totalmente manual.

A: Você acha que exige algum conhecimento em relação às novas tecnologias?

E: Também não. Porque o material que eu utilizo não tem nada a ver com isso.

A: Mas de certa forma às vezes tem, ne?! A questão da produção do material, ne?! Talvez não na sua montagem, mas na produção daquele material, pra fazer as miçangas.

E: É. Pode ser nesse sentido. Alguma base.

A: Agora que eu pensei. Então você não teve nenhum treinamento em relação ao seu trabalho. Você foi fazendo sozinha. Há quanto tempo você está trabalhando no artesanato?

E: Tem uns três anos.

A: Como você começou?

E: Ah, foi desse jeito assim, que eu te falei, sabe?! Foi uma coisa assim que eu tava estudando já, tava na faculdade, daí tava trabalhando na época, aí saí do emprego. Daí assim, começou, começaram a passar por dificuldades financeiras, porque meu pai como vende, tem mês que ele vende muito bem, tem mês que não. Aí não dava pra eu ajudar. Daí eu comecei a fazer isso, essas coisas assim. Primeiro eu fazia pra mim, sabe?! Que eu gostava. Daí eu sempre presenteava uma amiga, daí falava, "Por que você não vende?". Daí como eu tinha saído do emprego eu comecei: Ah, vou fazer pra vender pra ver se rolava uma grana, aí comecei a rolar uma grana, de boa.

A: Você teve outros empregos antes? Você falou que tinha tido um outro emprego?

E: Ahram.

A: Em quê?

E: Eu trabalhava numa... era uma pequena empresa de portão eletrônico (eu não sei como é o nome do ramo), mas é de portão eletrônico, fechadura eletrônica, portão eletrônico, cerca elétrica, essas coisas. Aí eu trabalhava lá, ne?! E antes disso eu trabalhei numa confecção de roupas. Eu era costureira lá. E por isso eu hoje costuro, faço alguma coisa no tecido.

A: Você falou desse emprego anterior. Você trabalhava com o quê?

E: Então, fazia de tudo um pouco. Era secretária, arrumava até controle de portão eletrônico, eu arrumava, limpeza geral também eu fazia.

A: Quando você trabalhava era mais “faz tudo”.

E: É porque numa pequena empresa, numa loja. Aí a dona trabalhava com as vendas. A parte de vendas e administrativo ela cuidava. E aí eu ficava com outras coisas: atender telefone, agendar visita, de repente arrumar algum controle de algum cliente que aparecia lá na loja; fazer alguma venda; lavar as vasilhas; lavar o banheiro; lavar banheiro.

A: E você falou que trabalhou como costureira também.

E: Costureira em uma confecção.

A: Com quanto tempo, você começou a trabalhar com qual idade?

E: Eu acho que tinha uns dezesseis pra dezessete. Eu não lembro direito.

A: Foi essa como costureira, ou...

E: Não. Era como pró-jovem. Na época erapró-jovem, não era pró-cerrado. Aí eu trabalhei na secretaria de agricultura do estado. Era um emprego de seis horas. É no mesmo modelo de hoje. A gente trabalhava um período e ficava o restante disponível para estudar. Aí eu trabalhava e estudava. Aí depois que eu saí de lá fui trabalhar em um supermercado. Trabalhei como recepcionista. Passei pelo caixa também. Passei pelo cadastro de clientes. Então é isso o trajeto.

A: Aí depois você foi para a confecção...

E: E depois para essa loja.

A: Você perdeu o emprego alguma vez? Foi despedida, alguma coisa assim?

E: Uma vez só. Nas outras vezes eu saí.

A: Qual foi deles?

E: Foi quando eu trabalhei no supermercado. E tava muito difícil. A gente que trabalhava em supermercado tinha uma carga muito pesada. Trabalhava de segunda a segunda. Por lei você tem que ter folga durante a semana, mas na prática a gente sabe que não é assim que funciona. Aí começou a ficar muito difícil, porque também eu tava estudando. Eu sempre estudei e trabalhei. Com exceção de um período que eu deixei de estudar, até por isso eu entrei tarde na faculdade, sabe?! Eu já tinha terminado o segundo grau e fiquei sem estudar. Mas nessa época do supermercado eu tava trabalhando e estudando, fazendo o segundo grau. Aí tava muito difícil. Eu tava muito cansada. Aí eu acabei matando serviço no dia que não podia matar. Mas foi de propósito pra eles me mandar embora, porque eu já queria sair de lá porque eu tava muito cansada.

A: Você já fez cursos profissionalizantes?

E: Não. Curso de digitação, de computação, essas coisas?

A: Pode ser.

E: Então eu fiz básico de informática. E teve também o segundo grau técnico em patologia. É Técnico em laboratório. Hoje não existe mais esse nome.

A: Onde foi? Em que instituição você fez esse curso?

E: Esse era um segundo grau técnico. Então foi num colégio no Jardim América. Lá no José de Assis.

A: Como é seu trabalho hoje? Carga horária? Como que você disponibiliza pra ta fazendo as suas bijuterias, trabalhando?

E: Então, meu trabalho eu acho que é um pouco mais lento, assim. Porque se for comparar de outras, com outras indústrias. Eu tiro algumas horas por dia, tipo três, quatro horas por dia pra fazer isso. Às vezes é até depois que eu vim pra cá, aí é à noite. Eu chego em casa e vou mexer em alguma coisa. Então é assim meio esporádico. Às vezes eu fico o dia inteiro se eu não tiver muito trabalho da faculdade pra fazer, eu fico o dia inteiro fazendo. Quando eu to de férias por exemplo, eu fico uma parte da manhã, aí eu almoço, daí à tarde eu monto.

A: Você acha que você recebe de acordo com a sua produção?

E: Acho que sim.

A: No artesanato isso fica bem claro.

E: É.

A: É você mesmo que comercializa, que vende...

E: É.

A: Então você não tem carteira assinada.

E: Não.

A: Mas nos outros trabalhos você tinha?

E: Tinha, com exceção da loja de equipamentos eletrônicos, nos outros lugares eu tive.

A: Como que era o relacionamento com a chefia, com as outras pessoas nesses empregos que você teve anteriormente?

E: Era tranqüilo. Eu sempre fui um pouco reservada, até tímida muitas vezes. Mas era bem tranqüilo. Nunca tive reclamação de ninguém, de nenhum deles. Nunca me chamaram a atenção. Sempre cheguei no horário. Era bem tranquilo assim. Eles até confiavam em mim. Muitos deles confiavam em mim a ponto de falar: “Não, você vai ficar no caixa, porque caixa você lida com dinheiro”. Na confecção também você trabalha com peças de roupa e ali tinha muita gente que fazia de muita coisa que não era certo. Muita *maracutáia*. Mas sempre foi uma relação muito boa.

A: Como que é o ambiente do seu trabalho? Tem um lugar que você reserva só para sua produção? Que é na sua casa, no caso. Como que é o ambiente? A sua família... Alguém interfere? Como que é o cenário?

E: Olha, eu tenho um cantinho lá no meu quarto mesmo, que tem uma mesa pequena, ne?! É... Tem uns retalhos que eu trabalho. Tem as peças que eu faço as montagens. O espaço físico é esse. Eu tenho o meu lugar. E às vezes meu pai dá opinião. Minha irmã também, alguma peça que ela gostou, que ela não gostou. Meu irmão também. Fala: “Nossa, é legal”; “Esse aqui não ta tão bom”.

(Tivemos que mudar de sala)

A: Você estava falando da interferência da sua família na questão do seu trabalho. Mais no sentido de sugerir alguma coisa.

E: É. Às vezes também meu pai diz que eu podia ter uma banca em uma feira, sabe?! Alguma coisa assim. Expandir mesmo. Aí às vezes eu fico pensando, até penso nessa possibilidade, mas aí eu não sei se é uma coisa assim que eu gostaria de trabalhar e de viver disso. É uma coisa assim. É um *hobby* mesmo pra mim. É uma forma, enquanto eu não to formada, não to ganhando dinheiro com a Psicologia e com a música também, é uma forma de ganhar uma graninha. A necessidade... É muito difícil.

(Pequena parte impossível de se entender por não dar para escutar)

A: É muito difícil. Bem difícil. O que você pensa de ser jovem e ser trabalhadora?

E: Olha, é... Ao mesmo tempo que é uma experiência boa, ela é um pouco difícil, porque assim, trabalhar e estudar não é uma coisa fácil. Tem que ter muita disposição. E assim, tentar ter vontade mesmo de estudar e de trabalhar também, porque é muito cansativo, muito cansativo mesmo. Eu acho que se todo mundo pudesse se dedicar um período aos estudos e pudesse ter uma ajuda dos pais, ou sei lá de quem fosse, mas ao mesmo tempo é uma experiência muito boa, porque ter sua grana é muito bom. Eu comecei a trabalhar e já comprava as minhas coisas. Eu fiquei pouco tempo sem trabalhar de um intervalo para o outro. Ficava pouco tempo sem trabalhar. O tempo que eu ficava arrumava alguma coisa pra ganhar dinheiro. É uma responsabilidade que eu acho que é até bom. Que é bom. Que é benéfico pra qualquer pessoa.

A: Você já teve que passar por algum teste para emprego?

E: Já.

A: Como foi?

E: Foi no supermercado, né?! Como foi assim passar pela prova, essas coisas? Olha, eu não gosto muito de ser avaliada, principalmente quando eu sei que serei avaliada, que foi o caso assim. Eu fico um pouco. Eu não fico muito a vontade. Mas era uma situação que eu tinha que passar, eu procurei ser o mais transparente possível. Pelo menos tentar, nos testes, na entrevista.

A: Quais foram os testes? Você lembra? Eram testes com psicólogos?

E: Foi com psicólogo, foi uma dinâmica de grupo. Foi um grafológico e uma entrevista.

A: O que você sabe fazer em matéria de trabalho? E com quem aprendeu?

E: O que eu sei fazer?

A: É.

E: Tem o artesanato que é praticamente assim o que eu aprendi só observando outras pessoas fazendo. A costura que eu aprendi fazendo mesmo, lá na confecção. E pra entrar lá como costureira, aliás, eu não entrei como costureira, eu entrei como auxiliar de costura, acho que foi isso. Aí depois de alguns meses, como a dona tinha gostado de mim, e tal, ela me colocou na máquina. Eu falei pra ela que não sabia costurar nada, que nunca tinha mexido. Aí ela: "Não, vamos aprender". E geralmente ela não fazia isso com as outras pessoas, ela colocava quem sabia, ela não ensinava. E aí ela me colocou lá na máquina. Aí foi que eu comecei a costurar, mexer, costurando. Foi meio assim, prático mesmo. No supermercado, lá no caixa, a gente teve um período de aprendizado pra a mexer na máquina. Que era um computador. Lá quando eu tava na recepção do supermercado eu fui aprendendo fazendo, passando cartão,

recebendo ligação, marcando um treco lá, que tinha. E no cadastro também foi meio assim, sabe?! As pessoas que chegavam para fazer um cadastro, pra comprar a prazo, precisavam ter um cadastro. Aí as pessoas chegavam e preenchiam o cadastro. SPC, Serasa, essas coisas. Daí aprendi com um rapaz que trabalhava lá no cadastro também. Aí ele ficava de manhã e eu ia ficar à tarde. E aí eu fui pra lá de manhã pra ver como fazia, pra poder ficar sozinha à tarde. Até a menina que tava lá sair. Foi assim.

A: Teve muito treinamento, não era na...

E: É. Na tora.

(Risos)

A: Você ta satisfeita com o seu trabalho hoje?

E: Tô.

A: Por que?

E: Ah, eu acho que além de ser uma coisa que eu gosto de fazer, ainda dá pra tirar uma grana, né?! Muita gente gosta do meu trabalho. Acho que isso é recompensa.

A: Se vê no trabalho, né?! Participar de todas as etapas. É bem legal.

E: E é bom também, porque fica a minha cara.

A: Qual o sentido do trabalho pra você?

E: Não sei se vou saber responder. Eu acho que o trabalho é importante pra mim enquanto ter uma, não só pra ocupar o tempo ocioso, mas também pra ganhar dinheiro. E também porque a gente aprende muita coisa. Eu aprendo muita coisa às vezes quando ta vendendo, conversando com alguém que eu nunca nem vi na vida. As coisas que ela fala, discutindo. E às vezes até aprendo com algumas outras formas de fazer, de fazer diferente. Dá muitas outras idéias pra você conversar com as pessoas. Interagir mesmo. Dá várias possibilidades de conhecer novas pessoas, interagir com outras pessoas. O trabalho possibilita isso.

A: Você acha que é pra isso que ele serve? O sentido e esse “pra que serve” ta relacionado?

E: Eu acho que sim. Acho os dois estão relacionados.

A: O que a sua família diz do seu trabalho?

E: Meu pai gosta. Diz bem. Só diz que eu poderia fazer mais coisas.

A: Expandir a produção, como você disse.

E: Ampliar, tipo como ele falou da feira.

A: Sua renda ajuda a sua família?

E: Olha, ela ajuda minha família no sentido de que ela me ajuda.

A: Ajuda a sua família a não ter que te ajudar, né?!

E: É. Nesse sentido assim. Porque por ta estudando então, por não ter dias e horários certinhos, por ser muito flexível pra mim, eu acho que é por aí.

A: Que relação existe entre escola e trabalho pra você?

E: Eu acho que pode haver relação, assim como também não, sabe?! A gente pode trabalhar numa coisa que estudou, que por exemplo, numa faculdade, você pode trabalhar com a Psicologia, ou pode trabalhar com Música, ou não. Você pode estudar uma coisa que você

goste de estudar, mas não necessariamente você tem que trabalhar com isso. Eu acho que pode ter e pode não ter relação. A gente não precisa. Por que assim, o discurso de hoje é que a gente tem que estudar pra ter uma vida melhor pra ganhar dinheiro. Eu não acho que a gente tem que estudar pra ganhar dinheiro. A gente tem que estudar porque a gente gosta de estudar, porque a gente quer estudar. A gente gosta de ler, ou mesmo que não seja ler algum livro, ou uma coisa, matemática, sei lá, na área de exatas. Mas mesmo assim, passa pela leitura também. Eu acho que a gente tem que estudar porque é uma coisa que a gente gosta de fazer. Porque é bom ter conhecimento e não porque a gente tem que estudar pra ganhar dinheiro, ou pra trabalhar. O curso técnico tem muito disso: você estuda pra ter um emprego, né?! Educação voltada para o mercado de trabalho. Tem uma propaganda assim: “Garanta a sua vaga no mercado de trabalho. Faça seu curso superior não sei onde”. Eu acho que não tem que ser assim, não. Bacana seria assim, você juntar com o que você gosta e se puder ganhar dinheiro, isso é ótimo.

A: O que você espera do seu futuro profissional?

E: O que eu espero? Ai... eu espero que ele seja bom. Eu espero trabalhar, fazer um bom trabalho com as crianças, adolescentes. Eu espero... Eu não sei se coordenar alguma coisa nesse sentido, algum trabalho...

A: Um projeto.

E: É. Mas assim, os planos que eu tenho são isso. O que eu espero é isso. Alcançar isso.

A: Seu curso vai te ajudar no trabalho?

E: No trabalho?! Vai.

A: O seu trabalho atual vai ajudar no seu futuro?

E: Pode ser, porque eu vejo como possibilidade também de tá trabalhando com artesanato. Em comunidades. Uma coisa assim que dá. Eu até já conversei com a Ivana. E aí possibilidades de ensinar a outras pessoas a fazer artesanato, de até eu mesmo aprimorar o artesanato e poder ensinar outras pessoas. Porque o trabalho que eu penso mais social/comunitário.

A: Você já trabalhou com a sua família?

E: Não. Parente, assim?

A: Aqueles trabalhos com parentes, família?

E: Não.

A: Por que você escolheu o curso de Psicologia?

E: Psicologia é uma coisa que eu venho pensando desde muito cedo. Que eu me lembre, desde os meus treze, quatorze anos eu já pensava em estudar Psicologia. E antes disso, eu não lembro de falar numa outra coisa, sabe?! Não lembro assim: quero ser ou enfermeiro, ou médico. Sei lá o quê. Eu sempre pensei em fazer Psicologia mesmo.

A: Você percebe que vai sendo profissionalizada durante o curso?

E: Ah sim, com algumas... principalmente quando a gente vai pra campo. A gente aprende. É muito bom. Acho que se a gente pudesse ter mais disciplinas que fossem pra campo. A nova grade tem esse cuidado. Mas assim, a nossa, a minha, deixou isso muito a desejar. Mesmo quando a gente tá de sala, alguns trabalho que a gente faz, os seminários. Eu cheguei aqui na faculdade, no primeiro período pra apresentar seminário era a coisa mais complicada, hoje não, tenho mais facilidade de fazer isso. E eu tenho certeza que quando eu for trabalhar com

algum grupo, ou alguma coisa nesse sentido, não vou ter tanta dificuldade mais. Eu acho que nesse sentido.

A: Como o currículo, com suas disciplinas, possibilita o conhecimento para o desempenho da sua profissão?

E: Não entendi a pergunta.

A: O currículo com aquelas disciplinas todas, propiciam o conhecimento para o desempenho da profissão de psicólogo? Se tem articulação, se não tem, se eles estão dentro da profissão, como você vê isso?

E: Olha, eu acho que é isso aí, acho que tem uma lógica nisso. Eu acho que tem. Eu não sei te responder direito essa pergunta, não sei se eu entendi, mas eu acho que tem.

A: Você consegue ver a disciplinas, porque quando a gente entra na faculdade são as disciplinas, você só tem as disciplinas. Você percebe que as disciplinas do jeito que elas estão, elas favorecem a profissionalização, tem uma lógica nisso, na organização, na forma como elas são oferecidas, essa questão das optativas?

E: Eu acho que poderia ser melhor, principalmente com relação à Universidade Católica. Eu acho que tem muitas disciplinas, principalmente no começo, de uma determinada vertente, principalmente, principalmente não, da psicologia, e de repente isso acaba sendo, sei lá, fazendo com que as pessoas optem mais por uma determinada área da psicologia, que hoje está bastante voltada para a clínica. Acho que hoje isso pode ser melhor, pode ser bem melhor, essa distribuição das disciplinas.

A: O que você tem aprendido na universidade tem ajudado na relação com a profissão de psicólogo?

E: Tem. Principalmente agora que eu fiz ética, tinham dois professores na sala e foram professores que me ensinaram muito de ter mesmo responsabilidade e compromisso, sabe. Que era uma coisa assim que eu já tinha assim, sabe, mas que ficou, principalmente nesse momento do curso, teve muito impacto pra mim, e eu comecei a ter assim, maior consciência, não que eu não tivesse antes. Mas que acrescentou muito pra mim. E também foi até uma fala de um professor nosso que ética começa aqui na faculdade, mesmo antes, não é depois que você formar que você vai ter ética. É na hora da aula, nos trabalhos.

A: Na hora de fazer os trabalhos.

E: De fazer os trabalhos. É isso assim.

A: Sem dúvida. O que você espera em relação ao curso que você ta fazendo?

E: Eu espero... Não sei. Acho que não sei responder essa pergunta não. Eu quero que ela... Ela já me ajuda tanto assim, sabe?! A compreender melhor eu mesma, meus processos, meus questionamentos, como eu estou funcionando. Eu espero que me ajude assim a ir pra campo e ter um olhar diferente para as coisas. Um olhar diferente pras pessoas, pra tudo delas, pra realidade delas, o que elas são.

A: Como você concilia o trabalho, o artesanato... Eu lembro que você falou no início em relação sobre os horários, a prioridade pareceu ser a graduação para depois os horários em que você vai fazer os trabalhos, aí você se dedica pra essa sua atividade remunerada.

E: É. A prioridade é a faculdade mesmo. Mas embora ela seja, ela venha em primeiro lugar, eu também como não tenho uma remuneração por isso (aliás, eu só faço gastar dinheiro com isso), eu tenho que ganhar uma grana pra sobreviver. Eu tenho que fazer um biquinho mesmo.

Daí tem dia que eu trabalho duas, três horas, tem dia em que eu fico o dia inteiro. Então isso varia de acordo com a necessidade que eu tenho. De repente assim, eu to precisando muito de uma coisa e... por exemplo, agora eu to juntando uma grana pra poder comprar um instrumento que é caro. Então assim, apesar de não ter o mesmo horário na faculdade de na maioria das vezes, eu venho pra cá de manhã e só ir embora à noite, então eu fico o dia inteiro aqui, eu chego em casa e vou fazer alguma coisa, sabe?! Vou montar um brinco, algum colar, costurar alguma coisa pra poder render. Então eu fico até um pouco mais tarde, o que é bem cansativo também, mas que é assim, acho que tem valido a pena. Não que o sofrimento seja bom, mas...

A: Que perspectivas você percebe com relação ao trabalho depois da faculdade?

E: Ah eu não sei se consigo perceber alguma perspectiva, sabe?! Eu acho que ainda mais agora no final do semestre. Então eu espero muito no ano que vem. Eu criei uma expectativa muito grande em relação ao ano que vem que é o ano que eu vou para o estágio. Acho que é isso.

A: Agora a gente vai mudar de temática de novo. Vamos lá pra questão do corpo. Se descreve pra mim: sua forma de pensar, de vestir assim, seu estilo. O estilo da Poliana.

E: Ai. Vou começar com a parte física. Sou uma pessoa magra, baixa, cabelo enrolado, preto. É... reflexiva. Às vezes até demais. É... Reservada. Gosto muito de música. Ouço muito bem, vejo muito bem. Pra vestir, sou assim: simples, não uso muitas coisas. Até o artesanato que eu faço, bijuteria, essas coisas eu muitas vezes nem uso. Acho que é isso assim. Simples mesmo, sabe?!. Despojada. Você vê que eu vou pra aula de chinelo, de camiseta, mochila. Do tipo prático. Eu acho mais prático, eu gosto de coisas práticas, principalmente com relação a vestir. Visto muito calça jeans, porque você pode sentar no chão, cruzar as pernas na cadeira de qualquer jeito. Fica de boa. É mais confortável.

A: Você gosta do próprio corpo?

E: Eu gosto. Tem algumas coisas que eu não gosto, mas eu acho que a maior parte eu gosto.

A: O que você não gosta?

E: Eu não gosto dos meus ombros. Eu acho muito largos. E eu não gosto também dos meus pêlos. Eu acho que eu tenho muito.

A: Você mudaria, faria alguma coisa?

E: Eu acho que até não respondi isso no questionário, mas depois eu fui lembrar. Mas eu mudaria sim. Eu faria depilação definitiva.

A: Como você aprendeu a cuidar do seu corpo?

E: Como eu aprendi?! Em casa mesmo, vendo minha mãe, minhas primas. De ter aquela coisa toda de sempre fazer chapinha no cabelo. Eu não fazia chapinha, porque quando eu era mais nova o meu cabelo era bem liso. Minha mãe é uma pessoa muito vaidosa e eu aprendi muito com ela. E até eu aprendi a não querer algumas coisas, sabe?! Às vezes algum excesso. Acho que por isso.

A: Sua mãe mora em Goiânia?

E: Mora. Mora em Goiânia. Só que eu cresci com ela. A gente morava junto e tal e depois que ela separou. Então a infância toda, adolescência... Aí eu fui vendo ela, minha irmã também é muito vaidosa, minhas primas. A maioria delas é muito vaidosa. Aí eu fui vendo assim, o que eu gostava, o que eu não gostava, o que fazer, o que não fazer. O que eu queria.

A: Tem alguma doença? Problema de saúde?

E: Não. Atualmente não. Eu to desconfiada que to hiperglicêmica de novo, por causa de alguns sintomas. Eu já tive a um tempo atrás, mas isso já tava controlado a alguns anos, mas acho que agora estou de novo. Só isso que eu tenho.

A: Tem filhos?

E: Não.

A: Tem relações sexuais?

E: No momento não.

A: Sente prazer quando tem? Orgasmo?

E: Sim.

A: Como que você vê a mulher de hoje e a mulher de antigamente?

E: Olha, eu acho que ela ta bem mais assim à vontade pra dizer o que ela ta sentindo, o que ela não ta sentindo. Eu acho que a gente deu um passo muito grande, assim. Sabe, de poder falar as coisas que nós queremos e a que nós não queremos, do jeito que queremos, como gostamos ou não. Eu acho que... Temos que melhorar, mas já demos passos grandes.

A: E o homem? De antigamente e o homem de hoje.

E: Olha, pelo que eu convivo, eu acho que eles estão bem melhores também. Olha, os relacionamentos que eu tive, graças a Deus, eram pessoas muito carinhosas, muito legais, compreensivas, que tem valores mesmo e companheiros. Não era aquela... Eu acho que antigamente o homem era muito machista, aquela coisa da mulher ter que se submeter. Eu acho que não tive esses problemas não, com nenhum dos meus namorados.

A: Tudo depende de como começa, né?! A escolha, acho que a gente vai tendo um perfil. Qual a vida melhor: do homem ou da mulher? Existe uma vida melhor?

E: É, isso que eu ia falar. Existe uma vida melhor? Acho que os dois são bons, né?! Ser mulher eu acho que é muito bom. Acho que pro homem ser homem deve ser muito bom.

A: Uma mulher ideal? Aspectos de uma mulher ideal?

E: Acho que ela não existe não.

A: Existe não?!

(Risos)

A: E o homem ideal?

E: Também não.

A: Existe homem real, né?!? Mulher real... Qual o papel da mulher na economia?

E: Olha, eu acho que... Não sou muito ligada na economia, sabe?! Eu gosto de política, de economia... Eu acho que ela é mais cuidadosa. Acho que o homem também é.

A: Na verdade a pergunta diz respeito a questão da mulher no papel, numa atividade econômica. Que antes a mulher era da casa, do lar. No sentido de produção. Tanto em relação a mulher como ao homem. Qual o papel deles na economia?

E: Eu acho que hoje a mulher é fundamental. Muitos lugares em que a gente vai ela é maioria. Então assim, eu não consigo imaginar o mundo se as mulheres não estivessem trabalhando. Que algum tempo atrás era possível. Não consigo imaginar isso.

A: E o homem?

E: Eu acho que o homem também. Eu acho que os dois é muito importantes. Eu acho que lugares onde tem homens e mulheres trabalhando é muito bacana, quando existe respeito. Acho que os dois são muito importantes.

A: Como que você vê o futuro do país?

E: Eu vejo de uma forma assim não muito boa, sabe?! Eu acho que o Brasil ainda é um país muito bonito, muito grande, mas muito pobre ao mesmo tempo, muito dependente também, né?!. O Brasil, acho que é um país que se soubesse, uma vontade política de fazer com que as coisas funcionassem mesmo, né?! Porque muitas vezes a gente tem meios, planos, tem projetos, tem muita coisa, mas na verdade, na realidade lá mesmo, as coisas não funcionam. Eu acho que no Brasil no futuro. Eu acho que as desigualdades, apesar de dizerem que elas estão diminuindo, eu acho que elas aumentam.

A: Tem namorado, namorada? Dependendo, né?!

E: Não.

A: Gosta de ficar?

E: Gosto, mas não é uma coisa que eu faço direitão, mas eu gosto de ficar. Às vezes não quer namorar e vai lá e fica.

A: Tem ficante?

E: Não. Atualmente eu to sozinha, sem namorado, sem ficante, sem nada.

A: Com que frequência mais ou menos você fica?

E: Uma pessoa?

A: Também. Com uma pessoa e também em relação ao ficar mesmo, assim: uma vez no mês eu fico com alguém. Alguma coisa nesse sentido

E: Ah, então, geralmente eu fico no final de semana com uma pessoa. Por exemplo, esses dias eu saí no final de semana. A gente saiu na sexta. Aí eu conheci um cara, né?! Amigo de uma amiga minha e daí a gente saiu sexta, saímos sábado, domingo. Conversamos. Mas agora, no momento, a gente não tá junto. Não é aquela coisa assim... Ficar é ficar mesmo. Na hora. Um final de semana, outro não. Uma noite. Às vezes fico um mês.

A: Em que lugares você encontra essas pessoas com as quais você fica?

E: Quais lugares?! Acontece muito de ser em casa de amigo, sabe?! Às vezes a gente reúne "Não, vamos encontrar. Sair pra tal lugar. Na casa de fulano.". Aí então lá já começa a conversar e tal. Aí depois a gente sai, conversa, conhece a pessoa e fica. É... e fica.

A: E fica.

(Risos)

A: Você quer namorar?

E: Eu to assim pensando se eu quero ou não quero. Tem, como diz uma música, tem uma parte de mim que quer e outra não. Eu acho que seria bom namorar. Por outro lado eu não sei se sinto assim a vontade de fazer isso. Eu não sei. É isso.

A: O que você pensa sobre a importância de desencadear um desejo e satisfazer esse desejo? Buscar satisfazer aquele desejo de alguma forma.

E: Que que eu penso?

A: É. Sobre o desejo desencadeado e a realização do desejo. Seja em relação à sexualidade, a afetividade. A questão de projeto mesmo.

E: Assim, é importante, né?! Às vezes o que a gente tem em relação à plano, que ele realizado, nas nem sempre é possível. Eu acho que assim, na medida do possível, eu acho que é legal assim, acho que é importante.

A: O que você acha sobre a tendência de seguir a moda?

E: Ah, eu não. Apesar de o trabalho que eu faço estar todo relacionado a isso, as coisas que eu faço não são anti-moda, mas eu não sigo muito a moda não. Eu penso que seguir moda, tanto com relação a vestir, ou comportamentos mesmo, eu particularmente penso muito sobre isso. Não sei que moda que é essa, que comportamento que é esse que agora ta em voga. Acho que a gente tem que pensar que tipo de moda que é esse. Depois pensar se vai seguir ou não. Ou se isso é só moda mesmo. Eu acho que sou anti-moda. Existem coisas que a gente faz que são legais independente de ser moda ou não. Eu acho que a gente tem que sempre pensar nisso assim: comportamentos que a gente tem que são legais, assim, que não viram moda.

A: O que você pensa da auto-idolatria da própria aparência?

E: É uma coisa não muito saudável. Saudável também entre aspas. Porque assim, eu acho que a gente tem que se cuidar, né?! A gente tem que fazer exercícios físicos, né?! Cuidar da alimentação também. Mas acho que assim, o culto ao corpo, a imagem, principalmente a juventude. Eu acho que todas as idades são belas. Tem sua beleza. E às vezes a imagem não é assim. Será que a pessoa que eu vejo na fotografia é daquele jeito mesmo? Fica aquela imagem ideal de uma pessoa. A gente olha pra o corpo. E às vezes lá na realidade eu acho. Eu acho que a gente tem que se cuidar sem excesso. Sem excesso.

A: Você já ta no final do curso. Algumas mudanças durante o curso. Agora algumas perguntinhas só pra finalizar. Como que você era no início do curso?

E: Como que eu era? Uai, eu era mais tímida do que eu já sou. Eu era tímida assim e tinha uma dificuldade maior de conversar com uma pessoa, de me dirigir a ela, de ter uma atitude em relação a alguma coisa, mesmo que eu quisesse muito fazer essa coisa. Eu acho que é muito nesse sentido. De ta mais me movendo mais. Eu acho que mudei muito.

A: Mais alguma coisa em relação a forma de pensar, de agir, de vestir? Mudou alguma coisa?

E: Forma de pensar? Eu acho que ela melhorou. Acho que aprimorou muita coisa. Nossa, eu aprendi muita coisa, muita coisa mesmo. Eu acho que é imensurável assim, o que eu aprendi, em termo de pensamentos que eu ouvi, que eu pensei. Então muita coisa, muita coisa boa de tudo. Só me fez melhorar.

A: Na aparência mudou alguma coisa do início pra agora no final do curso?

E: Olha, pra mim não. Só meu cabelo era um pouco maior e agora está mais curto. É, meu jeito de vestir é praticamente o mesmo. Não mudou muitas coisas.

A: Você percebe alguma relação entre educação e trabalho? Você falou da escola e do trabalho. E a educação num sentido geral, no sentido mais amplo e trabalho?

E: Olha, eu consigo perceber assim, que educação e trabalho. Educação acho que no trabalho que a gente realiza, independente se eu tive uma formação. Educação a gente tem que ter em todos os lugares. E eu acho que além dessa educação, educação no sentido formal mesmo de instituição, de escola, eu acho que ela não deveria estar tão ligada uma coisa com a outra em termos de trabalhar pra ganhar dinheiro: tenho que estudar pra trabalhar pra ganhar dinheiro

com isso. Acho que não. Tenho que estudar para adquirir conhecimento e não conhecimento para o mercado de trabalho.

A: E a relação entre a formação para o trabalho e o corpo? Às vezes fica difícil pensar isso porque a gente não tem costume de pensar isso em relação a questão do corpo. Desde quando a gente entra na escola tem aquela coisa do horário: se ta com vontade de ir no banheiro, não pode agora; se ta com vontade de beber água, não pode agora. Então, com você vê isso, a questão da formação para o trabalho? Você vê alguma relação entre isso que acontece na escola, que acontece na educação, com a questão do trabalho?

E: Olha, eu acho que assim, na educação que a gente tem, no que eu tive, a gente não, muitas vezes a gente nem respeita assim os nossos próprios limites, a gente não conhece o nosso próprio corpo. Não sei se eu to respondendo. Então, eu acho que se a gente pudesse, se eu, por exemplo, tivesse acesso maior ao conhecimento do meu corpo, a prática de exercícios físicos, que é uma coisa que eu to tentando mudar, porque eu sou totalmente sedentária. Eu acho que isso me daria até uma disposição maior, sabe?! Pra poder trabalhar e estudar também. E eu acho que na educação que a gente tem não te mostra mesmo a sua sexualidade. Eu acho que elas deixam a desejar nesse sentido.

A: E em relação ao curso, formação pra o trabalho, e a questão do corpo? Você percebe alguma influência dessa questão que acontece na escola em um trabalho posterior? A questão relacionada ao corpo?

E: Eu acho que assim, essa formação para o trabalho, isso reflete no corpo da gente. Uma hora ou outra, dependendo da atividade que você desempenha, seu corpo vai dar um sinal, né?! Então eu acho que de repente eu faço um trabalho que é extremamente repetitivo e daí tenho uma coisa no braço, uma LER/DORT, sei lá o quê. Eu acho que a gente tem que cuidar do corpo, fazer um alongamento. Não é a toa também que as empresas tem “Alonga RH”. Porque essa questão do corpo no trabalho é muito séria. Por exemplo, na confecção onde eu trabalhei muita gente, apesar da insistência da dona pra usar máscara, usar o negócio pra proteger o ouvido do barulho e do pó, muita gente não usava. Apesar daquilo fazer um mal danado pra própria pessoa. Tiveram pessoas lá que desenvolveram assim uma alergia danada por causa do pó, outros tiveram problema de audição por causa disso. Então eu acho que essa formação para o trabalho dependendo do que você faz e de como você faz. Isso gera no seu corpo uma violência, um estresse danado.

A: Sobre a universidade, tem aqui alguns apontamentos sobre o projeto da universidade, o projeto acadêmico. Eu vou ler aqui pra você: “A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é:

O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológica apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde. Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato: flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)

A: E aí é esse o projeto acadêmico.

E: Esse é o projeto acadêmico
(Risos)

A: Você acredita que o seu curso está te formando para esta proposta?

E: Não. Eu acho... Sim e não. Pra mim, sabe, enquanto profissional, eu consigo ter essa visão. O que eu percebo é que muita gente na universidade sai daqui convertido a uma vertente, no caso da Psicologia, e aquilo é verdade absoluta, então com total falta de ética, de senso crítico. As pessoas saem daqui assim. Você vê casos assim de estagiário, eu tava na aula de ética e a professora dizendo de alunos de semestres passados que foram devolvidos, estagiários que estava no último período e foram devolvidos, porque na atuação chegava lá instituição (isso foi um caso de estágio em instituição)...

A: Organizacional?

E: Não sei se era organizacional. Ela não falou. Mas assim do estagiário ser devolvido, porque não tinha nenhum senso crítico, pessoa completamente ignorante. Bem ignorante no sentido pejorativo. De não ter uma postura profissional, de trabalhar, de lidar com o público, com a demanda dela no estágio. Eu acho que a nossa formação não é uma formação, ela é uma semi-formação. O discurso da faculdade é lindo. Você ver a reitoria, os pró-reitores, o próprio reitor: “nós formamos pessoas críticas, não sei o quê”. Todo esse discurso aí. Mas não sabe o que passa. Eu conheço estagiário que ta praticamente comprando o diploma. A faculdade inteira fazendo trabalho, comprando os trabalhos, mandando fazer, pagando pra outras pessoas fazerem. E de certo também vai ter comprado o artigo dela. Então é um absurdo.

A: Você ta no final do curso, mas você ainda não entrou no estágio, né?!

E: Não.

A: Mas você fez algum estágio extra-curricular?

E: Não, não fiz não.

A: Trabalho voluntário na faculdade é a questão da pesquisa que é em Psicologia Social?

E: É.

A: Você fez algum trabalho ou alguma atividade de inserção social durante o curso? Pode não ser especificamente dentro da Psicologia.

E: Não. Tiveram alguns trabalhos de organização de eventos, mas eu não sei se encaixa, se é isso.

A: Da pesquisa, só pra ficar registrado, é um trabalho com famílias de camadas populares de um programa de extensão aqui da Católica.

E: Isso.

A: Qual é a sua atividade hoje na pesquisa?

E: Então, eu faço as visitas domiciliares e além das visitas eu to com um plano com a Professora Elizabeth me orientando. E eu to falando sobre a relação que os pais fazem da própria educação quando eles vão educar os filhos.

A: Essa atividade mudou alguma coisa em relação a sua formação?

E: Ah mudou. Fazer as visitas foi muito importante pra, porque assim, eu sempre gostei muito de criança, mas sabe aquela coisa meio solta, sabe?! Só criança...Mas peraí, a criança tem uma família, tem um pai, tem uma mãe e parece que deu assim, um link, assim, nesse sentido e aí assim, é preciso contextualizar a família, ver de onde ela ta falando, o que é isso que ela ta dizendo. Acho que foi muito importante. Ta sendo muito importante esse trabalho. E falar dessa educação que os pais, a maneira como os pais educam os filhos, né, tem muito da forma como eles foram educados. Assim, ta sendo muito legal. Muito importante.

A: Tem mais alguma coisa que você queria complementar, falar, a respeito do que foi perguntado?

E: Ai, acho que não.

A: Então a gente fica por aqui.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTICIO ESMERALDA
Caso 09

Duração: Aproximadamente 28 minutos

T: Teresa

E: Esmeralda

T: Segunda entrevista. É o seguinte, o que é ser jovem pra você? Ser jovem.

E: Acho que ser jovem é descobrir, né?! Eu penso isso. É descoberta. Quando eu penso em jovem eu penso nisso. Tem uma leveza, sabe assim?! Uma... Quando eu penso em jovem eu penso assim. Não é bem assim, mas foi mais assim: de leveza, de descobertas.

T: Você é jovem? Você se acha que é?

E: Me considero jovem. Só que um jovem diferente desse que eu relatei. Quando eu era mais jovem, eu acho que tinha uma leveza maior. Eu ainda me considero jovem, que eu ainda estou descobrindo, porque eu estou aprendendo muito, mas eu acho que agora mais focada. Com mais responsabilidades. Mas me vejo jovem sim e pretendo continuar.

(Risos)

T: Como você percebe os jovens hoje?

E: O jovem, jovem mesmo?

T: É.

E: Hoje eu acho que um pouquinho de fugir mesmo dessas responsabilidades. Não sei, mas pelo menos a minha volta é bem isso mesmo: não querer; faça por mim. Eu to vendo mais assim.

T: É o que eu percebo também.

E: É como se: "Ah, eu sempre tive você pra se preocupar com isso, pra isso, então deixo nas suas mãos, não quero pegar isso pra mim. Tá bom assim."

T: É. Como é que você se relaciona com as pessoas da sua idade, mais novas, mais velhas?

E: Não tenho dificuldade nenhuma.

T: Não tem.

E: Seja criança, da mesma idade, ou mais velho, não tenho dificuldade de forma alguma.

T: O que você mais gosta e menos gosta de fazer num modo geral?

E: Humm...

T: Muita coisa pelo jeito.

E: Não sei... Sinceramente.

T: Ou você não gosta de fazer muita coisa?

E: Não. Eu gosto de estar em atividade. Normalmente eu gosto de fazer muita coisa, principalmente o que é pra fazer fora. Sabe assim?! Não gosto muito de fazer coisa de casa assim. Mas se for pra fazer fora, assim, eu gosto de executar.

T: Fazer coisas na rua assim?

E: Eu gosto.

T: O que você gostaria de fazer, mas não consegue, ou não pode fazer? Por alguma razão.

E: Ah, tem muitas coisas que eu gostaria agora e já estar sendo, de possuir e de ter mesmo e ainda não é possível. Tem que estar esperando por vários fatores, inclusive financeiros.

T: Ahnran. Você já respondeu isso aqui. Tem alguma coisa que você gostaria de ter e ainda não pode por causa da questão financeira? A casa, por exemplo.

E: É justamente. Uma das que eu mais gostaria de ter já é uma casa. De dar esse conforto não só pra mim, mas pra minha mãe, pro meu filho. De ter isso sabe? Uma vida mais equilibrada. É isso que eu gostaria de ter: essa casa. Possuir isso.

T: Vocês moram de aluguel hoje?

E: A gente mora de aluguel. Assim, no interior tem, só que como pra mim meu projeto de vida não é lá, então é como se eu não tivesse. Então aquela casa do interior, a outra, pra mim é tudo minha, mas o que eu quero viver, continuar não é ta lá. Como se fosse voltar, ir para trás, andar pra trás. Então como eu quero daqui pra frente, então é isso que eu quero agora. E é como se não tivesse.

T: Você ganha seu dinheiro? Não ou sim?

E: Não. Eu ganho assim, dessas casas que eu te falei. Desse aluguel que ora ta ora não ta. De fazer uma coisa e outra.

T: Mas não é algo assim...

E: Nada certo. Nada que eu tenha: ah, isso aqui eu posso contar. É bem assim. É incerto.

T: É inseguro. É incerto. É... E como é que você gasta seu dinheiro? Esse dinheiro que você recebe?

E: Gasto mesmo com essas coisas, com contas que a gente tem que arcar mesmo. Muito raramente comigo, com coisas de lazer. Muito raramente.

T: Muito raramente. Você tem acesso a celular, internet, mp3, mp4, essas coisas, computador?

E: Tenho a internet, celular e mp4.

T: E isso é importante pra você? Muito ou não?

E: É importante, porque você tem acesso a tudo. Agora por exemplo, a faculdade agora terminando o estágio o mp4 foi muito bacana pra mim, essencial porque eu precisava ta gravando tudo. E o computador, a internet, fazendo trabalho, fazendo pesquisa, tudo. E celular também, né?!

T: Hunrum (afirmativo). Você trabalha, participa de algum grupo específico assim? Grupo religioso...

E: Não. Eu participando lá dentro, efetivamente, não.

T: Não, né?! Você frequenta algum lugar em Goiânia, especificamente? Algum lugar interessante? Ou não?

E: Não. Eu vou a vários lugares, mas não religiosamente, a não ser a igreja mesmo: novena, essas coisas assim, mas...

T: Você vai a igreja com que frequência? Toda semana...

E: Vou. Vou sempre. Às vezes falto, mas aos domingos: igreja, novena e terço eu sempre vou. E vou em diversos lugares. Seja lugares para ir com o meu filho que também gosto muito. Como lugares pra mim. Assim. Não tem nada que seja pra mim como regra: religiosamente vou nesse lugar nesse dia.

T: E planos para o futuro? Você tem planos? E quais são eles?

E: Exatamente isso do profissional mesmo.

T: Do profissional...

E: De ta trabalhando, de conhecer, de saber mais. Ainda nada certo. Um pouco confuso: por onde começar, né?! Porque eu acho que ainda estou concluindo o curso, então assim, fico com muitas idéias, com muitas coisas que eu gostaria de fazer, imaginando. Querer mesmo ta trabalhando, ta aprendendo, fazendo não só o que eu to me formando agora, mas outras coisas também, pra ta aprendendo. É bem isso. Tá nos meus planos agora é isso.

T: Que coisas boas e ruins acontecem na sociedade hoje?

E: Nossa!

T: Muita coisa?

E: Ruim, demais, né?! Essa falta de limite, de respeito, né?! De posse que a pessoa tem pelo outro. Eu não consigo ficar muito bem com essas coisas não. Me assusto muito com tudo isso. Eu acho que é isso que anda acontecendo aí de ruim. Mas ainda tem. A gente ainda vê solidariedade. A gente vê muitas coisas boas ainda acontecendo. Que pode achar boa também. Você acha essas pessoas que não escutaram um não na vida, mas também têm as outras que você encontra isso. Por exemplo, solidariedade.

T: Uma outra coisa, que saída você vê para esse jovem hoje? Os jovens outros lá.

E: Os que eu comentei?

T: É. Que saída você vê para eles?

E: Não sei. É porque assim, quando eu penso nos jovens hoje, eu vejo o que não foi feito antes. E às vezes assim, se for pensar num fato isolado assim, olhar e escolher, justamente quando você coloca um limite, você fala não. Tava vendo uma reportagem essa semana de dois pais, os filhos que, jovens que bateram numa mulher, uma doméstica que tava cansada já indo para casa, eles acharam que era uma prostituta e aí justificaram: “Apanhou porque eu achei que fosse”. Então o pai achou que a prisão era demais. Não precisava daquilo. E já o outro pai quando viu que o filho saiu com o carro alterado, bêbado mesmo, ele já imediatamente informou pra polícia a placa tal, ele ta indo pra tal lugar e o filho foi preso, ele não pagou a fiança e deixou o filho. Então eu acho que seriam medidas assim: de já que não foi dado o limite por alguma razão que se desviou, vai lá pegar pela mão mesmo. Vai ta ali mostrando mesmo, sabe?! Fazendo entender.

T: Você acha que esse segundo pai teve uma postura?

E: Eu acho que o que agiu de uma maneira assertiva foi o segundo pai.

T: É.

E: Foi, porque às vezes dói. Às vezes a sociedade não entende, mas eu acho que para salvar esse jovem, foi a melhor forma como ele fez, né?! De ta ali mostrando pra ele e fazendo ele arcar mesmo com os erros dele. Eu acho que é mais ou menos por aí.

T: Profissão dos seus pais? Você tem pai e mãe?

E: Tenho pai e mãe. A minha mãe, agora ela é promotora de vendas, mas assim, ela parou os estudos, que eles são portugueses, ne?! Então minha mãe estudou acho que só o ensino...

T: Fundamental.

E: Fundamental. É isso mesmo. Foi até a quarta, quinta série. Meu pai chegou a fazer uma faculdade de pedagogia quando ele passou já mais velho. Só que não concluiu. E atualmente acredito que ele seja marceneiro, porque ele ta em Portugal. Que foi a profissão que ele teve por algum tempo. Mas meu pai foi gerente de laticínios. Meu pai foi... como é que fala aquela da prefeitura de ensino, ele foi, não foi tesoureiro, ele foi ligado a educação...

T: Eu sei qual é.

E: Secretário da Educação, ne?!

T: Ah...

E: Isso mesmo. Então ele exerceu várias funções.

T: É...

E: Eu acho que é isso, porque a gente não tem...

T: Não ta tendo muito contato.

E: A gente tem contato quando ele liga, mas assim, da última vez era isso. Ele era marceneiro. Tava sendo marceneiro.

T: Tá. Quem trabalha na sua casa?

E: Trabalho mesmo de salário e tudo, carteira, minha mãe.

T: Sua mãe?

E: É. Eu só faço aqueles trabalhos que eu te disse.

T: Você quem toma conta da casa? Direto assim, ou não?

E: Somos nós duas, mas assim...

T: Porque ela também trabalha.

E: A gente divide, né?! A gente divide funções. Algumas coisas ela faz. Que não que eu não saiba, mas ela tem mais destreza e faz. Então a gente divide. Eu faço muitas coisas em casa, como faço fora também. Coisas fora. Então é dividido.

T: Certo.

E: Mas mais...

T: Você já trabalhou fora?

E: Já.

T: Você é professora, parece, não?

E: Eu também já trabalhei no escritório aos quinze anos. Primeiro foi no escritório de contabilidade. Eu já trabalhei como secretária, telefonista, várias funções dentro dum curso de inglês numa escola inglês. E também professora, ne?! Da língua assim de começo, no início. Iniciante. Também já trabalhei numa empresa de... numa serialista com várias funções

também. Até saí na tesouraria, em contas a receber. Já fiz algumas coisas, já trabalhei como promotora de vendas também pra Claro. Já exerci algumas funções.

T: Você já fez curso profissionalizante?

E: Não.

T: Não, né?! E quando você arrumou um emprego foi como? Teve que fazer algum teste? Ou foi indicado?

E: Olha, alguns foi indicado mesmo, porque o primeiro mesmo, o sono do escritório era amicíssimo do meu pai, porque meu pai já foi professor também num colégio.

T: Seu pai morava aqui no Brasil?

E: Porque meu pais são portugueses. E meu pais vieram logo após a Guerra dos Cravos de lá. Aí eles vieram e foram para o Paraná onde tinha um irmão da minha mãe. Então minha mãe veio grávida da minha irmã, da minha irmã mais velha e eu nasci e morei por um tempo, até um ano e meio lá em Cianorte no Paraná. Depois viemos aqui para o interior de Goiás que era Mozarlândia, onde tinha um outro irmão da minha mãe. Porque o do Paraná tinha falecido. Então nós viemos. Que é o meu padrinho, os meus padrinhos. Aí eu morei durante muito tempo lá. Até onze, onze anos e meio lá. Depois pra Ceres, Rialma, aí depois Mozarlândia de novo. E agora Goiânia. E foi nesse intervalo, nisso meu pai foi secretário de educação, a gente tava fazendo faculdade, eu e minha irmã, de pedagogia. Minha mãe ia acompanhar a gente. Ficar nisso assim. Aí depois disso, aos dezessete anos meu pai foi embora pra...

T: Interessante.

E: É. Em janeiro, meu primeiro namorado que eu tive, ele faleceu. Ele faleceu em janeiro. Eu fiz aniversário em uma semana, ele fez na próxima e ele faleceu dezoito dias depois de tudo isso. A gente namorou, teve essas comemorações todas, aí no finalzinho de janeiro ele faleceu. E aí em outubro, dia das crianças. Foi mais ou menos nessa data que meu pai sempre vinha em casa de quinze e quinze dias. Aí foi onde a gente tava esperando e ele foi pra Portugal, foi embora assim, sabe?! No mesmo ano. E eu me recordo que quando eu perdi o namorado eu queria muito ele. Por mais que ele não estivesse com a minha mãe, eu tinha uma ligação muito forte com ele. Então por mais que eu tivesse minha mãe e minha irmã, eu queria muito a presença dele, que de fato ele veio e tudo. Mas aí já em outubro ele foi embora também. E agora ele tá lá desde então.

T: Tá casado lá, como que tá?

E: Ele foi embora daqui com uma pessoa mais ou menos da idade da minha irmã. E aí quando eles vieram e já tinham filho. Eles vieram para batizar esse filho, ela faleceu num acidente. Ele tava dirigindo o carro e de todos que estavam no carro, ela foi a única que faleceu. Aí quando ele voltou, ele já voltou pra lá e tem uma outra mulher e um outro filho. E a filha que era só dela, que ele adotou como dele, ele mandou de volta pra família. Agora ele tá lá com essa nova família e com os dois filhos pequenos. Quase que da idade dos netos. Inclusive o mais novo, o caçula é mais novo que os netos que tem.

T: Ok. Porque você escolheu Psicologia?

E: Ai Teresa, eu acho que desde pequena eu escolhi. Eu nem me entendia muito por gente e já falava isso, que queria fazer Psicologia. Eu acho que nem entendia, que nem sabia direito. Mas eu sabia assim do cuidado, sabe?! E com isso, eu acredito muito nisso. Que através desse trabalho da gente a gente consiga sim ajudar o outro a melhorar o que não tá bem. A conseguir se perceber mesmo e eu acredito muito nisso. Eu acho que eu posso fazer isso. E eu gosto muito disso. Muito mesmo. E é por isso.

T: Você percebe que ta sendo profissionalizada através do curso? Que ta sendo preparada?

E: Eu acho que assim, eu acho que preparou sim, porque tem que ser das duas partes. Quando eu me percebo como lá no início, no primeiro semestre na faculdade, eu me vi mesmo tendo já feito assim, eu não concluí pedagogia, mas eu já tinha feito. Eu já percebi uma diferença, porque pedagogia eu fiz, mas não era o curso que eu queria. E por mais que eu tivesse uma seriedade, eu ainda era muito jovem naquilo que eu tava falando, da leveza, de você ainda não cair uma ficha, né?! E quando eu entrei, eu entrei naquela: não vou conseguir, mais ou menos mesmo, de às vezes não acreditar tanto em mim assim. Mas com aquela vontade. Mas eu já percebi que eu mudei muito e que apesar de ter uma alegria muito grande, de eu querer sempre ver as coisas do lado positivo, de brincar muito e tudo, eu sempre tive uma seriedade, uma postura diferente. Então aos poucos com o curso eu fui tendo esse interesse, essa vontade. E tudo que foi passado por todos os professores e colegas também, que não tinha tanta experiência, ou que tinha mais, eu acho que fui aprendendo, fui adquirindo sabe, o conhecimento aqui e ali, seja até, que seja de vida, porque o professor passa muito isso. E quando o curso vai avançando você vai se aproximando mais do que é a Psicologia mesmo, né?! Eles vão passando a experiência, as experiências como eles trabalham, seja na clínica, no hospital, ou na escola, né?! Então você vai vendo um pouquinho, porque eu acho que agora no estágio que você vê mesmo, que você tem um contato maior. Pelo menos no meu caso de ta ali atendendo, ta mais real, sabe?! Então eu acho que você aproxima mais. Solidifica.

T: É. É verdade. Parece que é mesmo.

E: Eu acho que o curso vai ensinando sim. Apesar de que a gente queria mais e queria mais prática, e que agora essa grade que eles fizeram ta melhor, que bom para os que estão vindo. Não que eu acho que isso vai me impedir de também... Eu acho que é isso: parte dos dois lados, né?!
T: Assim, você gosta do seu próprio corpo?

E: Gosto. Eu acho que faria uma mudança aqui, outra ali. Se tivesse oportunidade faria sim, mas eu gosto sim.

T: Você aprendeu a cuidar do seu corpo com quem?

E: Olha, eu acho que comigo mesma. E acho que ainda tenho muito que descobrir dele.

T: Tem alguma doença?

E: Não. Doença, doença não. Tenho enxaqueca, essas coisas assim, mas doença não.

T: Filhos, só um?

E: Só um filho.

T: Deixa eu te perguntar outra coisa, você fez estágio curricular? Só esse que você ta fazendo agora?

E: Estágio só esse.

T: Extra curricular você não fez, daqueles que vai para um local, pra outro, empresas...?

E: Não. A gente só fez aqueles trabalhos mesmo de acompanhar um grupo ou outro. Esses trabalhos que algumas disciplinas exigem mesmo. Só isso. De ir numa escola e observar uma criança, de ir no grupo e ver a dinâmica daquele grupo, mais isso mesmo. Nenhum outro tipo de estágio. Infelizmente. Eu só acompanhei o trabalho do “Aprender a Pensar”, porque meu

filho tava fazendo e eu fui e acompanhei o grupo de pais e pude me aproximar dessas ferramentas que eles trabalham lá.

T: Aí você foi participando como voluntária? Você participava como os pais mesmo?

E: É. Porque o trabalho do “Aprende a Pensar” ele tem pra criança de sete a quatorze anos e faz aquele teste, porque é para inteligência média, superior e superior. Então meu filho fez o teste e começou a fazer e é durante um ano. E para os pais são seis meses. Vão também passar as ferramentas, só que a gente já pega mais rapidamente. Então eu pude participar nesse sentido.

T: Foi interessante mesmo?!

E: Foi muito. Até com um olhar de estudante de Psicologia, eu já fui diferente. Eu não fui só como mãe, né?! Foi a nossa formatura agora.

T: Ah você foi...

E: Eu peguei o diploma e tudo mais.

T: Existe relação entre educação e trabalho pra você?

E: Ah total, porque é como você mesmo falou, eu acho que desde o momento em que a gente entrou na escola já ta se constituindo, já ta construindo ali. E é a partir disso, do estudar, desses conhecimentos, do mundo, que você vai querer saber. Tudo a partir do estudo mesmo. Da educação. Eu acho que a educação não só na escola, mas como um todo. Tudo é uma preparação. Tudo tem uma ligação muito forte.

T: Agora eu vou ler, ou só você lê.

E: Pode ler.

T: Qual é a proposta da faculdade para o curso de Psicologia. Isso aqui já tem lá no nosso guia. Porque assim, a faculdade, ela vai de certa forma, o objetivo dela é formar sujeitos para cada curso. Sujeito para atuar nos cursos...

E: Engenharia, Direito...

T: Então assim, pra ser um futuro profissional. Olha aqui... De acordo com o mercado, o perfil da sociedade, tudo mais. AquE:

O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológicas apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde.

T: Você acha que a faculdade prepara pra isso?

E: Eu acho que sim, mas não como eu gostaria que fosse. É como a gente disse. Talvez nessa nova grade tenha essa oportunidade maior, porque serão feitos estágios em cada área dessas. Então assim, a gente tem muita teoria. E como eu também já falei, eu acho que parte dos dois, das duas partes, não só da instituição, como do próprio estudante. Eu também acredito muito que quando a gente já ta no mercado a gente vai adquirir mais conhecimento também. Mas voltando à pergunta se a instituição, ele prepara, eu acho que sim, mais de uma forma teórica, do que na prática mesmo. Eu acho que é bem por aí.

T: E aqui continuando...

Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato, mas a flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)

E: Não, eu não acho. Eu acho que da mesma forma. Eu acho que um e outro professor tem muita seriedade. Porque a gente vê também a diferença de postura de um professor com outro e tem alguns que vão ali só para dar aula e se você quiser, o interesse tem que ser do estudante mesmo: “Você me procure, você exija de mim”. Tem uns que vão mesmo com aquela vontade, de querer mesmo formar um profissional. De querer mesmo passar: “Olha é assim”. Mas eu acho que passa um pouco longe também. Eu acho.

T: Eu acho que é só mulher. Você tem mais alguma coisa para falar? Eu acho que não, ne?!

E: Não.

T: Pois é, agradeço muito.

E: Imagina.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO: HÉLIO
CASO 51

Duração: Aproximadamente 30 minutos

T: Teresa

H: Helio

T: Gravação 9. Então é o seguinte Helio: O que é ser jovem pra você?

H: Pra mim eu tenho a imagem de ser jovem é de ser ativo, é de estar bem ativo. Fazendo as coisas.

T: E isso é o que é ser jovem pra você, ne?!

H: É.

T: Você é jovem então?

H: Eu me acho jovem. Eu me acho bem ativo.

T: Bem ativo, ne?! Como é que você percebe os jovens assim hoje de um modo geral?

H: Como eu percebo o jovem? Eu percebo que é um pessoal que assim, procura muito as coisas. Tá procurando um caminho. Alguns estão aí meio perdidos e tudo. Eu não falo também da atividade, mas também dessa faixa etária de... que é considerada jovem, ne?! Que é a passagem da adolescência para a idade adulta também.

T: Você se relaciona com pessoas da sua idade, mais novas, mais velhas?

H: Geralmente com pessoas da minha idade. Pessoas do meu convívio, trabalho, tudo da minha idade.

T: O que você mais gosta e menos gosta de modo geral? Da sua vida, das coisas que você faz...

H: Das coisas que eu faço? O que eu mais gosto é de poder fazer as coisas.

T: Fazer assim, dar conta de fazer, o que que é?

H: Experimentar e fazer também. Porque assim se for ter disposição para fazer.

T: Tem energia?

H: De ter energia de fazer bastantes coisas.

T: Diverso.

H: O que eu menos gosto... Falando da minha atividade, de mim?

T: É.

H: O que eu menos gosto... é as vezes que invadam a minha privacidade.

T: O que você gostaria de fazer, mas não consegue ou não pode fazer? Por qualquer razão que seja.

H: Deixa eu ver... Tem bastante coisa que eu gostaria de fazer e eu ainda não tenho...

T: Viajar, mudar de casa...

H: Eu não tenho tanta autonomia pra isso. É... mudar de casa seria uma boa. É uma coisa que eu gostaria sim. Outra coisa é procurar fazer mais pelos outros, assim também. Eu acho que eu preciso tentar mais o que eu posso fazer.

T: Você gostaria de ter e não consegue ou não pode? Alguma coisa de material. Ou você acha que não? Que faz falta agora.

H: O que faz falta, não.

T: Você ganha o seu dinheiro?

H: Não. Às vezes, só bicos.

T: E como você gasta seu dinheiro quando você ganha?

H: Ah geralmente eu gasto com alimentação, com bebida, saio assim, para o cinema. Entrada em boates, show.

T: É mais para divertir?

H: É mais para diversão.

T: Onde é que as pessoas da sua idade costumam ir?

H: Em barzinhos, boates, show, clube, cinema, casa de amigo. Casa de amigos muito.

T: Sempre faz os grupos, ne?!

H: É.

T: Você participa de algum grupo específico? Tem algum grupo, ou religioso, ou mesmo grupo de estudo aqui, sabe?! Você pode? Você participa ou não?

H: Não.

T: Quais os lugares de Goiânia que você frequenta você já falou. Boates, barzinhos...

H: Além de casa de amigo a minha turma é muito de ir em casa de amigo.

T: Você tem uma turma nesse ponto? Literalmente quando um sai e todo mundo sai também. Você tem um grupo de amigos então de certa forma.

H: Então sim.

T: É também. Um grupo institucionalizado mesmo.

H: . Até que meu grupo é fiel. A gente tá sempre junto. Especificar justamente cada lugar?

T: Que lugar? Os lugares são os bares mesmo, ne?!

H: É. Geralmente é mais bar. Barzinho de rua mesmo.

T: É... Você tem planos para o seu futuro? Qual que é?

H: Eu gostaria de assim, de ser bem sucedido profissionalmente na Psicologia. E sempre fico me perguntando assim: qual que é o seu plano para o futuro? Ah, eu quero ser feliz. Mas eu sou feliz hoje também. Eu quero continuar sendo feliz. Eu quero ter boa saúde, quero viajar bastante, quero conhecer o Brasil, quero conhecer fora também, alguns lugares. Acho que são os planos.

T: As coisas boas e ruins que acontecem na sociedade hoje? Assim, no momento, aqui no Brasil.

H: Que eu vejo?

T: É.

H: Qualquer coisa?

T: Sim.

H: Eu vejo hoje muitos jovens usando drogas, por exemplo. Tem muito jovem... Até pelo trabalho que eu faço no hospital que é com pacientes com HIV não se cuidando direito. E a partir desse uso de droga vai acontecendo outras coisas também, o tráfico, prostituição.

T: Você tava falando do trabalho, você vai continuar no hospital, ou não?

H: Não.

T: Você foi durante o estágio.

H: Foi durante o estágio.

T: Aí você trabalhou com que tipo de população? Era população carente?

H: Carente. É. População pobre. Geralmente é a maioria que é atendida pelo SUS. População carente, muito necessitada do apoio médico alí também, como necessitada de afeto também.

T: Você participar, conviver com grupos assim, da classe baixa, com doente, isso interfere ou interferiu na sua forma de ver o mundo? Fez você modificar um pouco a sua postura, tomar consciência de alguma coisa? Como é que é isso?

H: Interferiu sim. Principalmente na aceitação com o outro, assim. Aceitar mais o outro. Ser mais ponderante com o mundo do outro também. Viver com gente pobre nunca foi uma novidade pra mim. Mas viver com pessoas doentes sim. Doentes e pobres.

T: E discriminados, ne?!

H: E discriminados. Aí muito mais. Foi uma novidade assim, interferiu principalmente nisso assim de aceitar mais o outro, de ver a pessoa de uma outra maneira. Respeitar mais.

T: Você fez estágios em outras áreas além dessa que você fez no hospital? Você fez estágio em quê?

H: Fiz em clínica.

T: Atendimento?

H: É, atendimento. Atendimento infantil.

T: Gostou?

H: Gostei bastante. Adoro criança, aí... Foi uma experiência que eu tive no sexto período. Uma professora me chamou, tinha me convidado para fazer com ela.

T: Criança de baixa renda?

H: É. Aqui na clínica da faculdade mesmo, mas lá na Vida.

T: Ah tá. Ah que interessante! Aí criança de quantos anos assim?

H: Era geralmente de três a dez anos.

T: Que bom. Você teve treinamento para trabalhar, para fazer esses estágios?

H: Tive. Geralmente antes de começar a prática era uns meses de estudo. Um mês e meio, por aí.

T: Isso foi um trabalho voluntário? Foi um trabalho voluntário, de certa forma.

H: É. Um estágio não obrigatório. Já fiz outro trabalho voluntário também.

T: Já vez?

H: Já fiz. Eu fazia no CVV (Centro de Valorização da Vida).

T: Por telefone?

H: Por telefone.

T: Isso fez você mudar muita coisa na vida

H: Ver o sofrimento assim subjetivo mesmo para a pessoa. É de valorizar a minha própria vida.

T: Profissão dos seus pais? Trabalham?

H: Meus pais trabalham. Minha mãe é aposentada já, era como orientadora educacional. Ela aposentou e hoje ela trabalha na Farmabem, administrando. Meu pai é administrador de empresas.

T: E nível de estudos? Seu pai, sua mãe...

H: Superior. Os dois.

T: Tem outras pessoas que trabalham na sua casa? Além do pai e mãe.

H: Ah tem. Minha irmã.

T: E... Tem alguém desempregado? Você ne?!

H: Eu, desempregado. A minha irmã também parou de trabalhar. Ela pediu demissão.

T: Ela tinha carteira assinada também?

H: Ahran. Ela é odontóloga.

T: Agora tem dois formados. Dois filhos.

H: Somos três. Tem um que não mora com a gente. Já mudou.

T: Ele é auto-suficiente?

H: É. Ele mora em Palmas.

T: Deixa eu ver: trabalho com a família? Não. É... Porque você não trabalhou até hoje assim em emprego fixo?

H: Já trabalhei, mas em férias. Eu trabalhava nas férias assim. Era emprego fixo, trabalhava como vendedor em papelaria. Aí eu preferi não trabalhar durante o curso pra ter mais tempo de dedicar essas coisas.

T: E o pessoal da sua casa apoiaram isso?

H: Apoiaram. Sempre apoiou. Aí eu faço alguns bicos. Eu escrevo convite também. Fiscal de prova. Essas coisas assim. E também para não abrir mão de algumas coisas que eu gosto, como a dança. Eu preferi não trabalhar para não abrir mão da dança, teatro.

T: Você ta fazendo dança ainda?

H: Tô.

T: Você treina? Você exercita? Como é que é? Só por lazer, ou mesmo como atividade direto assim?

H: É uma atividade direto.

T: Você trabalha com o corpo para dançar?

H: É. Várias vezes por semana.

T: E é você quem paga as aulas, essas coisas?

H: Não. Ela é... eu tenho bolsa.

T: Ah, ta. Você tem vontade de ser dançarino assim profissional mesmo?

H: Não. É mais uma coisa por prazer mesmo. Hoje eu quero seguir a carreira de psicólogo mesmo.

T: E nunca pensou em juntar a Psicologia com a dança não?

H: Não. Já pensei assim em alguns trabalhos, na corporeidade e tudo, mas se fosse outra profissão, eu não faria a dança para seguir como profissão. Seguiria outra. No caso, eu gosto muito de Gastronomia. Queria alguma coisa assim relacionada a Gastronomia.

T: Se você fosse escolher.

H: Ahnran.

T: Você colabora com os seus pais nas atividades de casa? Arruma alguma coisa?

H: Colaboro.

T: Porque você escolheu esse curso?

H: Eu não lembro quando que foi, mas eu era ainda bem menino ainda. Eu sempre gostei. Eu sempre tive essa atenção voltada pro outro assim. Não sei. Às vezes até mais pro outro do que pra mim. Eu aprendi a ter mais pra mim também, ne?!

T: Você era mais voltado pro outro do que pra você e depois que formou em Psicologia começou a olhar para o seu próprio umbigo?

H: É. Aí eu comecei a olhar mais pra mim também. Não deixando de abrir mão do outro, mas também olhar pra mim. Mas eu lembro que assim, uma vez eu li um livro, não sei se você conhece, da Valéria Piazza Polizzi, *Depois daquela viagem?*

T: Não.

H: É um diário de bordo assim. Ela conta a vida dela. Ela contraiu AIDS muito nova. Acho que com uns 15 anos. Uma menina de classe médio-alta. E ela conta a vida dela. E ela conta a trajetória dela e ela vai falando também do atendimento com a psicóloga que ela tinha. O quanto a psicóloga ajudou ela. Aí eu falei: “Nossa! Gostaria muito de fazer isso.”. E acabou que eu cheguei aqui e fiz o estágio em hospitalar com pacientes com HIV.

T: Você já tinha essa clareza ou ela foi acontecendo na medida que você foi desenvolvendo o curso?

H: Ela foi acontecendo na medida em que eu fui desenvolvendo no curso. Porque eu sempre gostei mais de clínica do que de hospital.

T: Você percebe que foi sendo profissionalizado durante o curso? Que foi te preparando para a profissão, ou não?

H: Percebo. Percebo que eu vejo uma diferença muito grande de quando eu entrei aqui para hoje.

T: Você já vai formar, né?!

H: Ahnran.

T: Como que você percebe? Isso é mais do final do curso, ou durante o curso todo? Como é que é isso?

H: Durante o curso todo. Isso pro resto da vida também, essa profissionalização.

T: Ela não para.

H: Não para.

H: Eu fiquei melhor realizado como pessoa. Atenção mais voltada também. Uma tolerância maior com o outro. A bagagem teórica maior também. Capacidade de conversar, de me impor, de mostrar, de me expressar, bem maior também. Eu acho que isso foi com o curso.

T: É, né?! Então quer dizer, o curso de certa forma, ajudou você nessa sua, no seu desenvolvimento, né?! Com certeza.

H: No meu desenvolvimento como profissional, que é uma coisa que a gente tem pra desenvolver como pessoa.

T: É... ta, essa você já respondeu. O que você espera em relação ao curso? Assim... o que você espera agora pra você que terminou o curso de Psicologia?

H: Eu espero continuar estudando. Eu acho que é uma coisa que eu não dou conta de parar de estudar. Eu até vejo vocês estudando sempre e falo: é isso que eu quero pra mim. É... Espero poder contribuir bastante na vida de muitas pessoas.

T: E em relação ao seu próprio corpo. Você gosta do seu próprio corpo?

H: Gosto.

T: Como aprendeu a cuidar do seu próprio corpo?

H: Eu aprendi assim a aceitar as diferenças assim do que eu gostava ou não. Aí eu comecei a cuidar assim. Fazer exercícios, tomar banho, me tocar, essas coisas assim.

T: Tem alguma doença?

H: Não.

T: Tem filhos, também não?

H: Não.

T: Tem relações sexuais?

H: É. Quando estou com alguém sim.

T: Agora você tá só. Quando você tem sente prazer, orgasmo?

H: Tem.

T: Qual que é a vida melhor, do homem, ou da mulher?

H: Qual é a vida melhor?

T: É. O seu ponto de vista.

H: Ah, eu acho que é da pessoa. Ou do homem X ou da mulher X.

T: Homem ideal e mulher ideal pra você? Que jeito que é?

H: Não é.

T: Não é, ne?!

(Risos)

H: Não tem.

T: Não tem. É... fiante? Namorado você não tem agora?

H: Atualmente não.

T: Você tem, você gosta de ficar?

H: Gosto.

T: Tem ficante?

H: Atualmente não.

T: E quando você tem ficante é só um ou vários?

H: É um. A não ser que eu vá a uma festa e acontece de beijar um ou outro numa noite. Mas isso foram poucas vezes. Não era ficante não. Eu só fiquei.

T: Ficante tem que ficar mais tempo, ne?! Que lugar você pode ir e encontra os ficantes? Se você quiser ficar com o ficante.

H: Ou é boate, ou bar. Ou que a gente encontra assim na casa de algum amigo, ou amiga em comum, que tem essa oportunidade de conhecer alguém.

T: Deixa eu ver aqui. É algo também assim, que eu queria entender um pouco se é importante desencadear mais o desejo no outro do que até satisfazer esse desejo. Assim, é mais importante eu fazer o outro ficar com desejo em mim, uma coisa que me dá prazer, sabe?! Desencadear o desejo do outro. Isso é importante para nós hoje em dia? Você acha?

H: É o que eu falo assim. Isso também foi uma coisa que eu percebi muito, o curso me deu essa clareza também. Antes eu tinha isso, chegava até a me submeter mais ao outro, de fazer o desejo dele assim, dessa pessoa. E não pensar tanto no meu. Que era mais importante mais pra mim que ele estar satisfeito.

T: Sei. E aí você descobriu que não. Agora de repente não precisa tanto. Os dois. Existe essa obsessão mesmo pra beleza, pra coisa bonita? Você percebe isso nas pessoas jovens assim? Isso é real?

H: É.

T: Parece que há uma idolatria do belo, do perfeito, aquilo que ta milimetricamente aquela coisa, eu também acho que tem.

T: Bom. Como você era no início do seu curso, em forma de pensar, vestir, comportar e agir, você hoje que ta acabando, você modificou?

H: Ah, eu acho que modifiquei algumas coisas. De vestir não. Eu acho que continuo a mesma coisa. Um pouco mais adulto, ne?! Às vezes eu tenho algumas roupas do início do curso.

(Risos)

T: É?

H: É.

T: Você ainda usa?

H: Ahnran. Aquelas roupas velhas de ficar em casa.

T: Você começou o curso com quantos anos?

H: Comecei com 18.

T: É muito novo, ne?!

H: Mas de pensar teve mesmo uma modificação. Principalmente naquilo que eu já falei. De pensar sobre mim mesmo e do outro também.

T: Dos pais você já falou... Existe essa relação entre educação e trabalho? Que relação existe, se existe entre trabalho e educação?

H: Você fala educação no sentido de escola especializada?

T: É.

H: Ou educação, da postura no trabalho?

T: É. Educação mesmo. Educação mesmo de escola.

H: Ah, eu creio que existe sim.

T: É através da educação que forma o sujeito para o trabalho?

H: É. Quer seja superior, técnico, ou qualquer outra coisa.

T: E a educação do seu próprio corpo? Assim, quando você começou o curso de Psicologia e hoje, você vê que você tem uma preocupação maior também de ter mais ponderância, mais paciência, sabe?! Coisas assim que o curso também ta te dando em relação ao corpo. Às vezes mais paciente, o que que é? Mais tolerante.

H: É. Eu já tinha dito antes assim, mais tolerante. Às vezes eu queria ser diferente mesmo. Ser mais alto. Mais forte.

(Risos)

H: O que é que eu posso fazer?!

T: Aqui tem uma descrição do curso de Psicologia. O que o curso de Psicologia pretende formar o profissional. Como ele faz um profissional psicólogo. Então aqui: *A Universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é:*

Agora eu vou te mostrar o que é que ele fala na proposta do projeto do curso:

O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológicas apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde.

T: Você acha que o curso forma esse profissional para isso?

H: Forma.

T: Forma. Vou continuar então.

Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato, mas a flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva (ver o futuro), capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)

T: Isso é o que está escrito no projeto. Você acha que o curso faz isso que ele propõe?

H: Forma, acho que faz sim. Eu falo principalmente por mim mesmo, eu vejo que muitas coisas eu alcancei ou aprimorei com o curso.

T: Mas é feito de uma forma sistemática no curso? Como é que é isso? Ou não, isso é feito assim, você vai juntando?

H: Isso não é feito de forma sistemática, mas eu vou juntando. Nunca pararam para falar isso assim: “Agora vamos formar psicólogos”.

T: E essa flexibilidade? Veja bem, hoje em dia você percebe que o trabalhador, ele tem que flexível? Não sei se você sabe, mas assim, por exemplo, eu que dou aula, não é garantia que eu vou dar a mesma disciplina todo semestre. Isso também em outras áreas, eu estou falando só na minha.

H: A aula vai de acordo com o aluno, de acordo com o dia.

T: E também das empresas, você fica dois anos num lugar e às vezes eles te transferem, sabe?! Pra você ir para outro local. Você acha que a faculdade prepara gente pra isso também, pra esse mercado?

H: Assim, eu acho que depende de como o aluno absorve, mas eu creio que sim. Eu to falando da minha experiência. Eu aprendi a ser mais flexível, me colocar melhor, um espírito mais liberto.

T: E ter coragem também de se posicionar. Eu acho que basicamente é isso. Não sei se tem mais alguma coisa, deixa eu ver. Acho que não. Basicamente é isso assim. É essa visão do jovem mesmo, o que que a gente ta esperando do jovem. E assim, você não tem claro nenhum trabalho específico que você vai ter que desenvolver agora?

H: Não. Daqui pra frente não.

T: Você não pensou nisso? Você vai fazer uma pós, ou não vai fazer... Se vai batalhar isso, se vai, sabe?!

H: Eu assim, o que eu deixei claro pra mim é eu vou passar um ano fazendo provas. O que eu quero é concurso e algumas em hospitalar. Só tem fora. Essa residência aqui não tem. E concursos.

T: É interessante. Existe mesmo residência, mas aqui não tem. Lá em Minas, quando eu vim pra cá de Minas para Goiânia, lá já estava instituindo faculdade, na PUC de lá. A residência hospitalar para o psicólogo mesmo. Eram dois anos igual ao médico.

H: É. Então, aí eu vou.

T: Onde tem isso? Não sabia não.

H: Então aí, tem em Minas, São Paulo, tem uma na USP, tem no Rio de Janeiro, acho que em Fortaleza, ou Recife, não sei. São Carlos, Florianópolis tem.

T: Você vai tentar essas vagas então?

H: É. Eu to de olho na de São Paulo que é para pacientes com HIV. E na de Florianópolis que é a Multiprofissional.

T: Você não ta sendo indicado pelo seu orientador? Ele não tem conhecimento não?

H: Acho que não.

T: Então é por conta própria mesmo.

H: É, por conta própria.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
NOME FICTÍCIO: MERCEDES
Caso 04

Nunca tive férias (vendia as férias). Trabalho desde os 6 anos no fogão a lenha, meu pai organizou um espaço para que eu fizesse comida. Aprendi a aplicar injeção com 6 anos, aos 8 anos fazia injeções nos outros. Brincava de derrubar as árvores. Tudo que os outros não faziam, eu fazia. (esporte radical). Subir 30 metros e pular no rio. Com 8 anos aprendi a dirigir. Às 3 hs da manhã ia buscar peão, voltava para derrubar e pegar a cana, tratar as vacas leiteiras. Chegava às 19 hs em casa e ia trabalhar na roça até de madrugada até 1 hora. Dormia da 1 a 3 horas e acordava para trabalhar.

Data da entrevista: 11/12/2008

Duração: Aproximadamente 32 minutos

T: Teresa

M: Mercedes

T: Gravando. Então vamos aqui. Vamos começar com as perguntas. O que é ser jovem pra você? Ser jovem...

M: Ser jovem pra mim é viver o presente, construindo o futuro. Foi pra mim assim e ainda é.

T: Você é jovem?

M: E muito. Eu me sinto uma garota de 18 anos.

T: Ótimo. Como você percebe os jovens hoje?

M: Um pouco alienado, sem perspectiva de futuro.

T: Se bem que é verdade. Você se relaciona com as pessoas da sua idade, mais novas, mais velhas?

M: Com todas.

T: Com todas, né?!

M: Com todas as idades.

T: O que você mais gosta de fazer na vida mesmo? O que menos gosta?

M: Viver em relação.

T: Ah tá. Em relação com os outros?

M: Em relação com os outros. Eu acho que o ser humano é algo assim que me constrói cada minuto, cada segundo. Eu vivo nessa construção com essa relação seja com todas as classes sociais. Isso me constrói.

T: É... O que você gostaria de fazer, mas não consegue ou não pode fazer? Se existe alguma coisa.

M: É... Melhorar minhas condições financeiras para melhor viver essa intensidade de vida. Ter mais tempo para viver.

T: O que você gostaria de ter e não consegue ter ainda? Bem material.

M: Apartamento.

T: Você ganha o seu dinheiro? Ganha, né?!

M: Ahran.

T: Ganha como? Trabalhando como, né?!

(Risos)

M: Eu trabalho com três vínculos empregatícios. São salários fixos e uma parte que é aquilo que acontece na realidade do dia-a-dia. Aquilo que você faz.

T: É... E como é que você gasta seu dinheiro?

M: Muito bem pensado. Muito bem planejado. O pouco que eu ganho eu faço investimento. Então assim, eu consigo me manter e viver um padrão equilibrado de vida pra mim e pra minha filha. E também faço as minhas economias pra pagar meu carro, pra pagar meu apartamento. Investimento. Eu vivo de investimento com o meu pouco que eu recebo. Pra mim a importância é de acordo a longo, médio e curto prazo.

T: Então você faz mesmo um planejamento.

M: De vida. Todo final de ano, eu determino um tempo pra mim, umas três horas, mais ou menos de tempo e ver se o ano que eu passei e escrevo um ano pra viver. Eu tenho um foco, um ideal durante o ano.

T: Você já tem um objetivo claro pra você. É bom isso. Você tem acesso às novas tecnologias: celular, internet...?

M: A tudo.

T: Isso é importante pra você?

M: Muito. É a aquisição de aprendizagem, conhecimento e inovação no mercado de trabalho.

T: É um jeito também pra você ficar perto dos outros?

M: É.

T: Aqui nem adianta perguntar. Você participa de algum grupo específico (que é outra pergunta)?

M: Sim.

T: De quê?

M: Eu participo de um grupo de trabalho de benefício social, que é filantrópico, de estudo de filosofia, antropologia e religião. Multidisciplinar, né?!

T: Você frequenta algum lugar em Goiânia?

M: Trabalho.

T: Trabalho.

(Risos)

T: Trabalho só. Porque do jeito que você trabalha.

M: Só trabalho.

T: Planos pro futuro?

M: Planos para o futuro? Viajar, praia. Adoro praia, acampar.

T: Ah, acampar também.

M: Adoro sol, lua, estrela. Sou apaixonada pela natureza. Eu quero conquistar esse espaço novamente na minha vida, como já tive muito.

T: Como você vê assim a sociedade hoje pro... As coisas boas e ruins da sociedade.

M: É... Liberdade pra você escolher. Quando eu escolho seguir um caminho do sucesso, eu consigo. Goiânia é um lugar próspero. E também um lugar de insucesso. Então vai depender das escolhas que eu faço hoje.

T: Ta. Profissão dos seus pais?

M: Rural. Analfabetos.

T: Você presta serviço voluntário, né parece?

M: Presto.

T: E você participar de serviços, por exemplo... o que você faz, onde? Eu acho que é interessante isso aí.

M: É... Eu estou parada três meses de serviço, mas eu presto serviço em um bairro aqui da cidade, no qual eu visito as famílias, escuto a sua problemática e levo uma palavra de conforto, de ânimo, de carinho e fazemos uma ficha das suas atuais necessidades. Na medida que a gente vai coletando alimentação a gente vai...

T: A ta. Ajudar.

M: Isso.

T: Assim, onde foi que você aprendeu a fazer o seu trabalho? O trabalho que você desenvolve de um modo geral.

M: Eu faço isso desde a idade de cinco anos. Desde os cinco anos.

T: Então foi com a vida.

M: É. Morava em uma região muito pobre e na época o norte do Paraná tava desmatando, e o nordestino então, teve o êxodo nordeste e ascensão no Paraná. E eles chegavam adoecidos. Então eles tinham fome, necessidade de higiene. E eu achava que podia ser útil. Eu comecei então a cortar o cabelo das pessoas, a ensinar a cozinhar. Eu sabia cozinhar. E fazer curativo nas feridas, que os insetos ferroava eles e aí criava feridas feias. Então eu ia fazer limpeza, tirar aquelas crostas, passando...

T: Tinha alguém que fazia isso e você aprendia com essa pessoa?

M: Não.

T: Você foi fazendo?

M: Fazendo assim.

T: Muito interessante. É muito interessante. O que aprendeu na universidade tem ajudado você, no seu conhecimento?

M: Assim... Antes tudo meu era prático. E hoje ele é, tem o alicerce do conhecimento teórico, embasamento teórico para tudo que eu faço hoje eu tenho maior possibilidade de ampliar esse trabalho.

T: Você pode entender a razão do que você ta fazendo?

M: Principalmente nesse grupo. Hoje eu tenho conhecimento teórico para entender como que funciona um grupo. Naquele grupo quem é líder. Daí eu chego num lugar e logo tem que ta visualizando: Ah, aquele dali é líder. Como foi estabelecido esse líder. E a partir daí eu monto um trabalho. Antes eu não tinha essa, esse conhecimento.

T: Você teve algum treinamento no trabalho que você desenvolve?

M: Nunca tive um treinamento em si. Eu desenvolvi a Unicef em Maringá. Que eu que implantei a Unicef em Maringá. Aí sim, eu tive treinamento com a doutora (como é que ela chama?). Aquela doutora do Unicef. Eu esqueci o nome dela. Eu fiz um treinamento com ela e com mais três, quatro médicos pra implantar o Unicef em Maringá. Implantei.

T: Você trabalha então a vida toda? Desde que idade você começou a trabalhar? Você falou, né? Cinco anos?

M: Desde cinco, seis anos.

T: Já fez curso profissionalizante?

M: Muitos deles.

T: Enfermagem, você chegou a fazer?

M: Enfermagem. Fiz uma ascensão. Comecei lá de baixo que é (como é que chama?), fiz auxiliar de enfermagem. Depois eu fiz o técnico. Comecei a fazer a faculdade, mas achei que não era pra mim, porque eu não gosto de depender de ninguém, eu sou muito autônoma. E enfermeira é uma dependência total de médico e entidades.

T: Pior é que é mesmo.

M: É.

T: Aí você tem que obedecer, né?!

M: Tem. Nós não temos liberdade, autonomia para desenvolver o trabalho. Então isso aí, eu falei: Eu não vou investir numa faculdade na qual não dá autonomia. Eu gosto de ser autônoma, eu faço tudo autônoma. Mesmo que eu trabalhava com os meus pais, mas meus pais me davam autonomia. Eles falava: “Vai minha filha, tem quarenta pião lá pra você cuidar”. Eles nunca me disse pra mim: “Olha você tem que fazer isso, isso e isso”. Eles não sabiam falar nada pra mim não. Eles falam: “Ó, faz aí, se vira”; “Olha, hoje tem que tomar tantos pés de terra”. Eles não falava a ferramenta que eu tinha que usar, não: “Se vira minha filha, eu não tenho tempo pra te ensinar não. Se eu for te ensinar eu perco tempo”. Então era assim: “Pra fazer comida tem tantos pião pra almoçar”. Eles não falava pra mim o que que era pra fazer. Se era pra cozinhar arroz, feijão, não: “Se vira”. “Filha, pega o carro e vai lá na cidade fazer compra pra casa que não tem. Paga em cheque que já ta assinado. Pega lá e vai.”. Ele nunca me falou se tem que gastar quanto, quanto que pode gastar. Nunca que ele disse pra mim. Eu sempre gosto de ter assim, lógico que eu ia no banco primeiro olhar quanto meu pai tinha de saldo pra ver quanto eu podia gastar.

(Risos)

T: Oh, meu Deus do Céu! Maria, parece que você fez também curso ligado à administração. Como é que chama?

M: Ah sim! Eu fiz vários cursinhos a nível técnico de administração hospitalar. No Senac, no Sebrae. Administração pública, contábeis.

T: Eu acho é graça. É, você é bem particular.

M: Na área técnica também eu fiz o Desenvolvimento Sistemático de Neuro-relaxamento-muscular no âmbito hospitalar, direcionados a pacientes da psiquiatria e maternidade. Queria maternidade mais ligada a obstetrícia para o relaxamento que as mães pudessem fazer.

T: Preparando, né?!

M: Pro parto.

T: Estágio, você fez algum?

M: Estágio?

T: Você já foi trabalhando, né, parece?

M: É. Trabalhos sem reconhecimento, então as pessoas falavam pra mim: “Não, tem que fazer um curso, porque você é ótima”.

T: A carga-horária que você trabalha por dia?

M: Depende. Setenta horas, setenta horas, quarenta horas, trinta horas. Nunca menos de 24.

T: É.

M: Eu já tive época de entrar dia dois do mês e sair dia dez do outro, dentro do hospital. Só intercalava com os setores. Horas na hemodiálise, outras horas na UTI.

T: Você já tem o hábito de dormir pouco mesmo? Minutos.

M: Eu fiz um curso em 1980 com uma doutora da Unicamp.

T: Aquela Marta Winch?

M: Não. Esqueci o nome dela agora. Aonde eu aprendi técnicas de relaxamento de indução. De dormir 15 minutos para o equivalente para três horas. Utilizo dessa técnica até hoje.

T: Quero aprender não.

M: É ótimo. Hoje mesmo já fiz.

T: Quero não. Deus me livre!

M: Que relaxa. Você dorme. Quinze minutos que você dormiu.

T: Não. Quero é dormir.

M: Mas com o tempo.

T: É. O relacionamento com sua chefe é tranquilo?

M: Muito bem assim. Sempre. Desde quanto tinha o meu primeiro vínculo profissional eu tenho um vínculo assim até de casa, familiar. Com todas. Logo estou dentro da família. Integrada à família.

T: Agora nós vamos gravar com esse aqui também.

M: E hoje também na atual, nessas três empresas que eu trabalho tem um vínculo muito positivo com os meus patrões, com a família dos meus patrões.

T: Por você desenvolver bem essas questões, assim, resolver essas coisa, os outros empregados não ficam ensimesmados, enciumados?

M: Sim.

T: Mas como é que você lida com isso?

M: Eu aconselho uma parte deles também. Nessa empresa atual que saí agora do trabalho noturno lá tem muito disso. Na área hospitalar o que mais tem é ciúme. Então eu chego e abraço todo mundo. Desde a limpeza, até... Chegou na minha frente, eu saio abraçando, sorrindo e beijando: Ah que saudade. Uns tapinhas nas costas funciona que é uma boa.

T: Parece que as pessoas gostam é disso.

M: Então eu consigo trabalhar com essa questão.

T: É. Você teve que passar por algum teste para entrar na empresa, ou não?

M: Não.

T: Você já vai indicada, na maioria das vezes.

M: É. Me chamam para trabalhar. Eu nunca passei por teste, não. Eu sempre fui convidada para trabalhar.

T: Você ta satisfeita com o seu trabalho?

M: Sim. Com todos.

T: E sentido do trabalho pra você? Parece que o trabalho é o que gerencia a sua vida, né?!

M: Ah, me enobrece. Eu cresço com ele. Eu canso, mas ganho muito com isso.

T: A gente percebe.

M: Eu ganho poder, status. Eu ganho dinheiro também. Não é tanto, mas eu consigo assim, multiplicar o que eu ganho.

T: O que você espera do seu futuro profissional? Porque você terminou uma faculdade agora, né?!

M: O que eu espero é o equilíbrio financeiro. Porque indiretamente eu trabalho nessa área, porque é uma causa que eu construí na prática. Hoje eu tenho o alicerce do conhecimento para aquilo que eu já fazia. Eu já fiz muitos atendimentos psicológicos sem técnica, com validade de pessoas que estavam em alto nível de depressão e estar fazendo terapia e não conseguir sair. E a pessoa com horário marcado na minha casa e graças a Deus consegui muita coisa utilizando a técnica de relaxamento via neuromuscular que com os cursos as pessoas tomavam conta do corpo e de seus conteúdos. Através da técnica de relaxamento.

T: Porque você escolheu Psicologia?

M: Eu nasci psicóloga. Porque desde a idade, desde pequenininha meus avós, meus bisavós, meus tataravós me amavam porque eu ouvia. Eu sabia sentar perto deles e escutar todas as historietas que os meus avós contavam. Então eu acredito que eu nasci psicóloga e eu sempre tive o desejo de ser psicóloga. Eu não sabia o que era isso, mas eu sempre queria ser. Eu só vim saber o que era ser psicóloga aos doze anos quando eu vi uma revista que tinha uma coluna sobre psicologia e aí eu falei assim: ah, é isso que eu quero mesmo. É desse jeito, eu quero ouvir as pessoas.

T: Como o currículo, com suas disciplinas, propiciam um conhecimento para o desempenho dessa sua profissão? Você acha que ele ajuda, esse currículo? O que você viu na faculdade ajudou, ou ta ajudando, não sei?

M: Eu acho que o ensino deveria ouvir um pouco mais os profissionais, ouvir um pouco mais os alunos e mudar um pouquinho o esquema de ensino. Eu acho que deveria ser um pouco direcionado realmente aquilo mesmo que a gente quer. Você entra numa faculdade e vê de tudo um pouco, mas você não se aprofunda. E você sai um profissional, alias, tenta sair um profissional, na realidade, você sai muito fragmentado.

T: Agora assim, quanto a sua forma de pensar, de vestir, de comportar, modificou alguma coisa com a entrada sua no curso de psicologia?

M: Não. Eu sou a mesma pessoa do dia que entrei, estou saindo. Porque o que acrescentou foi o conhecimento.

T: O conhecimento. Então a forma de raciocinar não mudou em nada?

M: Raciocinar? É claro, mais clareza...

T: Talvez você tenha um caminho já internalizado, o que você fazia era mais por intuição.

M: Isso. Só que me deu mais base para fazer aquilo que eu já fazia.

T: E em relação ao seu corpo, você gosta do seu corpo?

M: Ah sim, gosto de tudo. Não quero mudar nada. Eu já ganhei tanta plástica. Os médicos falam: "Maria, quando você quiser fazer plástica, você pode marcar o dia". Eu não quero fazer plástica. "O dia que você quiser colocar silicone você marca o dia". Eu tenho vontade, acho muito bonito, mas eu to contente com o que eu tenho.

T: É isso mesmo, achar que seu corpo é bonito. É, você aprendeu a cuidar do seu corpo com alguém?

M: Não. Eu nunca tive nem orientação da minha mãe sobre menstruação, essas coisas. Eu aprendi com os livros.

T: Com os livros mesmo?

M: É. Os meus maiores amigos foram sempre os livros. Meu pai, quando aos doze anos que eu fui na cidade, que ele falou: "Ah filha, você pode comprar o que você quiser".

T: Comprou livro.

M: É. Quando entrei numa loja: ah, eu quero boneco, quero isso quero aquilo. Quando eu vi, pra mim era uma loja de livros. Eu não entendia muito bem. Nossa, eu fiquei apaixonada por aqueles livros. Queria comprar todos os livros, todos. Eu gastei o dinheiro que meu pai me deu pra gastar tudo em livros. E minha mãe teve que pagar mais dois.

T: Que coisa boa.

M: e eu tinha uma tia que morava em São Paulo que todo ano que ela ia nos visitar e ela trazia um monte de revista velha, um monte de jornal. Nossa, eu lia tudo! Sempre. Desde a idade que eu aprendi a ler. Eu lia toda aquela livraiada velha de todo mundo.

T: Você tem alguma doença?

M: Não. Graças a Deus fui saudável. Eu estive um momento com diagnóstico de leucemia. Quase que, como se diz, quase que morri com esse diagnóstico, mas graças a Deus era um diagnóstico causado pelo meu estresse. Não era patológico, uma doença assim no organismo. Realmente eu tava só com 800 de emacio. Então tava feio mesmo. E aprendendo a dormir, mudei a minha alimentação. Praticamente estou recuperada. Hoje eu tenho certeza com os últimos exames que eu fiz que tudo que está no meu organismo foi causada pela deficiência

baixa. Baixa imunidade. Então o corpo estava gritando. Aí vinham as infecções de garganta, faringite. E brigando comigo mesma pra que eu cuidasse de mim mesma. Hoje eu tenho mais tempo pra mim.

T: Eu to achando que já ta pouco. Você tem só uma filha, né?!

M: É. Tenho uma filha, minha filha. Só tenho uma. De uma gravidez com erro médico no quarto mês. E criei duas filhas e um neto.

T: Ah, ta. Do seu companheiro, ou de outras pessoas?

M: Do meu companheiro.

T: Relações sexuais, quando tem parceiro, você tem?

M: Ah..

T: Você sente prazer, orgasmo?

M: E como.

T: A mulher antigamente, o que você pensa e a de hoje?

M: Eu posso dizer que eu sou uma mulher de antigamente e sou uma mulher de hoje. A mesma mulher que eu fui antigamente sou uma mulher hoje. Apesar que nós temos muitas culturas femininas por aí defasadas, né, recalçadas. Mas eu vejo que é uma construção do que aprendeu. A mulher do passado é a mulher do presente. Eu ainda continuo aquela mulher hoje.

T: E a mulher ideal, o homem ideal? Ou melhor, como é o homem ideal?

M: Acho que não existe o homem ideal, existe um homem que quando você realmente gosta, tem uma afinidade muito grande e um compromisso, uma lealdade, eu acho que é uma construção a dois. Não existe projeto. Algo projetado assim que vem acontecer. Não. Você constrói a relação.

T: Você tem pessoas que você fica também?

M: Não sou ficante. Detesto ser ficante.

T: Namorado você tem agora?

M: Não. No momento não. Não tenho tempo.

T: Não tem tempo. Pelo jeito não. Você gostaria de namorar?

M: Ah sim, pessoa assim com essa construção que eu coloquei. Que acabei de relatar. Uma pessoa que fosse por inteiro.

T: Aqui você já respondeu. Estágios curriculares você fez algum, não?

M: Eu comecei a fazer Filosofia, por três anos. Fiz dois anos de Teologia. Fiz dois anos de Ciência da Contabilidade. Fiz dois anos de Enfermagem. E to terminado Psicologia.

(Risos)

T: O único que você começou e terminou.

M: Era o único que eu queria.

T: Esse mesmo. Você demorou a descobrir, né?!

M: Não. Não demorei, não tinha onde eu morava.

T: Ah, entendi! E essa coisa de estágio também, praticamente você fez o eu trabalho. Já não dava pra você ficar fazendo estágio extracurricular.

M: Não. Eu nunca fiz um estágio extracurricular. Eu acho que a minha vida é um estágio extracurricular.

T: Eu também acho.

(Risos)

T: Ah ta. Então olha, aqui tem o seguinte ó: *A Universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, (às vezes não explicitamente, mas de uma maneira implícita vai também) de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional que seu curso propõe é o seguinte:*

Para o estudante do curso de psicologia:

O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológica apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde.

T: Isso é o que eles propõem. Outra coisa:

Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato, mas a flexibilidade e raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva (ver o futuro), capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)

T: Você acredita que o curso fez isso pra você? Você quer ler mais uma vez?

M: Não. Eu acredito assim, que isso aí é um ideal muito grande. Uma proposta a ser feita, mas não é realizada na faculdade não. Os nossos profissionais ainda, professores, que eu agradeço muito, que eu aprendi muito com cada um dos professores, não me resta dúvida, mas ainda falta flexibilidade. Mesmo sendo psicólogos que trabalham com a relação, eles têm que aprender a se relacionar com o aluno. É... A tentativa que eu percebi é massificação e o mundo hoje não pede mais isso. Hoje nós estamos assim num individualismo muito grande. Uma tendência muito grande para o individualismo. E isso não é percebido pelos professores. Não é percebido, não é trabalhado conosco. Então eles tentam massificar uma idéia pra todo mundo e não dá. Ainda causa muita divergência: professor chato, incoerente.

T: E eles mostram de um modo geral uma postura do psicólogo? É percebido isso? Eles falam?

M: Não. É muito assim... Muito distante. A gente às vezes pergunta: Que profissional é esse que está aqui na minha frente me ensinando a ser profissional no futuro?

T: Às vezes você não percebe isso não?

M: Não.

T: Existe alguma relação entre educação e trabalho pra você?

M: Sim e muito, né?! Se eu não sou educada socialmente. É... Conhecimento de certo a minha profissão não é acertível, não é construtiva. Não vou ter. É... Não vou conseguir chegar, concluir aquele ideal que tem de profissional. E eu acho que tem que ter coerência entre...

T: Tem que ter formação, né?!

M: Tem que ter uma formação.

T: E a formação para o trabalho e o corpo? Você acha que isso interfere no nosso corpo?

M: Sim. Muito mais.

T: É?

M: Anram. Porque você deve cuidar muito mais do que na forma de antes. Na forma. No começo tinha uma pergunta que fala se o curso melhorou, se deu uma mudança. Muda assim... Não é uma coisa que o curso faz. Mas você aprende a se olhar muito mais, porque quando eu me pergunto: eu vou estar psicóloga, eu vou ser, ou vou estar psicóloga, eu olho pra mim e pergunto “Como estou hoje como aluna aqui dentro da faculdade, aprendendo a ser psicóloga?”. Então eu comecei a me olhar muito mais do que eu já me olhava.

T: É... Tá certo. E parece que o curso de Psicologia especificamente ele faz, ele faz a gente olhar pra dentro, né?! Se bem que tem que olhar para fora também, né?!

M: Sim. Com certeza. Não é pra todos como a gente observa. Observei nesses anos de faculdade. Não é pra todos. É... Tem muitas pessoas alienadas. Paradas. Mesmo no curso de Psicologia que o estudo, abre os horizontes, percebe-se que tem pessoas que não conseguem se abrir pelo outro. Pelo todo que o universo apresenta.

T: É verdade. Muito obrigada.

**ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
PRISCILA - PSICOLOGIA Caso 88**

Duração: Recortes de uma gravação de uma hora e dez minutos

A: Alciane - P: Priscila

A: Gravação, caso número 88. Bem, Aline, o que é ser jovem para você?

P: Ah, ser jovem é ser ativa, no sentido de produção, sabe?! Então é aquela pessoa que tem uma boa produtividade. Estudar, trabalhar.

A: Você se considera jovem?

P: Sim. Tem a questão da idade também. Vamos combinar. Então vem aquela história de que o jovem se enquadra entre os 18 até os 27 anos mais ou menos. Na minha concepção...

A: Como você percebe os jovens de hoje?

P: É... nos grupinhos que eu ando a gente ouve a conversa de fulano que sai com sicrano. Eles estão mais inseqüentes assim. Não tá ligando muito pro que faz, ou como faz.

A: Você se identifica com esse jovem de hoje?

P: Não. Eu me acho muito... Eu sou muito fechada. É... igual, eu lembro de... tem colegas minhas que simplesmente saem, ficam uma semana fora e voltam, e tipo assim, tá tudo bem, faz de tudo o que quiser. Conseguem ter um poder econômico que dá pra bancar isso. Não faz muito sentido. Viajam sem dar satisfação mesmo sendo dependente dos pais. E nessas viagens rola de tudo, sabe?! É bem drogas e rock roll mesmo. Acho que é muita loucura pra uma pessoa só.

A: Você se relaciona com pessoas da sua idade, como você falou das suas amigas, e mais novas?

P: Não. Geralmente é da minha idade, ou mais velhas.

A: O que que vocês fazem?

P: Então... A gente geralmente quando reúne... são várias turminhas, mas a a que eu mais andado a gente saia mais para beber, conversar, jogar conversa fora e para por aí. Geralmente é na casa de alguém. Quando é em bar, essas coisa, eu não sou muito animada porque tem mais pessoas. Pessoas que eu não conheço e tal. E ai acaba virando panelinha, sabe?! E eu não sou muito fã de panelinha.

A: Bem, qual a profissão dos seus pais?

P: Meu pai é funcionário público trabalha na Justiça do trabalho e minha mãe, ela não trabalha, mas ela é enfermeira. Daí depois que ela teve a gente ela não trabalhou mais.

A: Mas ela assumiu a casa, essas coisas?

P: Assumiu. Dona de casa. Mas hoje com a idade que tem, ela não consegue cuidar de tudo sozinha.

A: Nível de estudo dos seus pais?

P: Terceiro grau.

A: Os dois. Seu pai fez o quê?

P: Direito e Agronomia. Ah, meu pai fez especialização na área de Direito.

A: E sua mãe?

P: Minha mãe é teóloga e só. Fora o curso de enfermagem. Que ela é técnico em enfermagem. É... Ah, não lembro. Tinha mais coisinhas.

A: Tem mais alguém que trabalha na sua casa? Na casa dos seus pais, tem seu pai...

P: E meu irmão, meu irmão mais velho.

A: Mais velho que você.

P: É. Somos três. Eu sou a do meio. Ele veio, estudou, voltou e tá trabalhando.

A: Ele faz o quê? Fez o quê?

P: Direito.

A: Direito.

P: Ela tem um escritório lá. Então ele e meu pai estão trabalhando.

A: Então aqui sua irmã não trabalha...

P: Não. Nem eu, mas eu moro com uma tia que trabalha. E a gente meio que divide as despesas.

A: Você não trabalha atualmente, mas já foi estagiária remunerada?

P: Anran (afirmativo).

A: Por três meses.

P: Isso.

A: Deixa eu ver aqui. Só algumas perguntinhas sobre esse seu trabalho. Era uma empresa de consultoria e você era estagiária de Psicologia?!

P: Isso.

A: Suas atividades correspondiam às atividades de estagiário mesmo, ou tinha algum...

P: Correspondia. No início não, porque a gente só fazia triagens, o que é normal, mas depois as atividades correspondiam.

A: Onde você aprendeu a fazer esse trabalho?

P: Lá.

A: Lá mesmo.

P: Na faculdade eu não tive base nenhuma, porque as matérias eram optativas e eu não podia pegar.

A: Você estava em que período no estágio?

P: Eu estava no quarto período.

A: No quarto. É verdade, a matéria de trabalho é no quinto. Só se você pedir quebra de pré-requisito. É verdade. O que você tem aprendido, o que você aprendeu naquele tempo na universidade ajudou no seu estágio?

P: Naquele tempo não. A única coisa foi a entrevista que a gente vê no curso inteiro, que ajudava em algumas coisas. E a questão da organizacional mesmo nenhuma...

A: Você não tinha tido contato?

P: Não. E alguns testes como o Palográfico que eu já tinha visto e o Grafológico. Só. Os outros eu aprendi lá também.

A: Como que era o trabalho?

P: Então... A gente tinha a divisão dos dias, quem fazia a triagem, e aí a gente era responsável por alguma vaga de alguma empresa e a partir daí, a partir do momento que você é responsável pela vaga, você é responsável pelo recrutamento, pela seleção: aplicava teste, corrigia teste, fazia a entrevista, né?!, e no final de tudo quando sentava para conversar com a pessoa que contratou o serviço e os candidatos, né?!, a gente tinha que estar ali junto também com a proprietária no caso, da empresa de consultoria e aí a gente auxiliava ela com as entrevistas, com os testes e tudo.

A: Exigia a pessoa estar cursando Psicologia, né?!, era a partir de que período?

P: A partir do quarto período.

A: Do quarto período. Exigia o conhecimento das novas tecnologias?

P: Exigia. Tinha que saber. Tinha computador, internet e os programinhas do Office.

A: Teve treinamento lá?

P: Estagiário não. A única coisa que eu achei estranho, assim, o treinamento era observar. Nada do tipo: é assim que se aplica o teste. Tinha que observar.

A: Duração foi de três meses. Como foi que você arrumou esse trabalho lá na consultoria?

P: Foi boca a boca assim. Tava andando e aí uma colega de uma colega minha falou que tava no estágio e tava precisando de estagiária. Então eu falei: quanto que paga? Aí ela falou: “No início é oitenta reais, depois passa para outro valor”. Aí eu fui.

A: Você teve outros empregos antes?

P: Não.

A: Primeiro emprego. Outros você não teve, né?! Só trabalhou nesse período.

P: Isso.

A: Já fez algum curso profissionalizante?

P: Olha se curso de computação valer como curso profissionalizante, fiz curso de computação.

A: Aquele pacote básico?

P: Isso. Só.

A: Qual era a carga horária lá no estágio?

P: Ah, era de... per aí, eu entrava uma e saía às seis. Eram cinco horas. Tinha dias que eu ficava até oito da noite com candidato. E a gente não recebia hora extra.

A: Como você ia para o seu trabalho?

P: A pé. Era perto. Uns trinta minutos mais ou menos a pé.

A: Você acha que recebia de acordo com a sua produção ou era um valor fixo?

P: Era valor fixo.

A: Tinha algum tipo de registro carteira, ou não? Era contrato? Ou você só recebia um certificado?

P: Não recebia certificado.

A: Não?

P: Os três meses eram os meses de experiência, né?! Aí como eu não dei conta, eu sai. Aí eu não recebi certificado nenhum.

A: Mas aí você recebia dinheiro?

P: Anran (afirmativo)

A: Como era o relacionamento com seu chefe e as outras pessoas no seu trabalho?

P: Ah, como o chefe era tranqüilo. Com o chefe geral. Com a psicóloga responsável, aí o trem era conflituoso, porque a gente ficava em cabines, e ela não fazia o trabalho dela. Ela achava que a gente tava... na época era em outro lugar e tinha uma parede de vidro muito grande. Então a sala dela era do outro lado e ela ficava o tempo todo olhando pra nossa sala pra ver o que a gente tava fazendo. Ao invés de dar continuidade para os que a gente tinha entregue pra ela. E enrolava o trabalho inteiro. Então ela implicava muito. Então essa era muito conflituosa.

A: E as outras pessoas? Os outros estagiários e as outras pessoas da empresa mesmo?

P: Entre os estagiários eram todos assim... se davam muito bem. O único que a gente implicava era a psicóloga. Responsável pelos estagiários. Eu não entendia ela não. Foi até um dos motivos que incentivou os meus colegas que entraram comigo a sair. Já tava atrapalhando o nosso trabalho e tava muito cansativo.

A: E qual que era o ambiente de trabalho?

P: Como assim? A estrutura?

A: A gente pode falar da estrutura física, mas também da “estrutura emocional”, do clima da empresa. Como que é?

P: Tem dia que era tenso. Principalmente quando tinha vaga. Dia de fechar a vaga. Então juntava aquele tanto de gente na recepção e a recepção era pequena. Marcavam a reunião para a mesma sala. E era uma bagunça. Então nesses dias específicos o clima era muito tenso. Então todo mundo assim agitado, bravo. Nos outros dias que não tinha era mais tranqüilo. Então a gente ficava responsável só por ligar e fazer a triagem, né?! Tirando a psicóloga, então a gente se dava bem e tal. Era bem tranqüilo. A chefe geral, que no caso, é a dona da empresa, ela sempre auxiliava a gente. E a gente ia lá, tirava a dúvida. Sempre estava disposta. Então a psicóloga, quando a gente ia tirar uma dúvida a gente perguntava e levava patada. Então a gente procurava resolver entre a gente.

P: A instituição era pequena. Tinha duas salas grandes. Uma era pra triagem e a outra era para as reuniões. E quando tinha entrevista não tinha um ambiente específico. Então a gente tinha que sair e ver em qual lugar podia fazer. Às vezes era na sala da dona do estabelecimento, às vezes era na sala onde estava ocorrendo a triagem. Aí a gente via um intervalinho ali e pedia para as pessoas aguardarem, sabe?!.

A: O que você pensa sobre ser jovem e já ser trabalhador?

P: Nossa! Eu acho isso bom. Eu acho muito bom, porque dá mais chão para a pessoa. Eu acho, sabe?! Pelo menos enquanto eu estagiava e estudava. Enfim. Eu percebi o quanto é difícil levar uma coisa com a outra. Eu acho que isso ajuda no desenvolvimento da pessoa.

A: Você falou que dá mais chão, porque você acha que o jovem...

P: Eu vejo com quem eu ando. Enquanto eu to ali com o dinheiro dos meus pais somente. Tá tudo muito fácil. Se o pai não manda é porque ele não quer, não porque ele não pode. Igual, agora minhas colegas, algumas já estão estagiando remunerado, que é da área do Direito. Esse grupinho mais agitado que eu falei pra você faz direito na Católica. E agora eles estão vendo como é difícil para ganhar um dinheirinho suado, tem que tá lá. Então eles estão dando mais valor.

A: É verdade. Você já teve que passar por teste de emprego? No emprego teve algum tipo de testagem?

P: Não teve.

A: Engraçado. Em uma empresa de consultoria...

P: Eu achei estranho. Fez só uma entrevista. Olhou o currículo. Agora uma vez eu passei por uma... eu fiz o meu cadastro na “Catho” na internet e eu fui chamada para uma loja de roupas ali em Campinas para participar junto com a outra psicóloga, porque lá tava precisando de duas. A psicóloga e uma estagiária de manhã e à tarde. E eu ia ficar no período da tarde. Aí tal, só que não deu certo porque eu tinha que trabalhar nas férias e eu não queria deixar de viajar.

A: Tem a casa dos seus pais, né?! É. E nas férias trabalha muito. Final de ano. O que você sabe fazer em matéria de trabalho e como você aprendeu? Você falou da consultoria que foi mais observando mesmo. Tem mais alguma outra coisa que você saiba fazer que seja propício para o ambiente de trabalho? Com quem você aprendeu isso?

P: Bom o que eu sei fazer, pelo menos na nossa área seria só o estágio que eu to agora, que é de neuropsicologia, que aplica teste, avaliação clínica e entrevista, e que também foi observando. Não tem como. Teste ou você lê, observa, pega o laudo. Eu pelo menos tenho dificuldade de aprender só com outra pessoa falando.

A: E a supervisora também, no caso, é alguém que te ajuda, te ensina...

P: É. E tem alguns cursos também.

A: Você tá satisfeita com esse estágio agora?

P: É. Não sei. Então.. é não sei, porque a minha ilusão era que eu ia acabar a faculdade ganhando dinheiro. Quando eu vi que não era bem assim, eu comecei a ver que eu tinha procurar outras coisa além do dinheiro. Mas no momento tá sendo satisfatório. Eu to ansiosa lá na frente.

A: Até porque você tá no nono período, vai pro décimo e realmente. Qual o sentido do trabalho pra você? Pra que que ele serve?

P: Ele serve pra gente perceber. Dar valor nas coisas. Perceber o que acontece no mundo em geral, porque você trabalhando precisa estar mais que informado sobre o que está acontecendo no mundo. Acho que é de fundamental importância.

A: E a questão do dinheiro?

P: Justamente. É bom.

(Risos)

A: O que a sua família fala em relação... falavam na época do seu estágio, daquele e falam em relação a esse estágio, que não é remunerado.

P: Isso. Então, na época falava: “Não, você não precisa disso não”. Porque eles achavam que eu queria por causa só do dinheiro. Na verdade eu não tinha mais nada pra fazer e eu precisava. Eu tinha largado a música e tinha largado o curso de inglês. Eu tinha largado... o que mais?! Tinha muito tempo eu tinha largado. Na época eu fazia o vôlei. Na escola tinha um time de vôlei e eu participei por algum tempo e fui largando. Até eu tinha a faculdade e eu falei: Ah, vou procurar outra coisa. Hoje eles já falam assim: “Vai que você vai aprender. Vai que você vai ter experiência.”. Independente de ser remunerado, ou não. Na época não era assim.

A: Que relação existe entre a escola e o trabalho? Na sua opinião.

P: Bom, a escola é o lugar que te mostra uma parte do que é o trabalho. Então foi ali que eu aprendi o valor do trabalho. Porque que tem essa imposição cultural do trabalho também. Então... eu acho que é de fundamental importância, além do que é um pré-requisito também.

A: O que você espera do seu futuro profissional? O que você imagina mesmo, depois de terminar a faculdade.

P: Aqui, agora?

A: É.

P: Estudar bastante, porque o trem é difícil. Estudar muito mais.

A: Antes de se inserir no mercado de trabalho ou paralelamente?

P: Antes. Pra mim, antes eu preciso de uma comprovação teórica. Não é teórica... como posso dizer. Eu não acredito em mim como capaz, eu preciso de um papel primeiro, entendeu?! Eu não me arrisco a atender em neuropsicologia, ou surja uma hipótese de abrir um consultório, mas eu não me arrisco atender sem supervisão. Meter a casa assim não. Acho...

A: O seu estágio atual e aquele antigo, vai ajudar no seu futuro?

P: O atual eu acredito que sim. O que eu fiz era mais curtidão, então unrun (negativo).

A: Por que a escolha do curso de Psicologia?

P: Não sei não.

A: A pergunta de disciplina. Todo professor...

P: Justamente. Antes da Psicologia eu quis Fisioterapia. Fiz dois, três vestibulares em faculdades diferentes, durante dois anos. Não passei. Aí, como eu não passava para Fisioterapia, não sabia se eu queria Biomedicina e nunca tinha ouvido falar em Psicologia no interior. Vim ouvir falar em Psicologia aqui em Goiânia porque a tia de uma colega minha era psicóloga.

A: Você já morava aqui?

P: Eu vim pra cá aos 13 anos para fazer o segundo grau. E aí no primeiro ano eu vim para morar com umas meninas da minha cidade, durou seis meses ali. Depois eu fui morar numa casa. E graças a Deus eu sai Dalí porque só tinha confusão. E aí eu comecei Psicologia e essa tia veio aplicar um teste na gente e depois eu vim descobrir que não era um teste de... não era de habilidade social, era um teste de personalidade. E eu me interessei basicamente pelo teste em si.

A: Não é a toa, hoje...

P: É. E eu fui tentando. Eu falei: não to passando, eu quero Psicologia. E aí deu muito certo

A: Você percebe que vai sendo profissionalizada durante o curso? Você percebe que está sendo construída a sua profissão durante o curso de Psicologia?

P: Não nessa grade que eu peguei.

A: Que é a de 1999, né?!

P: Isso. É a de 99. Eu acho que a prática é muito importante e ajuda a fixar a teoria. A gente só vê no final e nem sabe como você quer ver.

A: Como o currículo, com suas disciplinas propiciam o conhecimento para o desempenho da sua profissão? Você acabou de criticar a grade, na sua opinião, como é isso.

P: É muita teoria assim. A teoria pra mim... Eu preciso da prática pra me ajudar a fixar a teoria.

A: Você falou também: só ouvir não, quer ver, observar. O que você tem aprendido na Universidade tem ajudado na sua relação com a profissão de psicólogo?

P: Tem. Isso tem. É... além de tudo que eu tenho feito na faculdade como matéria, mas também as atitudes dos professores. E que conta muito.

A: Positivamente e negativamente.

P: Isso.

A: O que você espera em relação ao curso que está fazendo?

P: É... Então, eu espero que pelo menos do tantão que eu vi sirva para uma base. Porque cinco anos a gente não vê tudo.

A: Pouco pelo tempo, ou pouco pela forma?

P: Pelos dois. Porque é pouco tempo pra muitas coisas que a gente tem que estudar. Eu acredito. Igual, graduação você pega um pouquinho de cada. Não dá pra aprofundar. Aprofundar em uma especialização. Mas eu acho que a forma como é dado prejudica também.

A: É verdade.

A: Agora, como você tá no final do curso, umas perguntinhas bem específicas sobre esse percurso. Como você era no início do curso? Em relação a forma de vestir, de se comportar, de agir.

P: Então, quando eu entrei no curso eu tinha que ser diferente. E eu queria chamar a atenção. Chamar a atenção com a minha aparência. Que aí eu entrei, passei no vestibular, pinteí meu cabelo de rosa, andava toda despojadona, tipo, diferente. E não ligava pros outros não. Era eu, tipo assim, era eu alí comigo mesmo e pronto, meus livrinhos e tal. Hoje eu já vejo que não: Ah, relaxa. Faz aquilo que der conta, que você acha que dá pra fazer. É... comigo mudou muito assim em relação a minha exigência. A minha exigência. Eu sei que sou muito autoexigente. E em relação às minhas idéias do mundo e tudo mais. Eu acho que abriu bastante. Mudou muito assim.

A: Você percebe que essas são as mudanças, né?!, que aconteceram durante o curso. Então tá bom. Qual a relação que você vê... você vê alguma relação entre educação e trabalho, voltando aquela pergunta lá anterior, tem relação, né?! Relação entre educação para o trabalho e o corpo. O que que é isso? Porque desde a época da escola, desde a etapa infantil a gente é

ensinado a questão do “Não pode ir no banheiro agora”, tem que esperar para beber agora, tem o tempo do intervalo. Então, você percebe essa formação para o trabalho durante toda a educação?

P: Assim, né?! Tem, pelo menos uma tentativa, mas eu pelo menos sei burlar isso. Eu sou muito assim. É... por exemplo, a proibição de comer, não pode comer em sala de aula, não dava e eu comia. Mas eu acho isso importante porque vem te trazer a realidade. Igual hoje eu sei e isso é importante para o trabalho. No trabalho eu consigo ver essa rigidez. Essa disciplina.

A: E você percebe alguma relação entre o curso, a formação para o trabalho e o corpo? A relação entre a formação para o trabalho e a questão do próprio corpo neste trabalho?

P: A formação... Eu não sei se seria isso, porque com toda a questão da alimentação e do trabalho, eu acho que o corpo é deixado de lado. O corpo eu to falando em relação a saúde no geral. Então... agora senão... “Não pode beber água agora”. E outras questões... Eu acho que isso vai martirizando muito. Prejudicando muito. É tanto que uma coisa que eu sempre escondi, porque eu aprendi que tinha que ser assim é: Quando você tiver estudando, essas coisas, você não tem tempo para cuidar do seu corpo. Você come na hora que dá, bebe a hora que dá. Não tem tempo de fazer exercícios? Não se preocupe, vai estudar. Aí agora que eu to tentando mudar e é muito difícil. Eu acho que não é bem tranquilo.

A: E em relação à aparência? A gente percebe no curso de Psicologia que a pessoa muda muito o jeito de vestir, em determinada área também. Tem diferença da Comitária, da Clínica e da Organizacional. A mudança em relação à aparência mesmo. Como você vê isso?

P: Então, isso aí é... que acaba nos modificando por completo, não só o estético, tipo a pessoa acaba mais... igual, por exemplo, na área Hospitalar, é obrigado a usar sapato fechado, é obrigado a usar uma calça mais social, mais formal. Mas você vê que aquilo ali é para a sua proteção, no caso da sua imagem. Eu acho que nisso o trabalho vem com... a educação principalmente. Porque... aí a gente vê aqueles vários casos de psicólogo, estagiário, de chegar com roupas inadequadas, posturas inadequadas. Nessa parte sim.

A: É verdade. Agora pra finalizar, eu vou ler aqui algumas coisas sobre a universidade e curso:

A universidade vai apontando aos sujeitos de cada curso, a forma de se comportar, pensar, de ser, de se vestir, de agir, de ser um futuro profissional, enquanto profissional requisitado pelo mercado. O perfil de profissional do seu curso propõe é:

O curso de Psicologia da UCG pretende formar o profissional de Psicologia com competências e habilidades gerais que lhe possibilitem atuar em contextos diversos do fazer da Psicologia perante as questões e demandas de ordem psicológica apresentadas por indivíduos, grupos, instituições e comunidades em caráter psicossocial, preventivo, clínico e de saúde.

Espera-se que ao concluir o curso, o profissional graduado pelo PSI/UCG:

[...] evidencie não apenas pensamento analítico e abstrato: flexibilidade de raciocínio para entender, administrar e projetar situações novas, mas também e, sobretudo, domínio da linguagem; visão de globalidade, atitude pluralista; visão prospectiva, capacidade de iniciativa, habilidade para o exercício da liderança, crítica e análise de idéias, como valores do passado e do presente. Em outras palavras, hábitos de convivência com o mundo em seu dinamismo. (Projeto Acadêmico, 1994, p.6)

A: Isso tá lá no projeto acadêmico. Você acredita que o seu curso está te formando para esta proposta?

P: Não. Assim, tem alguns aspectos que sim. Tem outros que depende.

A: Depende de quê?

P: Essa proposta de ensino a gente vê aqui na grade, e tudo mais, mas é uma questão que eu acho muito importante que é até no início do curso eu não via que é a questão da terapia para os psicólogos como um pré-requisito para tudo isso aí. Independente de você estar na área organizacional ou não, ou pra clínica, ou pra qualquer lugar. Eu acho que é pré-requisito para que isso possa ocorrer.

A: É verdade. Agora pra finalizar mesmo a questão dos seus estágios. Você fez um estágio extra-curricular. E agora você vai para o segundo semestre do estágio em neuropsicologia. O que mudou na sua vida com essas experiências nos estágios?

P: Muito. Me mostrou como lidar com as pessoas. Como é que é. Tem gente, não tem só livro. Quando você começa a entrar na prática você começa a entrar em choque com alguns problemas, conflitos seus sabe?! Me acrescentou bastante em relação a totalmente a dificuldade que é errar. Aceitar meus erros.

A: E você fez alguma atividade de inserção social durante o curso? Alguma ação social?

P: Não. Eu fiz pesquisa.

A: Fez pesquisa... Em que área?

P: Na... assim, era na abordagem cognitivo- comportamental, mas a área era escolar mesmo.

A: Escola, escola pública, ou particular?

P: Assim, na verdade não era escolar, a gente precisava de crianças. É mais na área cognitivo mesmo, pra ver se a pessoa consegue perceber qual que é o sentimento através do olhar. E uma outra pesquisa que era sobre obesidade em crianças. Aí era mais hospitalar.

A: E esse estágio que você tá fazendo atende aqui mesmo no CEPESI?

P: Não. É na clínica.

A: Ah, tá. Mas assim, com pessoas de que classe social?

P: Atende de público até particular.

A: E assim você tá fazendo um trabalho de inserção social também. Seu trabalho é voluntário. Não é remunerado. Então ótimo. Finalizamos. Tem alguma coisa que você gostaria de falar, complementar do que foi perguntado?

P: Não. Tá bom.

(Risos)

A: Então tá.

ENTREVISTA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
SOFIA - PSI
ENTREVISTA:

Entrevistadora: A

Entrevistada: S

A: Você já trabalhou alguma vez?

S: Não.

A: E trabalho voluntário?

S: Também não.

A: Só trabalha no estagio extra curricular, esporadicamente por conta da faculdade.

(Pausa)

A: Vamos lá. Por que você não trabalha?

S: Bom, agora eu não trabalho porque eu ainda não achei um emprego que seja de meio período.. Estou também esperando achar algum estágio.

A: Na área, ne?!

S: Na área. Pra poder investir na área mesmo que eu pretendo trabalhar.

A: Você tem vontade, né?!, de começar?!

S: Tenho.

A: Por que essa vontade? Por quais questões?

S: Ah, eu acho que porque assim, eu queria um pouco ajudar assim também em casa. Não ter que depender tanto da minha mãe. Que às vezes lá em casa... é eu e meu irmão e acho que às vezes fica apertado assim pra ela. Tanto eu como meu irmão pedem mais dinheiro para ela e às vezes não sobra nem para ela fazer as coisas que ela quer. Aí eu acho que sim, que eu queria ajudar para não depender tanto dela.

A: Seu irmão tem que idade?

S: Tem 16.

A: E você nunca trabalhou fora.

S: Não.

A: No sustento da sua casa: seu pai e sua mãe. O que seu pai faz?

S: Meu pai é comerciante.

A: Comerciante. De que ramo?

S: Ele trabalha numa empresa de vendas.

A: E sua mãe?

S: Minha mãe vende roupa. Aí ela trabalha mais em casa. Ela faz bordado, faz pintura.

A: Seu irmão não trabalha?

S: Não.

A: Os responsáveis pelo sustento da casa então é o seu pai e sua mãe. Pelo seu sustento também. Que seus pais pensam pelo fato de você não trabalhar?

S: Eles não querem muito, não é?! Eles querem que eu só estude agora. A não ser que fosse em uma área da Psicologia que fosse me ajudar, não é?! Mas em outro serviço eles não querem que eu trabalhe.

A: Quando a mãe faz alguma atividade em casa é comum os filhos ajudarem nessa atividade de alguma forma. Você faz alguma coisa junto com a sua mãe nos trabalhos que ela constrói em casa?

S: Não. Nos trabalhos dela não. Eu ajudo na casa.

A: No serviço de casa mesmo?

S: É.

A: Ah, tá bom. O que você sente pelo fato de não trabalhar?

S: Ah, às vezes é ruim. (Risos)

S: Porque às vezes eu quero alguma coisa e minha mãe às vezes não pode me dar e aí fica naquela vontade e dá mais vontade ainda de esta trabalhando para não depender dela.

A: Tem planos em relação ao trabalho? Você falou que tá procurando eu estágio de meio período. Tem mais alguma coisa? Mais algum plano na questão do trabalho?

S: Não.

A: A sua prioridade mesmo é a busca por esse estágio?

S: É.

A: E se aparecer um emprego de meio período em outra área?

S: Aí eu acho que eu aceito, até eu conseguir o estágio.

A: O que é trabalho para você? Qual o sentido você dá para o trabalho? Pra que serve?

S: Eu acho que para... Não sei. Acho que o sustento assim mesmo. Acho que só. Às vezes é para satisfazer. Que às vezes você se sente tão mal por não esta fazendo nada. Eu acho que um pouco satisfaz a gente. "Eu estou sendo útil". Acho que é isso.

A: Agora um pouquinho em relação ao curso. Por que você escolheu esse curso? O curso de Psicologia ?

S: Ah, eu me interessei muito quando eu fiquei sabendo que tinha a área para cuidar de criança. E aí eu me interessei nessa área. Eu li algumas coisas sobre Psicologia, né?! E aí eu gostei da área e resolvi fazer.

A: Foi a sua primeira opção?

S: Foi

A: Você percebe que você vai sendo durante o curso, vai sendo profissionalizado. Profissionalizado assim. Que durante o curso você vai aprendendo mesmo a profissão do psicólogo. Você vai aprendendo o que é a atuação? Você acha que há essa relação no curso?

S: É.

A: Como isso acontece?

S: Ah, eu vejo muito quando o professor esta explicando a matéria e já dá exemplos, conta algum caso que aconteceu com ele no consultório e já vai fazendo a gente entender como funciona.

A: Como o currículo com as suas disciplinas, propiciam conhecimento para o desempenho da sua profissão? Como você percebe isso? No currículo do curso de Psicologia tem lá todas as disciplinas, né?! Como você percebe que isso facilita, a forma como ta apresentada no seu currículo que é o currículo novo. Como que isso facilita, se facilita ou não o sentido da profissão mesmo de psicólogo?

S: Eu acho que para... Não facilita muito não. Às vezes eu leio o nome da matéria assim e quando eu estou fazendo a matéria eu entendo para que vai servir, em que área eu vou usar.

A: Por exemplo, quando você pega esse quadro das disciplinas, como que isso ta relacionado?

S: É.

A: Mas quando você faz a disciplina você percebe que tem uma ligação?

S: Anram (afirmativo).

A: Uma contribuição para o desempenho da profissão de psicólogo.

S: Isso.

A: Você esta no segundo período. Tem algumas disciplinas que a gente não consegue nem entender o nome, né?! Então só fazendo mesmo que a gente vai compreendendo.

S: Tem uma matéria que eu pego agora nesse período que é a Anatomofisiologia. Aí eu falo: "Gente, para que eu vou estudar anatomia?". Não sei por que é importante.

A: O que você tem aprendido na Universidade tem ajudado na sua relação com a profissão de psicólogo? Você falou das disciplinas, a vivência que o professor traz, mas você pensa que na sua formação de psicólogo esta acontecendo mesmo?

S: Tá. Eu acho que ajuda sim.

A: O que você espera em relação ao curso que você ta fazendo? Quais são as suas expectativas em relação ao curso?

S: Eu espero daqui para frente gostar assim cada vez mais do curso, né?! Que ele corresponda ao que eu espero.

A: O que você espera?

S: Ah, eu me interesso muito pela área de desenvolvimento de crianças. E espero que eles mostrem mais nessa área que é uma área que eu pretendo investir mesmo.

A: Você não trabalha então não precisa conciliar trabalho e estudo. Você falou que está mais tranqüila em relação a isso. Quais são as perspectivas em relação ao trabalho quando você terminar a faculdade?

S: Ontem meu pai dizia que as pessoas quando saem da faculdade pensam que vão conseguir um emprego maravilhoso, mas que não é assim que acontece. Eu acho que vou começar com algumas dificuldades, claro?! Mas eu espero conseguir um emprego bom.

Eu penso que o curso ajudará muito, mas ainda não sei, no período que estou.

As disciplinas que fiz são muito teóricas. Quem sabe mais para frente verei algo que me ajudará a compreender as crianças, como elas são, por que fazem isso ou aquilo. Assim espero.